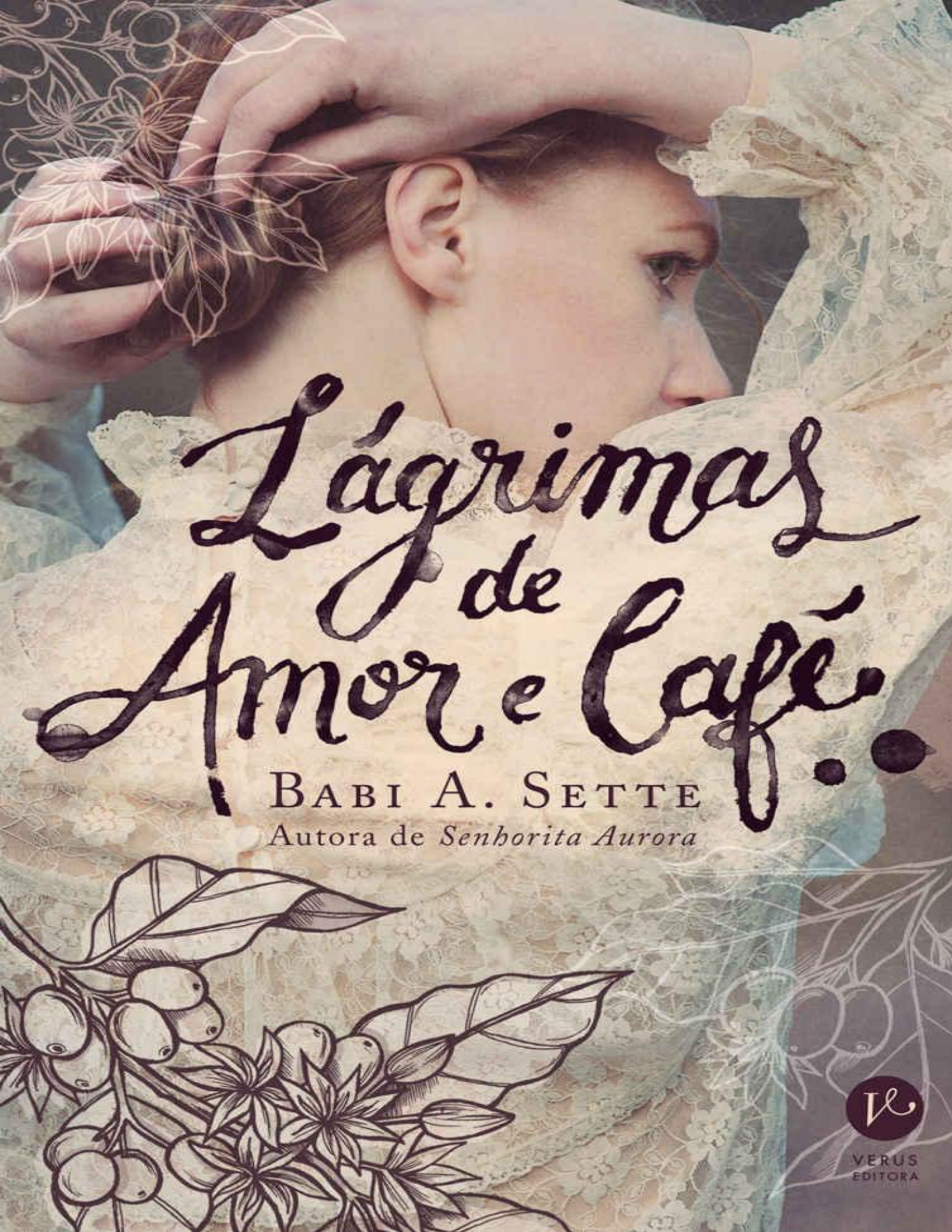




Lágrimas de Amor e Café.

BABI A. SETTE

Autora de Senhorita Aurora



VERUS
EDITORA



Também de Babi A. Sette

NÃO ME ESQUEÇAS
SENHORITA AURORA

Lágrimas de Amor e Café.

BABI A. SETTE

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2019



VERUS
EDITORA

Editora executiva	Revisão
Raïssa Castro	Maria Lúcia A. Maier
Coordenação editorial	Fotos da capa
Ana Paula Gomes	Magdalena Russocka/Trevillion Images
Copidesque	Diagramação da versão impressa
Lígia Alves	Juliana Brandt

ISBN: 978-85-7686-790-6

Copyright © Verus Editora, 2019

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S519L

Sette, Babi A.

Lágrimas de amor e café [recurso eletrônico] / Babi A. Sette. – 1. ed. – Campinas [SP]:
Verus, 2019.
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-790-6 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.
19-58074

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Sumário

Prólogo

Parte I | As cartas

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19

Parte II | As máscaras

20
21
22
23
24
25
26

[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)

64

65

66

Parte III | Os sonhos

67

68

69

70

71

72

73

74

Epílogo

Agradecimentos

Prólogo

Os raios de sol atravessavam a janela empoeirada do sótão.

Eles brincavam junto com Gigi e Nina, aquecendo-as e dando cor aos seus movimentos. No canto do ambiente, um espelho de moldura larga estava parcialmente coberto por uma cortina de veludo vermelho.

Baús e caixas de madeira espalhavam-se pelo chão, preenchidos com chapéus, sombrinhas e objetos velhos demais para serem considerados úteis. Mas ali, naquele espaço onde o preço da entrada era esquecer-se do tempo, eles eram um mundo de tesouros.

— Faz de conta que você é o Romeu — Nina disse enquanto folheava um livro.

— Mas ele é um menino — Gigi protestou.

— Nós só vamos fingir, Gigi.

— E você será quem?

— A Julieta, é claro.

A irmã menor cruzou os braços sobre o peito.

— Isso não é justo.

Nina abriu o livro na cena que gostaria de representar.

— Por favor, Gi.

— Mas você disse que eles se beijam.

— Não! Não nessa cena. Está louca?

A irmã encolheu os ombros.

— Foi você quem disse.

— Nessa cena eles apenas conversam.

Ela suspirou, conformada.

— Está bem, então! Eu faço.

Nina deu um beijo no rosto corado da irmã caçula.

— Obrigada, Gigi. Você é mesmo a melhor irmã do mundo.

— Promete que vai convencer papai e mamãe a me levarem para assistir à peça junto com vocês, na próxima semana?

Nina arqueou as sobrancelhas loiras.

— Só se eu for a rainha das fadas na brincadeira de amanhã.

— Não, Nina, isso não é certo! Eu sempre fico com as piores partes.

— Eu te mostro uma coisa que ainda não mostrei para ninguém.

A irmã a olhou de lado, em dúvida.

— É sério... Foi a Nona que me deu de presente.

Gigi concordou, balançando a cabeça com ar curioso.

Nina se levantou, cruzou o sótão e se abaixou junto ao espelho. Removeu a pesada cortina de veludo e uma caixa de madeira escura ficou visível no chão.

— O que é isso, Nina?

— Isso — apontou ela, pegando a caixa e voltando a se sentar junto à irmã — é algo muito, muito valioso.

Os olhos claros se abriram, enormes.

— É um tesouro?

— Sim... O maior tesouro que alguém pode ter.

— Mostre logo.

Nina destravou o fecho de bronze e abriu a caixa de uma vez, revelando um par de máscaras antigas e ricamente adornadas.

— Máscaras? — perguntou Gigi, decepcionada.

— Elas não são comuns.

— Parecem comuns... Quer dizer, são lindas, mas...

— É por causa delas que eu quero brincar de Romeu e Julieta e... É por causa delas que eu já li este livro três vezes nos últimos meses.

A irmã caçula elevou as sobrancelhas, em dúvida.

— Eu não sei.

— Pegue a máscara azul e leia o que está escrito na parte de dentro.

A testa da menina se enrugou em uma expressão concentrada.

— Romeu Montecchio?

Nina pegou em seguida a outra máscara dourada, mostrando o fundo para a irmã.

— Leia o que está escrito nesta.

— Julieta Capuleto.

— Dizem que eles realmente existiram — confirmou, com a voz cheia de emoção.

— Cruzes, Nina... Eles morreram.

Ela sorriu, divertida.

— Todos morrem um dia.

Gigi fechou a expressão ao encarar as máscaras.

— Você me entendeu.

— Claro que sim. É verdade, a história deles é a mais triste já contada, mas...

— Não tem *mas*.

— Mas — insistiu — dizem que quem pegar nelas será muito feliz no amor.

A pequena lançou um olhar descrente para as máscaras.

— Acho que não.

— Pense comigo. Romeu e Julieta se sacrificaram por amor porque foram proibidos de estar juntos pelo ódio de suas famílias. Porém, eles se amavam tanto que acreditavam que nem mesmo a morte poderia separá-los.

— É triste — confirmou a irmã, com a voz chorosa.

— Sim, é triste... Por isso mesmo, se eles pudessem escolher, nunca mais um casal que se ama seria impedido de ficar junto. Nenhuma história de amor teria um final triste.

Gigi concordou, por fim.

— Por isso as máscaras dão sorte no amor?

— Por isso mesmo.

A pequena virou a máscara de Julieta de um lado para o outro, analisando-a.

— Não sei se eu acredito.

— Feche os olhos — pediu Nina, docemente. — Sabe o que transforma sonhos em realidade, magia em verdade?

A irmã sinalizou um “não” com a cabeça.

Nina apertou a máscara de Romeu entre os dedos antes de dizer:

— Acreditarmos neles com o nosso coração... Por isso as histórias que a mamma e a nonna contam são tão incríveis.

— Porque elas são de verdade? — retrucou a pequena, voltando a encará-la.

— Porque, quando elas nos contam, elas acreditam.

— Eu acredito em fadas... Então, elas são de verdade.

Nina fez que sim, guardando as máscaras de volta na caixa.

— E eu acredito que um dia vou conhecer novas terras, e lá vou contar histórias em cima de um palco ou nos filmes para levar outras pessoas a acreditar na magia. Então, vou encontrar um grande amor e vamos viver muitas aventuras e depois vamos ser felizes para sempre.

Na sala embaixo, o piano começou a tocar Chopin.

— A nonna! — comprovou Gigi, animada. — A nonna está aqui.

— Será que o nonno veio junto?

— Se veio, vou pedir para ele fazer a pizza que eu mais amo.

— Sim... Isso sim é magia.

As duas irmãs saíram do sótão. A caixa foi deixada sobre o tapete um pouco gasto. Em cima da tampa, uma frase entalhada se exibia com uma caligrafia perfeita: *“Que o amor, cuja vista é sempre vendada, encontre, sem os olhos, caminho franco para sua vontade.”*

PARTE I
As CARTAS



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Mancini*

ITÁLIA — TOSCANA

MONTECATINI, JUNHO DE 1903

Angelina sempre sonhou que no dia do seu casamento haveria lágrimas. E ali estava ela de véu, grinalda e lágrimas nos olhos. Em seus sonhos, porém, as lágrimas eram por outro motivo. Nunca imaginou que choraria tanto nesse dia, muito menos por qualquer outra razão que não a felicidade.

Ela usava um vestido branco de renda comprado às pressas e tinha um buquê de lírios-do-vale nas mãos, junto ao terço que tinha sido de sua mamma. E, sim, as incontidas lágrimas.

Cruzou a nave da igreja tão conhecida de braço dado com o pai. Havia algumas flores espalhadas no altar, velas acesas sobre a mesa e um padre a entregá-la diante de Deus a um homem que ela não amava.

— Sì, eu aceito — afirmou, apertando os dedos entrelaçados ao terço.

As pessoas da cidade sorriam e olhavam para ela como se tivesse sorte. Afinal, trocava uma vida beirando a miséria na Itália pela fartura e riqueza em terras desconhecidas e distantes, um país chamado Brasil. Virou-se para o noivo, um estranho tão distante como sua nova casa. Ele curvou os lábios em um sorriso acolhedor, parecendo entender quão difícil era aquilo para ela.

Mas ele não entendia.

Se entendesse, não a levaria embora, não diria “sim, eu aceito”, não a desposaria.

A cerimônia passou como um borrão de falas, vozes, cumprimentos e troca de alianças.

Pedro lhe comprara um anel de brilhantes. Dissera que aquela seria a

primeira de muitas joias que ganharia.

Ela nunca desejara joias caras.

Nunca quisera ser comprada por um anel de diamantes.

Angelina sempre acreditou que as joias, quando oferecidas por amor, simbolizavam a eternidade dos sentimentos, e não... o valor de um casamento.

Mirou a aliança. Reluzindo feixes da luz do sol, pesava três quilates em sua mão esquerda. Era o que valia uma esposa para o senhor Pedro Guimarães?

Por mais que quisesse vislumbrar aquela situação de outra maneira, não conseguia deixar de se sentir comprada. Justo ela, que sempre acreditara no amor. Justo ela, que tivera dentro de casa exemplos de casamentos tão felizes, primeiro os avós, depois os pais. Lembrou que, quando era pequena, gostava de usar o vestido da mãe e a grinalda de flores secas, ambos guardados em uma caixa redonda de listras largas em cima do armário. Gostava tanto de sonhar que um dia caminharia até o altar cercada por flores e esperada pelo grande amor de sua vida. Sempre tivera certeza de que se casaria com um homem por quem estivesse apaixonada ou que, pelo menos, pudesse vir a amar.

Será que ela poderia amá-lo?

Fitou o rosto anguloso de seu noivo. Concentrado no que o padre dizia, parecia nem enxergá-la.

Será que ela poderia amá-lo, um dia?

Saíram da igreja de braço dado. O dele firme e quente, o dela sem estabilidade e gelado.

Ela seria feliz. Precisava se agarrar a essa esperança.

Naquele momento, porém, enquanto abraçava a irmã menor e se despedia de tudo o que conhecia e adorava, levando na mala poucas roupas e algumas lembranças de casa — seus escritos e também os de sua mamma, as máscaras que ganhara de presente da avó e muita insegurança —, tinha certeza de que havia feito a escolha errada. A verdade era que estava apavorada com o futuro.

— Eu não quero que você vá! — Giovanna disse, chorosa.

Eu não quero ir, pensou sem dizer.

— Logo estarei aqui para visitá-los.

— Quando?

Ela limpou as lágrimas do rosto da irmã.

— Eu não sei... Mas prometo não demorar.

— Eu quero ir com você, Lina — a menina soluçou. — Me leve com você.

Olhou de relance para o lado. Pedro, seu noivo — Santo Deus, na verdade agora seu marido —, a aguardava com a expressão séria. Elegantemente vestido, todo de preto, da cartola ao sobretudo, apoiava a mão em uma bengala de nogueira com a ponta de ouro. Tão sóbrio, tão sério, parecia estar a caminho de um velório. O frio invadiu seu estômago antes de Angelina continuar a consolar a irmã.

— Eu sei, querida. Eu também quero que você vá... Mas lembra o que a mamãe dizia? Para sermos fortes e termos fé que tudo sempre acaba bem?

A irmã menor assentiu. Giovanna tinha acabado de fazer catorze anos, e Angelina não sabia como conseguiria ficar sem ela. Desde que perderam a mãe, três anos antes, assumira o papel materno na vida da pequena. Pedia para Giovanna ser forte, no entanto quem precisava ter forças era ela mesma.

— Papa precisa de você. Ele precisa que você seja corajosa — declarou, baixinho.

Ele precisa que eu seja forte.

A menina concordou outra vez em silêncio e devagar se afastou.

Angelina abraçou o pai pela última vez.

— Vou rezar todos os dias para que você seja feliz, *figlia mia* — o pai afirmou, com a voz fraca.

Ela queria dizer que amava o pai, mas não conseguiu. Um nó enorme na garganta a impedia de falar. Apesar da certeza de que fazia aquilo por ele e pela irmã, ao dizer adeus não sentiu nada além de medo. E não pôde evitar também culpar um pouco o pai por ter permitido, ou sugerido, que um estranho a levasse embora daquela maneira.

Um toque firme no ombro chamou sua atenção. Ela se virou, encontrando Pedro. Encontrando seu futuro.

— Vamos, querida. Estamos atrasados e temos uma viagem longa pela frente.

Respirou fundo e se afastou dos braços do pai, sentindo a mão do marido pousar em suas costas com uma pressão leve. Com o coração acelerado, foi conduzida até a carruagem.

Olhando para baixo, sem ar, e lutando contra as lágrimas, Angelina deixou para trás toda a vida e mais, muito mais da metade do coração.

Nota

* Os sobrenomes citados nas aberturas dos capítulos deste romance são uma homenagem às milhares de famílias italianas que imigraram para o Brasil ao longo dos anos.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Magri

Durante os dois dias desde que embarcaram para o Brasil, tentou se convencer de que, se aquela era sua nova realidade, seu marido, sua nova vida, então faria o possível para aprender a amá-lo e ser feliz.

Tentava agradá-lo e conhecê-lo melhor.

Tentava ser gentil e se alegrar com o convívio mais íntimo.

Naquele momento, porém, dentro da cabine no enorme navio, com os olhos fechados e segurando firme nos ombros de Pedro, enquanto seu corpo se contraía por antecipação, era difícil pensar em coisas alegres ou boas.

— Agora vai doer — murmurou ele em seu ouvido.

A respiração quente e rápida tocava sua boca. Ele a beijou e a penetrou de uma só vez. Era o primeiro beijo que trocaram, e tinha gosto de conhaque e dor.

Os olhos dela se encheram de lágrimas enquanto o marido começou a se mexer devagar. Era como se algo se rasgasse em seu interior.

— Procure relaxar... Assim doerá menos — ele pediu, com a voz rouca.

Angelina tentou respirar e descontraír os músculos, mas o peso do corpo do homem sobre o seu e os movimentos fortes que ele fazia não permitiram.

Era muita dor.

Ele investiu com mais força.

Aquilo era horrível.

Mais uma investida.

Ela mordeu os lábios para não gritar.

Como alguém podia gostar disso?

Outra investida.

O hálito quente combinado com o gosto forte da bebida a enjoavam.

As investidas continuaram, em um ritmo insano.

Ela engoliu o choro.

— Você é tão perfeita — o marido gemeu.

Ela só queria que aquela tortura acabasse.

Então, ele se moveu com mais força e ela fechou os olhos, afundando os dentes no lábio inferior. Quando estava a ponto de implorar que ele parasse, o marido se virou para o lado, saindo de cima dela e a libertando.

Angelina sentiu um líquido morno escorrer entre suas pernas.

Queria chorar alto. Queria enfiar o rosto no travesseiro e chorar de soluçar. Mas não podia, não devia. Engoliu novamente o bolo preso na garganta.

A mãe nunca lhe explicara o que esperar de sua noite de núpcias. Mas nem em seu pior pesadelo tinha imaginado que seria algo tão dolorido, invasivo, ruim. Algo que, naquele momento, a fazia se sentir vulnerável e pequena.

Como alguém podia invadir sua intimidade daquele jeito?

Será que ele iria querer fazer isso outras vezes?

Deus, que ele não queira fazer isso nunca mais.

Angelina sentiu os dedos quentes do marido percorrerem a lateral de seu rosto.

— A primeira vez que eu a vi, você parecia um anjo.

Limpou as lágrimas do rosto. Mesmo estando escuro na cabine, não queria que ele notasse seu choro. Não queria deixar evidente que, apesar do aparente esforço de Pedro para lhe agradar desde que tinham embarcado para o Brasil, apesar de todo o seu esforço para que ela se sentisse à vontade, não conseguia gostar de seu toque. Não se sentia confortável junto a esse homem, a quem jurara amar e respeitar diante de um padre, diante de Deus. E isso era horrível, afinal os dois estavam casados. Era ainda mais assustador porque Angelina estava muito longe de sua gente, da irmã e do pai. Estava longe de todas as pessoas a quem amava.

— Os raios de sol tingiam a chuva de dourado, você estava com um vestido azul-claro e brincava com sua irmã. — A voz do marido chamou sua atenção para o quarto outra vez. — Fiquei vários minutos te olhando de dentro da carruagem... Meia hora, uma hora, perdi a noção do tempo... Mas foi ali que eu soube que tinha de te fazer minha. Então, no dia seguinte voltei à sua casa. Não conseguia tirar você do pensamento.

— Não ia lá pelo queijo e pelo vinho? — perguntou, tentando controlar a voz.

Sentia as pernas trêmulas e um ardor entre elas que não diminuía.

O marido riu baixinho.

— Não. Eu ia lá por você.

— Então falou com meu pai? — perguntou, em português. Apesar de Pedro entender o italiano, ela queria, precisava treinar a língua falada em seu novo país.

— Sim, falei com ele e... Acredite, o tempo que você demorou para responder foi o mais longo e mais angustiante da minha vida.

Ela tentou sorrir, mas a tensão no maxilar impedia.

— Eu sei que a sua vida mudou muito, mas vou fazer de tudo para que seja feliz. Você será feliz comigo, Angelina?

Ela só queria se lavar e dormir, descansar, se afastar.

— Será? — o marido insistiu e a beijou com força da mesma maneira que beijara pouco tempo antes.

Ela fez que sim com a cabeça.

Pedro voltou a se colocar no meio de suas pernas, abrindo-as com os joelhos.

— Eu... Está doendo — protestou baixinho.

— Eu quero você novamente.

Dessa segunda vez, Angelina não controlou o choro. Infelizmente, o marido não percebia ou fingia não perceber o quanto aquilo estava sendo ruim para ela. Desesperada fechou os olhos e se lembrou de casa, buscando da maneira que podia se afastar dele, daquela cabine, de sua nova vida. Deu um suspiro entrecortado quando o marido se virou para o lado, respirando ruidosamente.

Tempos depois, quando parecia mais calmo, ele deu um beijo em sua testa e se levantou antes de dizer:

— Venho vê-la amanhã à noite, minha Angelina.

Ela não conseguiu responder nem mesmo um boa-noite enquanto assistia ao marido se afastar.

Logo que embarcaram, Pedro tinha se justificado por alugar duas cabines separadas. — No Brasil, em sua nova casa, dormiremos em quartos diferentes. Não sei como são as coisas em seu país, mas gosto de ter minha intimidade preservada.

Na hora ela estranhou, porque o pai e a mãe sempre dormiram juntos, porém já ouvira falar que alguns casais mais ricos tinham esse hábito de possuir quartos separados. Naquele momento, ela deu graças a Deus por isso. Só o que queria era ficar sozinha. A porta foi fechada com um clique. Ela se

encolheu como um novelo e enxugou as lágrimas, lembrando-se de sua mamma:

— Me leve de volta para casa, mamma. *Per favore.*

Fechou os olhos e se viu em meio às colinas de Montecatini. Lembrou-se de Giovanna e do pai e, sem conseguir evitar, lembrou também da primeira vez que vira o marido. Estava na cozinha guardando o que restara do almoço quando duas batidas firmes na porta chamaram sua atenção. Sem hesitar, enxugou as mãos no avental e foi atender.

— *Pois não, signore. Posso ajudá-lo? — Analisou o senhor bem-vestido, que parecia ter o dobro de sua idade, parado na soleira da porta principal. Ele tinha o cabelo fino, dividido ao meio em um tom de loiro-escuro. A boca cinzelada era parcialmente coberta por um bigode dois tons mais claros que o cabelo. Conforme ele sorria, as linhas de expressão se aprofundavam ao lado dos olhos castanhos.*

— *Fiquei sabendo que vocês produzem um ótimo queijo aqui — ele explicou, em um italiano arrastado.*

Um estrangeiro, Angelina concluiu.

— *Sì, signore.*

O homem a mediu devagar. Angelina sentiu as bochechas esquentarem pela maneira intensa como ele a encarava. Sem graça, arrumou uma mecha do cabelo.

— *Em que posso ajudá-lo, signore? — insistiu, tímida e um pouco apreensiva.*

Ele piscou lentamente, como se despertasse de um sonho.

— *Ah, sim, me desculpe. Eu gostaria de comprar alguns produtos. Como dizia, passava pela região a caminho de Gênova e fiquei sabendo que vocês produzem um ótimo queijo.*

Ela suspirou mais entusiasmada. Um cliente! Estavam mesmo precisando de dinheiro. Ele parecia ser um homem de posses.

— *Sì, signore... Entre per favore, me siga.*

Mas ele não a seguiu de imediato: parou para analisar o interior da casa com ar curioso. Angelina se envergonhou um pouco ao reparar que ele observava as paredes úmidas e, em seguida, os poucos móveis envelhecidos.

— *É uma bela casa — disse, educado.*

— *Já estive em melhor estado — ela replicou, sincera.*

O homem parou, encarando-a com a mesma incômoda intensidade.

— *Qual o seu nome?*

Ela lançou um olhar pela janela em direção à lavoura onde seu papa e sua irmã trabalhavam.

— Angelina.

— Piacere. — Ele segurou sua mão, levando-a aos lábios para um beijo casto. — Eu sou o senhor Guimarães.

E demorou a soltá-la. Angelina sentiu um incômodo apertar a boca de seu estômago e pigarreou, agitada.

— O senhor procura apenas queijo? Nós produzimos um excelente vinho também.

— Mostre-me tudo o que vocês fazem.

Ele comprou parte do pequeno estoque do queijo e do vinho produzidos na propriedade, um pouco por vez, já que as visitas se repetiram diariamente durante uma semana. A cada novo dia, olhava para ela de forma mais íntima, mais exigente, mais estranha. Como se desejasse alguma coisa dela, como se sempre tivesse desejado.

Devia ter escutado meu coração.

Apesar de ser um homem elegante e até mesmo bonito, Pedro não despertara o interesse de Angelina. No curto espaço de tempo entre a primeira visita e o casamento, ela não tinha sido capaz de olhar para ele como uma esposa deveria olhar para seu marido. Talvez pela diferença de idade: ela tinha dezenove anos; ele, quarenta e um. Ou talvez porque ela, de certa maneira, se sentiu levada pelas circunstâncias a se casar com um completo estranho que a afastava de casa, de seu país, de sua família.

Angelina se mexeu na cama, tentando encontrar uma posição que diminuísse o desconforto e o ardor entre as pernas. Nunca estivera tão arrependida de uma decisão. Fechou os olhos conforme as lembranças do dia do pedido voltavam a sua mente.

— É um homem muito rico, minha filha, e vai cuidar de você.

Ela sabia que ele era um homem rico. Havia percebido isso na primeira visita que ele fizera à casa. Mas isso nunca tinha sido importante. Ao contrário, homens muito ricos não costumavam se interessar por uma camponesa, não com a proposta de algo sério. Aquele pedido, aquele interesse repentino, a assustavam um pouco.

— Eu não quero... não quero ir embora. Não quero me casar. Per favore, papa. Ele é um completo estranho para mim.

— Filha, nós precisamos do dinheiro. — O pai olhou ao redor. A casa boa e bem cuidada perdia ano a ano a cor, a beleza, o requinte. O desgaste da

tinta nas paredes e dos móveis era resultado de colheitas cada vez menores, de impostos cada vez mais altos e de lucros quase inexistentes, achatados por causa das grandes propriedades rurais. Era praticamente impossível para um pequeno produtor sobreviver naqueles tempos.

— Nós podemos dar um jeito, papa — afirmou, com a voz trêmula.

— Que jeito, filha mia? — o pai perguntou, derrotado. — As coisas ficam piores a cada mês que passa. Eu trabalho por horas e horas a mais todos os dias, mas os impostos sobem, meu produto não vale nada e nós quase não temos mais o que comer e nem a quem pedir ajuda. — O pai apontou para a panela que descansava no fogão a lenha antes de concluir: — Não aguento mais ver você e sua irmã comendo essa maldita polenta.

Giuseppe baixou o rosto sobre as mãos e chorou, o corpo tremendo pelos repetidos soluços.

Chorou como Angelina só o havia visto fazer quando a mãe morrera, três anos antes.

— Ele ofereceu muito dinheiro, filha mia, tanto que poderemos viver, sua irmã e eu, pelo resto de nossa vida sem precisar nos preocupar com mais nada. — O pai enxugou o rosto cansado. — Mas é você quem tem de decidir. Não está certo forçá-la. Me perdoe. Vou dizer ao senhor Pedro que você não aceitou o pedido.

E foi ali que Angelina percebeu: o descanso tão merecido pelo pai, a segurança desejada à pequena Giovanna, a vida mais decente que a família poderia ter, tudo estava em suas mãos.

Como ela podia deixar uma oportunidade daquelas passar? Como conseguiria olhar para o rosto cada dia mais abatido do pai e não se sentir culpada?

— Eu só me pergunto por que ele... esse senhor... ele me viu poucas vezes.

— Você é a moça mais bela de toda a Itália — exagerou. — Ele teria que ser cego para não a notar. — O pai sorriu com tristeza. — Tão parecida com sua mamma... O mesmo cabelo claro, os olhos azuis, límpidos como duas gotas d'água. O rosto que parece desenhado, como uma boneca, ou um anjo... Minha bonequinha.

Angelina sabia que, de alguns anos para cá, os homens a olhavam diferente, de um jeito que a incomodava. Mas nunca tinha se imaginado vivendo uma situação como aquela.

— Não existem jovens bonitas no país de onde ele vem?

— Acredito que... ele esteja encantado por você. — O pai apoiou as mãos

calejadas sobre o tampo da mesa e se levantou. — Vou contar a sua resposta ao senhor Guimarães.

E caminhou com as costas levemente curvadas em direção à porta.

Ela se lembrou dos ombros largos e firmes que a haviam levantado inúmeras vezes do chão quando era pequena, fazendo-a tocar o céu, buscar as estrelas ou apenas alcançar um pote de biscoito guardado na prateleira mais alta. Os ombros agora estavam baixos e caídos; era a postura de quem trabalhava duro demais e por muito mais tempo do que o corpo permitia.

— Papa, eu vou — afirmou de uma vez, com a voz fraca.

Os olhos do pai se arregalaram e os dela se turvaram. Ele se virou para encará-la.

Angelina cobriu o rosto com as mãos, rezando em silêncio para que tudo ficasse bem, pedindo a Deus que abençoasse sua escolha, rogando que a decisão a levasse a uma vida feliz. Ela implorava para que o estranho fosse um homem bom.

Os braços fortes do pai a envolveram, surpreendendo-a.

— Perdonami, figlia mia...

Como poderia dizer “não”? Por que, Deus, o pai atirara em suas mãos essa escolha, essa responsabilidade? Ela soluçou, convencida de que teria de ir.

— Eu vou sentir saudade.

Então o pai voltou a chorar.

— Ele me prometeu que a fará feliz. Prometeu que será um bom marido e que lhe trará até a Itália para nos visitar sempre que possível.

Angelina assentiu em silêncio, rezando mais uma vez, àquela altura, para que essas promessas fossem verdadeiras.

— Diga ao senhor Guimarães que eu aceito me ca... Quer dizer... — Ela respirou fundo, buscando coragem — eu mesma vou dizer isso a ele.

O balanço do navio fez o corpo de Angelina se mover contra o colchão, levando-a de volta à cabine. Sentiu o estômago contrair, sem saber se era pelo arrependimento ou pelo movimento da embarcação. Será que haveria para ela um final feliz, como sua mãe e sua nonna sempre afirmaram existir nas histórias que inventavam?

O ar na cabine ficou espesso, difícil de respirar.

— Eu preciso sair daqui — murmurou, levantando-se. Vestiu o penhoar e deixou o quarto em direção à varanda.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Caruso

— Se eu soubesse que a viagem seria este inferno, jamais teria vindo — Matteo reclamou quando o navio balançou novamente.

Vincenzo lançou um olhar fulminante para o irmão.

— Se você abrir a boca para reclamar outra *maledetta* vez, eu juro que te jogo no mar.

Matteo torceu os lábios.

— Eu não aguento mais vomitar.

— Como você achou que seria? — Vincenzo perguntou, irritado.

— Não sonhava dormir amassado com outras duzentas pessoas, muito menos passar horas vomitando em um urinol.

Vincenzo bufou, esfregando os olhos. O irmão tinha razão. As acomodações na terceira classe eram... Cristo! Era como se eles tivessem reservado um lugar no inferno. Dormiam em uma esteira fina estendida no chão, um ao lado do outro, brigando por espaço e por ar. O ambiente era escuro, abafado, e dia a dia o odor ficava pior.

— Está certo. Foi você que me enlouqueceu para mudarmos de vida, mas fui eu que aceitei vir... — Ele fez um gesto com a mão para se levantarem. — Vamos!

— Onde? — Matteo perguntou, com a expressão condoída.

— Dar uma volta no convés. Tomar um pouco de ar.

O irmão mais jovem se levantou e o seguiu. Enquanto se dirigiam para a área externa, Vincenzo se lembrou de todos os sonhos levados na bagagem. Eles tinham saído da casa da família, das terras que amavam na Itália, deixando para trás o pai, a mãe, e dois irmãos mais novos, com a certeza de que poderiam alcançar uma vida melhor para todos.

Vincenzo lembrou o folheto que Matteo lhe entregara meses antes:

Brasil, uma terra de oportunidades, de riquezas minerais. Um país tropical.

O governo daquele país havia alguns anos vinha incentivando a migração de italianos. Mas não fora a insistência de Matteo para buscarem aventuras e uma vida melhor, nem a oferta de terras por parte do governo brasileiro, que levaram Vincenzo a abrir mão de tudo que mais amava no mundo e embarcar naquele navio com destino à América. O motivo eram duas palavras: riqueza e oportunidade. Ele não tinha certeza de qual delas estava mais escassa na Itália, mas sabia o que a ausência de ambas provocava em um povo.

A riqueza talvez fosse culpada por matar mais sonhos do que o fracasso já fora capaz; a ausência de oportunidade vinha casada com a falta da primeira. Não era por almejar riquezas que o povo sofria, e sim porque a escassez de recursos destrói sorrisos, sufoca a esperança, esmigalha vontades. Nenhum homem precisa de riqueza para ser feliz — Vincenzo sabia —, mas todos necessitam de esperança. E a miséria certamente ceifa qualquer raiz que possa germiná-la.

E foi por isso que Vincenzo dera ouvidos à insistência do irmão, aceitando embarcar para terras desconhecidas. Aquela viagem, por mais difícil que pudesse ser, era impulsionada pela esperança e movida pelos sonhos de todos os que também deixavam para trás suas famílias, cruzando o oceano rumo a um destino desconhecido.

Os dois irmãos se sentaram junto à varanda em silêncio e olharam para o mar por algum tempo.

— Nós vamos poder ajudar a mamma — Matteo afirmou baixinho.

Sentiu o maxilar travar e um bolo se formar em sua garganta ao lembrar do rosto abatido da sua mamma quando descobriu que era traída pelo pai de Vincenzo. Recordou-se da mãe afundando na tristeza por ter de lidar com a humilhação de ser enganada pelo marido. Lembrou das horas, dos dias de luta para que sua mamma voltasse a comer, e então, voltasse a falar e depois a sorrir. O pai implorara por perdão, mas Vincenzo saíra da Itália sem falar com o velho. Saíra de casa jurando para sua mamma que em breve a família não precisaria mais do dinheiro do pai para sobreviver. Era também por sua mamma que eles embarcaram naquela viagem.

— Eu sei.

— Vamos ficar ricos e você poderá abrir um restaurante.

Ele inspirou devagar.

— Tudo vai dar certo, Matteo... Venha cá — pediu, passando o braço pelo ombro do irmão.

Com dezenove anos, Matteo era quase tão alto quanto Vincenzo. Tinha o mesmo cabelo preto e espesso e os olhos azul-escuros, marca registrada dos quatro irmãos — três meninos e uma menina.

— Eu disse que cuidaria de você, não disse?

Matteo afastou a cabeça do seu ombro e o encarou.

— Você fala como se eu ainda fosse uma criança.

— Você sempre será meu irmão mais novo.

— Apenas três anos de diferença, Vincenzo.

— Três anos é uma vida inteira para muitos animais — retrucou, bem-humorado.

— Eu achei que, quando deixássemos a Itália, você deixaria essa mania de se sentir responsável por todos a sua volta.

Vincenzo não respondeu. A esta altura, olhava, chocado, para uma aparição no andar superior do navio. Ela estava encostada no guarda-corpo da varanda, vestida com um penhoar branco. O cabelo longo estava solto, criando uma nuvem dourada ao redor do rosto perfeito. Lábios cheios e rosados, como se tivesse acabado de ser beijada, faces coradas e... de que cor seriam os olhos? Eles encaravam o mar, absortos, enquanto tudo flutuava em torno dela. Era uma visão, como se o sol aparecesse no meio da noite. Só podia ser uma miragem. Nunca tinha visto uma mulher tão bela, tão perfeita.

— Eu não acredito — Matteo disse, desviando sua atenção.

— O quê?

— *Dio mio*, você está vermelho.

Vincenzo arregalou um pouco os olhos, surpreso, e ouviu o irmão prosseguir, com a voz divertida:

— *Non*, não é possível. O inalcançável Vincenzo não fica vermelho nem perde a linha por causa de uma moça bonita. Elas é que perdem a linha e outras coisas por ele.

— Cale a boca, Matteo. — Deu um tapa de leve na orelha do irmão.

O irmão mais novo cruzou os braços sobre o peito e olhou para cima, para ela.

— Realmente, é belíssima.

Belíssima não chegava nem perto de descrever. O coração acelerado de Vincenzo tinha certeza disso. O sangue corria muito rápido, e ele devia mesmo estar com as bochechas coradas.

— A jovem mais linda que eu já vi.

— Mas não é para o seu, quer dizer... para o nosso bico.

Ele franziu o cenho, sem entender. Matteo apontou com a cabeça para o andar superior:

— Primeira classe. Ela jamais se misturaria conosco.

— Isso não vai significar nada quando chegarmos ao Brasil e fizermos fortuna — Vincenzo retrucou.

— Ela pode ser casada — continuou seu irmão, descrente.

— Você é um chato, Matteo... E, além do mais, só estou olhando.

— Olhando? Se o olhar tivesse o poder de comprometer uma jovem, você seria obrigado a se casar com ela.

— O lenço. — Ele seguiu com os olhos a pequena peça branca se desprender dos dedos dela e voar em direção ao convés inferior. Perdida em seus pensamentos, a jovem nem se deu conta de que o perdera.

Sem pensar, Vincenzo deu um salto e correu pelo navio para recuperá-lo, mas, quando estava quase o alcançando, uma rajada de vento levantou o lenço pelos ares mais uma vez. O rapaz tomou impulso e correu, vendo o quadrado de tecido branco sacudir como uma borboleta e pousar na proa, entre cabos de aço e o mar.

Matteo arregalou os olhos.

— Você não está pensando em...

Vincenzo tirou o paletó e o colete.

— Se você cair no mar, vou deixá-lo morrer.

— Eu não pretendo cair.

Ouvindo os protestos do irmão, ele se esgueirou entre a proa e os cabos, apoiando os pés em dez centímetros de piso, poucos centímetros de tábuas que o separavam de um mergulho no oceano gelado.

— *Stronzo!* Estúpido! — o irmão protestou. — Volte, seu imbecil!

Em vez de ouvir sua própria razão ou o desespero do irmão, Vincenzo esticou ainda mais o corpo, depois o braço e...

O navio balançou. Vincenzo se segurou nos cabos para se manter de pé.

— É melhor não cair, senão eu vou matá-lo — Matteo gritou esbaforido.

Vincenzo ergueu o braço o máximo que pôde e, enfim, alcançou o lenço. Com agilidade e cuidado, fez o trajeto de volta até o convés, onde seu irmão o aguardava, inquieto. Não conseguiu evitar sacudir o lenço no ar como um troféu e rir satisfeito por ter evitado, bem... por não ter morrido afogado.

— Seu estúpido! Idiota! O que tem na cabeça, Vincenzo?

Ele sacudiu o lenço outra vez, sorrindo.

— Eu sabia que iria conseguir.

O irmão bufou, irritado.

— Você acha que é o quê? Um *maledetto* cavaleiro medieval?

Vincenzo sentiu o tecido fino entre os dedos. Tinha um bordado de flores e, embaixo...

— Angelina — murmurou para si mesmo.

— Todo esse sacrifício para pegar esse lenço. Ao menos vá devolver para ela essa porcaria!

Era isso mesmo o que faria, nem que tivesse que escalar o convés até o andar de cima. Talvez pudesse beijar as mãos dela antes de devolver o objeto. É possível que ela se sentisse tão grata — afinal, ele quase caíra do navio — que até lhe daria um beijo. Todo o esforço teria valido a pena e...

Ela não estava mais lá.

— *Porca miseria* — reclamou, frustrado, e ficou olhando para cima em um silêncio incrédulo. Não haveria toque nas mãos, nem beijo nos lábios, nem qualquer tipo de agradecimento. Ela tinha desaparecido, como uma miragem.

Uma rajada de vento gelado invadiu o convés.

Matteo tocou em seu ombro.

— Vamos entrar, Vincenzo. Está muito frio aqui fora.

Ele suspirou e encolheu os ombros, decepcionado.

— Tanto trabalho para nada.

— O que você esperava, cavaleiro de meia-tigela? Que ela lhe desse um beijo de recompensa?

Sim! Era isso mesmo que ele esperava. Mas decidiu não compartilhar seu desejo com o irmão mais novo.

— Vamos entrar antes que você volte a passar mal e suje o convés.

— Melhor do que morrer por causa de um lenço.

Os dois voltaram para as acomodações da terceira classe, fazendo provocações recíprocas. Logo estavam rindo novamente, pois não conseguiam ficar sérios por muito tempo.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Parigi

— Por que você demorou tanto? — ela perguntou, com os braços repousando no parapeito da varanda. A luz da lua a iluminava por completo, e Vincenzo perdeu o ar.

Como uma mulher podia ser tão linda?

— Eu tentei. Procurei por você.

— Você demorou — ela disse, antes de desaparecer envolta em uma nuvem de orvalho coberta pelo luar.

Vincenzo abriu os olhos, com o coração disparado. Esfregou o rosto, incrédulo e emocionado. Era o terceiro sonho que tinha com ela desde que a vira na varanda.

Estava ficando louco.

Vinte e cinco dias naquele inferno eram provação suficiente para qualquer pessoa. Ele notava o semblante esgotado dos outros passageiros: olhos fundos, rostos mais magros, expressões mais duras. Um surto de sarampo levou embora pais, filhos, irmãos e amigos. Ele e Matteo passavam mais tempo sentados no chão do convés do que entre sua gente, disputando comida, mantas ou descansando o corpo sobre o chão gelado, nas esteiras que cobriam o porão do navio.

Sabia que a travessia seria difícil, mas não imaginou que fosse ser tão...

— Nem animais deviam ser tratados dessa maneira — murmurou, vendo o irmão dormir.

Por sorte, nem ele nem Matteo tinham contraído a doença que maltratava ainda mais o ânimo dos que se amontoavam como sacas de farinha.

— *Grazie Dio*, faltam apenas dois dias.

Apertou o lenço entre os dedos, olhando pela milésima vez para as

pequenas flores bordadas em tons de rosa. Deixou o indicador passear sobre as letras delicadas que formavam o nome.

Angelina.

Nunca mais a tinha visto, apesar de olhar para a varanda no andar de cima todos os dias. Várias vezes por dia, na verdade.

Teria sido uma visão?

Algo para fazê-lo sonhar nas noites mais difíceis?

Aquele lenço talvez fosse a única prova de que a bela jovem existia.

Por algum motivo meio estúpido ou sem sentido, agarrou-se ao pedaço de tecido como se ele fosse uma tábua de salvação. Como se ele fosse a prova de que anjos ou santas podiam, de certa maneira, tocar a vida de um homem comum. Lembrou-se da figura inteira de branco, cabelo solto e dourado, olhar distante... Igual a uma *Madonna*.

— *Una Madonna* — murmurou, apertando o pedaço de tecido entre os dedos.

— O quê? — Matteo perguntou, de olhos fechados.

Ele se virou de lado para encará-lo.

— Achei que você estivesse dormindo.

— Estava tentando.

Vincenzo mirou o lenço entre os dedos, confuso com as próprias emoções.

— Você acredita em amor à primeira vista?

Matteo ficou quieto, como se não tivesse escutado, e Vincenzo abriu a boca para se explicar.

Então Matteo estourou em uma gargalhada alta e espalhafatosa.

— *Vince, Dio mio* — continuou rindo —, esta viagem não fez bem para ninguém, mas acho que te afetou muito... Amor à primeira vista, você? — E riu novamente.

— Qual o problema? — perguntou, em tom sério.

— *Niente* — Matteo sentou e fez um gesto de inocência com as mãos. — Vindo de quem dilacerou o coração de duas belas *ragazzas* antes de partirmos, porque dizia que em sua vida ainda não havia espaço para o amor... Bem... Um amor assim, à primeira vista, é uma mudança de conceito bastante radical.

— E ainda não existe espaço. — Cruzou os braços, retraído. — Não estou dizendo que vou me casar, apenas que... — Bufou. — E se existir um amor como esses que os poetas exaltam?

— Meu Deus, Vince! — Matteo gargalhou mais uma vez. — Você

contraiu sarampo na cabeça?

Ele travou o maxilar. Devia mesmo estar ficando louco.

— E você está pedindo uma surra.

— É por isso que você vive com esse lenço na mão? — O irmão mais novo apontou para a peça, segurando a risada.

Vincenzo estreitou o olhar.

— Sabe de uma coisa? Eu vou ler.

— Pela décima vez o mesmo livro.

— Melhor do que perder tempo discutindo com você.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Martinelli

SANTOS — JULHO DE 1903

Naquele momento, desembarcando no porto de Santos, Angelina repensava pela milésima vez a escolha de se casar com Pedro.

Havia sido mesmo uma escolha?

Ela tivera uma?

Ou fora levada pelo pai a fazer isso?

Era uma estupidez ficar pensando assim quando tudo já estava definido. Não adiantava nada se arrepender. Mas Pedro... Bem, a verdade era que ela não conhecia o marido nem antes de se casar e nem agora, após tantos dias de uma viagem cansativa. E não tinha sido por falta de tentativas de se aproximar, de conhecê-lo ou de agradá-lo. O barão simplesmente não lhe dava abertura ou liberdade.

O braço impositivo dele envolveu seu ombro, conduzindo-a.

— Vamos, Angelina. A carruagem já nos espera. Isto aqui está um verdadeiro inferno.

Pedro não se esforçava mais para falar mal o italiano, e Angelina já entendia quase tudo da nova língua. Nos quarenta dias a bordo do navio, ler o dicionário de português e escrever frases em italiano para depois traduzi-las havia se tornado um passatempo.

— Aquela *maledetta*! — um grito desesperado ecoou próximo.

Um tumulto de pessoas sendo empurradas foi seguido por mais um grito.

— Me deixem passar! Aquela ladra, *sfortunata*! Desgraçada!

Angelina foi empurrada por uma onda de braços e pernas que se comprimiam, abrindo espaço para o homem que gritava e corria em um

desespero frenético.

O barão a abraçou em um gesto de proteção, e Angelina perdeu o ar.

Não pela bagunça, nem pelos gritos, e sim por causa da cena que se desenrolava. Outro jovem correu em direção àquele que antes gritava, ofegante e agitando os braços.

— Ela fugiu! A carroça não parou. — Esfregou os olhos. — Levou tudo!

Seu coração gelou ao ver o pânico tomar a expressão daquele jovem italiano. Os olhos azuis se arregalaram, parte da cor do rosto bronzeado se perdeu enquanto ele desmontava bem na sua frente, a poucos passos de distância. Parecia vigoroso e forte, e vê-lo cair de joelhos e chorar como um menino apavorado foi uma das sensações mais angustiantes que ela já experimentara.

— Todos os nossos sonhos acabaram — ele disse antes de cobrir os olhos, a boca, o rosto e chorar até o corpo vibrar.

— Vamos sair logo daqui — grunhiu o marido a seu lado. — Olhe para esta maldita bagunça.

Os lábios dela tremeram.

— Nós... Não podemos ajudá-lo?

Pedro ergueu o rosto dela pelo queixo a fim de encará-la.

— Tão jovem e tão bondosa... — afirmou, em um tom que beirava a irritação. — Com o tempo você aprenderá que, se for ajudar todos os miseráveis que caírem na sua frente, não fará mais nada na vida.

— Mas...

— Pagamos impostos para o governo cuidar dessa gentinha.

“Dessa gentinha.” A fala de Pedro tinha sido desdenhosa. Ela estaria entre “essa gentinha” aos olhos do marido? Afinal, também era italiana, e também estava à beira da miséria quando ele a conheceu.

E foi ali, com os braços dele a envolvendo, que entendeu: Pedro talvez nunca lhe desse liberdade ou abertura para entrar realmente na vida dele porque não a considerava igual. Aos olhos do marido, ela provavelmente era inferior; ele tinha feito um favor ao tirá-la de sua casa e de sua família.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Caspani

A viagem de São Paulo até Itatiba tinha sido longa e cansativa. Após descerem do trem, tomaram uma carruagem e sacudiram mais de duas horas em uma estrada de terra.

Agora, com a testa colada no vidro da carruagem, Angelina sentiu o estômago encolher e as mãos ficarem geladas. Não por causa do balanço da carruagem pelo terreno acidentado, mas porque haviam parado junto ao imponente portão que dava acesso à fazenda. Seus olhos se arregalaram ainda mais quando passaram por ele: ladeada pelas maiores palmeiras que deviam existir na Terra, uma alameda de paralelepípedos se estendia por mais de quinhentos metros. Era uma visão de tirar o fôlego.

Ao subirem um pouco o aclave do terreno, ela avistou a casa-grande.

Mais uma vez apertou os dedos, nervosa.

Aquela construção gigantesca, pintada de azul com janelas brancas e colunas em tom mais escuro, seria sua nova casa. Sem pensar, contou umas trinta janelas enfileiradas.

— É enorme! — disse outra vez para si mesma.

— A fazenda? — Pedro estranhou um pouco a pergunta. — Sete mil hectares.

— Eu... não quis incomodá-lo.

O barão olhava para fora como se não a tivesse escutado.

— Esta fazenda foi fundada pelo meu pai em 1850. Chegamos a ter centenas de escravos trabalhando nas terras. Somente trinta anos depois começaram a chegar os italianos. Hoje são mais de duzentos e cinquenta — ele a encarou — da sua gente.

— Entendo — retrucou, incomodada, não pela surpresa de receber atenção,

mas porque não sabia se aquilo era um elogio ou uma ofensa.

— Produzíamos cana-de-açúcar antes. — Ele voltou a olhar pela janela. — O café veio somente em 1865, quando outras fazendas produtoras perderam valor.

— E... Qual o nome *daqui*... desta fazenda? — Ela sentiu vontade de continuar conversando. Ele quase nunca explicava as coisas ou lhe respondia daquela maneira tranquila e natural.

— Vila Azul. Esta é a segunda fazenda da minha família.

Surpresa, Angelina arqueou as sobrancelhas até elas se unirem com a testa.

— Há outras fazendas?

— Mais uma em São Paulo e duas em Minas Gerais.

A jovem engoliu em seco, sem saber o que responder. Era muita terra, mais do que um dia sonhou que um homem poderia possuir.

— E o senhor... tem irmãos?

— Não. Tive apenas um, que morreu há muitos anos.

— Sinto muito — afirmou, sincera.

— Por isso tenho que dividir meu tempo entre todas as propriedades. Viajo muito. — Ele colocou a mão em cima das suas, espontâneo.

Angelina se surpreendeu novamente. Um gesto de carinho vindo dele era tão raro.

— Eu o acompanharei?

— Não. São viagens longas e cansativas. Você ficará melhor aqui, cuidando da casa enquanto eu estiver fora.

Desde que aceitara se casar com ele, queria tanto entender por que um homem tão poderoso e rico a havia escolhido como esposa. Acreditou, então, que, se não perguntasse naquele momento, talvez não tivesse outra oportunidade tão cedo. Calçou as luvas de renda que estavam guardadas na bolsinha e respirou, ganhando coragem.

— Meu senhor, com tantas terras e riquezas, você poderia ter por esposa qualquer jovem que desejasse... — Mirou as próprias mãos. — Não tenho nada a lhe oferecer em troca... Então... pergunto: por que eu?

— Porque eu quis.

Pronto. Essa seria toda a resposta que teria — ela soube. Talvez fosse a única que existisse.

— Angelina — ele a chamou e voltou a segurar sua mão —, para mim é importante que você seja feliz. Quero que se sinta em casa aqui e desejo cuidar de você.

— *Grazie* — ela respondeu surpresa e animada com o gesto de carinho.

A carruagem parou e a portinhola foi aberta.

Pedro desceu e um criado estendeu a mão para ajudá-la a descer também. Essa outra atitude pouco frequente do marido também a surpreendeu. Com a renovada esperança de que pudessem ser felizes, Angelina desceu do veículo e parou ao lado de Pedro.

— Bem-vindo, senhor barão — disse um homem claro e alto, de expressão taciturna e olhos que já viram coisas ruins demais na vida.

— Essa é a sua nova senhora, Angelina Guimarães... Este é o chefe da guarda aqui da fazenda, senhor Ricardo.

Olhou para os lados e somente então percebeu uma fila de pessoas que a encaravam com ar curioso.

— *Multo priazere* — respondeu, com simpatia um pouco nervosa.

Alguns murmúrios atrás do casal sobressaíram.

— Ela é italiana, *una colona*?

Angelina reparou que Pedro estreitou os olhos, e seu rosto esculpido ganhou uma tonalidade de vermelho forte.

— Quem disse isso? — indagou, irritado.

— Me perdoe, senhor. Eu disse — uma mulher baixinha e magricela respondeu.

Pedro pegou da mão de Ricardo um chicote de montaria e apontou para o chão junto de Angelina

— Peça perdão, agora!

Angelina deteve um soluço de horror na garganta.

— *No*, não é...

— Peça agora! — ele a interrompeu, gritando.

A mulher se ajoelhou à frente da jovem e agarrou suas mãos, beijando-as antes de dizer, com a voz falhando:

— *Perdonami, signora*, eu não quis ofendê-la.

Ela abriu a boca para responder que não fora ofendida, mas o marido falou antes:

— Eu sou o barão de Vila Azul. Acham mesmo que eu me casaria com uma camponesa? Acham?

Diante do silêncio, prosseguiu:

— Angelina é descendente de uma família nobre na Itália. Nunca mais me desrespeitem dessa maneira.

— Eu não sou... — Angelina ia balbuciar, mas um sino começou a tocar

muito próximo, enchendo o ar com o tilintar pacífico e agradável que somente os sinos são capazes de produzir. Um verdadeiro disparate considerando a cena a que ela tinha assistido.

Pedro se aproximou, passando a mão na curva de seu braço.

— É hora da missa — afirmou ele, apertando-a um pouco. — Vamos, minha senhora. É uma ótima oportunidade de você ser vista pelos outros criados e alguns colonos.

Ela aquiesceu, mortificada.

Quando haviam se afastado um pouco do grupo de pessoas que os recebeu, o barão se aproximou de seu ouvido, dizendo entredentes:

— Nunca mais ouse me contrariar em público, entendeu?

Sem nem pensar, assustada com tanta agressividade, ela concordou.

— Sim, senhor.

— E sorria! — prosseguiu, carrancudo. — Eu não quero que as pessoas falem que mal nos casamos e você já está infeliz.

Meio sem saber como agir, Angelina plantou nos lábios um sorriso discreto e falso. Toda a ponta de esperança que sentira após a breve conversa que tivera com o barão se desfez como uma bolha de sabão estourando no ar.

Ela saíra da Itália, largando a pobreza, a falta de alimento e o trabalho pesado na lavoura. Casou-se com um homem atraente e dono de uma fortuna comparada à de um príncipe. Moraria em uma casa grande e luxuosa, assim como deviam ser os castelos. Tudo aquilo parecia um conto de fadas, mas uma parte do seu coração tinha certeza de que aquela história estava longe de ser encantadora.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Casara

— Eu nunca o vi dessa maneira — dona Isabel, a governanta da casa-grande, disse, deslizando a escova em seus cabelos.

Fazia quinze dias que chegara à fazenda Vila Azul. Recordou do momento em que fora apresentada à mulher que agora a fitava através do reflexo no espelho:

— *Esta é dona Isabel. Ela está na fazenda desde antes de eu nascer — Pedro começara — e lhe atenderá pessoalmente em tudo o que você precisar.*

— Nunca viu o quê? — Angelina perguntou, voltando sua atenção para a senhora.

Isabel sempre trajava vestidos de tecido grosso e escuro e tinha o cabelo meio grisalho firmemente puxado para o alto em um coque rígido. Apesar da aparência séria, se mostrava uma boa pessoa. Parecia se preocupar com o bem-estar de sua senhora. Dia a dia elas conversavam mais abertamente, e Angelina se sentia cada vez mais à vontade na companhia da governanta.

— Meu cabelo — respondeu a mulher, bem-humorada. — Me refiro ao barão, é claro — emendou, divertida.

— Ah — Angelina concordou, também sorrindo.

— Ele lhe deu mais uma joia ontem? — indagou Isabel, lançando um olhar para o colar de pérolas sobre a penteadeira.

Angelina passou o dedo sobre a peça. Era impossível não se sentir um pouco encantada com tudo o que vivia. Analisou o quarto, ricamente decorado com móveis importados da França. A enorme cama com dossel, o lustre de cristal e a parede coberta com um delicado papel de parede em tons pastel. Parecia um quarto saído das páginas de um romance. Algo que ela só encontrara dentro dos livros.

Nunca imaginara que um dia viveria em meio a tanto luxo e beleza. Suspirou, buscando se sentir grata.

— É lindo, não é? — confirmou, colocando o colar no pescoço.

As mãos firmes de Isabel deram voltas ao redor de sua cabeça, adornando o penteado com uma fita.

— Homens na posição do senhor barão... provam dessa maneira que realmente querem bem a esposa.

Angelina se lembrou do casamento dos pais. Eles eram tão próximos e amigos. Pareciam se amar muito. Nunca houve joias caras de presente. Mas talvez — ela supôs mirando o brilho das pérolas — essa fosse a maneira de as pessoas ricas provarem seus sentimentos.

— Além do mais — prosseguiu Isabel —, nunca o vi olhar para a primeira esposa da maneira como ele olha para a senhora e...

— Primeira esposa? — Seu estômago se contraiu.

— A senhora não sabia?

Ela negou em silêncio.

— Desculpe-me, minha senhora. Vocês... Vocês são recém-casados e ele não deve ter tido a oportunidade de lhe contar, mas o meu senhor... ele, bem... — Pausou, parecendo buscar as palavras, sem graça. — Ele é viúvo há cinco anos.

Angelina aquiesceu, tentando se convencer de que o tempo de casados era a justificativa para saber tão pouco sobre o marido. Suspirou antes de perguntar:

— O que aconteceu com ela?

Isabel deixou as mãos repousarem sobre seus ombros.

— Esqueça isso. Outro dia eu lhe conto tudo. É uma história triste — lançou um olhar vago em direção à janela — para um dia tão bonito.

— Ela era jovem? — indagou, curiosa, ignorando o pedido da governanta.

— Sim.

— Entendo... E... foi algum acidente?

— O que importa — respondeu Isabel, com a voz firme — é que eu tenho certeza de que desta vez tudo dará certo. Ele a fará feliz, senhora Angelina.

— *Grazie* — respondeu, tentando esquecer as dúvidas nascidas com aquela conversa e se convencer de que tinha tudo de que precisava para ser feliz ali.

— Vamos! O dia está lindo. Vamos aproveitar um pouco o sol.

Angelina concordou, levantando-se. Isabel pegou a sombrinha e o leque e os entregou à patroa antes de cruzarem a porta. A jovem esposa deixou o

quarto sem ter certeza de que o dia lindo e o sol seriam suficientes para fazê-la deixar de pensar em tudo o que ainda não conhecia sobre o marido.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Gentili

UM MÊS E MEIO DEPOIS...

Mais um dia de trabalho forçado.

Na Itália, nunca trabalhavam depois do almoço.

Sempre tinham uma hora ou duas de descanso.

Mas ali, no Brasil, as coisas eram bem diferentes.

— Isso não é saudável — reclamou Matteo, parecendo ler seus pensamentos.

Vincenzo limpou o suor da testa pela milésima vez no dia.

— Se aquela *desgraziata* não tivesse nos roubado... Se eu não tivesse sido tão ingênuo... — reclamou, abaixando-se para pegar as cestas com grãos de café recém-colhido.

— Você deve parar de se culpar, Vince.

— Quem sabe um dia... — afirmou, acomodando a cesta sobre o ombro e começando a andar em direção ao lavador, onde os grãos seriam limpos, separados e depois descascados.

Vincenzo achava difícil conseguir parar de se culpar. Afinal, se não tivesse oferecido ajuda a uma estranha, se não tivesse deixado escapar no dia do desembarque que tinha algum dinheiro guardado, se não tivesse baixado a guarda daquela maneira... Se... Se... Se... Tudo seria diferente: ele ainda teria o dinheiro para começar um negócio, em pouco tempo poderia realizar o seu sonho de abrir um restaurante, e não precisariam pedir para trabalhar praticamente de graça nos cafezais de uma fazenda.

Lembrou-se do momento em que ele — iludido e idiota —, na esperança de ajudar Giuliana, a jovem que o enganara contando uma história triste

durante a viagem, tivera a brilhante ideia de oferecer ajuda.

— *Não se preocupe. Nós desembarcamos juntos e te acompanhamos até você estar em segurança em algum lugar tranquilo.*

Então, na saída do porto, a *maledetta* fugiu levando suas malas com todo o dinheiro que guardaram durante anos na Itália; a única reserva que possuíam para começar uma nova vida, para começar a construir seus sonhos.

Nos quinze dias seguintes, tinham ficado na hospedaria dos imigrantes em São Paulo. Vestidos com roupas doadas, chegaram a ir à polícia dar queixa, mas não obtiveram nenhum retorno, somente a certeza de que eles não foram os primeiros a ser enganados e roubados por golpistas, na bagunça do desembarque. Fizeram o possível para achar a jovem enquanto tentavam conseguir emprego no comércio local. Por falta de opção, acabaram naquela fazenda.

Vincenzo arrumou a cesta pesada sobre o ombro novamente. Ninguém devia ser obrigado a trabalhar mais de dez horas por dia, dormir em uma casa sem conforto e ganhar tão pouco.

No final de quase um mês na lavoura, de sol a sol, o que ele e o irmão receberam como pagamento dava apenas para pagar as contas acumuladas com moradia e comida.

No entanto, por mais difícil que fossem as coisas, ele não desistiria.

Não desistiria nunca.

Sua mamma sempre dizia que, toda vez que alguém desiste de um sonho, um anjo perde suas asas. Vincenzo cresceu acreditando nisso.

Ao chegar ao lavador, deixou a cesta junto às outras que eram empilhadas durante todo o dia.

Pegou a direção dos pés de café e deu alguns goles no cantil que ficava pendurado em seu cinto.

Que calor!

Enxugou o rosto e os olhos com o lenço. Quando tornou a abri-los, o sol o cegou por um instante enquanto uma silhueta se tornava mais visível. Piscou lentamente tentando enxergar, distinguir... Reconhecer.

Seu coração disparou e a boca voltou a secar.

— Não pode ser!

Ela avançou alguns metros, tornando-se mais visível.

— É ela — comprovou, com a voz falha, como se estivesse diante de uma aparição.

Os joelhos fraquejaram.

Era sua *Madonna*.

Mas como, em nome de Deus, era possível?

Usando um vestido cor-de-rosa, os cabelos presos em um coque frouxo, ela caminhava delineada pela luz do sol.

Vincenzo tirou a boina, incrédulo. Nem soube por que a tirou. Um gesto inconsciente de respeito, devoção.

— O que você está olhando? — Matteo perguntou, aproximando-se.

O irmão mais velho não conseguiu responder. Não encontrou palavras. Mal podia respirar.

Matteo arquejou, surpreso.

— Não pode ser... É ela, não é? A moça do navio?

Ele apenas assentiu, o coração retumbando dentro do peito.

— Eu vou até lá falar com ela. — Vincenzo se moveu, cego.

O irmão segurou-o pelo braço.

— Está louco?

— Por quê? — perguntou, sem desviar a atenção da jovem.

— Vestida dessa maneira, andando acompanhada da governanta da casa-grande, ela só pode ser...

Matteo não precisou concluir. Vincenzo fechou os olhos antes de murmurar, com o coração apertado.

— A *signora* da fazenda...

— *Sì*, ela mesma. A *signora* Guimarães.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Ruffo

Fazia dois dias que Pedro viajara.

Não era incomum. Nos dois meses desde que tinham chegado da Itália, ele a deixara sozinha.

Angelina não se queixava. Afinal, o marido avisara que viajaria muito a trabalho. É somente que...

Bem...

Tudo era tão diferente do que havia imaginado, do que conhecia dos casamentos de seus pais e avós. Apesar de nunca ter visto tanta riqueza na vida, houve um tempo em que a família tinha vivido de maneira bastante confortável na Itália, mas nunca faltara cumplicidade e companheirismo entre seus pais.

O que a incomodava era o fato de, nos três meses após o casamento, terem sido raros os momentos em que Angelina percebera qualquer sentimento entre eles, fosse de carinho ou amizade.

Pedro ainda era um estranho para ela.

Será que um dia deixaria de ser?

Alisou o papel em branco e suspirou. Amava escrever.

Checou a quantidade de tinta na caneta antes de voltar para o papel:

Os livros abertos são borboletas cheias de histórias em suas asas.

Com outro suspiro, lembrou-se da Itália e de como sua vida mudara em tão pouco tempo.

Quando era criança, antes de aprender a ler, gostava de sonhar enquanto ouvia a mãe contar histórias. Adorava o ritmo melódico da voz dela, que lhe

fazia cócegas no ouvido e aquecia seu coração: “As palavras têm ritmo, cada frase é melodia. A escrita é como música, só que sem colcheias”.

Sua mãe repetia isso toda vez que a fazia estudar e desenhar as letras no caderno.

A mãe adorava escrever e foi dela que Angelina herdou esse amor. Para o pai de Angelina, a escrita, a leitura e as histórias que a esposa amara — e que mais tarde ela aprendera a amar também — nunca fizeram muito sentido.

Fechou os olhos ao recordar que perder a mãe quase a fez desistir de sonhar. Como alguém podia morrer por ter comido um pouco de *pasta* com recheio de mariscos? Aqueles bichinhos pequenos, aparentemente inofensivos...

Como?

Angelina nunca encontrara uma resposta para essa pergunta. Não importava quantas vezes ouvisse o doutor lhe explicar em sua memória:

— *Ela teve uma reação alérgica.*

— *Mas ela já comeu esse prato antes.*

— *Não sabemos ao certo o que pode ter ocorrido de diferente — justificou o médico.*

Ela não compreendia com quinze e continuava sem compreender com vinte.

Como um prato de comida tinha sido capaz de provocar a maior tragédia que já vivera e de mudar sua vida por completo?

Na mesma medida que o luto mal digerido quase a fizera acreditar que jamais seria feliz novamente, que jamais teria forças para voltar a acreditar nos sonhos, foi a tristeza da perda que a levou a escrever durante todo o seu tempo livre.

Um trovão ressoou lá fora, chamando sua atenção.

Parecia noite, apesar de não passar das quatro da tarde. O céu estava coberto por um manto escuro e espesso, como um xale cinza-chumbo costurado com poucos fios de luz.

Ela tinha escrito umas duas páginas depois que o temporal começou.

Estava sentada na enorme sala ao lado de uma janela. O vento jogava a água com tanta força contra o vidro que se tornou impossível enxergar qualquer coisa no exterior. Faltava visão, mas sobrava audição. O barulho da torrente que desaguava sobre a casa como um rio e os constantes tremores dos trovões abafavam tudo.

Angelina se levantou em um pulo quando galhos e folhas passaram a

atingir as janelas um atrás do outro. Parecia que o vento adquirira mãos gigantes e arremessava parte das árvores contra a casa.

Ela umedeceu os lábios secos e correu para aumentar as chamas das lamparinas a gás que iluminavam o ambiente. Um estouro assustador do lado de fora, madeira quebrando e o nítido som de árvores desabando como se fossem blocos de empilhar se misturaram aos ruídos da tempestade.

— Oh, meu Deus! — murmurou, afastando-se das janelas.

— Senhora — era dona Isabel quem entrava esbaforida atrás dela. — Vamos para o centro da casa.

Mais alguns trovões e tremores na terra.

— O que está acontecendo? — indagou, afoita.

— Eu não sei. Nunca vi um vento como esse.

— Parece que o mundo está caindo — gemeu e foi atrás de Isabel, que corria em direção às salas mais internas do casarão.

— Pelo que vi, algumas árvores foram arrancadas com raiz e tudo.

Entraram na sala íntima, bem no centro da casa. Isabel acendeu o lustre central e fechou as portas. Girou os trincos de murano com força, como se duas lâminas de madeira e uma fechadura fossem suficientes para isolá-las do — outro barulho enorme e abafado de madeira caindo, e paredes, vidros e telhado sendo esmigalhados — fim do mundo.

Angelina segurou a medalha de santa Lúcia que ganhara de sua mãe e que pertencera à avó quando era criança. Esse fora um dos únicos itens de valor que mantiveram depois que as coisas ficaram difíceis para a família.

“Se tivermos que vender a medalha da minha santa protetora, tudo estará perdido”, a mãe repetia sempre nos momentos difíceis.

— E os colonos? — indagou, com o pulso acelerado.

Elas se sentaram nas duas poltronas de mogno encostadas em uma das paredes.

— Colonos?

— Sì, aqui estamos protegidas, a casa é resistente e, em dois mil metros de construção, a chance de uma árvore cair em nossas cabeças é menor. Mas e lá na colônia?

Os dedos da governanta, um pouco manchados pelo tempo, entrelaçaram-se e cobriram a boca, presa em uma linha enquanto os olhos se arregalavam em uma expressão aflita.

Isabel negou com a cabeça.

— Eu não sei... Deus queira que nada tenha acontecido.

Angelina assentiu, apertando com força a medalha sobre o peito.

Assim que a chuva diminuiu, Afonso, o capataz da fazenda, procurou dona Isabel para relatar parte da destruição que assolara a fazenda.

— Felizmente a sede não foi atingida, mas a entrada e a saída da fazenda estão bloqueadas, dois armazéns foram parcialmente destruídos e parece que algumas casas da colônia também sofreram danos.

— Afonso — começou Angelina, a respiração difícil e o pulso acelerado —, mande todos os homens para as colônias.

O capataz arregalou um pouco os olhos e então fitou Isabel antes de dizer:

— Perdão. Eu não estou autorizado a receber ordens da senhora, e tenho certeza de que o senhor barão tentaria salvar os armazéns para minimizar os prejuí...

— São pessoas! — ela esbravejou, com as mãos na cintura. — O senhor ao menos sabe se alguém está ferido?

— Eles estão cuidando...

— Ela está certa, senhor Afonso. Mande parte dos esforços para as colônias.

O capataz olhou de uma para outra por um tempo, em silêncio, antes de assentir com um movimento seco, recolocar o chapéu e sair da sala.

Quando dona Isabel a deixou sozinha para buscar ajuda a fim de conter as dezenas de goteiras que apareceram dentro da casa, Angelina não esperou nem cinco minutos para sair da sede em direção às colônias. Queria ver com os próprios olhos o que acontecera e saber se todos estavam sendo atendidos.

Era sua gente. Era seu povo. Eram mulheres e crianças.

Eram os trabalhadores que ajudavam a sustentar o luxo e a riqueza de que Angelina desfrutava.

Eram pessoas que provavelmente tinham ficado desabrigadas.

Ainda chovia quando ela saiu. Pouco, mas chovia. Estava escurecendo, e mesmo assim foi possível ver o tamanho do estrago. Os jardins e trilhas de paralelepípedos, sempre bem cuidados e limpos à perfeição, estavam cobertos de galhos e folhas, como se um pilão gigante tivesse triturado as plantas para, então, algum deus brincalhão jogar os restos sobre a fazenda. Os lagos e fontes, antes límpidos, estavam barrentos e repletos de mato boiando. No caminho até a colônia, cerca de dez minutos a pé da casa sede, ela contou ao menos cinco árvores caídas, uma delas no meio da trilha, parecendo o braço de um gigante. O tronco estava coberto por uma camada de musgo. Sem

pensar que sua atitude seria condenada por Isabel e especialmente por seu marido, ela arregaçou as saias e pulou o tronco. Enquanto andava, viu na área mais baixa os armazéns danificados e dezenas de homens trabalhando ali.

— *Disgraziato de Afonso. Non ha fatto nada* do que eu pedi.

Na colônia, onde alguns homens e mulheres trabalhavam, havia muito a ser feito. Três casas tinham sido atingidas, e ao menos cinco foram parcialmente destelhadas.

— Alguém se feriu? — perguntou a um dos colonos assim que chegou ao local.

— Dois homens e uma mulher, *ma grazie Dio* parece que não foi nada grave. Eles já foram levados para ver o médico.

A chuva apertava outra vez, e o tecido leve do vestido começava a pesar sobre o corpo de Angelina. Homens corriam para lá e para cá, crianças choravam e as casas sem danos nos telhados abrigavam o dobro de pessoas que cabiam dentro delas.

— Senhor, qual o seu nome? — indagou para um dos rapazes que ajudavam a remover um troco da frente de uma das casas.

— Giuseppe — replicou, sem olhar para ela.

— *Signore Giuseppe, aiutami* a reunir as mulheres com crianças pequenas e vamos todos para a cozinha da casa sede. Precisamos pegar roupas secas e...

— *Dio mio* — exclamou o homem —, é a *signora* Guimarães... A senhora não deveria estar aqui. Algumas árvores ainda podem cair e...

Ela segurou na mão do homem com firmeza, interrompendo-o antes de falar, em italiano:

— Não estou fazendo nada de mais, apenas tentando ajudar. Então, por favor, me ajude a reunir as mulheres e as crianças. Ou melhor, vá até a casa sede, encontre dona Isabel e traga-a até aqui. Diga que preciso dela na colônia.

— *Sí, signora. Grazie a mille* — Giuseppe respondeu e saiu correndo em seguida.

Angelina caminhou sobre a terra encharcada. As saias do vestido estavam grudadas em suas pernas, dificultando os movimentos. Ela queria achar um dos guardas da fazenda e pedir ajuda para a colônia. Tomou o sentido dos armazéns, passando em frente às casas que foram mais atingidas. Um homem alto e moreno saiu de dentro de uma delas com os olhos azuis vidrados, as faces pálidas e a respiração falha. Parou, arqueando as sobrancelhas castanhas ao provavelmente reconhecê-la.

— *Signora, per favore*, meu irmão entrou na casa para pegar alguns pertences... quando, quando a árvore escorregou um pouco mais e ele... Ele está preso, *signora. Per Dio!*

Sem pensar em nada, ela entrou na casa atrás do colono.

— Devagar — ele pediu ao desviarem de uma mesa.

O ambiente abafado tinha cheiro de terra, roupas que foram molhadas sem sabão, café, plantas esmagadas e lenha úmida. Estava escuro. O único foco de luz vinha da parte do telhado que havia desabado, e, como era uma noite sem lua, era praticamente impossível enxergar muita coisa. Uma árvore enorme cortava a casa na diagonal.

Ela o viu. O corpo comprido estava deitado no chão. Pelo que conseguiu enxergar, parte da árvore o cobria.

— *Dio Santo!* — murmurou, abaixando-se. — Precisamos de luz aqui.

— Matteo — uma voz rouca e baixa chamou —, *deve chiedere*, deve pedir por ajuda.

O coração de Angelina lutava contra as costelas. Uma luz foi acesa do seu lado direito.

— Aqui, *signora*.

Ela agarrou a lamparina, rápida, e se afastou um pouco para enxergar melhor.

A árvore o prendia na altura do peito. Uma onda de alívio imediato percorreu os músculos da jovem ao se dar conta de que dois galhos laterais serviam de apoio e impediam que o tronco caísse com todo o peso em cima do homem. Mesmo assim...

— *Signore* Matteo — usou o nome murmurado pelo outro colono —, a árvore está parcialmente suspensa. — E estendeu a lamparina na direção do chão.

— Estou vendo.

— Mas os galhos podem não resistir... Volte com o máximo de homens que conseguir. Precisamos remover o tronco com muito cuidado.

Ela deu a volta e se sentou no chão ao lado do homem deitado no espaço que não estava ocupado pela árvore.

— *Signora* — começou Matteo, com a voz fraca —, um galho enorme está pendurado sobre o que resta do telhado. Pode cair a qualquer momento. Poucos vão querer se arriscar... Eu disse para Vincenzo não entrar *qui*. A *signora* também deve sair.

Ela negou com a cabeça, dando-se conta somente naquele momento do

barulho de vigas cedendo lentamente, como as cordas esticadas de um mastro em movimento.

— *Rapido*, Matteo — o homem voltou a murmurar. — Eu mal consigo respirar.

— Eu vou ficar aqui e o senhor vai dizer a quem for preciso que eu só sairei desta casa quando ele...

— Meu irmão. Vincenzo — Matteo completou.

— Quando o senhor Vincenzo estiver a salvo.

Matteo saiu correndo da casa, do que restou da casa, e Angelina agarrou a lamparina, enxugando o exterior do vidro úmido com a parte interna da saia. Em seguida, levou-a para próximo deles. Fitou o telhado parcialmente destruído. Ao redor, o chão estava coberto por folhagens, galhos e telhas espatifadas.

Ouviu a respiração rápida e sofrida do rapaz e um grunhido enquanto ele tentava murmurar algo.

Observou onde conseguiu e não encontrou sangue no chão, nem nas roupas, mas realmente ele parecia incapaz de respirar direito. Sabendo que precisava fazer algo para acalmá-lo, ou talvez... se acalmar, ela levou a mão pequena e morna ao peito frio e ofegante de Vincenzo. Colocou-a na altura das clavículas e ele estremeceu ao toque. Dobrou o corpo a fim de se aproximar um pouco mais. Ele tinha cheiro de chuva, natureza, café e sabão e, por algum motivo, isso a fez se lembrar de casa. Angelina se acalmou e se encheu de determinação. Ela estava lá para ajudar, e aquele homem precisava de ajuda.

— Senhor Vincenzo — disse baixinho, fazendo uma pressão suave em seu peito —, tente respirar devagar. Nós já vamos tirá-lo daqui.

— Está doendo *molto*.

— Já vai passar. *Tutto* ficará *bene*. — O telhado estalou alto e ela agarrou a medalha pendurada no pescoço. — Minha santa Lúcia, *che tutto va bene*.

— Minha mamma — o homem começou com a voz fraca — é devota dela. *Io* só voltei para casa para salvar as cartas da família e o meu livro.

Angelina, que olhava para o telhado, curvou o pescoço para baixo e o encarou, encontrando um par de olhos azul-escuros arregalados ao reconhecê-la: a senhora da fazenda.

Uma nobre italiana — assim como o barão a apresentara para os colonos.

Alguém que não devia estar ali, não devia se misturar com eles.

Sua gente.

Seu povo.

E tudo ali a fazia se lembrar da Itália. Mesmo em um dia conturbado como aquele, em um momento difícil como aquele, tudo ali a fazia se lembrar de casa e ela nunca se sentiu tão só.

Os olhos dele refletiam riscos dourados da chama da lamparina, como o céu ao anoitecer cortado por faíscas de estrelas. Ela se deixou envolver pelo magnetismo daquele veludo azul enquanto seu coração continuava a brigar por espaço no peito.

Vincenzo ergueu o braço livre e, para a surpresa de Angelina, ele a tocou no rosto com a ponta dos dedos ásperos antes de dizer, ofegante:

— É você, *mio angelo*. *Mia Madonna*.

Ela arfou, confusa, e engoliu em seco quando os dedos do rapaz desenharam a curva de seu pescoço e pararam em cima da veia que pulsava rápido. Ele fechou os olhos, murmurando:

— *Mia Madonna*.

Devia estar delirando e atormentado pela dor. Isso explicava o que acabara de fazer. Mas decerto não explicava o pulso acelerado de Angelina e a sensação de estar a ponto de derreter. O medo de morrer talvez tivesse afetado seus nervos. Estava prestes a se levantar quando Matteo entrou na casa, seguido por um grupo de colonos.

— *Grazie Dio* — e Angelina não soube direito o motivo pelo qual agradecia.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Bernardi

Vincenzo fitava a jarra de água e o papagaio de metal na mesinha ao lado da cama, sem saber qual dos dois tinha mais vontade de atirar na cabeça de Matteo.

— E por que diabos você não me acordou?

Matteo encolheu os ombros.

— Ela pediu para não incomodá-lo. Além do mais, quando eu cheguei, ela já estava aqui fazia algum tempo.

Vincenzo abriu a boca para reclamar, mas teve a sensação de que a língua estava grossa e a boca seca parecia cheia de cola. Tentou se mover, mas uma pontada no peito o fez parar.

— Você quer alguma coisa?

— *Acqua, prego.* Por favor.

O irmão pegou uma jarra de barro e verteu um pouco de água em um copo de louça. Vincenzo respirou fundo, até onde a dor no peito permitiu, sentindo o cheiro de cera de madeira, sabão carbólico e éter. Era o mesmo sabão usado para lavar os estábulos e os armazéns de café depois que as sacas eram vendidas, a fim de eliminar a proliferação de fungos. Sabia que estava no posto médico da fazenda.

Lembrou-se de que, quando chegara, na noite anterior, o médico o havia examinado e dito que ele tivera sorte, pois aparentemente não havia deslocado nenhuma costela. Ele deveria ficar com o braço esquerdo, parte do tronco e metade do tórax imobilizados por faixas de gaze ao menos por um tempo.

— *Enquanto o senhor sentir dor ao respirar, não deve fazer movimentos bruscos. Permaneça em repouso.*

— *Por quanto tempo?*

O médico, um senhor calvo e esguio, arrumou os óculos antes de responder:

— *De trinta a sessenta dias. Depende do seu organismo.*

Vincenzo se agitou.

— *Não posso ficar tanto tempo parado. Eu preciso trabalhar.*

— *O senhor tem sorte de o osso não ter se movido e perfurado um órgão. Tem sorte de estar vivo.*

Ele se calou e tomou o remédio prescrito para diminuir a dor. Provavelmente o responsável pelo fato de, naquele momento, ele sentir como se tivesse bebido demais.

Deu um gole na água que Matteo lhe oferecia e sua mente voltou à visita que, Matteo contara, recebera poucos minutos antes: Angelina.

— Ela disse alguma coisa?

— Disse que não para de pensar em você e que nunca viu um homem tão atraente.

O coração estúpido de Vincenzo acelerou, mesmo sabendo que Matteo estava zombando dele. Conhecia o irmão e o sorriso contido em seus lábios toda vez que era sarcástico.

Matteo prosseguiu:

— Disse também que queria *sposarti*, casar com você. Isso, é claro, se ela não fosse casada com o dono da fazenda — terminou em voz baixa, as sobrancelhas morenas arqueadas desafiando-o com o olhar.

— *Lo so*. Sei quem ela é.

— Acho que às vezes você esquece. Não é à toa que está na cama por causa desse maldito livro — disse, lançando um olhar sobre a mesinha lateral, onde um exemplar de *A divina comédia* descansava. — Me pergunto se você não entrou na nossa casa desabando por causa do lenço também.

Vincenzo tentou respirar fundo, contrariado, mas uma pontada de dor o fez segurar o movimento.

— Eu entrei para buscar as cartas da nossa mamma e o meu livro. Nem pensei no lenço — mentiu. Uma parte sua, ao entrar na casa, lembrou-se também da peça delicada guardada dentro das páginas amareladas do livro. — Eu só queria saber o que ela disse hoje.

— Quando cheguei ao quarto, ela já estava aqui. Perguntou se você estava bem e se precisávamos de alguma coisa, então foi falar com o médico e voltou para se despedir... Satisfeito?

Vincenzo assentiu, fitando a janela gradeada por toras de madeira. Mais uma lembrança da escravidão, dos homens que passaram por ali antes, dos horrores vividos por muitos naquela fazenda, naquele país. Vincenzo não se conformava com a ideia de que, antes de sua gente chegar, outro povo tenha vivido entre correntes e grades a fim de erguer e sustentar a riqueza de um país.

Ouviu Matteo murmurar:

— Você não viu a maneira como o cão de guarda a tirou da colônia ontem?

Vincenzo sentiu a garganta secar ainda mais.

— Afonso?

— Não, o cão de guarda de saia.

— A senhora Isabel?

— Ela entrou como um general e só faltou arrastar a senhora Angelina de lá. Sei que ela tinha razão em estar preocupada com a segurança de sua senhora, mas isso deixa claro...

— O quê, Matteo?

— *Le nostre differenze.*

— Como se precisássemos disso para lembrar. — Ele lançou um olhar para as janelas gradeadas e depois para os poucos móveis do quarto: a cama em que estava deitado, uma mesinha de cabeceira e uma cadeira.

— Eu não quero que você se iluda, Vince. Antes ela era apenas um delírio distante, mas, depois de ontem, todos na colônia não falam de outra coisa: a senhora Angelina Guimarães, além de bela, é uma mulher corajosa e bondosa. Acredite, eu reconheço que ela é mesmo extraordinária. Mas...

— Mas continua sendo um delírio distante, eu sei... *Cazzo!*

— Ela também visitou os outros dois colonos que se machucaram.

— É claro que sim — replicou, entendendo o que o irmão queria ao ressaltar aquilo. Angelina não estivera lá para vê-lo, não estava preocupada somente com ele. E por que estaria? Pensar isso era descabido e ridículo. Ainda mais absurda foi a pontada de decepção que sentiu. Abriu a mão esquerda próxima ao coração, que estava apoiada na tipoia.

O que é isso?

— Tenho que ir para os cafezais.

Vincenzo aquiesceu, apertando o papel na palma e sentindo um volume mais rígido no meio dele.

— Volto mais tarde... Comporte-se — Matteo disse, se virando.

Ao ver o irmão se afastar, abriu o papel firmemente dobrado como um

envelope com a ajuda da mão direita e encontrou uma medalhinha de santa Lúcia.

Santa Lúcia. Seu pulso acelerou quando desdobrou toda a folha e notou que havia algo escrito em uma caligrafia delicada.

Senhor Vincenzo,

Ontem, enquanto estava preso sob a árvore, o senhor clamou por santa Lúcia. Talvez não se lembre devido à dor e ao choque, mas tenho certeza de que santa Lúcia o ajudou a nascer de novo em meio aos galhos daquela árvore caída. Tenho certeza também de que neste momento o senhor precisa mais desta medalha do que eu. Essa medalha foi um presente de minha mamma, então, a única coisa que peço é que ela volte para mim assim que o senhor estiver recuperado. O senhor estará em minha orações.

Angelina Guimarães

Vincenzo fechou os olhos, apertando a medalha na palma da mão. Sentiu o contraste do metal frio e rígido contra a pele macia e quente.

O batimento acelerado o fez ter vontade de respirar fundo, mas a dor anulava o alívio natural. Inquieto, esticou o braço direito, ignorando o desconforto no peito, e agarrou o livro: *A divina comédia*. Abriu na página marcada pelo lenço e murmurou uma oração de graças a santa Lúcia por estar vivo. Lembrou que ela foi citada por Dante Alighieri como a santa da graça iluminadora.

Com cuidado, enrolou a medalha no tecido bordado, guardou o embrulho dentro do livro, fechou a capa e se deixou embalar pelo sono, cantando baixinho a música da santa que trazia lembranças de sua infância em Nápoles. Sem perceber que uma parte dele cantava não apenas em devoção à santa, separada dele pela distância do paraíso ao inferno, mas também em gratidão a Angelina, separada dele pela distância do céu à terra.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Soldera

Ela soubera que o senhor Vincenzo havia saído do posto médico fazia dez dias. Naquele momento olhava para a enorme jabuticabeira que ficava próxima à casa sede, quase em frente à varanda de seu quarto. Desde que os troncos se cobriram de bolinhas gordas pretas e brilhantes, as crianças da colônia vez ou outra corriam até lá e enchiam os aventais com frutas. Às vezes, como naquela tarde, ficava na varanda para vê-las se lambuzar enquanto riam alto e brincavam.

Angelina adorava sua varanda. Para ela, aquele lugar era um pedaço de liberdade. Lembrou que, na manhã anterior, logo após se banhar e se trocar, encontrou no canto dessa mesma varanda um ramo de flores brancas do cafezal — estavam no início de outubro, época das flores do café — e um papel dobrado como envelope. Ao abri-lo, viu a medalha de santa Lúcia e um bilhete.

Não soube por que tinha lido aquelas palavras mais de vinte vezes no dia anterior, até decorá-las. Talvez porque as cartas que recebia ou enviava para a Itália eram sempre lidas antes pelo barão.

Angelina chegara a protestar, mas Pedro dissera que fazia isso para o seu bem, para a sua segurança.

E se forem notícias tristes? — respondera o marido. Eu quero cuidar de você e de sua família, Angelina.

Como toda a correspondência da casa sede passava pela mão dele, ela sabia que era inútil insistir. Mas era impossível deixar de sentir que algo tão íntimo como uma carta perdia um pouco do significado ao ser compartilhada com uma terceira pessoa.

Talvez por isso, sorriu como uma boba quando começou a ler o bilhete.

Por sentir que aquela troca era somente dela, decorou o que estava escrito.

Cara senhora Guimarães,

Eu e meu irmão Matteo, a quem obriguei a escalar a trepadeira de sua varanda, somos muito gratos pelo que a senhora fez na noite do temporal.

Eu soube que a senhora se preocupou com minha recuperação e com a dos outros colonos que se feriram. Graças a Deus estamos todos bem. De minha parte, não tenho mais dor, mas ainda estou em recuperação. Quando Matteo entendeu que eu subiria até a sua varanda somente com o braço direito, resolveu me ajudar.

Eu precisava devolver a medalha, que foi milagrosa em minha cura. O médico acredita que no máximo em mais quinze dias estarei pronto para voltar ao trabalho.

Grazie mille, senhora. Por tudo.

A risada alta de uma das crianças chamou sua atenção. Elas ficaram sem graça ao perceber que eram observadas e pararam de colher os frutos.

— *Non*, esperem! — Angelina gritou ao notar que os pequenos fizeram menção de sair de junto da árvore.

Desceria até lá e finalmente provaria aquelas frutas, que pareciam tão saborosas.

— E elas são azedas? — perguntou para um dos meninos.

— *Non signora* — um garoto com cabelo preto e rosto corado respondeu.

— As mais gordinhas são doces como mel — completou uma menina loirinha e que tinha o canto da boca inteiro respingado de cor de vinho.

— Nunca vi dessas na Itália — pensou alto, analisando a fruta entre os dedos.

— Mas as melhores estão nos galhos altos — o mesmo garoto de cabelo preto corou ainda mais. — Desculpe, senhora, nós comemos todas as maduras e fáceis de pegar.

As quatro crianças fitaram o chão de terra ao mesmo tempo, parecendo constrangidas.

— *Perdonami* — disse uma menina que tinha sardas no rosto e lembrava sua irmã menor.

Tratavam-na como se ela fosse puni-los. Angelina odiava essa distância

entre ela e os colonos, como se um muro invisível se erguesse entre eles, como se eles fossem diferentes somente porque ela era esposa do barão. Resolvida a tentar mudar isso ao menos com aquelas crianças, ela descalçou os sapatos, sentindo a terra morna na sola dos pés, ergueu as saias até a altura do joelho e agarrou o galho mais baixo, dizendo:

— Vou subir até o meio do tronco. Sou mais alta do que vocês, com certeza consigo alcançá-las.

Todos a encararam com os olhos brilhando e sorriram, animados.

Tempos depois, estavam sentados no chão em volta da árvore, saboreando as dezenas de frutinhas que Angelina conseguira pegar.

Ela levou uma delas até a boca, apreciando a casca explodir e o caldo doce e refrescante encher seus sentidos. Era como uma cereja, com gosto mais marcante e sedutor.

— Agora entendi por que vocês acabaram com todas e... — Parou quando as duas crianças que estavam de frente para o casarão arregalaram os olhos, levantando em seguida.

— O senhor barão — murmurou uma delas, e todos olharam na direção da casa sede.

Pedro vinha até eles, seguido por Isabel. Ele caminhava com a expressão fechada, inteiro trajado de preto exceto pela camisa branca, que se destacava. Usava inclusive a cartola e a bengala, como se não tivesse entrado em casa após regressar da longa viagem.

O barão estivera fora da fazenda desde o dia anterior ao temporal.

Ela respirou fundo, tentando se alegrar com a presença do marido. Tentando encontrar a parte dentro de si que queria sentir saudades dele. Assim como sentia de casa. Assim como sentia de sua família.

Ele é minha família agora.

Conforme o marido se aproximava, as crianças largaram as frutas no chão e saíram correndo em direção à colônia. Angelina se levantou, tentando recompor-se. Passou os dedos nos cabelos e notou as pontas tingidas de vinho.

Ele parou à sua frente, seguido por Isabel, meio esbaforida, e observou-a de cima a baixo. Os pés descalços, o vestido mais simples que possuía, um que trouxera da Itália. O traje era leve e confortável, e Angelina se sentia bem dessa maneira, com o cabelo meio solto. Possivelmente, além dos dedos sujos do caldo da jabuticaba, parte do rosto também deveria estar, assim como — torceu a boca para baixo — o colo do vestido.

— Boa tarde, minha senhora — disse, tocando na aba da cartola. — É nessa condição que eu lhe encontro após dias de ausência?

Ela umedeceu os lábios, capturando o resto de suco da fruta antes de responder:

— Eu não sabia que o senhor voltaria hoje.

As sobrancelhas espessas e claras de Pedro se uniram, e ele passou o dedo na ponta do bigode, enrolando-o junto à parafina usada para moldar os fios.

— Suba com dona Isabel, se banhe e se apresente na biblioteca de maneira decente, como a senhora desta casa deve se apresentar.

Atônita, ela o viu virar as costas e sair.

Sem um toque. Um carinho. Uma demonstração de que sentira sua falta.

Tratou-a como se ela fosse uma estranha.

— *Você não pode se vestir desse jeito, como uma camponesa. Sair de casa assim, parecendo uma... rameira. Quando eu me casei com você, seu pai me garantiu que, apesar de vocês estarem beirando a miséria, você tinha sido muito bem-educada, afinal já foram uma família de posses em Florença.*

Conforme Angelina subia a escada para seu quarto após encontrar com o marido na biblioteca, as falas de Pedro ainda reverberavam pelas paredes do casarão, dentro dos cômodos, entre os degraus, em cima do telhado, em cada osso de seu corpo, vibrando em seu peito e formigando em sua pele.

— *Você foi até a colônia na noite do temporal, se colocando em perigo, me expondo diante dos meus trabalhadores — ele rugiu. — Colocando-me em perigo! Arriscando tudo!*

— *Eu tentei ajudá-los —, ela disse, entredentes. — Seus trabalhadores!*

— *Cale a boca — ele ordenou, em voz baixa e ameaçadora. O sangue dela gelou.*

Angelina subiu mais um degrau e voltou a lembrar do que o barão dissera havia pouco:

— *Achei que você tivesse educação.*

— *Esses colonos, essa gente nos odeia, não se iluda.*

Subiu mais.

— *Você não tem maturidade.*

Outro degrau.

— *Tem ideia do que poderia ter acontecido? E se eles a machucassem?*

Pedro a abraçou. Como se ela fosse importante. Como se a estivesse protegendo.

Angelina não retribuiu, e ele se afastou.

Mais um degrau.

— Parece uma menina. Uma criança mal-educada. Como pôde se colocar em risco dessa maneira?

Subiu mais alguns degraus, suas pernas ainda tremiam.

— Eu a proíbo de sair de casa.

Ela elevou a voz novamente, opondo-se:

— Como assim?

Ele a segurou, a sacudiu, ela se desvencilhou, ele a segurou com mais força.

Chegou ao largo e amplo corredor.

— Na minha juventude, as coisas funcionavam melhor. As mulheres mal saíam da casa sede. Minha mãe nunca desafiou o meu pai desse jeito, nunca se colocou em risco dessa maneira insensata e egoísta.

Parou na frente do quarto.

— Está proibida de usar essas roupas fora da área íntima do casarão.

— Mas eu gosto delas.

— Vai me desobedecer? — Ele a segurou com força na curva dos braços, outra vez.

Colocou a mão na maçaneta.

— Eu jogo tudo fora, eu a tranco no quarto.

Sentiu a peça de murano gelada entre os dedos antes de abrir a porta.

— De hoje em diante, se você não tem maturidade e se coloca em risco dessa maneira estapafúrdia, eu terei que tomar as rédeas da situação.

Fechou a porta atrás de si.

— Não quero você na colônia, não quero você entre aquela gente rude e que só espera a oportunidade certa para me atingir, me enfraquecer. Através de você, se for preciso.

Ela entrou no quarto.

— Só sairá daqui acompanhada por dona Isabel, mesmo que seja para andar nos arredores da casa. Fui claro?

Pedro segurou as suas bochechas com força até a carne grudar nos dentes e balançou a cabeça em uma afirmativa forçada e estúpida. Como se ela fosse uma boneca de pano.

Respirou fundo e se olhou no espelho, vendo as lágrimas encherem seus olhos. Deixando-os mais claros.

Aquilo tinha sido uma agressão?

Pedro não batera nela, como Angelina chegara a temer.

Casais brigavam, discutiam. Isso era natural, não era?

Ele se irritou porque ela tinha se colocado em risco, fora isso.

Será que essa grosseria do marido fora culpa dela?

Se não tivesse se arriscado, se não tivesse desobedecido a Isabel, que pedira para ela ficar em casa na tarde do temporal, nada disso teria acontecido.

Ainda assim, ela se sentia angustiada, com vontade de gritar e de...

Era errado. Devia respeitá-lo, como jurou que faria.

Fechou a porta atrás de si.

— *Confiança é algo que se conquista, Angelina, e você perdeu a minha. Comporte-se e poderá reconquistá-la.*

Deitou na cama e enterrou a cara no travesseiro.

— *Muito bem. Vá para seu quarto e reflita como você errou. — Deu um beijo em sua testa. — Nos veremos no jantar.*

Angelina gritou com a boca presa nas plumas do travesseiro importado, o coração perdendo as asas no peito.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Pantarotti

QUINZE DIAS DEPOIS...

O som do piano fluía pelo ar e devolvia para ela lembranças de casa, de quando ainda era criança e se sentava no chão para ouvir a avó tocar. E a avó sempre tocava como um anjo. Era uma época sem problemas, sem falta de dinheiro, sem preocupações. Isso foi antes de o pai perder o que havia investido em um comércio em Florença e de a família precisar vender tudo e se mudar para Montecatini (cidade de origem do pai de Angelina, na Toscana). Foi antes de eles precisarem trabalhar na lavoura para sobreviver.

Angelina gostava de tocar piano, mas sempre preferia ouvir a tocar. Fazia alguns anos que não tinha acesso a um. Quando as coisas se tornaram difíceis em sua casa, o piano foi um dos primeiros itens a serem vendidos. Fazia tempo também que não ouvia ninguém tocar, e a senhora Maria Francisca Monteiro de Barros tocava como poucas pessoas que conhecera.

Ali, as paredes cobertas pela cor dos pêssegos eram adornadas por sancas de madeira preenchidas com tinta dourada. Os motivos florais das poltronas pareciam combinar com a música dedilhada com uma perfeição que evocava a beleza da primavera.

Ela agarrou a corrente e a medalha de santa Lúcia, lembrando que no dia anterior, sem aguentar mais, perguntara a Isabel se os colonos que haviam se ferido na tempestade estavam bem. Questionou sobre todos, mas queria saber realmente sobre o senhor Vincenzo. É claro que se preocupava com os outros também, mas, talvez, por terem dividido aquele momento de perigo e aflição junto à árvore, pela medalha, as flores e a carta, ela ainda pensasse nele com alguma frequência.

A governanta respondeu que todos passavam muito bem.

Vez ou outra, passeando com dona Isabel pela fazenda, ela o via trabalhando e seu coração disparava. Então, obviamente ele estava bem, mesmo assim não conseguiu evitar a pergunta mais direta.

A canção atingia o ápice, chamando sua atenção de volta para a sala.

A senhora Maria Francisca deslizou os dedos com habilidade pelas teclas, concluindo a melodia.

Angelina bateu palmas, entusiasmada.

— Obrigada. Eu realmente amo Chopin.

A senhora fez uma reverência com a cabeça, agradecendo.

— E quem poderia não amar?

— Me parece impossível alguém não gostar.

Francisca, como gostava de ser chamada, era uma das mulheres mais influentes da sociedade paulistana e, apesar de nunca ter feito nada para isso além de se casar com um fazendeiro rico e importante — como ela mesma fazia questão de lembrar —, tinha as noites preenchidas com festas, jantares e saraus. Ao saber que Pedro Guimarães havia se casado novamente e, por morar em uma fazenda próxima, Francisca passou a visitar Angelina com certa frequência.

— E como vão os preparativos para o seu jantar de apresentação?

Angelina suspirou lentamente. Estava tão ansiosa para que tudo desse certo com a organização do tal jantar. Queria provar para o marido que era capaz. Queria surpreendê-lo e deixá-lo orgulhoso. Esforçava-se dia a dia para que a pouca convivência com Pedro fosse agradável, mesmo após ele ter sido agressivo e tê-la feito se sentir mal quanto ao episódio do temporal. Ainda tinha esperança de que, com o passar do tempo, Pedro se tornasse, além de seu marido, um amigo. Tentava aprender a amá-lo da maneira como ele deixava.

— Você sabe — começou, introspectiva —, meu marido me deixou responsável por organizar tudo praticamente sozinha.

— Deixe-me ver com a senhora Isabel se falta algo, ou se posso ser útil de alguma maneira.

Faltando quarenta dias para o jantar, Angelina mal conseguia organizar mentalmente tudo o que precisava fazer: checar todas as louças e talheres, dispor quantos criados ajudariam na recepção e suas respectivas funções, escolher o cardápio, conferir a limpeza e a funcionalidade dos candelabros e lustres, das tapeçarias, das pratas, dos cristais e do salão. Dispor os lugares à

mesa e organizar a lista de convidados — uma lista de pessoas que ela não conhecia nem mesmo por nome e...

— Vou ajudá-la — a voz de Francisca chamou sua atenção. — Você é apenas uma menina e chegou há pouquíssimo tempo em nosso país. — Levantou-se devagar, alisando as saias do vestido de seda, e lhe estendeu a mão antes de concluir: — Venha, minha criança. Eu mesma vou falar com a senhora Isabel.

— Você faria isso? — Angelina perguntou, surpresa. — Muito obrigada. Francisca arqueou as sobrancelhas finas.

— Não me agradeça. Acho um absurdo o senhor Guimarães lhe deixar responsável por tudo, sendo que faz tão pouco tempo que você chegou aqui.

— Bem... Na maior parte dos dias ele é um bom marido. Quando está em casa. — Ela parou e mordeu o lábio, pensativa. — Na verdade, ele quase nunca está... Mas sempre que se encontra é tão preocupado em cuidar de mim, e ele... ele faz de tudo para me fazer feliz... Veja.

Estendeu o braço, mostrando o delicado bracelete de esmeraldas com brilhantes que o barão lhe dera uma semana atrás, convencida de que, para uma mulher na posição de dona Francisca, aquilo seria prova suficiente de como o barão a queria bem. As palavras de Isabel voltaram a sua memória: “É assim que eles provam que realmente querem bem as suas esposas”.

Francisca segurou seu pulso, tocando no bracelete antes de perguntar:

— É uma joia linda... Mas, realmente, é isso o que a faz feliz?

Ela concordou em silêncio. Era o certo a fazer. Dona Francisca estreitou o olhar, com ar de dúvida.

Por fim, Angelina negou.

Era fácil perceber a experiência e a sabedoria que emanavam de Francisca. Com cerca de cinquenta anos, alta e magra, cabelo farto e grisalho, era refinada, culta e generosa. Sorria sempre sem mostrar os dentes, um riso contido e doce, mas, sobretudo, sorria com o olhar. Deixava Angelina tão à vontade que, em pouco tempo de convivência, tornaram-se amigas.

— Entendo — prosseguiu Francisca. — E desde quando o senhor Guimarães se ausenta assim?

— Desde que chegamos ao Brasil.

— Eram recém-casados? Bem, ainda são, na verdade.

— Sim.

— E ele lhe deixa sempre sozinha? Recém-casada e recém-chegada a um novo país? Ah. — Estalou a língua, com expressão pesarosa. — Pobrezinha.

Angelina engoliu a vontade de chorar, por fim entendendo aonde Francisca queria chegar com aquelas perguntas. Realmente se sentia bastante só. O casamento se mostrara completamente diferente do que um dia tinha sonhado. Pedro mal conversava com ela sobre assunto algum enquanto estava em casa, o que era bem raro. De certa maneira, depois daquela conversa na biblioteca, as coisas ficaram ainda piores. Ela vinha se agarrando a qualquer gesto mais íntimo ou cordial, a qualquer troca, por menor que fosse junto ao marido.

Quando o barão lhe dirigia mais de uma frase, ela se sentia estranhamente confortada e até mesmo motivada. Dois dias antes, por exemplo, enquanto tomavam o desjejum, Pedro espontaneamente elogiou seus progressos com o piano.

Quem sabe o piano seria uma maneira de aproximá-los um pouco mais? Apertou os dedos entre as saias do vestido ao se lembrar de que mesmo as visitas noturnas se tornavam cada vez mais esparsas. Angelina, que no começo sentia odiar aquele contato íntimo, até mesmo dele acreditou sentir falta.

Não, isso não era verdade.

A verdade é que ela estava tão só que sentia falta de qualquer contato, palavra ou olhar mais atencioso.

Sorriu discretamente, tentando se animar. Além do mais, não queria que a amiga pensasse que ela era ingrata ou que valorizava as coisas erradas, assim como Pedro afirmava toda vez que Angelina pedia para acompanhá-lo nas viagens, ou quando tentava conversar com o barão sobre amenidades, sobre qualquer assunto sem que ele tivesse iniciado o diálogo.

— Eu não sou infeliz, sabe? Tenho a minha escrita.

Francisca assentiu com a cabeça, encarando-a com uma ruguinha entre as sobrancelhas.

— Gosta de mais alguma coisa além de escrever?

Angelina sorriu de maneira mais aberta.

— Sempre amei a minha horta na Itália e gostava de criar pratos diferentes com a minha mamma. Apesar de o barão não me deixar ficar na cozinha, ele disse que eu poderia ir aonde quisesse na fazenda, acompanhada de Isabel ou de alguém de sua confiança. Para minha segurança, é claro — justificou-se. — Por isso, também, ele não me leva nas viagens que faz até a capital ou a cidades próximas. Pedro diz que a maioria dos maridos aqui no Brasil não deixa a esposa nem mesmo sair de casa e...

— Já ouvi o bastante — afirmou Francisca, com um ar tenso. Apertou um pouco a própria mão antes de concluir: — Já entendi que você tem sido forte e generosa em não reclamar das condições do seu marido, ainda que, a meu ver, elas pareçam tão supérfluas e triviais.

Angelina arregalou um pouco os olhos. Ela nem sabia que precisava tanto ouvir essas palavras até elas terem sido ditas por Francisca. Começava a achar que estava ficando louca e que realmente era uma ingrata por querer coisas demais, por querer algo além de toda a ajuda que o barão dera a sua família, por desejar mais companhia, por querer mais intimidade, mais afeto.

— Obrigada — replicou baixinho, sem saber o que mais deveria falar.

— Venha. — A mulher passou o braço por cima de seu ombro. — Não importa o trabalho que me dê, vou fazer esse seu jantar ser o mais perfeito de todos os tempos.

— Você faria mesmo isso?

— É claro que sim. Considere feito.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Giaciani

Angelina se concentrava em tudo o que pudesse fazer sua vida ali melhor: as visitas semanais da senhora Francisca Monteiro, os fartos cafés da manhã — a refeição preferida de Angelina —, as conversas com a senhora Isabel, os livros que amava ler, a cozinha que havia algumas semanas frequentava escondida do barão, onde ajudava a preparar pratos, doces e pães. Lá, entre panelas e caldos, massas e assados, tinha alguns momentos de distração, risadas e conversas descontraídas.

Havia uma semana tinha encontrado uma estufa abandonada na mata próxima à mansão. Isabel dissera que era o jardim de inverno da mãe do senhor Guimarães e que, depois que ela falecera, ninguém ia até lá.

Tinha, acima de tudo, a sua escrita — mirou as folhas preenchidas sobre a mesa —, sem dúvida, o seu maior refúgio.

Guardou a caneta que usara e o mata-borrão. Então, pegou a folha recém-escrita com cuidado e a colocou sobre a enorme pilha de páginas repletas de palavras. Limpou a tinta das pontas dos dedos com dedicada atenção.

Fechou os olhos e suspirou devagar.

Faltava pouco mais de duas semanas para o jantar de apresentação, marcado para 6 de dezembro. Na noite anterior, receberam um poeta famoso na fazenda que lhes proporcionou um divertido sarau. Pedro deixou claro que após o jantar de apresentação, saraus e jantares como aquele seriam mais frequentes. Lembrou como se divertira na companhia do senhor Olavo Bilac. O poeta se hospedara na casa sede até aquela manhã. Ele lera algumas das poesias de Angelina, elogiando-a bastante ao final e...

— Sobre o que você escreve? — Pedro perguntou, entrando no quarto.

— Sobre muitas coisas — ela respondeu, com o coração acelerado,

surpreendida pela aparição repentina do barão em seu quarto, durante o dia.

— Nessa folha que está à sua frente, por exemplo. O que a fazia sorrir com tanto entusiasmo para o papel?

Se ela não fosse tão inocente ou o tivesse encarado um pouco melhor, teria percebido a veia pulsando no tenso maxilar e entendido que Pedro sentia raiva, ciúme e não admiração.

Teria inventado qualquer coisa.

Mas ela não pensou direito.

Então sorriu, tímida, tentando lhe agradar.

— Eu escrevia sobre a Itália... Na verdade, sobre um local específico aonde eu amava ir quando criança... Entre as colinas da...

Parou quando o marido arrancou as folhas de suas mãos.

— Foi isso que você mostrou para aquele poeta ontem? — Ele colocou os óculos e, sem dar tempo para ela responder, começou a ler em voz alta:

— Ainda sinto a cor das uvas na ponta dos dedos, toco uma nuvem em meus sonhos e ela se torna vinho. Percebo o ardor das lenhas estalando ao fogo e o cheiro doce do pão que me lembra da infância. O aroma vivo frutificado das colheitas que regam minha alma. Posso ouvir os cantos entre as colinas que fecham meu peito, enquanto meu coração me leva para casa.

Abaixou a folha, lívido.

— Você já está no Brasil há meses e ainda não está em casa aqui, Angelina?

— Eu... — Sua boca secou. Os olhos do marido estavam inflamados, os lábios presos em uma linha reta.

— Sim ou não?

— Eu estou.

— Sente saudade da Itália?

O que ele esperava que ela falasse? Não queria contradizê-lo, não queria irritá-lo ainda mais.

— Sim, quer dizer... É natural que eu sinta e eu... O que você está fazendo? — ela indagou ao vê-lo ir em direção à lareira e agarrar uma lamparina.

— Você acha que isso lhe trará a Itália de volta?

As mãos e a testa se molharam de suor. Nervosa, ela mentiu para satisfazê-lo:

— Não, tenho certeza de que não trará nada de volta. Eu nem mesmo quero voltar lá. Não sei por que escrevia sobre isso e...

Em um movimento brusco, Pedro jogou a folha no vão da lareira, abriu a

lâmpada, deixando querosene inundar o lugar, pegou a caixa de fósforos no aparador, acendeu um palito e atirou-o nos papéis, que queimaram em segundos, transformando-se em uma bola incandescente.

— Não! — Angelina gritou.

— Sua menina ingrata! — Pedro bramiu, pisando firme em sua direção. — Mentirosa... Você morre de saudade de casa, não é?

— Não — mentiu outra vez, a voz falha pelo choro contido.

— Eu faço de tudo por você, lhe dou joias todas as semanas, a mimo como se você fosse uma princesa.

As lágrimas nublaram seus olhos.

— E eu... eu agradeço por tudo.

Ele pegou as outras folhas que estavam à sua frente e voltou para perto do fogo. Começou em seguida a lê-las e jogá-las na lareira, com raiva.

— Mais sobre a Itália... Quanta idiotice... Quanta ingratidão.

— *Per favore, non!* — ela voltou a gritar, desesperada.

Outra folha se desfez na lareira.

— Sobre sua irmã?

— Não faça isso, eu lhe imploro — ela pediu, aflita.

Mais um bolo de folhas atiradas ao fogo.

— Eu devo esperar encontrar cartas de amor para outro homem? Para o poeta, talvez?

— Você está louco.

— Eu vi como você olhou para ele.

— Você não está raciocinando.

Ela tentou segurá-lo a fim de trazê-lo de volta à razão, os dedos deslizando no paletó de lã. Ele começou a abrir as gavetas das cômodas, da penteadeira, da escrivaninha, como um alucinado.

Angelina negou com a cabeça, respirando com dificuldade.

— Eu não olhei para ele de forma nenhuma.

Pedro nem respondeu. Encontrou no fundo de uma das gavetas os escritos de sua mãe.

— Por favor, essas não... São as lembranças que tenho de minha mamma... Não faça isso, por favor.

— Isso — ele caminhou até a lareira e atirou um maço de folhas nas chamas altas — é para você aprender a não ser tão inútil e ingrata. E, principalmente, a não flertar com outro homem. Nunca mais.

Angelina tentou andar até o fogo, mas, ao se aproximar, o barão a

empurrou com força. Ela perdeu o equilíbrio, caindo de joelhos.

— Por favor, eu lhe imploro. Não faça isso. Elas são um tesouro para mim... Não faça, não...

Sem pensar em nada a não ser salvar os escritos de sua mãe, engatinhou em direção ao fogo e foi empurrada por Pedro com ainda mais brusquidão. O impulso jogou-a contra a cômoda e Angelina fechou os olhos ao sentir uma fígada nas costas.

No quarto, os únicos sons presentes eram as respirações aceleradas, os soluços e o crepitar das lenhas queimando as mãos, os braços, os olhos, a pele e o coração de Angelina.

Tempos depois, passos altos ecoaram no assoalho e a porta foi aberta.

— De hoje em diante você não escreverá mais. Escrever não lhe faz bem.

— O quê? — ela perguntou, descobrindo os olhos.

— Está proibida de escrever até que você se sinta em casa aqui — ele bramiu, batendo a porta do quarto ao sair.

Angelina caminhou até a lareira com os olhos ardendo de raiva. Viu as chamas consumirem o que sobrara das frases, cinzas de histórias, cartas, poesias, o que era para ela como a vida. Chorou de um jeito doído. Deitou-se na cama em seguida, cobrindo-se com a manta, tentando vencer o frio das ações tortas do homem que ela chamava de marido.

Tentou se lembrar da noite anterior e do que tinha feito, da maneira como tinha se comportado junto ao senhor Olavo.

Mordeu os lábios por dentro. Talvez não devesse ter falado com o poeta. Não deveria ter falado com o senhor Olavo, ter dado motivos para Pedro pensar bobagens, fazer o que fez.

Mas o que ele estava pensando? Angelina tinha certeza de que não fizera nada de mais.

Mesmo assim, se tivesse sido esperta, se não tivesse agido daquela maneira ingênua, ainda teria os seus escritos.

— As palavras sempre estarão vivas — repetiu baixinho.

Por que, Pedro?, murmurou entredentes.

Ouviu a porta ser aberta e então fechada.

— Dona Angelina, a senhora não vai... — Era Isabel quem entrara no quarto, aproximando-se da cama. — O que aconteceu? — perguntou a governanta, com espanto na voz.

Sentiu as lágrimas turvarem novamente sua visão.

— O barão entrou no quarto, leu o que eu escrevia, se enfureceu e

queimou... Queimou todas as histórias da minha mamma, queimou quase tudo o que eu escrevi durante a vida inteira.

— Oh, meu Deus — murmurou Isabel, pegando suas mãos com carinho.

— Oh, meu Deus, dona Angelina, eu sinto muito.

Angelina se sentou, limpando os olhos.

— Eu nunca imaginei que ele fosse capaz de fazer isso. Conversei com o senhor Olavo Bilac ontem e mostrei meus escritos, então Pedro ficou enciumado, leu que eu escrevia sobre a Itália e...

— A senhora mostrou o que escrevia para outro homem? E escrevia sobre a Itália, dona Angelina?! — perguntou Isabel, em tom apreensivo.

Apoiou as mãos ao lado do corpo e se inclinou, confusa.

— E qual o problema?

— A culpa é minha — Isabel apertou a base do nariz. — Eu deveria tê-la alertado.

Os lábios da jovem tremeram.

— Sobre o quê?

— Oh, meu Deus... Sobre o senhor Guimarães. Entenda, ele é controlador, possessivo e ciumento... Com certeza acreditou que a senhora não estava feliz aqui. Com certeza acreditou que preferia desabafar com outro homem e se sentiu traído.

— Está justificando o que ele fez?

A governanta limpou as lágrimas de suas faces com um lenço.

— Não, minha menina, de forma alguma. Estou falando porque o conheço há muitos anos e para que a senhora também o conheça melhor. Se soubesse antes como certas coisas costumam deixá-lo... aborrecido, talvez esse desgaste pudesse ter sido evitado.

Angelina mirou a lareira, abatida. Isabel podia ter razão, mas nada daquilo fazia sentido.

— Estou cansada de toda essa mentira que virou minha vida, e o pior: fui eu quem escolhi isso. Eu deixei isso acontecer.

A governanta apertou um pouco seus dedos entre os dela em um gesto de apoio.

— A senhora não está sozinha. Eu estou aqui, minha menina.

Um raio de sol tocou a lateral de seu rosto. Angelina observou a seda e a renda fina das mangas de seu vestido.

— Isso tudo é ridículo... Eu me visto como uma rainha, sedas importadas, vestidos costurados na França, uso joias caras todos os dias, tenho aulas de

piano e etiqueta, devo sorrir e ser educada com todos o tempo inteiro, devo parecer a esposa perfeita e feliz — ela lançou um olhar perdido para a colcha da cama —, mas estou mentindo para mim mesma há meses. Hoje eu tive a prova de que nunca serei feliz aqui, Isabel. Eu tento, tenho me esforçado tanto para agradá-lo, para me aproximar e conhecê-lo melhor, mas nada do que eu faço parece ser o bastante. Nunca será o bastante... Eu preciso ir embora. Preciso voltar para minha verdadeira casa.

— Não... Não fale isso — a governanta pediu, afoita. — O barão nunca a deixaria em paz.

Angelina engoliu o nó na garganta, sem conseguir falar.

— A senhora quer continuar escrevendo? — Isabel prosseguiu, baixinho.

— Eu não sei se...

— Eu consigo o que a senhora precisar.

Angelina abotoou a manga do vestido com os dedos trêmulos. Havia se soltado quando ela tentava salvar os papéis do fogo.

— Não é só isso, dona Isabel. Eu preciso voltar a ser feliz.

— Eu vou ajudá-la com o que a senhora quiser fazer. — A governanta se levantou e passou as mãos no cabelo, agitada. — A estufa que encontrou, por exemplo, vamos fazer uma horta lá e levar alguns móveis, eu ajudo. Ali será o seu refúgio... Farei de tudo para a senhora ser feliz aqui, apenas... — A voz dela falhou.

— Apenas?

— Não desista — disse e voltou a se aproximar, segurando as mãos dela. — Não fale nada. Se o senhor Pedro desconfiar que a senhora pensa e fala coisas como ir embora, voltar para casa... ele... ele acabará com tudo.

Os lábios dela tremeram.

Acho que ele já acabou, pensou.

Isabel a abraçou com força, esmagando seu rosto contra o peito.

— A senhora tem uma família, e sua casa agora é aqui. Tenho certeza de que logo virão os filhos. — Suspirou tremulamente. — Uma gestação, filhos... Isso é o que mais importa na vida de uma mulher. Deus sabe como eu sofri por não conseguir segurá-los dentro da barriga.

Angelina passou a manga do vestido embaixo dos olhos.

— A senhora?

— Fui casada durante alguns anos — replicou, com os lábios enrugados. — Tudo o que mais queria era ser mãe, e Deus não quis isso para mim. Mas a senhora? Ainda é jovem, tenho certeza de que logo estará tão feliz com uma

criança no colo que nem terá tempo para pensar em mais nada.

— Eu só quero voltar para a Itália — murmurou.

— Não diga isso! Prometa que nunca mais vai repetir... Que nunca mais vai pensar nisso. Vocês são casados, ele é seu marido. Se a senhora conseguir ir embora, ninguém nesse mundo se colocará ao seu lado. Eu sei como as coisas funcionam para as mulheres.

Angelina ficou em silêncio, sem saber como responder. Queria dizer que não podia prometer algo que não sabia se seria capaz de cumprir.

A governanta prosseguiu, com a voz embargada:

— Eu não posso perder a senhora também. — E beijou a sua testa. — Faz pouco tempo que nos conhecemos, mas Deus sabe que eu já te amo como a uma filha.

A jovem fez uma negação com a cabeça.

— Não sei o que pensar.

— Por favor — a mulher continuou, passando as mãos em seu cabelo. — Vou cuidar da senhora. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que sua vida aqui seja boa. Eu prometo.

Em meio à confusão de suas emoções, sentindo-se estranhamente grata por Isabel estar ao seu lado e disposta a ajudá-la, Angelina respondeu:

— Está certo.

A governanta suspirou.

— Isso, minha menina. Nós faremos tudo ficar bem.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Vizzoto

Faltando poucos dias para seu jantar de apresentação, Angelina caminhava na trilha que dava acesso à estufa, onde começara, com a ajuda e o incentivo de Isabel, a plantar alguns temperos. Pedro voltara a viajar, e, desde o episódio da lareira, ela não o vira mais. Estava aliviada pela distância. Precisava dela para voltar a se sentir melhor, mais confiante e feliz. Precisava dela para voltar a se convencer de que as coisas realmente poderiam ficar bem.

O sol do meio do dia lançava seus raios mais fortes sobre a terra. As árvores espalhavam uma fragrância fresca de folhas. Mas ela não pensava no calor, ou nas folhas. Listava mentalmente o que precisaria colher para fazer uma nova torta salgada e...

Au... Au... Au.

— Oh, meu Deus! — Deteve-se diante de uma bolinha de pelos marrom com olhos verdes que a encaravam, cheios de vitalidade.

Sem pensar, abaixou-se no chão, chamando o filhote.

— Venha aqui... Ei... — Bateu no chão e assobiou em seguida.

Ele parou, virando o pescoço, e entortou a orelha, correndo em direção ao rio.

— Espere! — ela pediu, impulsiva.

A fazenda tinha alguns cachorros, mas eles moravam próximo à área das colônias e dificilmente circulavam perto da casa-grande. Fazia tanto tempo que ela não tinha contato com um filhote. Angelina nem sequer pensou em resistir. Correu em disparada atrás do bichinho.

Quando se aproximou da margem do rio, concentrada em alcançá-lo, demorou um pouco para perceber que não estava sozinha.

— Que calor dos infernos! — uma voz masculina afirmou.

Seu coração disparou e ela se esgueirou rapidamente para trás de uma árvore.

— Sì, vamos nos refrescar logo e voltar para a lavoura.

A boca de Angelina secou e a respiração acelerou ainda mais junto com seu coração. Foi a saudade de ouvir o idioma italiano que mexia desse jeito com ela, e não a voz de barítono impetuosa e aveludada. Foi o idioma materno que lhe arrepiou os pelos dos braços, da nuca e da barriga, tinha certeza.

Fazia tanto tempo que não escutava um homem falar em italiano de forma tão descontraída e...

— Ah, que delícia — afirmou o outro.

E então...

Uma gargalhada encheu o ar e seu estômago de cócegas. Quando deu por si, ela mesma sorria. Meio atordoada diante daquelas reações estranhas, com a mente em branco, girou o corpo, esticando o pescoço até conseguir ter uma visão parcial da cena.

Eram jovens.

Dio mio! Era...

Sua garganta apertou.

Era o senhor Vincenzo e o irmão dele, Matteo.

E eles estavam... *Dio Santo!* Estavam sem roupas.

O sangue das bochechas esquentou.

Não era certo olhar.

Desvie os olhos, agora!

Sem se conter, observou o senhor Vincenzo, que acabara de se virar de frente. Era o mais alto dos dois, e a água do rio o cobria até a linha do quadril. Na noite da tempestade estava muito escuro, e ela mal conseguira vê-lo. Depois, no dia seguinte, na enfermaria, ele estava acamado e abatido. Mas ali — arfou — ela não teve dúvida de que se recuperara plenamente e de que desfrutava de excelente saúde. Reparou que as pontas dos cabelos pretos como azeviche, como a casca madura das jabuticabas, criavam uma bagunça molhada em volta do rosto.

Desvie os olhos.

Sem sair do lugar, prosseguiu atrevida pelo pescoço com algumas veias dilatadas, deixando os olhos em seguida caírem pelos ombros largos, através do peito bronzeado escurecido por pelos esparsos em volta dos mamilos e...

Sua respiração acelerou mais.

Desvie agora os olhos, Angelina!

Dio mio.

A barriga rígida, definida por músculos, como uma estátua de mármore, uma obra de arte de um artista talentoso. Aquele corpo parecia ter sido criado pelo próprio Michelangelo e animado por Deus. Um deus romano nu, assim como as estátuas antigas.

Pare de olhar.

Mas a curiosidade indevida e o coração acelerado não deixavam.

Ainda dentro do rio, ele levou as mãos atrás da cabeça e, como se soubesse que era admirado e estivesse gostando disso, sacudiu-as com vigor, evidenciando os braços e criando uma nuvem de gotículas de água brilhantes a seu redor. Os braços eram, sem dúvida nenhuma, fortes o bastante para carregar algumas daquelas sacas enormes de café, fortes o bastante para carregá-la e... O calor da sua face desceu pelo pescoço e seios, fazendo um redemoinho em seu ventre.

— Vincenzo, vamos! Se Afonso nos pega aqui, estaremos em apuros — o outro jovem disse.

Rápida como se o rio houvesse desaguado em sua cabeça, Angelina virou o corpo, colando as costas na árvore. A respiração estava descompensada, mostrando seu lamentável estado de nervos. Afonso não era apenas o capataz da fazenda. Fazia as vezes de gerente-geral de tudo aquilo e era o braço direito de Pedro.

E se ele a visse ali? Olhando dois colonos se banharem no rio e sem roupas?

Tão belo, *Dio!*

E se um deles a visse?

Ela perdera o juízo?

Além disso — piscou lentamente, atordoada —, olhar a intimidade de alguém dessa forma não era certo. E... que reações foram aquelas?

Jesus!

Nunca se sentira assim ao olhar para um homem.

— *Dio!* — clamou outra vez, inconformada com a própria atitude impulsiva. Uma sombra marrom junto a seus pés desviou sua atenção para baixo. O culpado de ela ter se colocado naquela situação ridícula abanava inocentemente o rabinho.

Sem pensar, abaixou-se e pegou o filhote no colo.

— Vamos embora — disse para o animal, que encheu seu rosto de

lambidas mornas. — E se eu fosse pega espiando homens tomando banho no rio e sem roupas?

Esplendorosamente sem roupas, ouviu em sua mente.

Saiu acelerada em direção à casa-grande, esquecida por completo das ervas que fora buscar, da torta que ia fazer e de qualquer outro pensamento coerente.

— Aqui está! — apontou dona Eugênia, colocando uma tigela com leite para o filhote.

Eugênia era uma senhora rechonchuda que vivia com as bochechas coradas. Portuguesa da região do Alentejo, perdia a cabeça tão rápido como era grande seu coração. Chegara ao Brasil havia doze anos, logo depois que os escravos tinham sido libertos e, desde então, trabalhava como cozinheira na fazenda.

— Obrigada. — Angelina passou a ponta dos dedos na cabeça peluda.

— Ele precisa de um banho — a senhora Isabel reclamou.

— É *ela*. E, sim, ela vai tomar um banho, não é, Guinevere?

Eugênia torceu a boca.

— Que nome seria esse?

Isabel sorriu.

— É o nome da rainha da tábua redonda.

— Ela se parece com uma gota de chocolate.

— Ela é uma rainha, não é, Guinevere? — Angelina pegou o filhote no colo e foi presenteada com uma série de lambidas e um focinho molhado de leite.

— Para mim é creme de chocolate ou... pudim — continuou dona Eugênia.

— Como pode? — Angelina perguntou, olhando para Guinevere. — Deus cria vocês, filhotes, para nos deixar apaixonados instantaneamente.

Ao menos ela já estava completamente apaixonada pelo cachorrinho.

— Nós ficaremos juntas e...

Parou de falar, sentindo o coração apertar. E se Pedro não deixasse? E se ele a castigasse por ter levado um filhote para dentro de casa?

— E se Pedro não me deixar ficar com ela?

— Vamos pensar em um jeito — Isabel afirmou. — Fique tranquila. Eu mesma falo com o barão. Vou convencê-lo a deixar a senhora ficar com a cachorrinha.

Dona Eugênia limpou as mãos no avental.

— Se ele não deixar, eu fico com a Chocolate. Ela pode crescer aqui, junto da cozinha, e a senhora poderá vê-la sempre.

— A senhora faria isso?

— É claro que sim...

— Antes de qualquer coisa, ela vai tomar um banho — Isabel disse, indo em direção à lavanderia. — Traga-a até aqui.

Ao cruzar a porta para deixar a cozinha, Angelina fitou o focinho peludo e coçou atrás da pequena orelha antes de murmurar:

— Você vai ficar comigo e nós seremos grandes amigas.

E a cachorrinha lambeu seu rosto mais algumas vezes, respondendo: “Sim, nós seremos”.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Teano

Vincenzo sabia que morar em uma casa com outra família poderia dar certo ou muito errado. Naquele momento, com uma das filhas do casal montada em cima dele, tinha certeza de que estava tudo muito errado, apesar de seu corpo reagir como se fosse bastante certo.

— *Non*, Mia — murmurou, com a voz rouca. — Vá dormir.

— Eu sei que você me deseja. Estou sentindo. — A jovem se remexeu, pressionando sua ereção.

Não queria ter que dizer para ela que, após muito tempo sem sexo, qualquer mulher interessante, provocando-o daquele jeito, arrancaria a mesma reação de seu corpo. Ele não era um estúpido. Apesar da atitude ousada e sem limites de Mia o irritar bastante, jamais falaria uma grosseria dessas.

— Volte para a sua cama. Se o seu pai encontrar você aqui desse jeito, não sei o que pode acontecer.

Ela está nua, Dio Santo!

E acabou de pressionar-se contra ele outra vez. O calor convidativo do corpo feminino o levando à beira da...

Pressionou-o com mais força.

Loucura...

Foi por muito pouco que não a virou de costas e acabou com aquilo do jeito que seu corpo queria. Não era certo, ele não podia! Teve que pensar em... Matteo. Matteo usando a touca de dormir de sua avó.

Aquela touca horrorosa, amarela, com flores cor-de-rosa e borboletas bordadas. As mãos da jovem passearam em seu peito, fazendo-o prender a respiração. Sua avó usando touca de dormir. Ela beijou-o na base do pescoço.

Cristo! Matteo, a avó e a mãe usando aquela maldita touca de dormir. Precisava esfriar a cabeça e deter a insanidade que seria consumir aquilo.

Vincenzo não podia se envolver com mulher nenhuma porque estava concentrado em arranjar dinheiro para sair daquela fazenda o mais rápido possível e, assim, chegar mais próximo de seu sonho. Infelizmente, o acidente com a árvore o deixara mais longe de conseguir o que queria. Um bom tempo sem receber nada e tendo de pagar aluguel e comida fez o seu saldo ficar negativo junto ao senhor barão. O objetivo era o sonho e não se relacionar com a filha de um colono, provavelmente tendo de se casar com ela depois.

Concentre-se.

Concentre-se.

Concentre-se.

O rosto de Angelina invadiu sua mente, sem que ele permitisse.

A senhora Guimarães.

Havia três meses do acidente, da troca de cartas, do empréstimo da medalha e sua obsessão por ela, apesar das advertências de Matteo, tornara-se ainda pior.

Todos os dias, desde que a vira pela primeira vez, ele a esperava. Todos os dias ela caminhava ao lado de dona Isabel, e Vincenzo largava o que estivesse fazendo apenas para vê-la passar.

Uma mulher casada.

É claro que o fato de ele não se deitar com Mia não tinha nada a ver com ela. Absolutamente nada — tratou de se convencer logo. Era por causa de seus objetivos.

Concentre-se.

Mia não era garota para uma noite só. Existiam algumas moças na colônia que procuravam esse tipo de diversão sem compromisso, mas ela certamente não era uma delas.

— Ninguém precisa ficar sabendo — ela murmurou, pressionando os lábios nos dele.

Apesar de ele querer e com bastante afinco acreditar nessas palavras, sabia que elas não eram verdadeiras.

— Mia, nós não vamos ter nada... Eu não quero nada com ninguém. Você já devia *saperlo*.

— Todo homem precisa disso de vez em quando.

A casa em que eles moravam na colônia tinha três quartos. Em um deles

dormia o casal mais velho, Silvio e Telma; no outro, as duas filhas, Franciele e Mia, e, no terceiro quarto, ele e Matteo. As camas estreitas mal cumpriam a função de dar descanso ao corpo. Além disso, o escasso espaço interno e as paredes baixas que separavam os ambientes não davam privacidade. No centro da casa havia a área comum, onde a mesa de jantar e o fogão a lenha ficavam.

Concentre-se. Então, sem ser convidada, a lembrança de Angelina cruzou outra vez sua mente.

Ele inspirou devagar, segurando Mia pelos ombros.

— Não sou como todo homem. Simplesmente não vai acontecer... Agora se vista e volte para seu quarto antes que Matteo acorde e a veja assim... *Prego. Por favor.*

Mia agarrou a camisola descartada no chão e se vestiu com movimentos bruscos.

— Talvez da próxima vez eu me deite na cama dele. Acho que seu irmão deve ser mais homem do que você.

Vincenzo bufou, irritado. Não bastava estar com dor nas partes baixas, ainda tinha que engolir a ofensa. Sabia que algumas pessoas, ao serem rejeitadas, podiam se tornar rancorosas e vingativas.

Devia alertar Matteo para manter-se longe dela.

O dia na colônia começava cedo. Cerca de cinco e meia da manhã e a casa inteira já estava acordada. Vincenzo não tinha dificuldade para se levantar com o raiar do sol, mas, como a noite anterior tinha sido mais agitada do que ele gostaria, seu corpo sentia um pouco o cansaço.

O cheiro do café fresco preencheu o ambiente. Telma já preparava a bebida — era sempre ela quem fazia o café, enquanto as filhas ficavam responsáveis por arrumar a casa.

Mia.

Que situação mais embaraçosa a jovem criara.

Esfregou os olhos com força para espantar as lembranças da noite.

Saiu do quarto após vestir o colete. Matteo estava sentado à mesa, comendo um pedaço de pão. À sua frente, a culpada por ele ter sonhado com a touca de dormir colorida e horrível de sua avó bebia uma xícara de café sem levantar os olhos da mesa.

— *Buongiorno* — cumprimentou a todos.

Silvio, Telma, Matteo e Franciele responderam. Mia virou o rosto,

visivelmente magoada.

Ele tentou não bufar, pedindo paciência a si mesmo.

— Hoje teremos festa na colônia. Você vai, Matteo? — Mia perguntou, olhando em sua direção.

— Sì, claro. Todo mundo vai, eu acho.

— Menos Vincenzo. Ele não gosta de se divertir — ela o provocou.

Matteo arqueou as sobrancelhas, sem entender.

— Eu achei que você iria à festa.

— E eu vou — Vincenzo disse, sentando-se. — Senhora Telma, se importaria em me servir uma xícara do seu café maravilhoso?

— É claro que sirvo, meu filho.

Mia bufou.

— Ele não é seu filho e nunca vai ser.

— Eu, hein? — retrucou Franciele. — Que mau humor.

— Tem algo acontecendo aqui? — o senhor Silvio, que já estava sentado à mesa tomando café, perguntou, intrigado.

— *Non*. — Mia encolheu os ombros. — Que eu saiba, nada... Nada acontece quando o assunto é Vincenzo.

Ele engoliu rápido e quase engasgou com a bebida quente.

— *Grazie* pelo café — agradeceu à senhora Telma e mentalmente a si mesmo por não ter feito nada na noite anterior. — Hoje é dia de trabalhar removendo as sacas do armazém. Provavelmente chegarei quebrado, mas pretendo fazer uma polenta daquelas que a senhora gosta para o jantar.

— Ficarei mal-acostumada, Vincenzo.

— Não tem problema. Eu adoro cozinhar.

— Como assim? Mas e a festa? — Matteo indagou, parecendo confuso.

— Depois vamos à festa.

— *Va bene...* Eu vou mesmo que você esteja cansado demais.

Mia cuspiu uma risada irônica.

— Duvido que ele esteja cansado demais. A coisa que mais gosta de fazer é descansar.

— *Dio*, Mia. Que bicho te mordeu? — indagou Telma, com o cenho franzido.

— Nada mamma. Estou bem.

— Vamos! — chamou Vincenzo, colocando a xícara dentro da bacia com água. — Hoje o dia será longo. — E saiu sem olhar para Mia.

Grazie Dio que me segurei ontem.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Bazoto

Há alguns dias ele olhava para ela de um jeito diferente.

Desde a noite do jantar, mais precisamente.

Angelina sabia que Pedro não era homem de demonstrar afeto, carinho ou olhares calorosos, mas havia algo estranho naquele olhar.

A princípio ela acreditou que o marido vinha pensando sobre a relação deles, sobre a maneira distante, imparcial e às vezes cruel como a tratava. A princípio acreditou que Pedro reconsiderava suas atitudes e talvez assim se tornasse um marido mais companheiro, presente ou gentil.

Ela ficaria feliz com qualquer um desses três comportamentos.

Mas, com o fim do terceiro dia depois do jantar sem que ele a procurasse durante a noite, e diante da maneira analítica e até mesmo fria como passara a encará-la, Angelina tinha certeza de que a conversa com a senhora Monteiro de Barros não tinha sido uma boa estratégia. A amiga dissera que conversaria com Pedro na noite do jantar sobre a ideia de as duas fazerem uma viagem juntas para a Itália.

Ao que tudo indicava, o jantar de apresentação havia sido um sucesso, como afirmou, orgulhosa, a senhora Francisca.

Ainda assim, se Pedro ficou orgulhoso, não demonstrou nada. Nem com frases nem com gestos.

Vez ou outra, havia algum tempo, pegava-se pensando que o problema devia ser com ela — por não ser nobre, por não ter posses, por ser muito jovem e inexperiente, por ser um pouco insossa na cama, como o marido já afirmara algumas vezes.

Pouco tempo antes, quando ela ia subir para seu quarto, o clima tenso se estendeu na mesa de jantar permeada pelo silêncio. Eles trocaram apenas

duas frases. Angelina até tentou puxar assunto, mas Pedro respondeu apenas com acenos de cabeça.

A verdade é que ela começava a se desesperar.

Respirou fundo, sentindo a brisa noturna encher seus pulmões. Perto da janela do seu quarto havia algumas árvores cheias de damas-da-noite. Aquelas flores brancas — comprovou sorrindo — tão delicadas perfumavam tudo sem a menor cerimônia.

Intimamente, Angelina chamava as florezinhas de damas felizes. Somente algo muito feliz seria capaz de entregar tanto perfume ao mundo.

A porta de comunicação se abriu. Ela se sobressaltou, colocando as mãos no tampo gelado da penteadeira.

Era seu marido. Ele usava o roupão de seda que sempre vestia quando ia visitá-la, os olhos estavam meio baixos e avermelhados e o cabelo vinha mais bagunçado do que normalmente.

Estavam casados fazia poucos meses, mas ela conhecia aquela expressão: ele havia bebido. Quando era assim, Pedro se tornava mais cruel, menos imparcial. Ela o preferia distante e indiferente. Não gostava dele assim; detestava quando ele a procurava depois de beber.

Sua respiração acelerou.

— Tire a roupa — ele disse, bruscamente.

Ela engoliu em seco e se levantou, na defensiva.

— Eu... Eu...

Pedro segurou seus ombros com uma pressão incômoda.

— De repente você perdeu a fala, Angelina? Porque parece que andou conversando bastante com a sua nova amiga.

— Do que você está falando? — perguntou, sem entender.

— Da senhora Monteiro de Barros... Você sabia — prosseguiu, com a voz meio embolada — que ela veio questionar a minha maneira de agir com você?

O coração dela disparou.

— Não sabia!

Ele a sacudiu com força.

— Mentirosa!

Angelina lutou para se desvencilhar, mesmo apavorada e acuada. Pedro estava bêbado e fora de si. Precisava tentar trazê-lo de volta à razão.

— Ela me disse, como quem não quer nada, que talvez uma viagem pela Europa lhe fizesse bem, que, por conviver com você já há algum tempo,

vinha preocupada, pois a estava achando muito abatida... Sugeriu delicadamente que não lhe dou atenção suficiente.

Ele a beijou com força. Angelina não suportava a boca dele na sua. Aquele beijo molhado demais, a língua áspera, a falta de paixão nos movimentos. O marasmo melancólico de sua respiração com cheiro azedo. Ela tentou se afastar.

Ele deu uma gargalhada fria.

— Você está me rechaçando?

— Você está bêbado — disse, entredentes.

Ele encostou a testa na dela e a segurou com firmeza.

— Eu sou seu marido e a procuro quando sentir vontade, e você — enfiou a mão por dentro de sua camisola — cede quando eu a procurar.

Os dedos dele a apertaram com mais força, enviando pontadas de dor por todo o braço.

— Você está me machucando — protestou, com a voz trêmula.

— Nunca mais fale de mim para ninguém, ou de como eu me comporto com você, ou o que eu faço e deixo de fazer... Isso é problema meu, você entendeu? — terminou gritando.

— *Non* — ela estourou —, é problema meu também. Você é frio e distante, e, se a dona Francisca falou de mim para você, é porque talvez ela me enxergue de verdade, como você nunca conseguiu. Talvez nunca consiga.

Ele fechou os olhos, respirando com dificuldade.

— Me responda uma coisa, Angelina. Você ainda sente saudades da Itália?

— Qual o pecado em sentir saudades da minha *famiglia*?

— Sua ingrata — ele gritou.

— Eu sou sua esposa e não sua propriedade.

— Cale a boca!

As mãos pesadas e ásperas eram um enorme contraste junto à seda de sua camisola. Aquela reação violenta do marido não estava certa.

— Meu pai foi casado durante vinte e cinco anos com minha mamma e nunca levantou a voz para ela.

— Eu disse para calar a boca!

Ela voltou a se contorcer, buscando se soltar, porém Pedro era muito mais forte do que ela. O corpo pequeno foi empurrado bruscamente até ser imprensado, a cabeça bateu contra a parede dura e gelada.

— Pare! — grunhiu, sentindo a cabeça doer.

Ergueu os olhos, buscando se afastar, mas tudo o que viu foi a mão grande

próxima a seu rosto. Virou o pescoço em uma tentativa tardia de escapar do golpe. Sua face explodiu em um arrombo ardido e brutal, o ouvido zumbiu com pontadas insuportáveis que pareciam esmagar os ossos de sua face. Ela se encolheu, dobrando o corpo, cobrindo a cabeça com os braços.

Sentiu o gosto de sangue na boca e uma fisgada de dor nas costelas, e as mãos pesadas a sacudiram violentamente.

— Você me pertence! — ele gritava.

— Não — ela respondeu, com o queixo trêmulo, e foi atingida por outro golpe.

Um gosto ruim e ácido invadiu sua boca.

Angelina tentava de maneira instintiva se defender e atingi-lo inutilmente. Mas Pedro não parou e repetiu a agressão. Quanto mais ela resistia e respondia, com mais força ele a agredia, atingindo-a nas costelas e nos ombros.

— Você ainda quer voltar para a Itália?

— Eu te odeio.

E mais uma explosão invadiu sua barriga. Ela não conseguia respirar, e dessa vez o mundo escureceu.

Angelina abriu os olhos sentindo o rosto arder, pulsar, latejar. Tentou mexer o pescoço e gemeu ao sentir uma fisgada intensa. Engoliu um gosto metálico na boca e gemeu outra vez quando as costelas comprimiram o lado esquerdo do peito. Estava inteira dolorida, como se tivesse tomado uma surra enorme.

Os olhos se encheram de lágrimas quando se recordou da mão, da dor, das agressões de Pedro. Estava inteira dolorida porque realmente havia tomado uma surra.

— Graças a Deus e à minha Nossa Senhora! Ela acordou!

A jovem piscou lentamente, tentando respirar, e outra fisgada no estômago a fez arfar. Mais uma vez as lembranças do que acontecera invadiram sua mente; Pedro a sacudindo, gritando e depois a agredindo até... até ela desmaiar.

— Jesus Cristo, o que aquele monstro fez? Eu achei que ele houvesse a matado. — Era Isabel quem cuidava dela. Angelina se deu conta de que estava deitada em sua cama. Pedro a carregara? — O senhor Pedro foi me chamar dizendo que eu devia ajudá-la. Quando cheguei ao quarto, a senhora estava deitada na sua cama, com o rosto ensanguentado... Então a despi com cuidado. Jesus! A senhora está cheia de hematomas pelos braços, nos

ombros, nas costelas. Aquele desgraçado. Eu poderia matá-lo.

Se ela não se sentisse tão destruída, concordaria. Acontece que mal tinha força ou ânimo para nada. A única coisa que conseguia pensar era: o que ela havia dito ou feito para merecer aquilo? Ela tinha feito algo para merecer aquilo?

— Eu quero ir embora. Eu o odeio.

— *Shhh*, quiete-se.

As lágrimas escorreram enquanto a governanta deslizava um pano úmido por seu rosto.

— Não fale nada, minha menina.

Tentou se mexer, contendo um gemido de dor com mais uma fígada nas costelas.

Isabel franziu o cenho.

— Esta noite eu vou rezar para que aquele filho de uma besta encontre o fim que merece.

Passou a mão sobre o local que latejava embaixo do olho.

— Onde ele está?

— Bebendo, aquele desgraçado — a governanta murmurou, cáustica.

— Estou com medo, dona Isabel.

A governanta deu um beijo em sua testa.

— Amanhã cedo, quando a senhora estiver melhor, nós vamos conversar bastante. A senhora sabe, eu nasci nesta fazenda, sou dez anos mais velha que o senhor Guimarães, sei como se deve agir para que isso nunca mais se repita.

— Eu não quero aprender a agir com ele — Angelina soluçou. — Quero ir embora, quero voltar para minha casa... Sei que prometi não pensar ou falar mais nisso, é só que...

— Eu sei, minha criança — disse a mulher, enquanto espalhava uma pasta verde com cheiro forte sobre a área dolorida em seu rosto e ombros. — Mas, enquanto esse dia não chega, na frente dele, a senhora deve agir como ele espera.

Ela assentiu em silêncio, ouvindo a governanta continuar.

— Agora, vou lhe dar láudano para que consiga dormir sem dor e amanhã cedo eu venho vê-la.

Angelina voltou a fechar os olhos e enxergou o rosto de sua mãe, o sorriso de sua irmã, as colinas verdes cheias de videiras da Itália e ouviu, por fim, já meio distante e um pouco confusa por causa do láudano, a voz de seu pai e

um par de olhos azuis de um italiano que vinha invadindo sua mente com muito mais frequência do que devia: Vincenzo. Naquela noite, ela, que sempre se lembrava dos sonhos, não sonhou com nada. Foi uma noite sombria, assim como estava sua vida.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Tonelli

O barulho das cortinas sendo abertas e a recém-exposta claridade a despertaram.

— Bom dia, senhora.

Angelina tentou se mexer, mas o corpo inteiro protestou.

— Vá devagar! — Isabel se adiantou. — A senhora deve estar com muita dor ainda.

Apenas concordou com a cabeça, aceitando a ajuda da governanta para se sentar recostada em uma pilha de travesseiros.

— Desculpe vir assim tão cedo, mas é que... — Isabel suspirou, pesarosa. — Se eu conheço o senhor Guimarães, ele deve visitá-la a qualquer momento, e eu sei que a conversa que teremos agora é crucial para o seu bem-estar futuro.

Angelina assentiu, atenta e meio zozna. Isabel puxou uma cadeira e se sentou a seu lado. Falou enquanto reaplicava o emplastro de ervas sobre o olho da jovem:

— O senhor já lhe contou alguma coisa sobre sua primeira esposa?

Sentiu o estômago embrulhar ainda mais, enquanto a vontade de chorar voltava. Ele ainda era um completo estranho; nem mesmo isso havia lhe contado.

— *Non* — ela murmurou, amuada.

— Eu vou lhe contar tudo.

— O que aconteceu com ela?

— Morreu de tristeza.

Angelina mordeu os lábios por dentro, contendo a vontade de chorar.

— Ela se matou?

— Eles foram casados por cinco anos, então ela adoeceu... É claro que a tristeza não foi a causa apontada pelos médicos, mas... eu sei.

— Sabe?

— Conheci a vitalidade, a alegria jovial e o entusiasmo de Cecília pela vida assim que eles se casaram. E então — a voz da governanta falhou —, depois de alguns anos, depois que ele começou a fazer com ela...

O pulso acelerou.

— Ele batia nela?

A senhora Isabel aquiesceu.

— Mas não era só isso, ele... Ele a levava a acreditar que ela estava errada, que era a culpada por serem infelizes, que toda a miséria que eles viviam era criada por ela.

Angelina arfou quando Isabel abaixou a camisola a fim de aplicar o emplastro sobre os ombros e braços.

— Eu achei que ele estivesse mudado, achei que faria diferente com a senhora, achei que a senhora fosse diferente, que não reagiria com a mesma rebeldia de Cecília. — Ela abaixou o tom de voz. — Me perdoe por não ter lhe contado tudo antes. Tinha certeza de que isso não seria necessário.

Angelina negou com a cabeça, sem saber o que responder. Só pensava em ir embora daquela fazenda. Em fugir dali.

— No começo, acreditei que ele nunca mais fosse se casar — prosseguiu Isabel. — O pai da ex-mulher do barão era um homem influente e, no momento que sua filha morreu, fez da vida do senhor Guimarães um inferno, dizendo que o barão havia a maltratado, que iria pagar pelo que havia feito; o que o barão bem merecia, é verdade. Mas, infelizmente, o homem morreu alguns meses depois. Enfim, acho que ele só se casou com a senhora porque tem a certeza de que seu pai não pode fazer nada para defendê-la ou se meter em sua vida, já que está tão distante daqui. E, mesmo que a senhora consiga sair daqui, como voltaria para a Itália? A maioria das pessoas se colocaria ao lado dele. Acredite, eu vi isso acontecer quando era com Cecília.

Angelina levou a mão aos lábios, contendo um soluço.

— Por que ele é assim?

— Não sei, minha senhora... Mas tente lembrar o que o levou a perder a cabeça desse jeito. Consegue?

Angelina tentou controlar o choro antes de dizer:

— Ele estava bêbado. Dona Francisca tinha falado com ele durante o jantar sobre uma viagem para a Europa, disse que eu parecia abatida. E então, no

quarto, ele me beijou e eu resisti. Nunca havia feito isso, mas ontem... Ontem eu não queria e não consegui deixá-lo avançar.

Isabel levou as mãos até a testa.

— Não me interprete mal, não o estou defendendo, mas, Jesus, isso é a mistura de tudo o que ele mais odeia neste mundo: sentir-se desafiado, rejeitado e, ainda por cima, uma pessoa de fora se meter em sua intimidade.

Ela umedeceu os lábios secos.

— A senhora acha... Acha que eu merecia isso?

— Por Deus, não! — a governanta respondeu, enfática —, mas ele com certeza acha.

— Eu cresci em um mundo tão diferente. Meu papa e minha mamma se amavam tanto e se tratavam com respeito. Minha nonna e meu nonno também.

O som de passos no corredor as deteve por alguns instantes.

— Vamos terminar logo esta conversa antes que ele apareça.

Angelina concordou, nervosa.

— O que eu aprendi convivendo todos esses anos com ele é que, não importa quão injusto possa parecer, quão cruéis sejam suas ordens, suas proibições, não se oponha, não proteste. Sua oposição ou rebeldia levam a uma violência crescente, desmedida, que eu já vi com meus próprios olhos.

O coração de Angelina foi moído dentro do peito.

— Não me opor? Como? Como é possível? — perguntou, com a voz estrangulada.

— Ele se ausenta muito e continuará assim... Crie a fachada de esposa submissa e perfeita que ele espera da senhora e o receba em sua cama quando ele a procurar.

A jovem negou com a cabeça, com o coração e com a alma.

— Eu não quero mais, ele me machuca todas as vezes, quando me procura.

— Preste atenção — Isabel foi mais enfática. — Tenho cinquenta anos, e isso é mais que o dobro de sua idade. Já fui casada e fiquei viúva, tive alguns amantes e sei que somente nós, mulheres, podemos ceder na aparência e continuar intactas em nosso íntimo. Isso, minha querida, homem nenhum considera. A senhora pode se deitar com ele sem se entregar de verdade.

Ela cobriu os olhos, chorando, sentindo a barriga doer.

— Eu não quero, não posso fingir e... Realmente, dona Isabel, eu preciso ir embora daqui, sair desta casa, deixar tudo isto para trás.

Isabel tirou com cuidado as suas mãos.

— Olhe para mim!

Ela obedeceu.

— Sei que a senhora está se sentindo confusa, perdida e ferida... Mas me escute, minha querida, é para o seu bem que eu falo. O dia em que for possível, eu mesma vou lhe ajudar a deixar tudo isso para trás com segurança, mas, enquanto esse dia não chega, me escute: daqui a pouco ele vai entrar neste quarto e não vai pedir desculpas. Não o questione!

Ela fez uma negação com a cabeça, horrorizada.

— Ele também deve exigir — a governanta prosseguiu — que a senhora se desculpe por tê-lo provocado a ponto de ele perder a cabeça.

— Como vou conseguir fazer isso?

— Peça desculpas, mas não entregue a ele sua culpa... E...

A porta do quarto se abriu. Ela olhou para Isabel, que mexia os lábios em silêncio.

— Faça, por favor — a governanta pediu.

— Bom dia! — Pedro disse, como se nada estivesse fora do normal. Como se ele não a tivesse agredido na noite anterior.

— Bom dia, senhor — Isabel respondeu. — Com sua licença, eu vou deixar...

— Não, fique aqui, senhora Isabel. Eu serei muito rápido. Tenho que partir em viagem daqui a pouco.

A senhora esguia de feições severas, cabelo preto com alguns fios grisalhos destacados, concordou com a cabeça.

— Olhe para você... Meu Deus, você está horrível! — Pedro se aproximou um pouco da cama, e Angelina se encolheu por reflexo. — Olhe o que você me obrigou a fazer.

Ela engoliu em seco sem respirar, ouvindo o marido prosseguir:

— Espero que você tenha aprendido algo na noite anterior. Espero de verdade que nunca mais me obrigue a agir dessa forma... Eu não sou um monstro, Angelina, não gosto de ser obrigado a me comportar como um.

Desesperada, assustada e com raiva, ela fitou Isabel, que assentia em silêncio, suplicando com os olhos aflitos.

— E então? Estou esperando! — disse ele, friamente. — Aprendeu ou não aprendeu?

Ela engoliu o choro, o orgulho, a dor, a raiva, antes de dizer:

— Sim, senhor.

Ouviu-o dar uma exalação longa.

— Eu não gosto de perder a cabeça, nem de ter que ensinar lições através da força, mas o seu comportamento deplorável de ontem me obrigou.

Ela olhou outra vez para Isabel, buscando forças para dizer o que foi instruída.

— Me... desculpe... — A voz tremeu. — Isso não irá se repetir.

— Que bom! — Pedro se aproximou ainda mais, debruçando-se sobre a cama, e lhe deu um beijo na testa. — Volto antes do Natal.

Eu te odeio, seu monstro! Eu te odeio como nunca odiei ninguém em minha vida. Quero que você vá para o inferno, disse para si mesma ao vê-lo abrir a porta do quarto. *Antes que você volte, eu terei ido embora daqui. Estarei muito longe daqui.*

— Ah — prosseguiu Pedro sem cruzar a porta —, enquanto estiver assim, é melhor não receber ninguém. Não queremos levantar rumores de como você se comportou mal e de que não tem sido uma boa esposa, certo?

Ela sentiu o queixo tremer de raiva, humilhação, desespero. Mesmo assim, respirou fundo e concordou.

— Não, senhor.

— Boa menina — ele retrucou, parecendo satisfeito, e fechou a porta atrás de si ao sair.

Esperou tempo suficiente para que Pedro se afastasse do quarto e somente então caiu em um pranto alto e desesperado. Isabel a abraçou com cuidado carinhoso.

— Eu não vou aguentar, dona Isabel... Como vou conseguir? — O corpo tremeu pelos soluços. — Eu não vou aguentar.

— Nós faremos isso juntas, minha menina, já lhe disse. Eu te amo e a senhora não está sozinha.

Ela tomou café devagar, por insistência da governanta, mesmo sem ter fome e estando com muita dor, depois voltou a dormir sedada pelo forte analgésico. Quando acordou, no início da tarde, sentia-se um pouco mais calma e menos dolorida. Examinou o quarto, notando a presença de Isabel sentada junto a sua cama. A governanta lhe lançou um olhar instigante antes de dizer:

— Sente-se um pouco melhor?

Ela aquiesceu em silêncio.

— Sei que não trará muito consolo, mas gostaria que a minha senhora soubesse que a viagem do senhor seu marido será... bastante incômoda.

— Incômoda?

— Bem, ter que parar na estrada e correr para o mato várias vezes, usando-o como sala de banho, não costuma ser algo que homens na posição do senhor Guimarães apreciem muito e...

— Como...

— Nada que meio vidro de um purgante dos infernos no café da manhã não providencie.

— A senhora está dizendo que...?

— Digamos que a senhora Eugênia tenha me ajudado.

— É sério?

— Bem, ela acidentalmente deixou cair purgante no café do senhor, hoje pela manhã.

Angelina passou os dedos pelos lábios rachados.

— A senhora Eugênia sabe o que aconteceu ontem à noite?

— Os fatos viajam rápido nesta casa... — ela disse, levantando-se. — Mas, acima de tudo, é o que eu sempre lhe digo: minha senhora não está sozinha aqui.

Quando Isabel deixou o quarto, Angelina concluiu que Pedro era odiado por vários de seus criados e lamentou em silêncio ter se casado com um homem tão miserável de espírito, tão infeliz... Então, sem conseguir se controlar, viu o marido sendo obrigado a descer da carruagem às pressas e correr para o meio do mato a fim de se aliviar e — para seu espanto — conseguiu rir um pouco diante da ideia absurda.

Mais do que tudo, sorriu por dentro porque estava convencida de que fugiria dali. Mesmo sem Isabel apoiar ou saber, ela iria embora.

Tentaria voltar para casa.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Basso

Angelina segurava as rédeas com força.

Mesmo a sua vida estando entre as mãos e dependendo especificamente de um cavalo, ela não conseguiu deixar de praguejar contra ele.

— Maldito cavalo, pelo amor de Deus, vá mais rápido.

O animal parecia surdo ou estupidamente teimoso, ou uma mistura disso com uma fidelidade cega ao barão.

Era isso. Ele devia ter medo de Pedro, assim como todos os seres do mundo.

A prova disso era...

— Mal chego de uma viagem cansativa e sou surpreendido com a notícia de que minha jovem e bela esposa se aventurou sozinha, dois dias atrás — o barão fez uma pausa, pegou uns papéis guardados em uma das gavetas de sua escrivaninha e somente depois prosseguiu — a pegar uma charrete de carga e conduzi-la pelas estradas lamacentas e esburacadas da região com destino a... — Parou com as sobrancelhas erguidas, aguardando a resposta.

— Fazenda de dona Francisca Monteiro de Barros — ela replicou, sentindo o maxilar pulsar de tensão.

— E você precisava levar algumas das joias que lhe dei até a fazenda — ele franziu o cenho — por quê?

A boca de Angelina secou.

— Porque eu queria que ela me ajudasse a decidir qual joia usar na noite de Natal.

Mais uma vez, isso era culpa daquele... cavalo. Quando estava descendo da charrete após voltar para casa escoltada e intimidada pelo chefe da guarda e cinco capangas, o animal sapateou e a sacola com as joias que carregava caiu

no chão.

O chefe arregalou os olhos e a fitou com uma expressão questionadora. Óbvio que contou todos os detalhes para o barão.

O barulho das folhas de papel sendo alisadas sobre o tampo de madeira escura chamou sua atenção.

— Entendo — contrapôs o barão, com exagerada serenidade. — Apenas para me agradecer, correto?

— Sim, senhor.

Angelina sentiu o coração disparar. Infelizmente, seu estado de nervos naquele escritório não tinha nada a ver com o fato de ela odiar mentir e sim porque, se dois dias antes sua vida dependia de um cavalo, naquele momento dependia de outro. *Nada disso*, corrigiu-se mentalmente. Chamar Pedro de cavalo era sem dúvida uma ofensa enorme. Contra os cavalos, é claro. Angelina sempre odiara mentiras e de certa maneira amava cavalos.

Pedro voltou a alisar as folhas sobre a mesa com calculada lentidão. Ela só conseguia pensar que, se o cavalo tivesse ido mais rápido, se Ricardo, o chefe da guarda, não a tivesse alcançado, se o cocheiro não tivesse dado com a língua nos dentes... Se... Se... Se... Ela poderia estar em um navio com destino à Itália.

— Acho que eu lhe devo um pedido de desculpas — pigarreou. — Perdi a cabeça doze dias atrás.

Ela apertou um dedo contra o outro, nervosa. Pedro acabara de lhe pedir desculpas por tê-la agredido? Fora isso mesmo que ele acabara de fazer?

Lembrou-se do que Isabel lhe dissera, quando voltou escoltada para a fazenda após sua tentativa frustrada de fuga:

— *O que você pensava fazer?*

— *Se tivesse dado certo, estaria a caminho de casa.*

— *E Pedro iria atrás de você até o fim do mundo e então a castigaria com todos os requintes de crueldade, a você e a sua família.*

— E então — Pedro chamou sua atenção para o escritório —, estou desculpado?

Ela queria dizer “não”... Queria falar tantas coisas... E se falasse, como ele reagiria? Sendo sincera, não esperava esse pedido de desculpas. Não sabia o que falar.

— Eu...

— Angelina, minha querida, eu só quero o seu bem, só quero cuidar de você. Tudo o que fiz, por mais que tenha perdido um pouco a cabeça, é

porque penso na saúde do nosso casamento.

Ela sentiu vontade de chorar. Queria dizer que tinha medo dele e não respeito. Queria pedir para ele deixá-la ir embora. Para seu alívio, ele voltou a falar.

— Por isso sou obrigado a tomar certas atitudes... Entende?

A boca de Angelina se abriu sem emitir som nenhum.

Pedro prosseguiu:

— De hoje em diante você não poderá mais sair da fazenda sem levar no mínimo dois guardas ao seu lado, homens da minha confiança. E só poderá fazer isso quando eu permitir. — Ele ergueu as sobrancelhas loiras. — Fui claro?

Com o estômago embrulhado, ela concordou.

Pedro apontou para os papéis sobre a mesa.

— Vamos, não faça essa cara. Deixe eu lhe mostrar algo interessante.

Angelina o encarou, em dúvida.

— Venha... Deixe eu lhe contar algumas coisas sobre esta fazenda.

Um pouco receosa, ela se aproximou da escrivaninha.

— Está vendo este mapa?

Angelina analisou o desenho no papel. Percebeu que se tratava do terreno da fazenda e de todas as construções que ela abrigava.

— Sim — respondeu, com a voz firme. Suas pernas tremiam um pouco, mas ela não queria deixá-lo perceber como estava assustada.

— Aqui é a nossa casa — mostrou o desenho com o dedo, seguindo o traçado da alameda principal —, com o muro de mais de quinze metros de altura que cerca todo o perímetro da frente. Você reconhece, não é?

Ela aquiesceu.

— Além dessa altura enorme, o muro é constantemente vigiado... Minha senhora sabe, para evitar furtos.

Por instinto, ela deu um passo para trás, começando a entender o que Pedro estava fazendo.

— Não se afaste, minha querida. Agora vem a melhor parte.

Angelina engoliu em seco.

— Você sabia que, em mais de vinte anos de escravidão por aqui, nenhum negro jamais escapou da fazenda Vila Azul?

Ela fez que não com a cabeça, sentindo a garganta secar. Pedro desconfiava que Angelina houvesse tentado fugir. Ele não tinha acreditado em sua história.

— É claro que não sabe, ninguém nunca te contou. Mas, minha querida, poucos fazendeiros no Brasil se orgulham de poder falar isso. — Ele bateu de leve no tampo da mesa. — E eu sou um deles.

Se orgulham? Angelina, que nunca ouvira falar de trabalho escravo na Itália, ficou chocada com as atrocidades que dona Isabel lhe contara.

“As coisas estão muito melhores por aqui — dissera a governanta quando conversaram sobre isso. — O barão era muito rígido com os escravos.

— Rígido?

— Você viu algum negro trabalhando na fazenda?

Ela sinalizou um não com a cabeça.

— Com o passar dos anos, desde a abolição, nenhum negro quis permanecer aqui... Eles tinham horror ao barão... Todos, com exceção de três ou quatro homens que ainda trabalham na guarda, foram embora, saíram daqui assim que puderam.”

— E sabe por que é assim? — o barão indagou, sua voz firme chamando a atenção dela outra vez.

— Não — ela respondeu, com a maior dignidade que conseguiu. Estava se sentindo ameaçada e não sabia onde aquela conversa terminaria.

— Toda a fazenda é completamente cercada por montanhas e pela floresta, intocada... Um homem saudável e forte, que conhece bem o caminho, levaria alguns dias de caminhada para chegar a qualquer ponto de civilização. Que, no caso é, a fazenda do meu amigo de confiança, o senhor Alves da Cunha.

Os lábios dela tremeram.

— Mesmo assim, suponha que esse homem saiba o caminho e consiga ajuda de alguém da fazenda vizinha, o que é bastante improvável. Os guardas da minha fazenda controlam toda esta região.

Ela inspirou devagar, ouvindo Pedro prosseguir:

— Nas únicas tentativas de fuga que houve, os negros foram trazidos de volta no máximo dois dias depois de terem saído.

Terminou de falar e ficou em silêncio, encarando-a pelo canto dos olhos, como se medindo suas reações.

Ela forçou um sorriso, mas os lábios estavam rígidos.

— O senhor deve ter mesmo muito orgulho.

Ele estalou a língua, com forçado descaso.

— Hoje não temos mais escravos, não é mesmo? Mas suponha que alguém queira sair daqui com algo que eu considere valioso, e que essa pessoa tenha a maior sorte já vista nesta Terra e consiga escapar. Eu iria atrás dessa pessoa

até o fim do mundo. — E ele se levantou.

Angelina sentiu o estômago gelar.

— Além disso, eu puniria adequadamente quem quer que ousasse ajudar.
— Tocou no rosto dela com as costas dos dedos, deslizando o polegar até os lábios cheios. — Ninguém é louco de me tirar algo de valor. Ninguém.

Ele beijou sua testa, e então seus lábios, obrigando-a a ceder. O estômago de Angelina revolveu. Ele se afastou um pouco antes de dizer:

— E você, minha querida, é o que eu tenho de mais precioso, entendeu?

Ela engoliu o bolo preso na garganta antes de concordar, com a voz fraca:

— Sim.

— Por esse motivo também, suas joias ficarão trancadas no meu cofre particular. Você só terá acesso a elas nos jantares e quando eu estiver na fazenda. — E beijou sua testa novamente. — Eu sei que você só as usa para mim, não é verdade?

Ele a ameaçou de todas as maneiras possíveis e deixou claro que, se ela tentasse fugir, não apenas ela, mas outras pessoas também, pagariam por isso. Estava presa a ele não somente por matrimônio, mas entregue e imóvel feito uma propriedade valiosa.

Angelina entendeu por fim que não teria saída. Ela mesma havia assinado seu contrato de compra e venda.

— Sim — concordou, sentindo o gosto amargo na boca se intensificar.

O mesmo gosto que envolveu sua boca — identificou só naquele momento — quando disse “sim” diante do padre com uma dezena de testemunhas. Parte dela já sabia, mas infelizmente não tivera sabedoria ou coragem o bastante para fugir de tudo isso enquanto ainda era possível.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Zanetti

UMA SEMANA DEPOIS...

Vincenzo gostava do cheiro que o café tinha antes de ser torrado. Ele também gostava do aroma do café servido. Na verdade, uma das coisas que mais o fascinavam na cozinha era como tudo se transformava por completo ao ser misturado, esfriado ou aquecido. Não gostava apenas do preparo de qualquer prato, mas de todo o processo em si. Por vezes, enquanto selecionava os grãos no enorme cafezal, ele se perdia imaginando como aquelas bolinhas, colhidas ainda vermelhas, podiam dar origem a uma bebida amarga, saborosa e de cor escura.

Enxugou o rosto com o lenço que levava no bolso da calça e voltou a mexer no solo recém-adubado das mudas de café.

Matteo o cutucou e apontou com a cabeça para a frente.

— Lá vai a sua musa.

Ele sabia o que era, ou melhor, quem era.

Era uma estupidez insensata, mas todos os dias, enquanto ela caminhava em companhia da governanta, Vincenzo ainda parava o que estava fazendo para admirá-la.

A *signora* Guimarães passava sem olhar para os lados, desavisada do quanto mexia com ele. Para Vincenzo, aqueles poucos minutos em que era possível olhar para ela era como se uma brisa fresca envolvesse a terra.

Fazia pouco mais de três meses que tinha sofrido o acidente, e ele passara a duvidar de que o contato um pouco mais íntimo que tiveram havia sido de verdade. Ela voltara a ser apenas uma miragem. Tão intocável quanto no navio. Então, ele gostava de admirá-la apenas para comprovar que, de fato,

ela existia fora de seus sonhos, de sua mente. Vincenzo não podia evitar. Sim, era uma estupidez. Mesmo assim, não podia evitar.

Sua respiração se acelerava, e, às vezes, um bolo estranho ficava preso em sua garganta.

— Tão bela, *Dio mio* — Matteo disse.

— Tão triste — murmurou em resposta sem perceber.

— Triste?

Ele encolheu os ombros.

— Parece de mentira, assim como no navio. Uma ilusão triste, bela e intocável como uma *Madonna*.

Mas, naquela manhã aparentemente igual, tudo mudou. Alguma coisa desviou a atenção dela. Devagar, a jovem virou o pescoço e olhou em sua direção.

Olhou diretamente para ele.

E Santo Deus!

Os lábios cheios se curvaram para cima em um sorriso fraco, benevolente e gracioso.

O mundo se encheu de luz.

Ao menos foi o que Vincenzo sentiu por alguns segundos.

— É *reale* — ele confirmou baixinho com o coração saindo do peito. — Ela é de verdade — repetiu.

Ele sorriu de volta, hipnotizado. A jovem piscou lentamente e voltou a caminhar, afastando-se com passos mais rápidos. Saiu como se nunca houvesse olhado em sua direção. Como se não tivesse acabado de mudar o eixo do mundo somente com um olhar e um sorriso.

O coração de Vincenzo ainda batia acelerado.

— *Dio*, ela olhou para você e sorriu — Matteo afirmou, incrédulo.

Ele suspirou, concordando.

— Sì.

— Todo derretido por causa de um sorriso? — o irmão bufou, ironizando.

Ele sacudiu a cabeça, abaixou-se, pegou o saco de adubo e continuou o trabalho, fingindo que nada havia acontecido.

PARTE II
AS MÁSCARAS



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Rossato

CINCO MESES DEPOIS...
ITATIBA, JUNHO DE 1904

Havia um ano que ela vivia como se estivesse presa dentro de um casco apertado, um cubículo escuro, imobilizada por fios invisíveis.

Era uma prisão luxuosa, sem dúvida.

Paredes cobertas de tecido e móveis importados da França. Cortinas de seda, rendas e lamparinas de murano vindas da Itália. Naquele momento, os raios da lua tocavam uma dessas lamparinas colocadas sobre a mesa lateral. Tudo era tão diferente de sua casa em Montecatini. A verdade era que não se sentia em casa ali, naquela mansão enorme e cheia de requinte. Nunca se sentiu, por mais que houvesse Isabel e as visitas de Francisca, por mais que houvesse os passeios, as aulas de pintura, as escapadas diárias até a cozinha para ajudar dona Eugênia, a cozinheira, a criar alguns pratos. Por mais que houvesse as flores e a horta de que ela cuidava sem Pedro saber. Ela não se sentia em casa. Como poderia?

Desde que Pedro a proibira de escrever, Angelina escondia parte do que escrevia em uma tábua solta que ocultava um buraco no chão do seu quarto e outra parte na estufa.

— *Se lo si sapeva per davvero, papà...*

Se o pai dela realmente conhecesse o homem com quem havia se casado, jamais teria permitido tamanho erro. Se soubesse, nunca a deixaria vir embora para o Brasil.

Sentia tanta falta do pai e da irmã que toda vez que se lembrava deles ficava com vontade de chorar. Esse sintoma se agravava porque agora, além

da saudade, havia uma enorme preocupação. Fazia meses que não recebia nenhuma carta da Itália. Chegou a acreditar que Pedro não enviava mais suas correspondências e também não lhe entregava mais as notícias chegadas de lá. Quando o confrontou, o marido negou veementemente e ainda a acusou de louca: “Não tenho culpa que eles não estejam mais preocupados com você”.

Sabendo que isso não podia ser verdade, ela implorava havia dois meses para a governanta enviar suas cartas, mas nenhuma resposta chegara da Itália, e dona Isabel — que morria de medo do barão — se mostrava cada vez mais reticente sobre continuar a ajudá-la com a empreitada.

Angelina suspirou longamente, passando a escova pelos cabelos algumas vezes. Levantou-se, alisando as saias da camisola, tirou o penhoar, apagou a lamparina ao lado da cama e se deitou.

Provavelmente ele não virá esta noite.

Pedro estava em casa naquele dia. Entretanto, mesmo quando retornava à fazenda depois de várias semanas, o barão praticamente não a procurava mais. E isso, com certeza, era algo que a deixava em paz.

Lembrou-se da noite em que o marido fora violento com ela. Aquele comportamento nunca mais se repetira, ao menos não a agressão física, que era a mais temida por Angelina. Ela levava à risca os conselhos dados pela governanta e amiga e nos momentos mais difíceis conseguia se manter impassível diante das atitudes cruéis do marido. Nunca mais levantara a voz, jamais o questionava. Se ele dizia que amava o verde mesmo ela sabendo que era azul, Angelina concordava que o verde era mesmo a cor mais bonita. Aprendera, no final desse tempo, a não chamar a atenção sobre si. Ela amava as histórias e sempre quisera viver outras vidas. Já havia sonhado ser atriz, e o que virara sua vida, afinal?

O som de passos fazendo eco pelo assoalho de madeira chamou sua atenção para o quarto escuro.

As mãos molharam de suor e o coração disparou.

Era ele.

Era Pedro.

Ouviu a porta do quarto contíguo e suspirou, totalmente aliviada.

Ele não viria naquela noite.

Nas raras vezes em que ainda a procurava, dizia que ela era seca. Colocava-a abaixo de todas as mulheres “normais”.

— Tanto tempo sem nenhuma gestação... É uma maldição ter me casado com uma criatura incapaz de gerar a vida.

O marido repetia isso tantas vezes que Angelina começou a acreditar que realmente havia algo de errado com ela. Tinha certeza de que, se ficasse grávida, se desse os filhos que o barão tanto queria, ele se realizaria e talvez tudo ficasse diferente entre os dois.

Tinha certeza de que era impossível alguém infeliz fazer bem a outra pessoa.

Além do mais, ela queria tanto ter filhos.

Queria ser mãe, sempre quisera. Então, no desespero para conceber durante esse ano, chegou a fazer mais de dez promessas, mudar a alimentação e visitar um médico em São Paulo. Infelizmente, ainda não acontecera.

Talvez ela fosse mesmo seca.

Talvez nunca fosse acontecer.

Suspirou novamente, acomodando-se na cama.

— Deus te abençoe, Isabel. Deus te abençoe, papa. Deus te abençoe, Giovanna. E, mamma, olhe por mim onde quer que a senhora esteja — ela começou a murmurar a prece que fazia todos os dias antes de dormir. — Deus te abençoe, Pedro.

Talvez, se ele realmente fosse feliz, não teria tanto trabalho em fazê-la infeliz.

— Que você encontre paz no coração e felicidade em seus dias. Amém.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Cominato

Vincenzo achava engraçado como os sonhos eram diferentes da realidade. Um ano antes tinha deixado a Itália, no porto de Gênova. Embarcava atrás de um ideal: uma vida melhor em uma terra cheia de oportunidades.

Enxugou outra vez a testa após carregar mais um saco pesado de café para o armazém.

Eles ainda recebiam quase nada pelo trabalho na fazenda. O administrador alegava que tinham de pagar pela moradia e alimentação, e o que sobrava de salário mal dava para guardar. Se não tivessem sido roubados, talvez ele já tivesse seu restaurante, talvez já tivesse conseguido trazer a mãe e os dois irmãos menores que haviam ficado em Nápoles.

Mia passou por ele, chamando sua atenção, carregando um cesto cheio de frutas recém-colhidas.

— Quer ajuda? — Vincenzo perguntou, solícito.

Ela apoiou o cesto no chão antes de responder.

— *Grazie*, estou bem... Só preciso descansar um pouco.

A fazenda Vale Azul tinha trezentos e cinquenta mil pés de café, e cada família de colono ficava responsável por uma quantidade deles. As pessoas que moravam em sua casa cuidavam mais de cinco mil pés. Era trabalho suficiente para ocupar umas vinte pessoas, no lugar de seis. Então, eles se viravam como podiam.

— Vincenzo — ela o chamou com o olhar curioso —, posso te perguntar uma coisa?

— *Sì*, claro que pode — respondeu, limpando as mãos na lateral da calça.

— Por que você nunca se envolveu com moça nenhuma da colônia?

Ele franziu o cenho, desconfortável.

Já tinha muito tempo que ela se deitara na sua cama sem roupas e ele a rejeitara. Depois disso, Mia ficara chateada e os dois passaram alguns meses praticamente sem se falar. Mas a jovem agora estava noiva, e desde então voltara a tratá-lo com cortesia.

Vincenzo não gostava de ser questionado sobre sua vida, seus desejos, seus sonhos. Por mais que morassem juntos, eles não passavam de conhecidos que se tratavam com cordial distanciamento. Mesmo assim, resolveu ser sincero:

— No começo eu não queria nada com ninguém por achar que isso atrapalharia os meus planos, mas hoje acho que... Não sei, não apareceu a pessoa certa ainda... E o que não falta aqui é ocupação. — Ele jogou um olhar para os pés de café, tentando soar divertido.

— É verdade... Sei lá, perguntei por pura curiosidade... Porque Matteo não tem nada sério com ninguém, mas as pessoas comentam que ele, vez ou outra, tem alguns casos passageiros para se divertir... Acho normal que você tenha vontade de conhecer alguém e...

Ele coçou o queixo, sem graça.

— Sim, eu entendo. É claro que é normal e... acredite, eu tenho vontade.

Lembrou-se do vestido azul-claro que a senhora Guimarães usava na manhã anterior. Ela estava linda como sempre e o deixou sem fôlego como em todas as manhãs.

— Bem, se Paola soubesse disso, ficaria mais animada.

Paola era filha do senhor Costa, um colono que morava na casa vizinha de parede com a sua. Vincenzo tinha conversado com ela e dançado algumas vezes durante as festas na colônia. Parecia ser uma boa pessoa, mas...

Não era para ele. Não naquele momento.

— Ela é muito jovem para mim.

— Acho que ela já fez dezessete anos.

— Eu tenho vinte e três. Como disse... é muito jovem.

Mia se abaixou, pegando o cesto outra vez.

— Eu vou indo, então.

— Cumprimente o seu noivo por mim. Fiquei sabendo que marcaram a data do casamento. Parabéns.

— Obrigada, Vincenzo — ela respondeu, afastando-se.

Matteo se aproximou assim que Mia abriu uma distância maior.

— O que Mia queria?

— Eu ofereci ajuda, ela negou e me encheu de perguntas sobre minha vida íntima.

— Ainda bem que alguém, além de mim, tem coragem de perguntar.

— Bando de fofoqueiros, isso sim.

Um pouco depois, Vincenzo fitou o céu com as mãos nos quadris. Sabia pela posição do sol que estava no horário de ela passar. Todos os dias ele ainda parava para vê-la passar, e quase todos os dias seus olhares se cruzavam. Quando isso acontecia, Angelina sorria para ele.

Ela usava um vestido verde e segurava uma sombrinha no mesmo tom a fim de barrar o sol. Atrás dela, dona Isabel a seguia como um cão farejador. Havia tempos a dupla ia acompanhada por um cachorro marrom de orelhas compridas e peludas. Era o cachorro dela, Vincenzo sabia. Vez ou outra o cão descia até a colônia. Ele se lembrou de que, três meses antes, oferecera-se para levar o animal de volta à casa sede na esperança de vê-la, de se aproximar um pouco de Angelina, mais uma vez. No entanto, quem o recebera à porta da casa fora dona Isabel.

O trio fez a curva na trilha, aproximando-se da entrada do armazém, onde ele e o irmão trabalhavam. De quando em quando, como naquela manhã, ele a observava virar o pescoço de um lado para o outro como se o buscasse — ao menos era no que Vincenzo gostava de acreditar, por mais ridículo que fosse —, e ela cumprimentava alguns colonos com um aceno de cabeça e então o encontrava e sorria para ele. Assim como acabava de fazer naquele instante.

Os sorrisos dela eram somente para ele. Essa era mais uma loucura em que Vincenzo gostava de acreditar.

— Volte ao trabalho, senhor Vincenzo — era a voz de Afonso.

Ele desviou os olhos dos dela, abaixou-se, pegando a saca de café, e voltou ao trabalho, como sempre fazia depois que ela passava.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Piazzi

Na manhã seguinte, Angelina recebeu Francisca na sala de música, em mais uma de suas frequentes visitas à fazenda.

— Me diga uma coisa, minha querida: você tem conseguido colocar alguma ideia sua em prática por aqui? — perguntou Francisca, após dar um gole no chá recém-servido.

Lembrou-se do que a amiga falava: fazia um tempo que as duas tinham passado a conversar e a discutir possíveis melhorias para suas colônias. Angelina chegou a ter algumas ideias, mas Pedro nunca a ouvia. Tinha quase certeza de que seria impossível o barão colocá-las em prática.

— Não... Na verdade eu tentei, mas Pedro nunca me leva a sério, nunca escuta o que tenho a dizer — respondeu. — O fato é... nós mal conversamos sobre coisa alguma, você sabe.

A amiga a encarou com ar consternado.

— Eu esqueço como seu marido é... Me perdoe, ele é um traste. Bem, se você quiser eu posso...

— Falar com ele?

A mulher assentiu.

— Obrigada, mas isso só pioraria as coisas.

Tomaram o chá em silêncio, até Francisca voltar a falar:

— Eu lhe disse que meu marido colocou em prática algumas de suas sugestões na nossa fazenda e os resultados em poucas semanas foram muitos satisfatórios?

O coração de Angelina saltou no peito.

— É verdade?

Francisca apoiou no pires a xícara de porcelana adornada de dourado.

— É claro que sim.

Sentiu-se um pouco realizada, produtiva e útil.

— E se o senhor Monteiro de Barros falar com seu esposo sobre essas melhorias sem mencionar que foi uma ideia sua? Você acha que o senhor Guimarães pode escutá-lo e colocar algo em prática?

Angelina sorriu ainda mais. Tinha certeza de que funcionaria. Se havia algo de que Pedro gostava mais do que a ideia de subjugar os outros era o dinheiro, o poder, a posição social e ideias que pudessem aumentar seus ganhos.

— Sim, eu acho que pode funcionar.

Francisca pegou a xícara novamente e disse, antes de levá-la aos lábios:

— Temos um acordo, então.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Troiano

Os raios de sol entravam pelas frestas da parede do armazém onde as sacas de café ficavam estocadas.

Ele mal conseguia respirar.

O problema não era o ar quente do lugar.

O problema era a boca.

A boca com a qual ele vinha sonhando havia muito tempo. Desde a viagem de navio.

E ela estava sobre a dele, devorando seus lábios como se precisasse disso para sobreviver.

Ele precisava.

Os lábios mornos e macios se moveram com mais urgência sobre os dele, e Vincenzo gemeu.

— *Dio* — soprou, ofegante. — *Dio mio* — repetiu e tornou a beijá-la.

Ela se afastou um pouco, o suficiente para olhá-lo com paixão.

— Eu vou tirar meu vestido. Vou ficar nua para você.

— Eu não vou aguentar... — Vincenzo envolveu a nuca delicada com as mãos e a beijou novamente.

E então, em um abrir e fechar de olhos, em apenas alguns segundos, ela estava nua e deitada sobre as sacas de café. Exposta somente para ele.

— Eu quero ser sua, Vincenzo — afirmou baixinho.

Ele engoliu em seco. Temia não conseguir se segurar e terminar tudo antes de estar dentro dela. Sonhava com isso fazia tanto. Além do mais, não tinha estado com mulher alguma desde que chegara ao Brasil.

Tirou a camisa. Seu peito subia e descia rápido. Depois, tirou a calça e se deitou sobre o corpo quente e acolhedor e...

E...

Abriu os olhos.

Vincenzo acordou atordado.

Ofegante, molhado de suor e mais excitado do que já se lembrara de qualquer dia ter acordado em sua vida.

O membro pulsou dolorido.

— *Porca miseria!*

Sentou-se à beira da cama estreita e apoiou o rosto nas mãos, tentando se acalmar.

Tinha que parar de olhar para a *signora* Guimarães. Devia parar de sonhar com ela, acordado ou dormindo. Aquilo era uma obsessão.

Levantou-se e olhou ao redor: as paredes baixas deixavam o ambiente vizinho exposto. Era o quarto de Franciele e Mia.

Observou o céu através do vão entre o telhado e a parede; o azul-escuro começava a ser invadido por fios cor-de-rosa e lilás. O dia estava amanhecendo. Vincenzo não poderia voltar a dormir. Teria de jogar uma jarra de água gelada no corpo para conseguir se vestir e ir trabalhar.

Bufou, mal-humorado, e saiu do quarto a fim de pegar a água na bomba do poço fora da casa. Naquele momento, ele tinha duas certezas: iria procurar Paola e enfim conhecê-la melhor.

Desde que foram apresentados, tempos atrás, ela se mostrava bastante interessada em estar com ele. E Vincenzo sabia que a jovem conterrânea não queria apenas amizade.

Tiraria da cabeça uma mulher inalcançável, uma mulher de sonhos, dando chance a uma jovem que poderia ser de verdade em sua vida.

A segunda coisa que Vincenzo decidira: ele não esperaria mais a *signora* Guimarães passar ou sorrir para ele como se aquele momento fosse o único motivo que o fazia acordar todos os dias. Como se ele precisasse disso para estar em paz.

Já era hora de parar com o delírio de se sentir ridiculamente atraído, apaixonado, por uma mulher que jamais seria dele.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Servello

— A senhora ouviu o que eu disse? Era uma maldita cobra.

Isabel piscou, atordoada.

— Sim, eu ouvi.

— E ela... ela tentou me atacar — Angelina disse, com a voz trêmula.

— Jesus!

Angelina olhou para Guine, que ainda estava agitada. Seis meses depois de ter sido encontrada, Guine se tornara útil de verdade para a desculpa que ela dera ao barão a fim de convencê-lo a permiti-la na casa.

“Acho que ela pode ser útil para me alertar se algum bicho peçonhento entrar no quarto, ou mesmo durante as noites em que você se ausenta.”

— Guine me alertou — comprovou, nervosa. — Se não fossem os latidos dela, eu não teria ficado tão atenta, não teria desviado a tempo.

— Boa menina — Isabel disse, coçando a orelha peluda.

— E agora, o que vamos fazer?

— Vou chamar Afonso ou Ricardo para resolverem isso.

Angelina esfregou os olhos com força.

— A senhora não pode chamar nenhum dos dois.

Isabel a encarou com a boca entreaberta, sem entender.

— Os manuscritos estão todos espalhados pelo chão, a tábua está fora do lugar... Eu... eu não consegui guardar ou fechar nada.

Isabel apertou as mãos, parecendo aflita.

— Nunca matei ou peguei uma cobra antes.

— O que vamos fazer? — repetiu, ofegante. — Pedro deve chegar a qualquer momento... E então... então...

— Eu vou entrar lá.

— Cuidado! — Angelina pediu, enfática, indo atrás da governanta.

A situação quando entraram era bastante desesperadora. A cascavel desgraçada havia se enrolado com tranquilidade em cima de seus manuscritos e, ao perceber que elas se aproximavam devagar, levantou a cabeça e começou a chocalhar a cauda horrível, ameaçando-as.

As duas saíram rapidamente, fechando a porta com força em seguida.

Angelina não conseguiu conter um soluço nervoso.

— Se ele descobrir que eu estou lhe desobedecendo, acho que...

— Fique calma, vou dar um jeito.

Dizendo isso, Isabel saiu correndo em direção às escadas que levavam até a área externa da casa.

Angelina encostou-se à parede e fechou os olhos, abalada.

— Por favor, meu Deus, não o deixe chegar. Não o deixe descobrir. Não deixe que Pedro veja os manuscritos.

Tempos depois, a criada voltava com um homem alto atrás dela.

A primeira reação de Angelina foi pânico.

Aquele homem iria ver seus escritos. Será que ele contaria alguma coisa a Pedro?

Ela observou que, por suas roupas, possivelmente o jovem trabalhava nos cafezais.

Os dois se aproximaram mais e Angelina sentiu o estômago gelar.

Não era um homem qualquer. Muito menos um total estranho.

Era o senhor Vincenzo. *Dio Santo!* Com mais de duzentos colonos, havia de ser justo ele? Lembrou-se da cena do rio e de como aquela visão mexera com ela, meses antes. Desde a tentativa frustrada de fuga, ela o procurava entre os cafezais, no terreno de secagem, junto aos armazéns, e o cumprimentava sempre que o localizava. Esse era todo o contato que tinham.

Não sabia por que começou a fazer isso. Talvez porque o sorriso que ele lhe devolvia parecesse ser a melhor parte dos seus dias.

Então, sem que ela percebesse como, ou entendesse direito o porquê, passou a esperar por aquele momento, por aquela troca breve. E não demorou para que Angelina começasse a criar mil teorias. Diversas possibilidades de histórias sobre a vida do jovem e belo italiano, o dono do sorriso mais estonteante que ela já conheceu.

Como ele chegara até ali? Quais eram seus sonhos, seus desejos? Quem esperava por ele quando saía da lavoura? Quem ele tinha deixado para trás, na Itália?

Teria uma noiva, uma esposa, uma família?

E as ideias começaram a surgir sem que ela controlasse, como se ele fosse um dos personagens das histórias que criava.

Ele deixara sua casa na Itália e viajara com o irmão para o Brasil. À noite, gostava de se sentar nos degraus em frente à porta e olhar para o céu.

Angelina acreditava que o jovem sorria para o céu da mesma maneira que sorria para ela. E desejava que as estrelas realizassem os seus sonhos: voltar para a Itália, conseguir um pedaço de terra somente dele, onde enfim se casaria e criaria seus filhos. Não era um sonho de riqueza ou poder, mas era grande o bastante para encher seus olhos de esperança. Aquele rapaz parecia o tipo de pessoa que encontrava nas coisas simples o seu verdadeiro tesouro. Ele teria uma família grande e barulhenta, uma esposa amável para quem sorriria todas as noites e também pelas manhãs. E, com certeza, em algumas dessas noites, depois de tomarem um pouco a mais de vinho, ele a tiraria para dançar, dariam risada falando bobagens. Então, por fim, adormeceriam no quintal, sobre uma manta. Sim, a esposa que esse jovem um dia teria seria muito feliz ao ser amada por ele. Angelina não sabia quando começara a invejar a jovem que criara em sua mente, em suas fantasias; e, como se aquilo não fosse estranho o suficiente, com o passar dos dias ela assumira o lugar de esposa dele dentro dos seus sonhos.

Era inquietante, perturbador e tentador.

Era estranho também, porque, desde aquele dia no rio, Angelina começara a sonhar com coisas que nunca antes acreditara precisar que sequer conhecia na prática. Beijos tão acalorados que deixavam o fogo com inveja, carícias afáveis e voluptuosas. Gemidos ao pé da orelha e sussurros de prazer. Alguns meses antes, ela tinha visto um casal de jovens colonos se beijarem. Havia mais paixão e entrega naquele beijo do que já experimentara em toda a sua vida.

Ela os invejou. Como o fogo invejava os beijos dos seus sonhos.

— Ele vai nos ajudar — Isabel afirmou, chamando sua atenção para o corredor.

Para ele.

Por que justo ele?

Olhou para o jovem parado à sua frente, segurando um saco de tecido em uma das mãos e um pedaço de madeira comprida na outra. Ele acenou com a cabeça e sorriu, um sorriso mais tímido do que aqueles trocados pelas manhãs.

Mas foi como se um trovão tivesse aberto o teto e caído sobre sua cabeça, percorrendo seu corpo com uma descarga de som poderosa. Ela nunca o vira assim tão de perto. Quer dizer, não acordado e reagindo a sua presença.

Observou o cabelo preto e ondulado nas pontas, desarrumado em uma bagunça que somente o trabalho ao ar livre poderia conferir e a barba rala que sombreava o rosto quadrado. Notou o nariz reto e marcante, os lábios um pouco rachados pelo sol e uma aura forte de quem vivia sobre o vento, a chuva, a terra e o café. A pele clara curtida como os grãos torrados, os dentes brancos dando o contraste entre as nuvens e a terra escura.

E os olhos?

Neles estava o céu azul intenso, aquele que surge após uma tempestade.

O coração de Angelina disparou e ela sentiu o rosto esquentar pela maneira como o senhor Vincenzo a encarava de volta junto à atração que os unia de forma violenta e inesperada.

Ele respirou fundo e mirou a porta do quarto.

— Vamos resolver isso.

— Cuidado, *per favore*. — Quando deu por si, já havia pedido.

Ele assentiu, colocando a mão na maçaneta.

Angelina inspirou devagar, tentando organizar os pensamentos antes de dizer:

— *Signore*, há pouco, quando entramos no quarto, a cascavel estava em cima de uns papéis. Se o *signore* conseguir — ela se deteve —, apenas se for possível preservá-los... Os papéis, eles são importantes para mim.

— Eu farei o possível — ele disse, entrando no quarto.

Isabel encarava a porta com uma expressão indecifrável.

— Eu corri até o cafezal — a criada explicou. — Foi o primeiro homem que encontrei.

Ela concordou, respirando fundo de maneira entrecortada.

Alguns momentos de um silêncio tenso se estenderam entre as duas.

— Será que está tudo bem? — Angelina perguntou, olhando em direção à porta.

— Eles estão acostumados... Entre os cafezais tem muito desses bichos e...

Passos mais altos e algumas batidas ecoaram por detrás da porta. Angelina sentiu o coração disparar ao ouvi-lo praguejar alto.

Impulsiva, abriu a porta somente para se certificar de que estava tudo bem e quase caiu para trás ao praticamente dar de cara com o italiano, que saía ao mesmo tempo em que ela colocava o corpo para dentro.

— *Scusami* — ele pediu, sem jeito, afastando-se.
— Sou eu quem pede desculpas — contrapôs, envergonhada.
— Está *tutto bene* agora. — Ele levantou o saco com um volume no fundo.
— *Grazie a mille* — ela murmurou ao reparar que, além de ter capturado a cobra, ele salvara seus manuscritos.

O jovem estendeu o maço de papéis em sua direção.

— Obrigada, senhor — Isabel disse, segurando por um instante o antebraço do jovem.

— *Di niente*, senhoras.

Angelina pegou as folhas entre os dedos trêmulos, abraçando-as contra o peito. As pernas estavam frouxas como duas meias vazias. Ela se sentia ainda abalada com tudo o que acontecera.

Ele tocou na aba da boina, despedindo-se:

— Então, acho que vou indo e...

Passos altos no corredor atrás deles a fizeram engolir em seco.

— O que está acontecendo aqui? — a voz forte do barão ecoou pelo ambiente, e as vísceras de Angelina se contraíram.

Ela olhou desesperada para Isabel, que estava dentro do quarto, e para o jovem a sua frente.

— Esconda, *per favore* — pediu em um sussurro aflito, estendendo novamente o maço de folhas na direção dele.

Confuso, ele olhou dela para os papéis e então mirou o corredor, onde os passos se tornavam mais próximos.

— *Per l'amore di Dio* — Angelina implorou, com os olhos grudados nas folhas.

Então, como um milagre, o jovem pareceu compreender o que ela queria.

Em um movimento rápido, ele pegou os manuscritos e virou de costas. Angelina conseguiu ver o saco de tecido balançar quando as folhas caíram dentro dele.

Em cima da cobra.

Uma cascavel perigosa que naquele momento era a guardiã de seu segredo.

A culpada por tudo aquilo estar acontecendo, mas, ironicamente, sua salvação.

Pedro chegou junto a eles, repetindo a pergunta de maneira ainda mais ríspida.

— Mas o que está acontecendo aqui?

— Uma cascavel — Isabel respondeu prontamente. — Eu não encontrei

Afonso e este rapaz aceitou nos ajudar.

Pedro analisou o jovem e em seguida se virou para sua mulher. Angelina se sentia tonta e enjoada. As mãos suavam frio e o coração batia tão rápido que ela não conseguia respirar.

Ela umedeceu os lábios.

— A cobra, ela... É aquela com chocalho, aquela que você me explicou que eu deveria me manter longe se encontrasse alguma pela fazenda e... ela... ela quase me atacou... Se o cachorro não me avisasse, acho que... Bem, você sabe como eu tenho medo.

Pedro levantou a bengala com o cenho franzido e cutucou o fundo do saco.

Angelina prendeu a respiração.

Uma gota de sangue havia manchado o tecido.

— Qual o seu nome, rapaz? — o barão perguntou, apoiando a bengala no chão outra vez.

— Vincenzo Martinelli.

— Muito bem, senhor Martinelli — começou, com firmeza. — Passe no fim da tarde no meu escritório e eu o recompensarei.

— Não é preciso, *signore*.

Pedro elevou um pouco as sobrancelhas, um gesto quase imperceptível. Mas Angelina notou. Sabia que o marido não gostava de ser contrariado, nunca. Mesmo diante de uma negativa que seria considerada educada por qualquer pessoa.

— Não perguntei se é preciso, senhor Martinelli. O senhor ajudou a minha esposa e eu quero recompensá-lo... Agora — ele apontou com a bengala para o saco —, livre-se desse bicho e me procure no fim da tarde.

— Sim, *signore*.

Angelina sentiu os olhos de Vincenzo sobre ela. Um arrepio cruzou sua nuca. Queria retribuir o olhar, lhe agradecer. Queria também pedir que cuidasse dos seus manuscritos. Mas não podia olhar, nem falar com ele na frente de seu marido. Qualquer gesto de educação seria mal interpretado por Pedro. Ela não podia dar motivos para ele se irritar com o jovem ou com ela.

— Venha aqui, minha querida — Pedro enlaçou sua cintura, puxando-a para junto do corpo. — Deixe-me cuidar de você.

Ele deu um beijo na testa delicada e afagou seu cabelo.

Ela ouviu quando o rapaz se afastou, os passos firmes deixando o recinto. Ouviu também quando ele provavelmente alcançou a escada, fazendo-a engolir o nó que apertava sua garganta.

Graças a Deus, agradeceu em silêncio. Deu tudo certo.

— Isabel — Pedro se voltou para a criada —, prepare um banho e um chá para minha esposa.

— Sim, senhor.

Beijou-a na testa novamente.

— Acalme-se, querida, está tudo bem.

Angelina fechou os olhos, deitando a cabeça no peito do marido. Ela não conseguiu evitar, conforme encostava o rosto na camisa engomada, ver dentro de seu coração o jovem com olhar de tempestade e um sorriso capaz de derreter o gelo que envolvia seu mundo.

Vincenzo Martinelli.

Daria um jeito de ir até ele, não apenas para recuperar seus escritos, mas também para agradecer-lhe com a devida calma, mais uma vez.

— Sim, está tudo bem, obrigada — agradeceu ao marido, pronunciando as palavras que o coração queria dizer ao rapaz que realmente a ajudara.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Fiorio

— *Porca miseria!* — Ele bufou enquanto se livrava da cobra. Ela nem mesmo lhe agradeceu direito, nem o olhou antes de ele ir embora.

Que porcaria ele deveria fazer com aquelas páginas?

E por que Cristo ela pedira que ele as escondesse?

Aliás, por que ele aceitou ir até o quarto dela e enfrentar uma cobra?

Por acaso não havia decidido se manter longe?

Esfregou o rosto com força.

Estava sendo insensato e sabia por quê: além de ela tê-lo ajudado e ter sido tão gentil na noite da tempestade e no dia seguinte emprestando-lhe a medalha de santa Lúcia...

Era Angelina.

Madonna mia!

Aqueles olhos.

Aqueles lábios.

O cheiro.

Nunca estivera tão perto dela.

Ao menos, não consciente.

Passou as mãos no cabelo.

Jesus!

A maneira como ela tinha olhado logo que ele chegou para ajudar.

Vincenzo nunca havia ficado de pernas bambas por causa de um olhar até aquela maldita manhã. Mentira, ele ficava de pernas bambas todas as manhãs, quando ela sorria para ele.

A bagunça em seu interior piorou quando capturou a cascavel e se sentiu um herói de guerra pela forma como ela o encarou quando enfim devolveu as

folhas a salvo.

Nunca se sentiu tão forte, vitorioso e realizado.

Como um maldito herói condecorado por sua rainha.

Então, o senhor Guimarães chegou e o sorriso dela, que era uma âncora em seu coração, se recolheu. Ela o puxou, sem saber, para fora do peito dele. A expressão da jovem se contorceu em uma máscara de pânico.

Vincenzo entendeu o pedido silencioso para esconder as folhas e foi o que fez, sem hesitar, sem pensar, sem nem mesmo saber o que diabos ela escondia do marido com tanta determinação.

Cartas de um amante?

Documentos que comprometiam o senhor Guimarães?

Documentos que a comprometiam de alguma forma?

Vincenzo olhou os papéis que devolvera para o saco, pensando se devia ou não lê-los.

Apesar de não parecer certo invadir a privacidade de alguém dessa maneira... bem, foi a própria senhora Guimarães que o envolveu no seu segredo e, infelizmente, Vincenzo tinha uma certeza: sua curiosidade não o deixaria em paz enquanto não olhasse.

Sabia que o senhor Guimarães era um homem poderoso, implacável e cruel.

Tratava seus empregados pouco melhor do que deveria tratar seus antigos escravos.

Vincenzo sabia também que vários conterrâneos deixavam a fazenda por não aguentar as condições abusivas de trabalho. Mesmo com o “patrão” devendo dinheiro a eles.

Quase todos eram pagos apenas duas vezes por ano, e alguns ainda tinham dívidas com os custos da viagem e da moradia... No fim das contas, pagavam para trabalhar.

Porém, mesmo o barão sendo um maldito, Vincenzo não queria saber de algo sórdido de sua esposa ou... ou se envolver dessa maneira em um segredo que não era dele.

— *Cazzo!* — reclamou outra vez.

A lembrança dela abraçada ao senhor Guimarães voltou à sua mente e ele bufou outra vez, inconformado consigo mesmo e, é claro, com suas reações irracionais diante daquela mulher.

O que mais o perturbava, e isso Vincenzo não admitiria para si mesmo, não era o fato de ele ter feito o que fez, agido por impulso como agiu. Era aquela

imagem: a *signora* Guimarães, pequena e desprotegida, abraçada ao dono da fazenda, dos cafezais, ao dono dos seus sonhos. As palavras de carinho que o barão sussurrara e a vontade incontrolável que Vincenzo teve de estar no lugar daquele homem, consolando-a, acolhendo-a e lhe dando proteção.

Fez um gesto de negação com a cabeça e começou a andar, pisando firme em direção à sua casa.

Irritado, frustrado, preocupado.

Guardaria aquelas folhas sem olhar o que estava escrito nelas e trataria de tirar a senhora Guimarães da cabeça.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Bortot

Era um escritório grande e luxuoso, com estantes de madeira do chão ao teto, cobertas de livros. Alguns quadros de caçadas se exibiam em cima da enorme lareira, ladeada por um aparador de mármore, uma escrivaninha de jacarandá maior que a cama dele e um par de poltronas cobertas de couro. O alto pé-direito conferia uma atmosfera mais fresca e agradável ao ambiente.

Mesmo tendo acabado de tomar banho e trocar de roupa, a caminhada até a casa da fazenda foi o suficiente para deixá-lo suando como se tivesse trabalhado por horas debaixo do sol.

O senhor Guimarães estava vestido com um terno completo, impecável e engomado, tamborilando os dedos em cima do tampo da mesa.

Seguiu o olhar estreito do barão, notando que ele encarava seus pés. Desconfortável e envergonhado, percebeu que sujara de terra o tapete luxuoso que pisava.

— Me perdoe, *senhor*... Eu tentei limpar, mas acabou de chover e a trilha até aqui está enlameada e...

— Vamos conversar. Sente-se aqui. — Ele apontou com a cabeça uma poltrona em frente à escrivaninha.

Vincenzo se sentou sem saber direito o que fazer com as mãos. Por mais que as tivesse lavado, as unhas estavam um pouco sujas de terra. Sem graça, apoiou-as sobre o colo.

Assistiu ao senhor Guimarães se levantar e se servir de conhaque.

— Aceita?

— *Non*, senhor, *grazie a mille*, mas tenho que voltar para o trabalho ainda e...

Ele verteu o conteúdo em dois copos e Vincenzo entendeu que teria de

beber.

— Gostei de você, rapaz, e não é sempre que isso acontece.

— *Grazie* — Vincenzo respondeu, pegando o copo oferecido.

— Vincenzo Martinelli — o barão começou, analisando uns papéis sobre a mesa. — No seu registro de imigração diz que você chegou ao Brasil há um ano... E veja só... que coincidência, você veio no mesmo navio em que a senhora Guimarães e eu viajamos da Itália para cá.

— Sim, senhor.

O barão levantou os olhos do papel com ar analítico.

— Ah, você sabia?

Caspito! O que ele tinha dito?

— *Non*, senhor, não sabia sobre o navio. Confirmei que sim, cheguei ao Brasil há um ano.

— Certo... — Ele voltou os olhos para o papel. — Você passou pela hospedaria dos imigrantes e foi encaminhado para o meu núcleo colonial. Trabalha comigo desde então.

— *Sì*.

O barão cruzou as mãos sobre a mesa e o encarou.

— Me informei com Afonso sobre o senhor e ele disse que você é muito esforçado, tem um comportamento exemplar, discreto, nunca se meteu em brigas ou confusões, é correto, sempre cumpre os horários de trabalho e pelo que tudo indica parece ser bastante honrado. Está certo?

Ele apenas assentiu com a cabeça.

— Algo que temos em comum... — O barão deu um gole na bebida. — Não suporto indolência, falta de compromisso ou mentiras e insubordinação. Ainda mais quando esse comportamento vem de uma mulher. As mulheres têm que reconhecer o seu lugar, obedecer e respeitar a voz mais sábia dos homens e não causar problemas ou insatisfações. Uma única mulher voluntariosa é pior do que dez homens sem caráter juntos... Concorda?

Vincenzo se obrigou a dar um gole na bebida para não ter de responder que “não”. Ele não concordava com nada daquilo sobre as mulheres e se mexeu um pouco desconfortável na cadeira. O senhor Guimarães prosseguiu:

— Mas, infelizmente, não existem muitas mulheres que conhecem o seu lugar hoje em dia, e, quando nos casamos, temos que cumprir nosso papel de protegê-las, de guardá-las e de educá-las... Por isso, fico muito grato pelo que o senhor fez hoje mais cedo por minha senhora. Além de ela ser minha esposa, é muito preciosa para mim.

Vincenzo travou o maxilar com força. Cristo, que tipo de homem falava da própria esposa dessa maneira? Como se ela fosse um objeto, um bichinho a ser adestrado?

— Não fiz nada que qualquer um no meu lugar não teria feito.

O barão deu risada.

— Além de corajoso é humilde, conhece o seu lugar. Eu gosto disso. Aliás... preciso de homens como o senhor próximos a mim, minha casa e minha família.

— *Grazie, signore* — disse, sem saber o que mais poderia dizer.

— Me diga, Martinelli, onde você ficaria feliz em trabalhar? — Ele abriu as duas mãos no ar. — Sendo um guarda da casa, ou um lacaio ajudando com algo no estábulo? — concluiu.

Vincenzo sentiu o coração disparar processando o que acabara de ouvir. Nunca imaginou que a conversa levaria a isso e respondeu, impulsivo:

— Eu... eu gosto muito de cozinhar, senhor.

— Veja só! — Arqueou as sobrancelhas até a testa larga vincar. — Isso é uma surpresa.

Era a sua chance, a única que teria de tentar mudar um pouco de vida. Certo disso, ele se agarrou à oportunidade:

— Vim para o Brasil a fim de tentar colocar a culinária em prática de alguma maneira.

O barão espalmou as mãos no tampo da mesa.

— Muito bem! Saia daqui e procure a senhora Isabel. Diga que são ordens minhas. Tenho certeza de que ela conseguirá algum lugar na cozinha para você.

— *Grazie a mille, signore* — ele agradeceu, sem conseguir segurar um sorriso de realização.

— Precisarei de você em outras coisas também, para ajudar com alguma tarefa da casa. Posso contar com o senhor?

— *Sì*, senhor, com certeza.

— Que bom. Você pode ir, então — ele disse, abanando uma das mãos com impaciente displicência.

— Obrigado, senhor — agradeceu novamente, levantando-se.

— Ah, senhor Martinelli... — o barão o chamou.

— Senhor?

— Limpe a sujeira que você fez no meu tapete antes de sair.

Vincenzo ficou parado, olhando do homem que mirava uns papéis a sua

frente, como se ele não estivesse mais lá, para a mancha de barro no tapete.

— Eu vou ter que ir até aí e explicar como se faz? — perguntou, sem levantar os olhos da mesa.

— *Non*, senhor.

— Então, mexa-se.

— Mas senhor, como? — Fitou as próprias mãos, em dúvida.

— Use qualquer maldita coisa, as mãos, os braços, um dos trapos que você veste. Qualquer porcaria.

Confuso e humilhado, Vincenzo tirou do corpo o seu melhor colete, agachou-se, travando o maxilar, e limpou o que conseguiu do barro. Saiu em seguida sem ouvir, nem mesmo, um cumprimento formal.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Santi

Vincenzo voltou da casa do senhor barão depois de falar com Isabel. Lavou o colete, removendo o que pôde do barro. Então chamou Matteo para jantar. Estava tarde e o resto da casa já dormia. Enquanto comiam, contou para o irmão tudo o que tinha acontecido.

— Você vai morar mais próximo à casa-grande? — Matteo perguntou, olhando-o sobre a mesa.

— A senhora Isabel disse que pode conseguir algo para você fazer por lá também, então você poderá ir morar comigo.

Matteo sacudiu os ombros como se não ligasse, a expressão meio fechada. Vincenzo conhecia o irmão e sabia que ele estava triste.

— Eu começo somente daqui a uma semana e vou ganhar mais. O dobro, na verdade. Essa é a nossa chance de sair da fazenda, de ir atrás dos nossos sonhos daqui a um tempo.

Matteo o encarou.

— Eu sei, meu irmão... É somente que... Vou sentir a sua falta.

Vincenzo tentou sorrir divertido, mas também sentiria falta dele.

— Você fala como se eu estivesse voltando para a Itália.

— Vamos nos ver muito pouco, essa é a verdade.

— Vou passar meus dias de descanso sempre aqui com você, além do mais, você também pode ir me visitar, quando quiser.

O irmão apoiou as mãos no tampo da mesa e o encarou com mais entusiasmo.

— Você já viu sua nova casa?

— *Non...* Mas acho que não será muito maior do que esta.

— Mas com certeza melhor — Matteo comprovou, apontando com o

queixo para a parede de um metro de altura que separava os quartos.

— Sim, acho que por lá terei mais privacidade e...

— Isso vai ser incrível.

Vincenzo franziu o cenho, sem entender a mudança repentina de humor do irmão.

— Espero que sim.

— Vou poder levar garotas quando quiser ter mais privacidade e...

— Nem pense nisso.

O irmão estreitou o olhar.

— Vai dizer que você não pensou nisso?

— Talvez — confirmou e sorriu, disfarçando. Era mentira, porque havia muito tempo, por loucura ou masoquismo, ele só sonhava com uma mulher. Uma que vivia somente em sua imaginação.

— Estou exausto — disse Matteo, bocejando.

— Vá dormir. Eu cuido da louça e, em seguida, vou me deitar também.

Após ajeitar a cozinha, ele se deitou e tentou dormir. Mas a ideia de ler aquelas páginas não o deixou relaxar.

Então, inquieto, resolveu ler por medo do que poderia estar escrito ali.

Mentira!

Resolveu ler porque não aguentou a curiosidade.

De imediato, reconheceu a letra dela. Já havia lido o bilhete deixado na manhã seguinte ao acidente com a árvore tantas vezes que reconheceria a letra de Angelina mesmo misturada a outras dez caligrafias diferentes.

Irritado por desejar tanto tocá-la de alguma maneira, nem que fosse dividindo com ela um segredo, começou a ler.

Resultado?

Quatro horas depois ele ainda lia e — para seu desespero — se sentia absurdamente mais atraído por aquela mulher.

Sempre amara as histórias, sempre encontrara nos livros mais do que a chance de viver outras vidas. Para ele, as histórias eram suas companheiras. Ele chegava a se sentir quase íntimo de alguns personagens, às vezes se identificava tanto com algumas vivências de dentro das páginas que era como se ele mesmo as tivesse vivido. Por isso, desde que aprendera a ler, com onze anos, pegava alguns títulos na biblioteca de Nápoles. Quando sobrava qualquer trocado, comprava um exemplar. Um gosto que Vince não aprendeu dentro de casa. Um amor que desenvolveu sozinho.

Olhou para o livro desgastado na mesa lateral. Aquele era o único bem que conservara, não vendera, não perdera. Era uma edição de *A divina comédia*. Já havia lido tantas vezes que sabia de cor muitas das passagens. Fitou as páginas escritas em sua mão.

Santo Deus.

Ainda estava sob o efeito da descarga de emoção contida naquelas palavras.

Durante horas ele leu uma aventura intensa, recheada de fantasia, drama, intrigas e romance, e, quando chegou à última página — para sua angústia —, não havia fim. O final não estava lá.

Sentado no chão, com as costas apoiadas na cama, Vincenzo só conseguia pensar em como seria o desfecho daquela história. Principalmente, perguntava-se: por que sua dona escondia aquilo do marido?

A *signora* Angelina era capaz de fazer magia com as palavras e Vincenzo estava encantado. Enfeitiçado.

Ainda mais perdido.

Ele esfregou os olhos, passando as mãos no cabelo, e sorriu abismado. Nem em seu delírio mais louco imaginou que seria uma história preenchendo aquelas páginas.

E constatou também — entristecido — que era uma grande pena, talvez uma grande perda, aquelas palavras permanecerem escondidas. Elas tinham de ganhar o mundo, que recheiar livros, encantar outras pessoas e...

Uma batida na porta chamou sua atenção.

Franziu o cenho.

Quem será?

Devia passar da meia-noite.

Intrigado, ele se levantou, colocou as folhas sobre a cama, olhou para Matteo, que roncava tranquilamente, vestiu uma camisa, a boina e foi abrir a porta.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Scatena

Angelina andava de um lado a outro no depósito de café próximo à casa do senhor Vincenzo. Aguardava, com uma tensão crescente, que Isabel voltasse. A governanta fora tentar buscar o jovem italiano.

Ela precisava falar com ele, pedir os manuscritos de volta, certificar-se de que não falaria nada sobre o que viu. Depois que se acalmou, entendeu a sorte que teve por ser ele a ajudá-la. De certa maneira, eles haviam desenvolvido nos encontros distantes, e por causa do acidente no temporal, certa cumplicidade. Mesmo assim ela ainda precisava se certificar de que ele não falaria nada.

Ela precisava... Ouviu passos do lado de fora e seu coração disparou.

Nem sabia direito do que precisava.

A porta foi aberta e Isabel entrou, seguida pelo senhor Vincenzo.

Seu coração acelerou ainda mais.

Ele caminhou em sua direção.

Ela notou o movimento na garganta dele ao engolir.

— Boa noite, senhor Martinelli. Obrigada por ter vindo — adiantou-se, mirando as páginas nas mãos dele.

— Boa noite, senhora. A dona Isabel me disse que a senhora estava esperando por isso. — Ele estendeu as folhas em sua direção.

Angelina pegou-as sem hesitar.

— *Grazie!*

— Eu acho — apontou com os olhos para os papéis — que as duas ou três últimas páginas foram um pouco manchadas... A senhora sabe... Com o sangue do bicho.

— Entendo — ela replicou baixinho.

— Não compromete o que está escrito. Ao menos eu consegui ler o... — Ele se deteve com olhos arregalados.

Angelina prendeu a respiração.

Ele leu?

— O senhor leu? — ela indagou, sentindo a boca secar repentinamente.

Vincenzo fechou os olhos enquanto suas faces eram tomadas por um tom mais vermelho.

— *Perdonami*, senhora. — A voz soou fraca. — Por favor, eu não tinha a intenção, mas... Bem, eu...

— Dona Isabel — Angelina chamou a governanta com suavidade —, poderia me esperar lá fora alguns minutos, *prego*?

A mulher esguia olhou dela para o jovem com o cenho franzido e depois para os papéis, mas consentiu em silêncio, deixando a porta entreaberta ao sair.

— Me perdoe — ele repetiu, sem graça. — Eu não ia ler, mas estava apreensivo, curioso sobre o conteúdo dos papéis e então eu comecei... Li uma página, li a segunda e quando dei por mim tinha lido tudo. Não consegui parar, senhora. Me perdoe.

Angelina foi tomada por um misto de emoções. Os olhos encheram de lágrimas, o coração batia ainda mais forte, ela queria rir e chorar, queria abraçá-lo e gritar com ele por ter lido sem sua permissão. Não, ela queria apenas abraçá-lo e dizer que poucas vezes na vida se sentiu tão... tão estranhamente feliz e surpreendida.

Ele havia lido sua história e, pelo que entendeu, havia gostado tanto que não foi capaz de parar de ler.

Sem conseguir se controlar, tapou um soluço com a boca.

— *Signora* — ele elevou a mão em sua direção —, está tudo bem?

Ela assentiu, respirando fundo.

— Senhor Martinelli, por favor, nós já nos conhecemos e, apesar do pouco contato que tivemos, acho que temos uma relação de cumplicidade, certo?

Ele aquiesceu.

— A senhora me ajudou e eu lhe devo muito.

Ela suspirou, negando com a cabeça.

— Não fiz nada de mais, nada que não faria novamente por qualquer pessoa em perigo. Apenas... Não conte a ninguém sobre isso — pediu, sacudindo de leve as folhas em sua mão.

— Eu juro, senhora. Juro pela vida da minha mamma que não contarei —

ele replicou, parecendo tão atordoado como ela mesma estava.

— Obrigada — Angelina agradeceu, mal segurando as lágrimas, e virou as costas para sair.

— Senhora. — Ele a deteve.

Angelina se virou para encará-lo.

— A senhora pode me falar como acaba a história?

Ela sentiu o coração dobrar de tamanho e curvou os lábios para cima. Então, cobriu o rosto com as mãos e chorou, imersa em uma explosão de emoções.

— Me desculpe — pediu envergonhada — pelo meu descontrole. É somente que eu queria tanto que alguém lesse e achei... tinha certeza de que isso nunca aconteceria. Meu marido... ele não permite que eu escreva... Me perdoe. Isso não é um problema seu.

A mão dele apertou de leve o seu ombro. Ela nem o viu se aproximar. Era a primeira vez que ele a tocava, e, se não estivesse tão à flor da pele, poderia jurar que o contato era o responsável por todos os pelos do seu corpo terem se arrepiado.

— O que eu posso fazer para ajudá-la, senhora? — Vincenzo perguntou, aumentando um pouco a pressão dos dedos em seu ombro.

Ela sorriu entre as lágrimas antes de responder:

— Você já fez. Muito mais do que pode imaginar.

Em um gesto de carinho, querendo retribuir de alguma forma a alegria que ele lhe proporcionara, Angelina cobriu a mão morena e grande com a sua, pequena e clara.

Os dedos se entrelaçaram, enquanto suas respirações aceleravam.

Vincenzo a encarava com tanta intensidade que Angelina não conseguiu manter os próprios olhos abertos. As pálpebras pesaram.

— Senhora — ele chamou, com a voz enrouquecida —, eu...

Um barulho do lado de fora a despertou do torpor aveludado, da vontade irresistível de estar ainda mais perto dele.

Apenas um toque provocara tudo aquilo.

Removeu a mão rapidamente e ele se afastou, imitando-a.

— Boa noite, senhor Martinelli — ela disse, com a voz falha, sentindo as bochechas esquentarem.

— Boa noite, *signora* Guimarães — retrucou, ainda rouco.

— Angelina — ela afirmou, antes de cruzar a porta para o exterior. — Eu me chamo Angelina.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Rossi

Vincenzo queria gritar para os deuses de todas as religiões da Terra, apesar de ser católico.

Poucos minutos antes, durante o passeio matinal da senhora... de Angelina, ela havia parado como de costume e sorrido para ele, como fazia todos os dias.

Mas Dio mio!

Aquele sorriso não era nada parecido com qualquer outro com o qual ela já lhe presenteara. Então, Angelina prosseguiu caminhando e Isabel veio em sua direção.

— Tome! — disse a governanta, de maneira meio ríspida, estendendo uma pasta de couro. — Ela pediu para lhe entregar.

Vincenzo não disfarçou nem por um segundo o quanto aquilo o inebriou, inquietou, alegrou.

— *Grazie* — respondeu para a mulher, que saía rapidamente atrás de sua senhora.

Sem esperar, ele sentou junto ao pé de um dos cafezais, abriu a pasta e...

Cristo amado.

Era o resto da história.

Ela lhe dera de presente não apenas o convite para continuar lendo, mas um gesto indescritível de confiança. Folheou as páginas por um tempo, com um sorriso aberto no rosto e no coração. Guardou-as de volta sem parar de sorrir e foi somente então que viu um papel dobrado no fundo da pasta.

— Uma carta — constatou baixinho, abriu e leu com o coração acelerado:

Caro senhor Vincenzo,

Ontem, depois que voltei para o meu quarto, fiquei pensando que péssima pessoa eu seria se não lhe confiasse o final da minha história. Bem, no seu lugar, certamente eu não perdoaria alguém que me fizesse ter de superar a curiosidade por não saber como uma história que me cativou termina.

Sei que o senhor parou a leitura em um ponto crucial da vida dos personagens. Tenho certeza de que, se eu fosse o senhor, não falaria com tanta delicadeza e educação com a pessoa que tivesse o antídoto para minha curiosidade.

Então, pensando em tudo isso, resolvi lhe entregar o final que o senhor me pediu tão educadamente ontem.

Na verdade, me encontro em dívida com o senhor. O que posso lhe dizer? O senhor me fez entender que ter alguém que lê com tanto entusiasmo aquilo que escrevo é um deleite tão grande quanto criar as histórias. Uma alegria incomparável e um enorme sentimento de realização abraçam meu peito.

Obrigada por ler, senhor Vincenzo, e desculpe-me pelo choro na noite anterior. Confesso: fiquei tão surpresa que perdi um pouco a linha de raciocínio por isso, saí sem lhe contar o que acontece com a querida Marise. Bem, o senhor poderá comprovar por si mesmo em sua leitura.

Espero que esses personagens o divirtam e cativem até o final.

E, por fim, estive pensando... O que acha de o senhor me contar como foi a sua experiência com a leitura daqui a dois dias? Podemos nos encontrar no depósito na mesma hora da noite anterior. Se o senhor se sentir à vontade com o convite, me dê um sinal no meu passeio de amanhã.

Com carinho,

Angelina

Ele dobrou a folha e apertou-a contra o peito. Sem querer se dar conta de que boa parte de seu entusiasmo e emoção não era somente por ler aquela história; era porque a história fora escrita por ela.

— Ei! — Era a voz de Afonso. Vincenzo gelou. O capataz com certeza o vira sentado entre os cafezais. — Que moleza é essa? Volte já ao trabalho.

— Sim, *signore* — Vincenzo respondeu e guardou a folha, rezando para que ele não...

— O que é isso em suas mãos?

Engoliu em seco antes de responder:

— São cartas da minha *famiglia*.

— Não é porque você caiu nas graças do senhor barão, ou porque em breve irá trabalhar na casa-grande, que pode trazer cartas da sua família para o trabalho.

— Eu não tive tempo de ler e faz mais de três meses que não recebo nenhuma notícia — respondeu, com a voz firme, apertando os dedos contra a pasta.

O capataz olhou-o de cima a baixo com desprezo, antes de ordenar:

— Vá guardar isso!

Ele assentiu e se virou, obedecendo.

Um som estridente rasgou o ar. Vincenzo gritou, dobrando as costas ao ser atingido pelo chicote que Afonso levava preso na cintura. Aquele desgraçado.

— Só não lhe dou uma surra porque você ajudou a minha senhora ontem com a cobra — dizendo isso, Afonso montou no cavalo e saiu em disparada.

Matteo, que trabalhava próximo e vira o que acontecia, se aproximou às pressas com expressão de pânico.

— Você está bem? *Caspito!* Aquele puto te bateu.

Os irmãos sabiam que Afonso era um tirano insensível, mas nunca o tinham visto agredir um colono dessa maneira. Provavelmente se via enciumado ou contrariado por Vincenzo estar deixando os cafezais. Vincenzo sentia as costas arderem como se um ferro em brasa estivesse sob sua pele. O sangue ferveu de raiva.

— Ele te machucou muito? — o irmão perguntou, agitado.

— No, na verdade eu nem sinto as costas — mentiu. — Mas juro para você, Matteo, que se esse *figlio di una putana* fizer isso outra vez comigo ou com alguém na minha frente, eu o mato.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Zampiere

Era uma loucura, ela sabia.

Mesmo assim, estava ali no meio da noite, dentro do armazém vazio da fazenda.

Angelina esperava inquieta, como se tivesse marcado um encontro com o senhor do seu destino. Com um Deus, com um rei.

Seu coração acelerado, as mãos um pouco trêmulas e as ondas de arrepio percorrendo seus braços a deviam ter alertado. Deviam ser aviso suficiente; naquela noite, sua vida mudaria por completo.

Desde que se casara com Pedro por não ter ouvido sua intuição, tentava não repetir o mesmo erro. Naquele momento, porém, estava muito ocupada com os próprios pensamentos para ouvir qualquer outra coisa.

E se Vincenzo não aparecesse, o que ela faria?

E se ele contasse para alguém sobre o convite?

E se Pedro descobrisse?

Ah, Dio mio, o que fui fazer?

Em que delírio ela entrou para convidar um jovem a se encontrarem no meio da noite?

Devo estar completamente louca.

Angelina creditava seu impulso à euforia que sentia por finalmente ver suas histórias sendo lidas por alguém, e ignorava por completo a verdade que seu coração já sabia: sua vida jamais seria a mesma.

Um convite, uma carta, algumas palavras.

Bem, ela amava as histórias e as pessoas que as inspiravam.

Por isso, por esse amor tão grande, é que ela estava ali — ainda tentava se convencer, sem muito sucesso —, naquele armazém escuro, esperando-o.

A porta do armazém se abriu.

Era ele.

Era Vincenzo. Ele veio.

Aceitou o convite.

Angelina sorriu não apenas com os lábios, mas com toda a alma.

— Eu amei a maneira como você conduziu o final da história. Me surpreendi muito com a reação de Marise — Vincenzo disse, mal acreditando que estava lá havia mais de meia hora, sentado no chão com as costas apoiadas nas sacas cheias de café. Conversando com ela, ao lado dela. De Angelina.

— Ela é uma personagem muito forte — Angelina disse, os olhos brilhando.

— Assim como você, que também parece ser *una donna* muito forte — ele murmurou sem pensar. Não tinha certeza se queria que ela ouvisse.

Mas ela escutou.

— Eu não sei se sou forte. Às vezes acho que uso a escrita para fugir da realidade. Às vezes acho que não tenho forças para me opor a tantas coisas que gostaria que fossem diferentes. Em outras vezes acho que é a escrita que me usa.

Ele suspirou devagar.

— O que é mais real, Angelina? Os nossos sonhos ou aquilo que a vida nos impõe sem que escolhamos?

Foi a vez de ela suspirar lentamente.

— Não sei. As palavras me fazem sonhar e eu as amo com todo o meu coração, cada uma delas. Eu sempre acreditei que os humanos são muito maiores do que acreditam ser quando sonham.

O coração de Vincenzo disparou. Ela era uma mulher sensível, linda e estava tão perto que ele era capaz de sentir o calor do ar que ela exalava. Seu ventre contraiu, e uma onda de choque o percorreu. *Desejo*.

— Então, você também acha que somos do tamanho dos nossos sonhos?

— Eu costumava achar isso... Agora, não sei mais.

Os olhos dela se encheram de lágrimas, e Vincenzo engoliu em seco. Ele sempre intuiu que ela sofresse por algo, mas ter certeza disso era sufocante e angustiante demais.

— Mesmo assim — ele olhou para as folhas escritas —, você não deixou de sonhar.

Ela sorriu somente com os lábios antes de dizer, parecendo um pouco mais

animada:

— Você está certo. Eu não poderia deixar de sonhar... Afinal, eu tenho quase certeza de que são os sonhos que mandam. Eles nos têm e não o contrário.

Ele baixou o olhar e se mexeu, disfarçando o ardor nas costas.

— E foi um sonho que a trouxe para o Brasil?

Angelina tocou nas folhas de papel que estavam ao seu lado.

— O barão. Foi ele quem me trouxe.

Vincenzo queria perguntar se ela amava o marido, se ele a fazia feliz, se era ele quem a fazia triste. Mas não se sentia no direito de fazer tais perguntas. Na verdade, ele não tinha o direito nem mesmo de desejar ouvir as respostas. Ela era *una donna* casada. Por pior que fosse o marido dela, o homem era seu patrão. Eles poderiam ser amigos, mas nunca nada além disso.

— No meu caso, eu vim atrás de um sonho.

Angelina suspirou, encarando-o.

— E encontrou?

— Não o que eu buscava... ou da forma que buscava. Mas a *signora* me ajudou.

— Como assim?

— Eu amo cozinhar.

Ela arregalou um pouco os olhos, parecendo surpresa.

— Sei que normalmente é algo que as mulheres gostam, mas — encolheu os ombros — isso nasceu comigo, acho.

— Nada que amamos fazer deve ser definido pelo fato de sermos homens ou mulheres.

Ele quis abraçá-la e beijá-la no... rosto. Eram apenas amigos. Seriam apenas amigos.

— E como eu o ajudei? Ah — concluiu antes de ele responder —, a senhora Isabel me contou. O senhor vai trabalhar como ajudante da dona Eugênia, na cozinha.

— *Sì!* — confirmou, entusiasmado.

— Estou muito orgulhosa de mim... Quer dizer... de sentir tanto medo de cobras.

Ele gargalhou, descontraído, e, quando a risada morreu, um momento de silêncio se estendeu entre eles.

— Você é *felice qui* no Brasil? — perguntou ela, rompendo o silêncio.

Isso era o que Vincenzo gostaria de ouvi-la responder.

— Eu não sou infeliz... Ainda vou atrás do meu maior sonho, que é abrir um restaurante.

— Eu queria ir atrás dos meus.

Buscou-a com o olhar.

— O que te impede, Angelina?

— *La vita* — ela respondeu enquanto mexia na aliança de casada, e Vincenzo teve todas as respostas para as perguntas que não fez. Queria continuar a conversa, não queria se separar dela, por isso emendou outra pergunta:

— Você tem família na Itália?

Então ela sorriu e um clarão rasgou a escuridão do armazém.

— Meu papa e minha irmã menor. Ela é meu maior tesouro... Muitas das histórias que escrevo são para ela. Mesmo que eu saiba...

— Mesmo que saiba... — ele a incentivou.

— Que talvez ela nunca as leia.

Vincenzo engoliu a frustração contida naquela afirmação.

— Senhora, as suas histórias... Deveriam ser lidas por todos, não apenas por sua irmã ou por mim.

— Acho que isso não será possível — respondeu, lançando um olhar perdido para as sacas de café.

Ele não se conformou com aquela resposta. *Como ela podia pensar dessa maneira?*

— Mas *perchè?*

Angelina franziu um pouco a testa e Vincenzo acreditou que tinha ido longe demais.

— *Perdonami*, eu...

— Não... não se preocupe. — Ela apertou os dois polegares com semblante distante antes de continuar. — A verdade é que eu não responder a sua pergunta não fará o problema diminuir ou aumentar. Talvez seja porque algumas pessoas são tão tristes que se sentem ameaçadas com a alegria dos outros. Uma tentativa tola de se sentirem menos tristes. Ou de se controlarem. Talvez algumas pessoas não saibam amar e por isso são tristes.

Vincenzo lembrou do que ela lhe falara sobre a proibição do marido com relação à escrita. Seria possível aquele *maledetto* ser tão louco que não desejasse que ela fosse feliz? Era dele que ela falava?

— Alguém se sente ameaçado por sua alegria? Alguém ameaçou você?

Ela sorriu sem achar graça.

— Às vezes as pessoas que deveriam nos amar são aquelas que mais nos machucam.

— O amor não machuca. O amor não deveria machucar nunca.

Ela riu com tristeza outra vez.

— Essa é uma utopia que eu guardo para as minhas histórias.

Vincenzo encheu o peito de ar, ganhando coragem para perguntar o que já sabia.

— É o senhor Guimarães, ele... Ele lhe faz mal?

Angelina mirou as próprias mãos antes de responder:

— Ele não me faz bem... Talvez... ele acredite que pode possuir tudo, inclusive a alegria e a liberdade das pessoas que o rodeiam.

E Vincenzo não se segurou mais.

— Angelina, por que você se casou com ele?

Ela mordeu o lábio inferior e fechou os olhos. Vincenzo tinha certeza de que agora tinha ido longe demais. Aquelas perguntas eram erradas, não eram? Não se elas fossem feitas com a preocupação que um amigo tem por uma amiga. Convenceu-se, rápido. Mesmo assim...

— Eu não tenho o direito de lhe fazer essas perguntas. Me perdoe.

— Eu acreditava que tinha me casado com ele por amor ao meu pai e a minha irmã... Mas hoje até isso parece uma justificativa meio sem sentido.

O pulso dele acelerou, porque ele não acreditava que...

— *Non...* Nunca é errado quando fazemos as coisas por amor.

— Nesse caso, as suas palavras o contradizem. Você disse há pouco que o amor nunca deveria ferir.

Vincenzo viu os olhos dela se encherem de lágrimas novamente e se segurou de todas as formas para não perguntar: *o que ele faz com você, Angelina? O que mais além de proibir que você escreva? Aquele maledetto te maltrata mais?*

Mordeu a bochecha por dentro para conter as palavras e o ódio que sentia daquele vagabundo. Como alguém podia fazer uma mulher chorar? Como alguém podia fazer uma mulher tão especial e sensível chorar?

— Eu não entendo — murmurou, abalado, para si mesmo.

Ela abraçou os joelhos e eles dividiram um momento de introspecção.

— E você? — disse ela, com a voz mais firme, parecendo querer mudar o rumo da conversa. — Tem família na Itália, ou... aqui?

Sem perceber o quanto aquele assunto o estava perturbando, ele exalou

aliviado antes de responder:

— *Sì*, meu papa, minha mamma e meus dois irmãos *picolinos*, na Itália, e meu outro irmão, também menor, que está aqui comigo. Matteo, você o conhece... Sou capaz de tudo por eles.

— Inclusive vir para este inferno — ela afirmou baixinho.

Ela devia saber as condições precárias em que seus conterrâneos viviam ali.

— Inclusive isso.

— Sinto muito não poder fazer nada para ajudá-los. O barão não permite que eu me envolva em nada. Mal me fala qualquer coisa sobre a fazenda ou sobre como administra os seus negócios. O pouco que eu fico sabendo é por Isabel, ou por uma amiga casada com um fazendeiro da região. Eu não posso fazer muitas das coisas das quais gostaria e...

Então Vincenzo entendeu o que acontecia e se viu refletido nos olhos dela; ela vivia em uma prisão maior ou igual à dele, que trabalhava doze horas por dia em troca de comida, um teto e um salário miserável. E ele soube o que queria fazer. O que queria que ela aceitasse fazer, por si, por ele, por eles.

— *Signora*, eu não encontro muita saída para voltar a buscar os meus sonhos tão cedo e não tenho como voltar para casa, apesar de morrer de saudades da minha terra, da minha gente.

Ela o fitou com uma intensidade cúmplice. Vincenzo quase se perdeu nas palavras e piscou lentamente antes de continuar:

— Mas, de alguma maneira, ler a sua história me encheu de esperança, acendeu algo em meu coração que achei que tivesse perdido para sempre... Acho... pelo menos gostaria de acreditar que, de alguma forma, eu ter lido o que a senhora escreveu lhe trouxe algo de bom. Então... eu, eu... pensei se...

Ela arregalou um pouco os olhos, adiantando-se:

— Você leria, você gostaria de ler outras coisas que eu escrevo?

Os batimentos dele aceleraram tanto que ficou difícil respirar.

— Eu leria qualquer coisa que a senhora escreve e ouviria qualquer palavra que a senhora fala com todo o meu coração. Porque eu acho... porque eu sei que é assim que a senhora deveria ser tratada, sempre.

Ela o surpreendeu ao sorrir e estender a mão em sua direção. Vincenzo aceitou o convite e os dois se cumprimentaram em um gesto amigo.

— Temos um acordo então?

— *Sì*, temos um acordo.

E naquela noite Vincenzo selou um pacto com Angelina sem saber que lhe

entregava, algo muito mais valioso do que conversas compartilhadas e sonhos resgatados.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Bergamini

Na noite seguinte ao primeiro encontro com Vincenzo, Angelina, por mais que quisesse — e queria muito —, não conseguiria ir vê-lo novamente. No meio da tarde seu marido a visitou em seu quarto com um convite. Com uma ordem.

— *Hoje à noite virão alguns fazendeiros vizinhos jantar conosco. São pessoas importantes. Esteja bem-arrumada.*

— *Está bem — ela concordou, com forçada resignação.*

— *E ah... você já sabe. Fale somente quando for requisitada — Pedro disse antes de deixar o quarto.*

Aquela era a maneira estúpida como ele pedia para ela se comportar sempre que tinham visitas, ou quando, por convenções sociais, ele era obrigado a levá-la a qualquer lugar.

Por isso, ali estava ela, sentada em uma mesa com outras dezesseis pessoas, olhando praticamente o tempo inteiro para o próprio prato e respondendo quando solicitada de maneira monossilábica.

— *Ela é tímida!* — disse o barão, como se Angelina não estivesse presente.

— *Uma bênção — constatou o senhor Monteiro. — Minha esposa, quando resolve falar, meu Deus, eu não sei de onde ela tira tanto assunto.*

— *Quanta descortesia falar assim na minha presença — retrucou Francisca. — Ela é tímida somente com quem não conhece muito bem. Nós nos tornamos boas amigas, não é mesmo, Lina?* — perguntou, instigando-a a se soltar.

Era sempre assim. Depois, quando se encontrassem, Francisca reclamaria de Pedro e a instigaria a desafiá-lo.

“Dessa forma você nunca fará novos amigos”, dizia a mulher, sem saber

que ela não podia desafiá-lo. Angelina nunca contara que ele lhe espancara e que provavelmente faria de novo se ela lhe desobedecesse.

— É verdade — replicou ela, e voltou a olhar para o colo.

— Você, como italiana, deve se interessar pelas melhorias que fizemos em nossas colônias — continuou Francisca.

Angelina percebeu o que a amiga fazia. Ela colocaria em prática aquilo que combinaram e tentaria, de algum jeito, convencer Pedro a conceder benefícios a seus colonos.

— Senhor Guimarães, tenho certeza de que isso pode lhe interessar também.

— É mesmo? E o que é? — Pedro indagou, com uma nota de ironia na voz.

— Por que você não conta para ele, querido, das melhorias que implementamos na fazenda e dos bons resultados? — A mulher olhou de relance para Angelina.

O senhor Monteiro deu um gole longo na água antes de dizer:

— Muito bem... Tenho que admitir que minha adorada esposa estava certa sobre uma teoria muito interessante.

Pedro arqueou as sobrancelhas, descrente.

— Que teoria?

— Há uns cinco meses nós melhoramos as condições de vida dos colonos e realmente eles têm trabalhado com muito mais disposição pelo mesmo salário.

Angelina sentiu o coração disparar e Pedro sorriu com frieza.

— Que melhorias foram essas?

— Nada de mais. Permitimos que eles fizessem mais festas e também fizemos uma visita levando alguns mantimentos, lençóis, cobertores, jarros, utensílios de cozinha... Coisas com custo baixo, mas que, de alguma maneira inexplicável, fez esse povo se sentir tão grato que passou a produzir mais.

— Você levou prostitutas também? — perguntou, debochado, um dos fazendeiros, que já havia bebido demais.

O senhor Monteiro bufou.

— Estamos na presença de damas, senhor. Mais respeito.

— Se isso realmente der resultado, acho que pode ser uma boa ideia — Pedro concordou, dobrando o guardanapo sobre a mesa. — Com os escravos nós os deixávamos fazerem festas vez ou outra e, realmente, eles pareciam trabalhar mais bem dispostos depois.

Angelina engoliu em seco e olhou de lado para Francisca, que sorria discreta em sua direção. Pedro franzia o cenho com ar pensativo enquanto ela pedia mentalmente: *Dio, faça com que ele escute e assim, quem sabe, melhore um pouco a condição em que vive a minha gente na fazenda.*

— Eu sinto saudade dos negros. Por mais inúteis que fossem, davam muito menos trabalho que essa gente — o senhor Meireles afirmou, arregalando os olhos ao se lembrar da presença de Angelina entre eles.

Pedro percebeu o que acontecia e tentou remediar a situação.

— Angelina é de uma família nobre da Itália, muito diferente dessa gentilha sem berço, sem educação... Não é, minha querida?

Os olhos se encheram de lágrimas e ela se viu obrigada a assentir com a cabeça. Limpou a boca com o guardanapo em seguida, disfarçando os lábios trêmulos. O barão tinha vergonha de sua origem mais humilde, ela já sabia, e sempre falava a todos que ela era de uma família nobre italiana que perdera sua fortuna. Não era a primeira vez que ele reforçava isso, mas todas as vezes ela sentia vontade de fazê-lo engolir as palavras.

Angelina encarou o senhor Monteiro, que parecia entender o que acontecia. Ele lhe lançou um olhar cúmplice antes de dizer:

— Mas o que pode realmente fazer a diferença é você e sua esposa marcarem um dia e irem os dois de casa em casa. Isso cria simpatia. Desde que fiz isso na minha fazenda, não houve nenhum abandono de posto, nenhuma reclamação sobre o preço do aluguel ou o baixo salário.

Alguns homens gargalharam.

Angelina sentiu o estômago se contrair e apertou as mãos na borda da mesa, segurando-se para não se opor, para não falar o que realmente pensava sobre a maneira horrível como seu povo era tratado.

Pedro olhou para ela.

— Você aceitaria fazer isso? Entregar donativos para seus conterrâneos?

— Sim, claro. O que você achar melhor — ela respondeu, dividida entre a raiva pela forma desrespeitosa como aqueles homens mencionavam outros seres humanos e a gratidão por finalmente poder participar de algo que poderia ajudá-los, mesmo que pouco. Finalmente poderia ter algum contato maior com sua gente.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Calgagnotto

Como ele amava o cheiro que os molhos ganhavam ao apurar no fogo. Vincenzo mexeu mais uma vez na panela a sua frente, concentrado no que deveria colocar ali.

Mentira. Ele não estava concentrado.

Quase colocara, pouco tempo antes, açúcar no lugar de sal.

Não conseguia nem por um segundo tirar Angelina dos pensamentos.

Desde o dia em que tinham lido juntos, eles não se encontraram mais. Vincenzo já trabalhava na cozinha da casa fazia três dias e não cruzara com ela uma única vez.

— Estou muito feliz com seu trabalho, meu rapaz — a senhora Eugênia disse, chamando sua atenção.

— *Grazie*, senhora.

— Você cozinha tão bem que acho que em breve poderei me aposentar.

Vincenzo sorriu, um pouco sem graça.

— *Non*, senhora. Estou aprendendo muito aqui.

— Você ainda precisa me contar o segredo daquele molho delicioso que...

— Ela se deteve. — Bom dia, minha senhora.

— Bom dia, dona Eugênia — Angelina respondeu alegremente, e o coração de Vincenzo deu um pulo.

Ela estava ali. Na sua frente.

— Bom dia, senhor Martinelli — cumprimentou-o, avançando cozinha adentro com o cachorro peludo atrás.

Estava tão vidrado — algo que sempre acontecia na presença dela — que nem se dera conta de que ela e dona Eugênia o encaravam, possivelmente esperando que ele respondesse ao cumprimento.

— Ahn — pigarreou, sem graça. — Bom dia, senhora.

Ela sorriu francamente para ele. Um sorriso eletrizante, claro como um relâmpago. Capaz de iluminar a noite e nunca mais deixar a escuridão aparecer. Se ele fosse um pintor, eternizaria aquele sorriso para sempre. Se fosse um poeta — o que, apesar de amar a leitura, não era —, escreveria sonetos para descrever o que apenas um sorriso dela, diferente, mais aberto, mais brincalhão, foi capaz de fazer com seu equilíbrio.

— O que estamos cozinhando hoje? — perguntou ela, descontraída.

Vincenzo encarou a senhora Eugênia, que pareceu ter perdido a cor do rosto olhando na direção dele.

— O quê? — Angelina perguntou, sem entender.

Olhou ao redor, confuso, procurando o que podia estar acontecendo.

— Ah... — disse Angelina, parecendo entender. — A senhora está preocupada com o senhor Martinelli? — indagou, fitando-o intensamente. — Ele é de confiança.

— A senhora... a senhora tem certeza? — A cozinheira parecia desconfiada.

— Absoluta.

Eugênia franziu o cenho com ar analítico.

— Se você abrir a boca e falar para alguém o que acontece nesta cozinha enquanto o senhor Guimarães viaja, eu o mato e o sirvo picadinho no jantar.

— Ela ergueu as sobrancelhas, como se tivesse acabado de dar uma receita comum antes de concluir. — Fui clara?

— *Sì, signora* — ele respondeu, um pouco atordoado. Afinal, o que acontecia naquela cozinha?

Angelina se aproximou do fogão onde ele trabalhava, os pelos do braço dele roçando sua pele.

— Fique tranquila, dona Eugênia. O senhor Martinelli não fará nada para me prejudicar.

Ele sorriu como resposta, sentindo a respiração acelerar e o coração explodir dentro do peito.

Dio mio, aquela *ragazza* o mataria.

Envergonhado diante das reações do próprio corpo, voltou a atenção para o molho.

— O que o senhor está fazendo?

Ela estava tão próxima que agora o braço roçava de leve no seu, e Vincenzo teve que fazer força para não fechar os olhos.

— Um molho de — mexeu a colher com mais firmeza —, um molho de vinho e especiarias para a carne.

Ela se aproximou da panela, cheirando o ar.

— Parece delicioso.

— *Grazie* — respondeu, ainda atordoado com a proximidade, o calor do corpo, o aroma fresco dela invadindo sua percepção: limão, lavanda e sabonete e o mundo virando de cabeça para baixo.

— Acho que devo lhe apresentar a Guine — falou, divertida, apontando para baixo, alheia ao que provocava em seu corpo.

Ele encontrou a bola de pelos marrom abanando a cauda, como se soubesse que era com ela que falavam. Nem conseguiu explicar que os dois já se conheciam.

Angelina se abaixou, fazendo carinho na orelha comprida, e sem pensar Vincenzo a imitou.

— *Molto piacere* — disse, e agarrou a pata dianteira, balançando-a em um aperto de patas e mãos.

— A Guine sempre está aqui comigo enquanto fico na cozinha durante as tardes.

O pulso dele voltou a acelerar.

Ela fica na cozinha durante as tardes?

— Vocês dois lavem as mãos antes de pegar nas minhas comidas! — a senhora Eugênia ordenou, um pouco ranzinza.

Angelina sorriu, enrugando o nariz pequeno.

Ela tinha um sinal escuro e delicado perto do lábio superior. O cabelo ia preso em uma trança frouxa. Alguns fios soltos envolviam o rosto e o pescoço. O vestido de algodão verde-claro era mais simples do que os usados por ela normalmente; ele a deixava com ar mais juvenil. Vincenzo sentiu que poderia olhá-la para sempre e nunca se cansar.

— Muito bem — disse ela, levantando-se. — Vamos nos lavar, senhor Martinelli.

Seguiu-a sem falar nada para a área da lavanderia.

Estavam a sós entre lençóis pendurados, aventais, roupas secando e cheiro de sabão.

Em silêncio, ele fitou-a mergulhando a mão em uma bacia com água e esfregando uma barra entre os dedos.

— Sua vez, Vincenzo — disse e jogou a barra em sua direção, surpreendendo-o.

Por reflexo, agarrou rápido o sabão, sentindo-o — apesar do seu esforço — escorregar e cair no chão. Os dois acompanharam o quadrado branco deslizar e se enterrar em meio a baldes e bacias.

— Me desculpe, eu não resisti — confessou, rindo.

Seus próprios lábios se curvaram para cima em reflexo à risada dela.

Vincenzo quis pegar aquela risada e guardá-la para sempre em um lugar onde pudesse ouvi-la quando o mundo precisasse de luz.

Ela ergueu as sobrancelhas com ar desafiador.

— Aposto que eu acho antes.

Sem esperar ou pensar, eles se abaixaram juntos como se não houvesse idade, tempo, posição social ou compromissos os separando e começaram uma disputa para achar o sabão. Enfiados sobre a bancada, afastavam os objetos brigando por espaço. Vincenzo esticou o braço sentindo a ponta da barra sobre os dedos. Sem esperar, cobriu-a com a mão e... perdeu o ar.

Na tentativa de agarrá-la antes, Angelina acabara de colocar a mão sobre a dele, e, no lugar de removê-la, afastando-se do contato, escorregou os dedos devagar, aproximando-os mais.

Uma onda gelada e irresistível percorreu sua coluna.

Um toque. Mãos sobre mãos, dedos entrelaçados e Vincenzo respirando como se tivesse corrido até os cafezais e voltado dez vezes. Desnortado, virou-se para encará-la.

Os olhos dela iam fechados, os lábios entreabertos, o peito descendo e subindo tão rápido como o dele.

Ela se sentia assim? Tão mexida como ele mesmo estava?

Engoliu em seco sem saber mais nada sobre o mundo e a ordem das coisas, sobre o que era certo e errado.

— Angelina — disse, querendo sentir o nome dela em seus lábios, como se assim pudessem estar mais próximos.

Ela respondeu arregalando os olhos e rompendo o toque ao se levantar rapidamente.

— Eu... eu vou voltar para a cozinha.

Vincenzo demorou alguns segundos para conseguir reagir, então agarrou o sabão e lavou as mãos, querendo na verdade lavar os pensamentos e as emoções.

Ele deveria ter se afastado.

Lembrou-se do pai e da traição imperdoável a sua família.

O que diabo estava acontecendo?

È una donna sposata, per amore di Dio.
Uma mulher casada!



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Gabonni

Naquela tarde, Angelina estava em meio às esposas de cinco fazendeiros locais, por convite e insistência de dona Francisca. Como se tratava de uma reunião quase política aos olhos do barão, ele permitira que ela comparecesse — acompanhada, é claro, de dois guardas e de Isabel.

— O meu marido não se importa que eu saia da fazenda desacompanhada — disse dona Maricota, com ar casual.

O que Vincenzo estaria fazendo na cozinha?

— Isso só demonstra como alguns maridos se importam com a segurança de suas esposas — justificou a senhora Corina.

— Ou como alguns maridos não confiam nelas — provocou Maricota.

Angelina nem mesmo se sentiu atingida. Só conseguia pensar em como gostaria de estar na cozinha fazendo algo junto a dona Eugênia e... Vincenzo. Lembrou-se do dia anterior, quando suas mãos se tocaram por um momento.

— Eu adoro essas massas. — Fingiu não ter ouvido os comentários sarcásticos, levando um biscoito até a boca.

— Me diga, Angelina — começou a senhora Carlota —, de que família nobre você é na Itália? Tenho alguns amigos por lá. Quem sabe nos tenhamos visto em alguma ocasião?

O barão mentia sobre sua origem, mas ninguém tinha coragem de questioná-lo. Ao que tudo indicava, com ela era diferente. O problema é que Pedro não a instruíra sobre que nome usar se alguém perguntasse algo parecido. Sentiu as mãos se molharem um pouco de suor contra a xícara quente.

Dona Francisca, provavelmente percebendo que ela estava nervosa, virou-se para responder em seu lugar.

— Ela descende da família Strozzi de Florença, mas também tem vínculo com os Bardi... Angelina é humilde e não gosta de se gabar com nomes tão importantes da nobreza italiana... Aliás, dona Carlota, se quiser saber algo sobre minha linhagem, ficarei feliz em contar. — Terminou dando uma piscadela discreta em sua direção.

Tempos depois, quando o grupo de senhoras se distraía conversando sobre compras, moda e decoração, dona Francisca se sentou bem perto de Angelina, cochichando em seu ouvido:

— Não ligue. Essas mulheres morrem de inveja porque você é linda e jovem e porque, provavelmente, todos os maridos enfadonhos delas te desejam e elas sabem disso.

Angelina conteve o sorriso entre os lábios cheios.

— Como você percebeu que Pedro mentia sobre minha origem e que eu precisava de ajuda?

— Você é autêntica demais e, às vezes, para o mal da sua saúde, ao menos da emocional, é muito transparente.

— As famílias que você citou são muito importantes... Elas... Será que elas não vão desconfiar?

— Mesmo que desconfiem, acredite em mim, nunca mais terão coragem de perguntar nada sobre isso, nem a você nem a ninguém.

Angelina suspirou aliviada.

— Você é tão boa para mim. Não sei como lhe agradecer.

Os lábios da mulher se curvaram para cima.

— É tão raro eu encontrar alguém de quem eu goste de verdade e, principalmente, alguém que me ature. Acredite, não estou fazendo favor algum, somente cuidando de um bem íntimo, muito valioso.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Maretto

Angelina tremia tanto que não sabia se conseguiria se manter em pé.

O que ela estava fazendo?

E se alguém a visse?

Tinha acabado de chegar do chá na fazenda de dona Francisca, subira no quarto apenas para trocar de roupa e, agora, fazia uma verdadeira loucura.

Cobrindo o rosto com a capa noturna, bateu na porta algumas vezes.

A casa dos funcionários da sede ficava na parte de trás da mansão, a uns vinte metros de distância.

Ela o tinha visto entrar mais cedo por aquela mesma porta.

Tinha de ser ali.

Se não fosse, inventaria uma desculpa e...

A porta se abriu.

Vincenzo a olhou por um tempo silencioso, envolto por uma luz entre as brumas de sua consciência.

Sem pensar em nada, a não ser em vencer a distância, em vencer a vontade que tinha de senti-lo mais próximo, ela se atirou em seus braços, fechou os olhos e o beijou, como se a sua vida dependesse disso.

— Senhora Angelina?

Piscou lentamente, voltando a estar presente. Vincenzo a encarava com ar confuso, surpreso. O beijo nunca existira e nunca existiria sem ser na sua mente ou em seu coração.

Na verdade, Angelina se sentia tão perdida diante do que vinha desejando e sentindo que nem sabia como agir. Só conseguia distinguir a culpa. Ela sobressaía em meio às outras emoções. Sentia-se errada e culpada, mesmo com Pedro merecendo nada além de seu desprezo. Porém, até onde ela sabia,

o marido era fiel e eles eram casados, prometidos diante de Deus.

Angelina não devia desejar ser tocada por outro homem.

Muito menos desejar tocá-lo.

Talvez não devesse mais procurá-lo. Talvez se afastar por completo fosse a solução mais segura e correta. Porém, a ideia de perder o contato com o único amigo italiano que encontrara em mais de um ano era angustiante.

— Você está sozinho? — perguntou, precipitada, sem perceber como aquela questão era inadequada. Por alguns segundos, temeu a resposta. E se ele tivesse companhia?

O que ela faria?

Que vergonha sentiria.

Ou pior; que ciúme idiota sentiria.

— Sì, é claro — ele respondeu rápido. — *Entre, per favore.*

— Não posso, não é certo.

As bochechas dele ficaram dois tons mais vermelhas.

— Perdão, é lógico que não é certo... Eu... eu posso fazer algo pela senhora?

Ela mordeu a boca, nervosa e sem graça.

— Eu escrevi mais um conto, o senhor gostaria de ler?

Os lábios se curvaram, revelando dentes brancos e perfeitos, junto a um par de olhos brilhantes que fitaram as folhas em suas mãos.

— É lógico que sim.

— Bem, então... aqui está — disse, estendendo os papéis.

Ele mirou o manuscrito, suas mãos inquietas e seu rosto.

— *Grazie.*

— Eu... eu acho que já vou e...

— A senhora está com fome?

Angelina piscou lentamente.

Ele tinha acabado de perguntar se ela estava com fome?

Vincenzo sacudiu a cabeça de leve, como se estivesse confuso antes de explicar:

— O que eu quero dizer é que eu estava mesmo sem conseguir dormir e... Sinto um pouco de fome, então, se a senhora quiser, eu posso fazer algo que a senhora deseje ou... posso — pigarreou, parecendo sem graça —, podemos, na verdade, se a senhora quiser ir comigo até a cozinha, eu pensei em preparar alguma coisa rápida.

E ficou aguardando a sua resposta em silêncio.

Aquilo era errado. Ela deveria agradecer e ir embora, não permitir que ele entrasse ainda mais em sua vida, em seus dias, em seus sonhos. Mas...

— *Va bene*. Eu adoraria.

Não consegui.

Vincenzo seria condenado ao inferno mais quente.

Convidando-a para comer alguma coisa no meio da noite... Que absurdo.

E não pôde evitar se sentir meio estúpido porque, na verdade, acabara de convidar a dona da casa para comer algo na sua própria cozinha.

Pouco antes de atender a porta, para variar, sonhava com ela. Sonhava acordado com Angelina.

Uma mulher proibida, errada, intocável.

Ele não ia esquecê-la, *caspita*?

Eles não eram apenas amigos? *Porca miseria*.

Cruzaram a porta dos fundos com destino à cozinha. Vincenzo a viu umedecendo os lábios como se estivesse nervosa. A ponta da língua rosada percorreu-os devagar, traçando o caminho que ele queria descobrir com os seus próprios. Uma onda de desejo irracional varreu seu sangue.

Não, ele não ia esquecê-la e também não eram somente amigos.

Certamente, se o inferno descrito no livro que já lera tantas vezes existisse, ele deveria se abrir agora mesmo sobre seus pés e engoli-lo por inteiro. Respirou fundo, tentando retomar a razão. Porém, ao erguer a mão para abrir a porta dos fundos, as costas da mão dela percorreram de leve parte de seu antebraço.

Vincenzo segurou o ar, apertando os dentes e pedindo para ser tragado pela terra.

Aquilo não podia continuar. Instintivamente, deu um passo para trás, distanciando-se.

Parecendo entender o seu descontrole, ela também hesitou por alguns segundos e respirou fundo antes de entrar.

Ainda não haviam acendido as lamparinas no interior da cozinha; a única luz presente era a da lua cheia. Atordoado, ele se recostou à bancada de mármore, segurando-a com as mãos incertas.

Dio!

Ela o encarou respirando pelos lábios entreabertos de maneira acelerada.

Dio!

Estavam a poucos passos de distância um do outro.

Ele desviou o olhar, mirando os próprios pés. Os pés eram um território seguro. Os lábios macios e cheios como uma cereja madura, não.

— Vincenzo — ela o chamou, avançando um passo.

Ele apertou um pouco mais as mãos contra a bancada gelada.

Dio!

Parou tão perto que o calor do corpo dela transpassava o tecido de sua camisa de algodão.

— Eu... eu posso fazer um sanduíche — sugeriu, tentando disfarçar o clima tenso que invadia o ar da cozinha e percorria seu corpo como rajadas de vento. Procurando uma saída, virou-se e mexeu na cesta de pães que descansava sobre o balcão.

Ela o fitou, parecendo desconfiada.

— Sanduíche?

Ele agarrou um pão redondo. Sabia que não estavam lá pela comida. Pelo menos ele não estava. Queria na verdade ficar mais tempo com ela, conversar e conhecê-la melhor. Queria... Nem ele sabia direito o que queria. Ou muito pior: Vincenzo sabia o que queria — poucas vezes tivera tanta certeza sobre querer algo com essa intensidade. Mas não podia.

— Ou... ou uma pizza.

Ela sorriu.

— *Una* verdadeira *pizza* napolitana?

— *Non* uma autêntica *pizza* napolitana... Porque os tomates aqui no Brasil... bem, eles são muito azedos.

— Vou te contar um segredo.

Vincenzo sentiu o coração disparar.

— Outro?

Ela arregalou um pouco os olhos.

— A não ser que o senhor não queira.

— *Sì*, eu quero. — *Quero você!* — Quero saber.

Ela se aproximou novamente e cochichou em seu ouvido, fazendo os choques e a eletricidade voltarem com intensidade máxima.

— Eu tenho uma horta aqui, próxima a um lugar no meio da mata lateral, aonde ninguém vai há anos. Acho que era o jardim de inverno da mãe do senhor Guimarães. Não é usado há muito tempo... Então, eu o peguei para mim.

— Uma horta? — perguntou, sem disfarçar a surpresa, sem deixar de sentir as vísceras se contraírem diante da proximidade de seus corpos.

— Sì. — Ela se afastou um pouco para encará-lo. — E eu cultivo os melhores tomates que você encontrará no Brasil.

Ele sorriu com sinceridade diante daquela ideia.

— Não sabia que a *signora* gostava de cozinhar.

Ela encolheu os ombros.

— Na verdade, eu não amo cozinhar... Eu gosto mesmo é de escrever e de mexer com plantas, mas aqui... — ela jogou um olhar ao redor —, quando estou aqui, posso ser mais como eu mesma e menos como ele espera que eu seja.

Ele.

O marido *dela*.

O seu patrão. Dono de tudo aquilo.

Inclusive... Ele olhou para ela. Angelina sorria outra vez, mexendo no pão que ele havia colocado novamente sobre a bancada.

— Quando ele viaja, eu posso parar de fingir, eu posso ser... feliz.

Vincenzo fitou-a com intensa vontade. A luz da lua brigava com as sombras, tentando revelar parte do rosto perfeito, dos lábios rosados e dos cachos dourados. Ela estava com o cabelo meio solto e ainda sorria despreocupada.

Foi somente então que Vincenzo percebeu que Angelina não era triste como ele acreditara no começo. Ali, parada na cozinha, com ar descontraído e quase infantil, entendeu que ela escondia a felicidade embaixo de um disfarce e que só a revelava quando o senhor Guimarães se ausentava da fazenda.

Mas perchè?

— Por que ele é assim? — Quando deu por si, havia perguntado.

Ela o encarou, o sorriso se desfazendo em seus lábios.

— Não sei... Já tentei entender de muitas maneiras... Acho que talvez a vida fique mais fácil se admitimos que é impossível entendermos tudo e todos o tempo inteiro. No começo foi mais complicado. Eu tentava encontrar explicações o tempo inteiro, me culpava por ter aceitado me casar, culpava o meu papa por ter me levado a dizer “sim” para um estranho. No começo, só queria voltar para casa. Cheguei até mesmo a tentar e...

Ela parou a frase no meio, mas Vincenzo queria tanto conhecer suas motivações e sua história além de seus sonhos.

— Chegou até mesmo a tentar...?

Ela pegou o pão em silêncio e o colocou na cesta junto aos outros.

— Eu tentei lutar, me opor, fugir.

Ele assentiu, com o coração ainda mais disparado. Quão horrível aquele homem era com ela?

— Entendo — murmurou.

— A lei não estaria ao meu favor — prosseguiu, com a voz hesitante. — A igreja não estaria do meu lado porque devo obedecer-lhe, ao meu marido. Você sabe... o sacramento.

Vincenzo assentiu novamente, sentindo a boca secar. Já não tinha certeza se queria que ela continuasse. Já não tinha certeza de nada. Mas dessa vez ela continuou sem que ele precisasse incentivá-la.

— Peguei algumas joias, queria voltar para a Itália. Ricardo, o chefe dos guardas, descobriu que eu tinha saído sem Isabel e mandou dois capangas atrás de mim... Ainda não tinha ido longe, então consegui mentir dizendo que queria visitar uma amiga. Ela mora na fazenda vizinha. Dias depois, quando Pedro voltou de viagem, o guarda contou tudo para ele.

O jovem mudou o apoio de uma perna a outra, temendo o que ouviria a seguir.

— E ele... ele acreditou? Quero dizer, acreditou que a senhora não queria fugir?

— Acho que sim, mas deixou claro aos capangas e cavaleiros que eu não poderia mais sair da fazenda a cavalo ou de carruagem sem ter a autorização dele, falada ou por escrito, e nunca mais sem estar acompanhada de pelo menos dois guardas. — Riu sem achar graça. — Ele disse que era para minha segurança.

— *Capisco...* entendo — murmurou, introspectivo.

— Como vê, acho que, para o senhor Guimarães, eu sou uma prisioneira cercada por árvores, regras e proibições.

— Sinto muito, *signora*. — E Vincenzo realmente sentia.

— Não sinta — ela disse com um sorriso preso no olhar e no canto dos lábios. — Graças a ele eu entendi que a maior liberdade de uma pessoa não está em nenhum outro lugar senão na sua imaginação, na capacidade que temos de dar outros significados àquilo que a vida nos coloca à frente... Na nossa coragem de continuarmos sonhando, sorrindo, lutando e buscando a alegria mesmo em dias nublados — deu um suspiro trêmulo —, mesmo nas horas tristes.

Vincenzo tentou sorrir, mas um bolo se formou em sua garganta. Angelina era uma mulher sensacional. Um anjo colocado em uma selva de espinhos,

uma fada que caíra em um mundo sem cor.

— Me desculpe — ela chamou sua atenção. — Te deixei sem palavras com a minha história triste.

Dessa vez ele conseguiu sorrir.

— Uma vez ouvi que curamos qualquer tristeza quando transformamos nossas experiências em histórias.

— Então — ela soou mais animada —, acho que vou escrever sobre tudo isso um dia.

— Ainda posso ser o primeiro a ler, mesmo depois que você estiver famosa?

Ela prendeu os lábios em um riso tímido, fechando os olhos.

— Você sempre será meu primeiro leitor... Talvez seja o último e único também. — Suspirou. — Mas, acredite, estou feliz, muito feliz em ter um leitor tão especial.

— Ainda vou ver suas histórias ganharem o mundo.

Ela cruzou os braços, adotando uma expressão caricata de tão séria.

— E posso saber como, senhor Martinelli? Que eu saiba elas ainda não criaram pernas.

— *No.* É verdade.

Vincenzo parou um momento, pensativo, lembrando que talvez existisse uma maneira de isso acontecer.

— Eu acho que tive uma ideia louca.

Ela o olhou de baixo para cima com ar descrente.

— Vai finalmente fazer a nossa *pizza*?

— *Non.* — Ele gargalhou baixinho. — Muito melhor do que isso.

— Não sei se meu estômago concorda.

— Espera... Escute-me! — disse, após parar de rir da brincadeira. — Na viagem para cá eu conheci um rapaz, um italiano, senhor Victor. Ele veio com a passagem paga para trabalhar em um jornal grande da capital.

Angelina ergueu as sobrelanceiras finas até elas desenharem um arco em sua expressão de surpresa.

— Um jornalista?

— Ele começaria de baixo. Parece que precisavam de um tradutor no jornal e ele fala e escreve bem o português, então...

— O contrataram.

Ele apoiou as mãos no balcão outra vez, concordando.

— Pelo que eu me lembro, o jornal se chamava *O Correio de São Paulo*,

e... se a senhora permitir, posso tentar encontrar o endereço do lugar e enviar para ele alguns dos seus escritos.

Os lábios cheios se curvaram, revelando a expressão mais linda, enfeitando a noite com um berço de um milhão de estrelas.

— Eu teria que usar outro nome.

— *Sì* — concordou Vincenzo, ainda maravilhado com o nascimento de mil sóis no rosto dela.

— Um nome masculino com certeza facilitaria as coisas.

— Se a senhora quiser — afirmou, dividido entre a vergonha da própria ousadia e a alegria ao vê-la satisfeita —, posso tentar localizá-lo.

Em um pulo ela o abraçou, surpreendendo-o por completo.

— Eu quero... quero *molto*.

Com o coração retumbando no peito, nos tímpanos, no corpo inteiro, Vincenzo envolveu com os braços as costas estreitas, trazendo-a para mais perto.

— *Grazie... grazie mille* — ela disse baixinho.

O som da voz vibrando em seus nervos.

Angelina apoiou as mãos pequenas em seu peito e se afastou um pouco, a fim de encará-lo antes de dizer com a voz fraca:

— O seu... seu coração está disparado.

— *Sì*.

Ele soube que estava perdido, caído, destruído, viu no reflexo dos olhos azuis um homem que tem todos os limites testados em uma briga de valores, conceitos, ideias e tradições e que, por fim, cansado de lutar, mergulha em um precipício, aceitando seu destino.

Vincenzo aceitou o dele.

Guiado como um fantoche, como se seu corpo fosse de pano e massa de modelar para dar vida a um boneco, e os lábios dela fossem as mãos, que podiam animá-lo, segurou o rosto delicado com os dedos trêmulos.

Angelina fechou os olhos e entreabriu um pouco os lábios. E ele mergulhou para a morte, para a vida eterna.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Baccagini

Ela não conseguia se mover.

Devia sair, dar um passo para trás, empurrá-lo. Mas cada carícia, cada roçar e cada movimento dos lábios dele sobre os seus eram um pedido por mais e pareciam vir acompanhados de fios invisíveis, indestrutíveis e abrasadores que a prendiam nele.

As rajadas de ar quente se misturavam às carícias dos lábios, insistentes, suaves e certos. Aquele ritmo espalhava arrepios de prazer na pele de Angelina, e seus dedos dos pés se contraíram.

As carícias lentas pediam permissão, conheciam e reconheciam... Como as primeiras notas de uma sinfonia. Persistentes, repetitivas, enlouquecedoras.

Sem ar, ela abriu a boca. A língua dele, como um toque de seda morno, avançou, tocando com suavidade os seus lábios.

Sentiu-se invadida por uma fraqueza deliciosa e, sem pensar, passou os braços sobre os ombros dele, afundando os dedos na massa de cabelo macio, acariciando-o devagar. O toque tímido foi o suficiente para arrancar um gemido rouco do peito de Vincenzo. Como resposta, ele aprofundou o beijo, exigindo mais. Teve certeza de que ele estava profundamente afetado, assim como ela mesma.

Tinha de se afastar, parar com aquilo.

Tinha de parar.

Com esse intuito, deslizou as mãos da nuca para o peito, colocando certa pressão.

Como se não quisesse se distanciar nem por um segundo, ele sugou seu lábio inferior devagar e o mordiscou. Angelina teve de se segurar para não soltar um gemido.

Constrangida, virou a cabeça, apoiando a testa no ombro firme. Sentiu o peito dele subir e descer depressa. Nunca experimentara sensações como aquelas. Vincenzo segurou seu queixo entre o polegar e o indicador, e ela obedeceu, erguendo o rosto novamente, incapaz de reagir, mas de um jeito bom.

— Angelina — ele soprou, e voltou a buscar seus lábios.

E antes que ela perdesse por completo a razão, antes que os beijos dele derretessem todo o seu autocontrole, ela se opôs:

— Nós não podemos.

Ele se deteve, os lábios ainda encostados nos seus, a respiração acelerada acariciando sua pele.

— *Dio* — clamou em um sussurro rouco, aflito.

Vincenzo deu alguns passos para trás, voltando a se apoiar na bancada e encarando-a com um misto de desejo, frustração e desespero.

Quando os braços que a envolviam a soltaram, Angelina sentiu uma onda gelada passar pelo corpo e uma angústia inexplicável invadir seu peito.

Vincenzo fez um gesto de negação com a cabeça, cobrindo o rosto com as mãos.

— *Perdonami*.

Mordeu o lábio para deter o tremor e só então percebeu que era a vontade de chorar que continha.

— Eu... *non* — sussurrou, com a voz falha. — *Io*... não sei o que falar.

Vincenzo descobriu os olhos antes de prosseguir, desolado:

— Se a senhora quiser, eu peço demissão, deixo a fazenda. A senhora nunca mais precisará me ver.

— *Non!* — ela quase gritou. — Está louco?

— Eu prometo — ele segurou as mãos dela entre as suas. — Se a senhora me perdoar, nunca mais eu me aproximo.

Angelina sabia que eles tinham errado, sabia que a culpa não era apenas dele porque ela também participara do beijo, sabia que nunca havia sentido nada nem parecido ao ser tocada por um homem antes, sabia também que Vincenzo era uma das pessoas que mais a compreendiam nos últimos tempos.

Ela suspirou, mirando suas mãos em contato.

— Eu não quero que você vá embora... Sei que o que fizemos foi errado, mas também não quero que você se afaste.

— Senhora. *Per favore*, eu...

— Vincenzo — ela o interrompeu, nervosa —, espere e me escute. Nós

podemos ser amigos, podemos fingir que isso nunca aconteceu e... Eu sei que faz pouco tempo que nos conhecemos, mas você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida desde que me mudei para cá... Se você se afastar ou sumir, não sei como ficarão as coisas.

Foi a vez de ela cobrir o rosto.

— *Shh!* — Vincenzo a abraçou com cuidado e carinho. — Eu também não quero me afastar. Não quero — confessou, beijando sua testa. — Seremos amigos.

Angelina concordou, respirando aliviada. Como tudo se tornou tão intenso em tão pouco tempo?

Um barulho próximo chamou a atenção deles, levando-os a se afastarem rapidamente.

— Talvez, por ora, seja melhor não nos vermos mais assim... a sós.

— Tem razão — retrucou ele baixinho.

— O que eu quero dizer é nos vermos aqui dentro, a sós.

Ele a fitou por um tempo e um silêncio conflitante se estendeu entre eles.

O que ele estava pensando?

— Está tarde, minha senhora. Eu vou me recolher — confirmou, mirando o chão.

Como pôde ser tão impulsiva? E se aquilo estragasse tudo o que vinham construindo juntos?

— Eu também. Já está mesmo tarde — disse, por fim.

O peito dele baixou e subiu em uma respiração lenta.

— *Buona notte.*

Antes que ele se afastasse, Angelina pigarreou, tentando imprimir um tom de descontração à voz.

— O senhor ainda vai ler o meu conto, não é?

Ele a olhou por um mais um silencioso momento, como se não tivesse entendido o que ela falava. Angelina se sentiu meio boba e fora de contexto.

— É claro que vou — ele respondeu, sucinto, antes de virar as costas e começar a se afastar.

— Vincenzo... — As bochechas de Angelina arderam. Ela simplesmente não conseguia deixá-lo ir.

Ele voltou a encará-la.

— Se achar interessante, podíamos ler um para o outro.

Os olhos dele se arregalaram.

— Somente ler e... conversar — ela se apressou em justificar, sentindo-se

tão leviana como seria possível uma mulher se sentir.

— Eu realmente adoraria — replicou ele, com discreta apreensão.

Angelina não segurou o sorriso diante da afirmativa. Para seu alívio, Vincenzo a acompanhou.

— O que acha de nos encontrarmos amanhã à noite, na estufa? — ela propôs.

— Será ótimo — Vincenzo concordou, com um sorriso mais espontâneo.

Angelina entendeu ou quis acreditar que seria possível realmente passarem por cima daquele beijo, daquele contato errado, e permanecerem amigos.

— Se o senhor pegar a trilha da floresta aqui perto e virar à esquerda, em vez de ir em direção ao rio, encontrará a estufa.

— Combinado.

— Agora sim, boa noite.

Dessa vez Vincenzo saiu sem responder e ela não o deteve mais. Era como se ele estivesse perdido em pensamentos, meio distante e ainda abalado com o que acabara de acontecer entre os dois. Angelina, ao menos, estava.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Campolongo

Vincenzo lutou o dia inteiro com sua consciência, que o mandava ao mesmo tempo se distanciar e ficar cada vez mais próximo.

Ele se convenceu umas dez vezes a não ir até a estufa e umas mil e quinhentas a ir. Achou motivos fortes o bastante para se manter longe e motivos ainda maiores para não se afastar.

Eles podiam ser somente amigos, não podiam?

Ele era um homem adulto e racional. É claro que iam conseguir manter as coisas dessa maneira. Por mais que Vincenzo soubesse que ela não amava o senhor Guimarães, por mais que ele desconfiasse — bem, ele tinha certeza — de que o barão não era um bom marido, ela era casada.

Sabia que estava correndo o enorme risco de se apaixonar. Idiota, talvez já estivesse apaixonado. Desde que a vira no navio.

Mas isso não significava que não podia se controlar. Até porque ela também vinha se tornando uma amiga. A única de verdade que fizera desde que chegara àquelas terras. Não queria se afastar por completo.

Convencido de que era forte o bastante para se manter longe e não desgraçar a si mesmo e a ela, Vincenzo cruzou a entrada da estufa e parou, surpreso, analisando o interior.

Plantas de várias espécies despencavam como ondas verdes e florais. Olhou à direita, localizando o espaço onde cresciam os tomates e os temperos. A sua frente, uma mesa comprida com algumas espécies diferentes de flores.

Na parte central, o piso era de cerâmica, e por cima dele havia um tapete desgastado e grande o bastante para caberem três pessoas deitadas. Algumas almofadas coloridas criavam um nicho aconchegante mais à esquerda, junto a

um aparador repleto de samambaias.

Velas e lamparinas aqueciam a atmosfera, brilhando como estrelas de fogo no meio da noite.

— Esse é o meu lugar — a voz dela chamou sua atenção. — Estou em casa aqui.

E a casa dela era linda, esplêndida, sem opulência alguma em ouro, cristais, pratarias ou pinturas famosas. Era perfeita, uma beleza natural e exuberante, assim como devia ser a beleza de tudo aquilo que contém alma.

— É lindo — ele pensou em voz alta.

— Encontrei este lugar pouco tempo depois de chegar à fazenda. Ele virou meu refúgio, meu pedaço de paraíso na Terra... Venho arrumando as coisas desde então.

Vincenzo notou uma mesinha redonda com duas cadeiras e olhou para ela com ar curioso.

— Às vezes eu escrevo aqui... Foi a dona Isabel quem me ajudou a trazer as coisas para cá.

— Eu poderia morar neste lugar — ele confessou, maravilhado.

— Bem... sinta-se em casa! — Ela abriu os braços em um gesto convidativo. — Acomode-se.

— Depois da *signora* — ele terminou, com uma vênica exagerada, arrancando uma risadinha de Angelina.

Vincenzo se sentou no chão junto às almofadas, sentindo-se uma espécie de rei em um castelo. E Angelina?! Bem, em sua imaginação, ela era a rainha.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Favaretto

— *Então, em meio ao verde das colinas recheadas por videiras, ela correu entusiasmada com a notícia que acabara de receber; um visitante chegara! Luzia tinha certeza de que era ele, o seu amado Giácomo, que finalmente retornava para casa.*

Vincenzo acabou de ler em voz alta com o coração tão cheio de amor que não cabia no peito.

— Obrigado — disse, olhando para ela, que o fitava com um misto de carinho e ansiedade.

— Você gostou?

— Angelina, essa história me fez lembrar de casa... — Ele engoliu, tentando recompor a voz tomada pela emoção. — A sua história me levou de volta para a Itália.

Ela virou o rosto, disfarçando as lágrimas.

— Eu tenho tanta saudade de casa.

Vincenzo percebeu que ela chorava. Teve de se segurar, contraindo os músculos, para não abraçá-la. Meu Deus, queria tanto abraçá-la.

— Eu também tenho.

Os lábios dela se curvaram para cima.

— Me diga: do que você tem mais saudade? — indagou ela, parecendo querer mudar o humor da conversa.

Ele também sorriu com as lembranças.

— Tenho saudade das noites em que nos deitávamos do lado de fora e bebíamos vinho. Tenho saudade das risadas junto à fogueira.

— Eu tenho tanta saudade das colheitas e de pisar nas uvas. Aprendi com minha nonna.

— Eu gostava de ouvir a minha nonna enquanto cozinhava. Ela sempre fazia isso cantando, era quase mágico.

— Minha mamma contava histórias enquanto trançava o meu cabelo e o da minha irmã. Era um ritual diário.

— Eu amava ver as olivas mudando conforme o ano passava, assim como muda o café. — Ele apontou para o lado onde ficavam os cafezais.

Ela suspirou com o olhar distante.

— Morro de saudade das ovelhas.

— Das ovelhas? — retrucou, brincalhão.

— É sério, senhor Martinelli. Elas eram muito importantes para mim.

Ele espalmou as mãos no ar e as sacudiu na frente do peito em um gesto de rendição.

— Quem sou eu para julgar o seu amor pelas ovelhas?

Ela estreitou os olhos.

— Nós não tínhamos muitas ovelhas, mas cada uma delas tinha uma história e um nome e...

Ele gargalhou.

— Uma história?

— Sim — afirmou Angelina, enfática, fingindo estar irritada. — Diva era a matriarca. Todas tinham medo dela, não por sua força, mas por sua língua.

E ele gargalhou outra vez.

— Língua?

— É claro. Ela sabia da vida de todas as outras e usava isso em benefício próprio.

— Ovelhas fofoqueiras? — perguntou Vincenzo após parar de rir.

— Estou falando sério. Diva conhecia as ovelhas que fugiam, as que pulavam a cerca e voltavam somente depois do trabalho, conhecia as mais quietinhas e as mais faladeiras. Ela sabia de tudo. Então, todas as ovelhas a seguiam sempre. — O olhar dela brilhou. — Tirando as minhas loucuras de inventar histórias para as ovelhas e, de certa maneira para todos os seres vivos que me chamam a atenção, eu realmente tenho saudade do trabalho que eu fazia em casa.

Ele mexeu na ponta de uma almofada.

— Eu tenho saudade de dançar a tarantela... Sabe? Meu pai tocava bandolim e uma vez por mês toda a vizinhança se reunia para dançarmos.

— Eu nunca dancei a tarantela.

— Isso é um pecado — ele contrapôs, com um forçado horror.

— Eu não sou de Nápoles como você.

— Se você fosse napolitana e nunca tivesse dançado a tarantela, isso seria um crime e não um pecado.

Ela lançou um olhar divertido e perguntou, com ar inocente:

— Por que o senhor não me ensina?

— Agora?

— *No* — respondeu, apoiando as mãos no chão para se levantar. — Já está tarde, mas se o senhor quiser em outro dia...

Vincenzo se levantou também, curvando-se ao dizer:

— Ao seu dispor, minha senhora.

Saíram da estufa carregando duas lamparinas, dando risada, despreocupados. Fazia muito tempo que Vincenzo não se sentia tão à vontade com uma pessoa. Fazia muito tempo que ele não se divertia tanto.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Marangoni

Nove noites.

Nove noites que valiam como mil e uma.

Nove noites em que ela e Vincenzo se encontravam e conversavam por horas.

Naquele momento, a escova de cerdas macias deslizava por seus cabelos com uma pressão suave.

Angelina só conseguiu se lembrar dos dedos de Vincenzo e do que acontecera na noite anterior na estufa.

Ele retirou um cacho desorientado do cabelo dela que se prendera entre os lábios, colocando-o de volta no lugar. Mas, ao fazer isso, os dedos dele percorreram a curva de sua orelha. Angelina fez força para não arfar, sentindo-se mais desorientada do que o cacho rebelde.

— A senhora está diferente — constatou a governanta.

— Diferente?

Ela encolheu os ombros. Sabia a que Isabel se referia; estava entusiasmada e receosa, alegre e culpada, viva e cheia de dúvidas.

A governanta prosseguiu, lendo em seu rosto o misto de sentimentos que varriam as horas de seus dias:

— Olhos mais brilhantes, maçãs do rosto sempre coradas. Até o seu cabelo está mais vistoso... Mas, principalmente... o seu humor.

Ela olhou para o tampo da penteadeira, disfarçando.

— O que tem o meu humor?

A escova deslizou algumas vezes por toda a extensão dos fios longos.

— Sempre sorrindo, cantarolando baixinho... Parece até que está apaixonada.

Angelina sentiu o pulso acelerar.

— Fiz um amigo... Mas não estou apaixonada — terminou, com ênfase, tentando convencer a si mesma.

— A senhora sabe que eu jamais a recriminaria se um dia se encantasse por outro homem, já que o seu marido provoca qualquer coisa nas pessoas que o cercam, menos empatia. Sabe o que eu penso do senhor barão e da maneira como ele a trata... Apenas tenha cuidado, minha criança. Assim como eu notei a diferença em seu comportamento, o senhor Pedro também pode perceber.

Ela concordou, tirando as mãos do tampo e mexendo em um botão da gola do vestido.

A governanta voltou a analisá-la.

— É ele, não é? O senhor Martinelli?

— Não. Quer dizer, sim. — Bufou. — Não tenho por que esconder da senhora. Nesse tempo todo a senhora tem sido como uma mãe para mim.

Isabel apertou seu ombro de maneira carinhosa, incentivando-a a continuar.

— Tenho me encontrado com ele todas as noites na estufa há mais de uma semana — confessou, atropelando as palavras, um pouco nervosa. — Eu leio para ele e nós conversamos sobre tudo. Me sinto tão bem... E eu não sei...

— Confie em mim, minha menina, deixe eu te ajudar.

Precisando desabafar com a amiga, querendo também tentar se entender, Angelina resolveu falar:

— Oh, dona Isabel, nós nos beijamos há alguns dias e foi a coisa mais maravilhosa que eu já experimentei. — Levou as mãos aos lábios. — E depois percebemos que seria um erro seguir com isso e combinamos de nos vermos somente como amigos.

— Entendo — disse Isabel, com suavidade.

— Não, a senhora não entende. A cada dia que passa fica mais difícil estar longe dele... A verdade é que nunca me senti assim com homem algum. Ontem, por exemplo, quando ele me ensinava uma dança típica da sua cidade, na Itália, nós estávamos rindo muito e nos divertíamos como irmãos, mas então ele rodeou a minha cintura com os braços e me olhou com tanta intensidade... Dona Isabel, eu perdi o ar e achei que fosse morrer.

A governanta apoiou a escova de prata sobre a penteadeira.

— Minha menina, se a senhora não está apaixonada — começou, com ar apreensivo —, eu não me chamo Isabel e as vacas desaprenderam a mugir.

Seu pulso acelerou mais com aquelas palavras. Ela estaria mesmo apaixonada?

Estaria?

— E se estiver, meu Deus... O que devo fazer?

A governanta coçou a cabeça, pensativa, e arrumou o coque perfeito no cabelo de maneira tensa.

— Me deixe pensar um pouco antes de responder.

Ela aquiesceu, observando Isabel pegar a cadeira embaixo da janela e trazê-la para junto do banco da penteadeira. Após um tempo de introspectivo silêncio, a mulher falou:

— Provavelmente eu deveria aconselhá-la a desistir dessa ideia, a deixá-lo ir embora, a pensar em todos os riscos que vocês dois estão correndo se encontrando desse jeito.

Angelina sentiu o coração apertar.

— Eu não sei se consigo. Sei que devo, mas então me convenço de que não há nada de errado no que estamos fazendo.

— Afastar-se é o que eu deveria aconselhá-la a fazer, usando a voz da razão... Mas também sei que, quando estamos apaixonados, ficamos surdos para essa voz e só ouvimos aquilo que o coração manda. — Ela envolveu as mãos da patroa nas suas com uma pressão acolhedora. — Além disso, desde que a senhora chegou a esta casa, nunca a vi tão radiante e leve... Não seria justo eu falar que o que está sentindo ou vivendo é errado.

Surpreendida com aquela declaração, Angelina apertou um pouco mais as mãos embaixo das de Isabel.

— Mas e os meus deveres como esposa?

— Não quero bancar a advogada do diabo, mas e os deveres dele como marido?

— Não sei.

— Não foi a senhora que quebrou os votos, dona Angelina. Foi o senhor barão que o fez e volta a quebrá-los dia após dia, quando a abandona nesta casa e proíbe que a senhora saia, quando abusa da força e a machuca, quando proíbe que a senhora fale em público ou quando a humilha e envergonha, quando faz de tudo para que seja infeliz.

Angelina se mexeu no banco da penteadeira, inquieta, incomodada e ansiosa.

— A senhora está me dizendo que, se eu trair meu marido, na verdade não será um pecado?

— Estou dizendo que eu quero que a senhora seja feliz... Mesmo que pareça estar fazendo algo errado.

— Eu não sei se concordo. Para mim um erro não justifica o outro. Fui criada dessa maneira. — Esfregou os olhos. — Estou tão confusa.

— Não importa o que escolha fazer; quero apenas que a senhora tome cuidado. Todo o cuidado do mundo ainda será pouco, e... conte comigo. Farei o possível para ajudá-la, sempre.

Angelina deu um suspiro trêmulo e contido e, abraçando a governanta, encontrou o conforto amoroso de uma pessoa que se tornara mais do que uma amiga.

— Não sei o que seria da minha vida aqui sem a senhora, dona Isabel... Acho que a senhora é um anjo... não. Acho que a senhora é mesmo uma mãe para mim.

Os olhos de Isabel se encheram de lágrimas e as duas voltaram a se abraçar, emocionadas.

— Minha filha, eu também me sinto assim. Agradeço a Deus todos os dias por tê-la trazido de presente para a minha vida.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Justulin

Fazia vinte noites que se encontravam e eles ainda tentavam se comportar como amigos.

A quem ela queria enganar? Noite após noite, ficava mais difícil ignorar o que vinham sentindo.

Eles liam recostados nas almofadas, conversavam e riam, porém as coisas ficavam difíceis quando o silêncio se estendia e era impossível não notar o que se passava. Em ambos a respiração se alterava e o coração acelerava, Angelina ardia de calor, como se estivesse com febre. Uma noite antes, eles tinham deitado de lado e se encarado com as mãos entrelaçadas sem falar nada. Ela achou que fosse derreter se ele não a tocasse.

Já naquela noite ela achou que derreteria de qualquer maneira. Chegou antes de Vincenzo à estufa, e, quando ele entrou, caía uma tempestade lá fora. Ele estava ensopado, a camisa de algodão clara grudada no corpo, na pele brilhante, e o cabelo ainda mais preto do que normalmente.

— É melhor você se enxugar... Use uma das mantas.

Ele concordou com a cabeça, levou as mãos até a borda da camisa, fazendo menção de tirá-la, e a encarou, parando o movimento.

— Eu-eu vou me virar.

— *Va bene.*

Então Angelina se virou e, ao escutar os sons do tecido molhado em atrito com a pele, em um impulso, olhou para ele através do reflexo do vidro. Vincenzo havia tirado a camisa e esfregava a manta de lã nos braços e no torso, o movimento contraindo os braços e... Sua respiração acelerou, seu batimento acelerou e ela desviou o olhar. Algo naquela cena era íntimo demais, convidativo demais, talvez... errado demais. Ele vestiu outra vez a

camisa molhada e a chamou.

A verdade é que tudo estava intenso demais entre eles, e a cada dia que passava essa certeza aumentava. Angelina se lembrou da noite anterior:

— *Sonho com você todas as noites — confessou ele em um murmúrio rouco, quebrando o silêncio.*

— *Talvez essa seja a maneira de ficarmos juntos... Nos sonhos.*

Ele concordou e ela teve vontade de gritar.

Por que as coisas aconteceram daquele jeito?

Porque eles não se conheceram em outra época, em circunstâncias diferentes?

Naquele momento, acomodados nas almofadas, ela acabara de ler um conto sobre o amor de uma família que fora obrigada a se separar por causa da guerra.

— Meu avô lutou contra o domínio austríaco seguindo Giuseppe Mazzini. Ele foi ferido em uma rebelião. Se tivesse morrido, eu não estaria aqui contando essa história.

Vincenzo jogou o olhar para cima.

— *Grazie Dio* ele não morreu na guerra como o seu personagem.

— Ele contava com tanto orgulho sobre como lutou pela jovem Itália. Meu papa sempre repetia as histórias dele cheio de entusiasmo. Acho que eram as únicas histórias de que ele gostava.

— As do seu avô?

— Não somente as do meu avô, mas histórias de qualquer guerra. — Ela franziu os lábios antes de perguntar: — Aliás, qual a atração que vocês têm pelas guerras?

— Vocês?

— Homens — ela disse, com um forçado desdém.

— A mesma inexplicável atração que vocês mulheres têm pelas histórias de amor.

— Seu tonto! — Sorriu, brincalhona. — Estou falando sério.

Vincenzo levou as mãos ao peito com ar ofendido.

— Eu também estou.

— Bem, já que você é incapaz de responder, eu vou expor a minha teoria.

Ele ergueu as sobrancelhas em uma expressão zombeteira.

— Está bem, eu me rendo... Sou capaz de ouvir toda a sua sabedoria sobre as diferenças entre os gêneros.

Ela estreitou o olhar, falsamente ofendida.

— Acho que vocês precisam constantemente provar quem é o mais forte, inteligente, corajoso ou talvez o mais *imbecille*.

— É mesmo? — retrucou ele, em tom muito sério.

— Ahã.

— E me diga: se eu fosse para a guerra, seria o corajoso, o forte, o inteligente ou o imbecil?

Ela mirou as próprias unhas com ar desinteressado.

— Se você fosse para a guerra? Seria quem partiria o meu coração.

Silêncio.

Lá fora os grilos estavam bastante entusiasmados em provar suas próprias teorias. Vincenzo pareceu surpreso com a resposta da jovem.

— Angelina — ele a chamou baixinho.

Ela ainda mirava as unhas.

— Olhe para mim.

Com o pulso acelerado, ela obedeceu.

Ele tocou em seu rosto com a ponta dos dedos.

— Se você fosse minha, eu jamais partiria o seu coração.

O sangue em suas bochechas esquentou, abalada com a intensidade do olhar dele e provavelmente com a junção das palavras “você” e “minha” na mesma frase. Ela tentou mudar de assunto.

— E o seu papa? Ele foi a favor da unificação da Itália?

Vincenzo, que só conseguia pensar na unificação da boca dos dois, precisou de alguns segundos para responder.

Lembrar-se do pai sempre mexia com ele.

— Sim, ele foi, mas isso foi antes... — Parou, pensando em como contar.

— Ele fez algo muito ruim, não com o país, mas com a nossa *famiglia*.

— O quê? — perguntou ela, entre surpresa e curiosa.

— Ele... ele tinha outra *famiglia* com outra mulher em uma cidade vizinha.

Ela mordeu o lábio inferior com uma expressão pensativa.

— A traição é mesmo algo muito ruim.

Não.

Não era neles que Vincenzo pensava.

— Angelina, o meu papa parecia amar a minha mamma, e nossa *famiglia* parecia perfeita. Aparentemente não existia motivo algum para ele fazer o que fez.

Ela aquiesceu, ainda pensativa.

Vincenzo por fim entendia a total diferença entre a situação vivida por sua

família e a que vivia ali, com Angelina. E compreender aquilo fez o mundo encaixar no lugar, o ar voltar a circular normalmente no seu corpo e seu coração se encher de vida. O seu papa era feliz com sua mamma. Ele não só traía a mulher que dizia amar e ouvia isso diariamente dela em retribuição como também traía seus filhos.

Angelina não amava o marido, não era feliz nem dizia ser. Ao contrário: o barão a fazia sofrer, a maltratava. Aquilo podia ser uma relação abençoada por um padre, mas não era uma relação abençoada por Deus. Vincenzo teve certeza: Deus permitiria que um homem frio e cruel tratasse mal sua esposa apenas porque ela lhe jurou amar e respeitar?

Deus não tem nada a ver com as maldades dos homens.

Non!

Vincenzo nunca tivera tanta certeza de algo em sua vida.

Movido por essa nova onda de conclusões, ele não se conteve mais e falou o que todas as suas células queriam havia vinte dias:

— Eu não me arrependo do nosso beijo. Não me arrependo de nada.

Ela arregalou os olhos e ficou em silêncio por um tempo, apenas o encarando.

— Acho que eu também não — confirmou, por fim, baixinho.

Ele fechou os olhos, sentindo um arrepio percorrer sua espinha com aquela confissão dupla. Abriu a boca para responder, mas ela se adiantou.

— Só que nós não podemos... E-Eu não sei se conseguiria lidar com as coisas se nós continuássemos... você sabe.

— Eu sei — retrucou ele, com a voz fraca. — Só quis que você entendesse que eu não vou mais me culpar pelo que estou sentin...

— Nem eu — interrompeu ela —, mas somos amigos, e mudar isso implica tantas coisas. Não vamos estragar o que temos.

Ele tentou sorrir e inspirou lentamente antes de empurrar a conversa para longe do assunto: ele ao lado dela, talvez como nasceram para estar.

— Meus pais pareciam muito amigos. E minha mãe era devotada a ele e a nossa família.

— Sinto *tanto*.

Vincenzo se mexeu sobre as almofadas.

— Recebi na semana passada uma carta da minha mamma. Ela está bem agora. Disse que não sente mais raiva do meu papa.

— Que bom. — Ela desviou os olhos dos dele. — Eu adoraria receber cartas.

Vincenzo não processou o que ela disse.

— Cada carta que eu recebo com boas notícias da minha família é um alívio e um presente. É tão difícil ficar longe dessa maneira... O correio demora semanas para trazer notícias.

— Eu também acho difícil. — Ela tentou disfarçar a voz embargada.

Ele ergueu a mão para tocá-la, mas se deteve. Angelina levantou a cabeça, se explicando:

— Desculpe, é que... Eu não sei nada da minha *famiglia* há algum tempo. Pedro diz que eles não me escrevem mais porque não querem. Eu tenho certeza que isso *non è la verità*. Já cheguei a desconfiar de que talvez ele não envie minhas cartas, ou não entregue as que eu recebo de volta.

— *Dio!* — ele clamou, com os olhos arregalados. — Mas *perchè* ele faria isso, Angelina?

— *Non lo so*. Talvez para me manter cercada ou para que eu perca o interesse em saber deles — suspirou — por pura maldade... Eu não sei. Só sei que é muito difícil ficar sem notícias.

De olhos e punhos fechados, ele conseguia pensar em mil maneiras de arrebentar a cara daquele *dizgraziato*. Definitivamente, não era um casamento abençoado por Deus.

— Você sabe o endereço da casa do seu papa?

Ela assentiu.

— Pedi recentemente para Isabel enviar algumas cartas no nome dela, mas ainda não recebi as respostas. — Suspirou novamente. — Infelizmente ela está com receio de continuar as enviando e de o barão descobrir. Afinal, quem ela poderia conhecer na Itália e...

— Quer escrever para eles? Posso enviar junto com cartas minhas para a Itália.

Os olhos dela ficaram cobertos de lágrimas, e Vincenzo teve que morder a bochecha com força para não chorar também.

— Você, você... faria isso?

— É claro que sim — concordou, com a voz fraca.

Ele notou os lábios rosados tremerem, sentiu vontade de beijá-la. Engoliu em seco e travou os dentes, apertando o maxilar com força.

Ela segurou suas mãos com ternura.

— *Grazie!* Meu Deus, se isso funcionar, se eles responderem... Não sei como poderei lhe agradecer algum dia.

Ele olhou para os manuscritos no chão e então para ela novamente, que era

na verdade o seu maior presente.

— Você já agradeceu.

Erguendo as mãos dele até os lábios, ela as beijou devagar uma vez, duas. Na terceira, ele notou que elas tremiam um pouco. Que Nossa Senhora o ajudasse, Angelina pedia por amizade, mas seu coração queria ser dela por inteiro.

— Angelina — chamou-a com a voz rouca.

E o azul-claro se encontrou com o escuro, fundindo o dia e a noite, o mar e o rio. Misturando todos os desejos de suas almas e tornando-os palpáveis.

Os seus lábios se aproximaram e a respiração dela varreu tudo o que restava de razão no mundo. Um vazio enorme se apoderou da mente de Vincenzo enquanto seus nervos o empurravam para ela.

— *Dio mio, morirò se non te bacio*. Eu vou morrer se não te beijar.

Ela expirou com um murmúrio indecifrável.

— Diga sim — pediu ele.

— *Sì*.

Sem nenhum pudor, porque não havia razão, ele envolveu os quadris dela com as mãos, deslizando-as até estreitá-las na cintura fina, e a puxou para si. Quando os seios tocaram sua camisa, comprimindo seu peito, quando seus corpos se encontraram e se encaixaram, Vincenzo arfou.

Fora de si.

Desmontado, completamente entregue.

Ele a persuadiu a abrir a boca com carícias leves e ritmadas, e, quando ela se entregou, ele a beijou com toda a vontade que sentia desde que a vira um ano antes, parecendo uma miragem na varanda do navio. Ele a beijou, sentindo que ela poderia desaparecer e que, para mantê-la ali, existindo, respirando, ele precisava absorvê-la e tocá-la com tudo o que tinha.

Quanto mais ela se entregava, soltando o corpo em seus braços, tornando-se maleável como uma peça de roupa vazia, mais ele queria e tentava tomar. Mesmo assim não era o bastante; talvez nunca fosse.

Então ela o imitou, colocando de maneira tímida a língua no interior de sua boca, provando-o da mesma maneira que ele fizera. Vincenzo sentiu o ventre se contrair e um choque de prazer correr pela sua coluna, esquentando seu sangue.

Com as mãos instáveis, abriu uma fileira de botões que prendia o vestido até a base da nuca. O peso do bordado intrincado no peito fez o colo ceder e cair, revelando a camisa de baixo e o corpete, que sustentava os seios

redondos.

Ele perdeu a força, ou parte dela, já que — para sua surpresa — seus braços fraquejaram.

Aquilo não era somente um beijo.

O que era aquilo?

Com que tipo de emoções e sentimentos novos e descontrolados ele estava lidando?

Não sabia.

A fim de vencer ou entender alguma coisa, beijou-a com mais paixão, com mais fome e vontade. As mãos correram soltas da cintura até a lateral dos seios. Sentiu os mamilos se tornarem mais rígidos sob o tecido da camisa. Desesperado com o turbilhão incontrolável de desejo que acendia seus sentidos, afastou-se somente para respirar. Conseguiu fazer isso por três segundos antes de voltar a beijá-la. Alguém tinha que tentar recuperar a voz da razão.

— Me faça parar.

— *Non* — silabou ela com a voz fraca, voltando a buscar seus lábios.

Dio!

Ele também não conseguiria.

Deslizando os lábios pela bochecha e pelo maxilar, ele chegou à curva tensionada do pescoço, e a pele dela pareceu se dissolver sob sua língua como açúcar. Ela tinha cheiro de avelã com o frescor do limão. Tocá-la com a boca era possivelmente igual a beijar uma nuvem. Vincenzo deixou beijos em toda a extensão do pescoço de Angelina, percorrendo com a língua uma veia fina atrás da orelha, e ela gemeu mais alto.

Foi um comando que liquidou de vez com sua capacidade de articular qualquer palavra ou pensamento. Ele parou ajoelhado entre as pernas macias. O vestido havia se enrolado, revelando coxas levemente torneadas em contraste com as meias de seda cor-de-rosa. Mais acima, o começo das ligas brancas e o convite para sua completa e absoluta perdição.

Ela estava corada, com os olhos acesos pelo desejo.

Era o tom de azul mais lindo que ele já vira.

Eram os olhos mais estonteantes que existiam.

Os lábios vermelhos e inchados pelos beijos apaixonados que trocaram.

Uma mistura perfeita entre a pureza e a perdição, o céu e a terra.

Ela o puxou pela camisa ainda molhada dizendo antes de buscar seus lábios outra vez:

— Seus beijos têm sabor de café e chuva. — E o puxou novamente como se não conseguisse parar de beijá-lo. Ele não conseguia.

Vincenzo sorriu atordoado.

— Você tem gosto de perfeição. — Tentação, pecado.

Ofegante, lutando para não tomá-la como um animal descontrolado, cego de paixão e louco como nunca na vida, escorregou os dedos através do próprio cabelo. Uma tentativa inútil de se acalmar.

Dio!

Eu tenho de parar.

Pousou as mãos nos joelhos delicados como se eles fossem o leme de um navio naufragando. Ela arqueou o pescoço e as costas, convidando-o a prosseguir.

Ele grunhiu, vencido, e mergulhou, cobrindo-a com o corpo. Voltou a beijá-la com urgência. A língua movimentando-se compassadamente, obedecendo ao ritmo dos arquejos dela.

Vincenzo estava perdido.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Berardo

Em uma loucura de prazer que envolvia todas as terminações nervosas de seu corpo a cada toque dele, Angelina se sentia tonta, entregue à fraqueza mais deliciosa que já experimentara.

Ele se inclinou sobre ela, envolvendo sua cintura com as mãos, e abriu os lábios para acolher um mamilo. Angelina afundou os dedos na cabeça escura ao sentir a leve sucção produzida por Vincenzo naquele ponto sensível, nunca antes tocado dessa maneira. As carícias da língua e a suave pressão dos lábios, junto ao hálito quente dele, a faziam soltar gemidos e frases incoerentes, até que ficar parada foi impossível. Seus quadris começaram a se movimentar buscando algo desconhecido, mas poderoso.

Ele percorreu a parte interna de suas coxas e sua pele se contraiu, arrepiando-se. Com os dedos, soltou as ligas com agilidade e se inclinou sobre ela, voltando a beijá-la com a mesma paixão abrasadora que derretia todos os seus sentidos, a língua suave e morna como o veludo preenchia sua boca em um ritmo e encaixe perfeitos. Angelina nunca imaginara que um beijo pudesse ser tudo isso e pudesse despertar seu corpo dessa maneira.

Ele deixou a boca deslizar no queixo, e a barba por fazer era como a língua de um gatinho acariciando os lábios dela. Espalmou as mãos nas costas largas sob o tecido fino da camisa, sentindo-o tremer sob seu toque. Inspirou o cheiro da pele dele de café, chuva e sabonete.

Vincenzo avançou mais, o corpo se encaixando no meio das pernas dela, pressionando a ereção entre elas. Respirando com dificuldade, ela ofegou de expectativa e agarrou sua nuca, puxando-o para aprofundar o beijo. Ele se moveu novamente, produzindo a mesma fricção deliciosa e mais uma vez a deixando fora de si por completo.

“Você é fria”, a voz do marido, vinda de algum buraco escuro, sem ser convidada, invadiu sua mente.

“Como um homem pode ter prazer com uma mulher assim, seca?”

Vincenzo continuava a beijá-la com a mesma entrega apaixonada.

Mas ela sabia o que vinha a seguir; dor, incômodo e humilhação.

Todo aquele excesso de virilidade pressionando-a, buscando a entrada de seu corpo, provocou uma série de tremores, e um soluço escapou do seu peito. Um ardor subiu por sua garganta e a fez virar o rosto para o lado.

Tragou o ar de maneira falha, antes de falar, aturdida:

— Pare, *per favore*... Eu não quero mais. Pare!

Porém, Vincenzo estava surdo, assim como devem ficar todos os homens tomados pelo desejo. Absurdamente rígida e nervosa, ela fez a única coisa que fazia quando o marido a tomava sem que quisesse: virou ainda mais o rosto para o lado, fechou os olhos com força, sentindo as lágrimas ganharem as faces, e se preparou para ser invadida. Uma enorme angústia e uma sensação de impotência se misturaram ao medo, fazendo-a contrair todo o corpo.

Mas a dor não veio. No lugar, mãos mornas e um pouco ásperas envolveram seu rosto com leveza.

— Angelina — ele a chamou.

Ela prosseguiu mergulhada no lugar aonde sempre ia para fugir do contato indesejado com Pedro.

— *Per l'amore di Dio*, Angelina, olhe para mim!

Alguma coisa no desespero da voz dele a fez despertar do pesadelo.

Abriu os olhos enormes e assustados.

Encontrou um rosto lindo, transtornado e lívido.

— Eu te machuquei?

Devagar, ela foi se dando conta da situação.

Estava deitada.

O coração pulsava acelerado.

Ele continuava em cima dela, apoiando o peso sobre os próprios braços, respirando com dificuldade.

Ele não a penetrara.

Os olhos azul-escuros deslocavam-se rápidos pelo rosto, pescoço e colo dela.

Dio! Ele estava completamente vestido.

Ela soluçou mais uma vez.

Vincenzo beijou-a na testa com ar torturado, antes de suplicar:

— *Perdonami*.

Apesar de estar parcialmente descoberta, ela permanecia usando as roupas íntimas. Nem mesmo despidos eles estavam. As bochechas dela arderam. Nada que justificasse aquele ataque de pânico. Começou a tremer, dessa vez de vergonha.

Tudo estava tão perfeito poucos minutos antes. Ela nunca havia se sentido daquela maneira. Nem sabia que era possível sentir tanto prazer, paixão, amor e vontade de tocar, ser tocada.

— Me perdoe, *amore mio* — repetiu ele, atordado. — Eu... eu te machuquei?

— *Non!* — Ela cobriu o rosto e chorou copiosamente, sentindo-se desfazer por dentro.

— *Dio mio*, Angelina, me fale o que está acontecendo... por favor! — suplicou, com as mãos na lateral do rosto dela. — Juro pela minha *vita*, nunca mais encosto um dedo em você, mas, por favor, não chore assim.

Ela limpou as lágrimas com a ponta dos dedos.

— Você não me machucou.

Sentiu o peito dele subir e baixar em uma respiração funda.

— Eu perdi o controle. Sou um *stronzo*... Estraguei tudo.

Ela tocou, com os dedos incertos, o rosto contraído. Ele fechou os olhos.

— *Non*, Vince, eu juro que agora não estou pensando se o que fizemos foi certo ou errado. Estava tudo bem... Nunca tinha me sentido tão completa e feliz. Mas então...

Ele se sentou, envolvendo os ombros estreitos com um braço e passando o outro por debaixo das pernas dela, levando-a se a sentar sobre seu colo. Angelina encostou a bochecha no peito quente, encolhendo-se como se fosse um filhote assustado.

— E então... — ele murmurou baixinho, incentivando-a prosseguir.

Ela aconchegou a cabeça no peito dele, sentindo o tecido da camisa e a pele macia acariciarem o seu rosto.

— Então, eu lembrei que sou fria.

— Como assim, *amore mio*? — perguntou ele, com ternura.

Ela umedeceu os lábios, nervosa.

— Lembrei também que sou seca, então jamais poderei fazer um homem feliz ou satisfazê-lo totalmente.

Ela sentiu os músculos dos braços dele tensionarem.

— Foi o barão que te disse isso?

Ela aquiesceu

— Santo Cristo! — sussurrou ele, com um suspiro incerto.

— E também me lembrei que, por melhor que estivesse, logo viria a parte que... — Engoliu em seco, sem graça, buscando a melhor maneira de falar. — Sabe?! Minha mamma sempre disse que o ato de amor entre um homem e uma mulher era algo sagrado e belo. Tirando isso, ela nunca me explicou como as coisas realmente funcionavam.

Ele beijou sua testa algumas vezes, estimulando-a.

— Na verdade, para a mulher só existe a dor na consumação, durante e depois, e também a humilhação.

Sentiu os músculos do peito e dos braços dele se contraírem ainda mais. Virou o pescoço para cima e encontrou dois olhos injetados de raiva, tão diferentes do olhar caloroso que ele sempre lhe dirigia. Instintivamente e arrependida por ter falado, ela fitou o chão.

Lembrou-se das palavras da mulher que conhecera no navio, a quem pedira conselhos durante a travessia até o Brasil: *Nunca reclame, meu bem. Os homens não toleram mulheres que se queixam na cama.*

Será que Vincenzo estava bravo?

Ele esfregou o rosto com as mãos algumas vezes.

— *Mio cuore*, eu vou te falar algo que talvez seja difícil para você entender, já que as suas experiências com um homem, com aquele *figlio de una putana*, são muito diferentes do que deveriam ter sido.

Aliviada pelo tom aveludado e amoroso daquelas palavras, ela voltou a olhá-lo.

— Tudo o que a sua mamma falou é *vero*. Quando um homem e uma mulher se amam, a consumação ou o ato conjugal é o mais sagrado dos atos... ao menos imagino que seja, mas nunca tive a dádiva de fazer isso por amor.

— Então, quando amamos de verdade uma pessoa e fazemos... Você sabe? Não existe dor?

— *Non*, mas isso também não significa que deva doer com quem não se ama.

Ela arregalou os olhos, surpresa.

— Nem para a mulher?

Vincenzo inspirou devagar.

— Muito menos para a mulher.

— Não entendo, desculpe. — Ela baixou os olhos, constrangida.

Ele segurou seu queixo com o polegar, erguendo o rosto dela outra vez.

— Esse é um ato feito por duas pessoas e deve ser bom para os dois. Os homens que passam por cima disso não conhecem o verdadeiro prazer de amar uma mulher, *capisce?*

Angelina ficou em silêncio, sem ter certeza se compreendia. Lembrou-se das vezes que Pedro a procurava: o barão parecia sentir prazer, enquanto para ela era... horrível, incômodo, doloroso, abusivo.

— Não sei. Eu-eu...

— Você disse que estava gostando dos beijos que trocamos, certo? — prosseguiu ele, de um jeito ainda mais brando e tenro.

— Sì.

— Então, você acha que, se eu não estivesse gostando também, teria sido bom para você?

Ela por fim começava a entender.

— *Non*, não teria.

— Com certeza não, *mio cuore*.

Meu coração. Ele a chamava de “meu coração”. E Angelina perdeu mais alguns pedaços do próprio coração para ele.

O barão, em um ano de casados, nunca se dirigia a ela com nomes carinhosos. Teve vontade de chorar. Porque aquilo, eles dois assim tão próximos, não mudava muito as coisas. Ela provavelmente era incapaz de sentir prazer com um homem, e o futuro dos dois era nebuloso, incerto e ameaçado por imposições externas poderosas.

— Isso não importa, porque talvez eu realmente tenha problemas.

Ele emoldurou seu rosto com as mãos com devotado carinho.

— *Non*, não fale isso, *mio cuore*... Tenho certeza de que você não tem problemas.

— Veja o que eu fiz agora... Há poucos minutos, tinha certeza de que nada podia ser mais certo, nunca me senti tão viva e plena, e então... estraguei tudo — terminou com um sussurro frustrado.

Ele voltou a fitá-la com intensa paixão e sacudiu a cabeça, parecendo inconformado.

— Você é a mulher mais apaixonada que eu já conheci. Não há nada de errado com você. Eu jamais faria algo que a machucasse, jamais. Sei que nos conhecemos de verdade somente há vinte dias, mas eu sonho com você faz tanto tempo... Se você soubesse...

Ele pressionou a boca na dela outra vez, e novamente, e devagar ela cedeu,

entreabrindo os lábios, voltando a sentir o desejo que sempre sentia junto a ele reacender pouco a pouco o seu corpo.

Aquilo era errado.

Aquilo era certo.

Eles não deviam estar fazendo nada daquilo.

Eles podiam, sim, estar fazendo aquilo.

Angelina não queria pensar em mais nada, não com os lábios dele cobrindo os seus novamente, não quando todo o seu corpo voltava a ser desperto daquele jeito delicioso e mágico.

— Me deixe te dar prazer — ele pediu, enrouquecido.

E Angelina se entregou.

Eles seguiram se beijando até se esquecerem por completo do tempo e de onde estavam, até ela implorar por mais sem nem saber o que queria, até ele ter de acalmá-la em seus braços, acariciando suas costas. Até tudo perder a razão e reencontrar um novo sentido.

Angelina adormeceu enroscada nele, como se, ao soltá-lo, as coisas fossem se desfazer, como se tudo aquilo fosse um sonho.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Bortoletto

Angelina desceu as escadas do casarão após as dez horas, quando todos na fazenda já dormiam. Tinha se tornado um hábito ir para a estufa encontrar Vincenzo depois que todos se recolhiam. Desde que contara tudo a Isabel, a governanta ficava no quarto de Angelina para lhe dar cobertura, além de se certificar, da varanda, de que não havia nenhum guarda próximo à entrada da trilha para a estufa no horário em que a patroa saía da casa sede. Se algo suspeito ou arriscado acontecesse, o combinado seria que Isabel amarraria um lenço branco na cúpula de murano do parapeito da varanda.

Durante a noite a casa não era tão silenciosa, já que o teto e o piso de madeira estalavam por causa do resfriamento das tábuas.

Ela deu um suspiro entrecortado ao se lembrar da noite anterior. Eles tinham se beijado por muito tempo e Vincenzo intercalava os beijos com palavras de amor e carinho. Ela nunca se sentira tão especial. Mas, quando o dia nasceu, Angelina não conseguiu evitar um sentimento intruso de culpa e medo. Tentou sufocá-lo com a certeza de que merecia ser feliz. De que estar com Vincenzo a fazia feliz.

Naquele momento, os passos deixados sobre as tábuas corridas se interpuseram aos sons da noite, acompanhado de uma música.

Ela parou.

Música?

O som abafado de uma canção que ela nunca havia escutado. Mas o que era aquilo? Impulsiva, buscou os instrumentos, que pareciam estar em uma das salas íntimas da casa. A porta entreaberta deixava vazar não apenas a melodia alegre, como a luz de dentro do ambiente e risadas femininas.

Mas o que acontecia ali?

O barão teria voltado de viagem?

Não. Em mais de um ano, ele nunca chegara à noite na fazenda, e Isabel afirmara que Pedro só deveria estar de volta dali a uma semana. Com essa certeza e disposta a entender o que acontecia, ela abriu uma das lâminas de madeira da porta dupla e colocou metade do corpo dentro da sala.

A primeira coisa que viu foi um objeto de madeira quadrado com um tubo de metal saindo dele, no formato de um copo-de-leite gigante. Era dali que saía a música. Então o cheiro de bebida e a fumaça de charuto invadiram suas narinas. Era o charuto de Pedro. Apertou os dedos, nervosa.

Ele estava de volta.

Estava a ponto de recuar quando olhou mais à frente e os viu.

O barão estava sentado em uma das poltronas douradas estilo Luís XV. Tinha no colo duas mulheres de pele clara, uma de cabelo escuro e a outra loira.

Dio santo! Eram duas colonas. Angelina conhecia as jovens de vista.

Uma delas estava com metade do corpo despido e beijava seu marido no pescoço enquanto a outra praticamente nua, beijava-o na boca.

Estavam tão entretidos um com o outro que nem sequer notaram sua presença.

O que ele faria se a visse ali? A boca de Angelina secou, e ela saiu da sala em um passo largo para trás. A música alta vinda daquele aparelho ajudou a ocultar sua presença. Angelina se colou à parede ao lado da porta ainda entreaberta, com as pernas bambas.

— Isso... assim. É assim que eu gosto. — Era a voz do barão. — Bruna, que delícia... — o barão repetiu mais alto.

O pulso de Angelina acelerou, e um gosto ruim invadiu sua boca.

— *Io* adoro quando o *signore* faz assim.

O barão se deitava com outras. Pedro a traía com duas colonas.

Em um misto de nervoso e susto diante da comprovação da traição do marido, Angelina virou o corpo e se afastou da entrada da sala.

Dio mio!

Há quanto tempo ele fazia isso?

Será que nas outras fazendas, onde passava semanas sozinho, também tinha amantes?

É claro que sim.

Por isso não a procurava mais havia tempos.

Então seu peito foi inundado por uma estranha sensação de alívio.

Ela sentiu vontade de agradecer a cada uma das mulheres com quem ele se deitava. Mal sabiam elas o favor que lhe faziam por mantê-lo longe de seu quarto.

Pedro não a honrava e também não honrava os votos de fidelidade feitos na igreja.

Ela apertou o maxilar com raiva de si mesma, julgando-se uma tola, uma estúpida.

Esforçando-se tanto para se manter fiel durante todos esses dias, sentindo-se culpada e errada por desejar outro homem. Chegando a pensar diversas vezes em abrir mão de tudo, desistir de Vincenzo, até mesmo de sua amizade em nome da honra do sacramento.

Mas que tipo de fidelidade ela devia esperar de um casamento que não era de verdade? Que tipo de respeito esperava de um homem tão cruel?!

Tola! Idiota!

Respirou fundo, deixando, finalmente, a sensação de susto e raiva de si mesma ir embora e restar somente o alívio.

Ela estava apaixonada por Vincenzo. Beijou-o e se deixou ser beijada; isso podia ser considerado uma traição. Porém, ao negar a si mesma seus sentimentos, a única pessoa que traía era a si própria.

Lembrou-se das palavras da mãe: “A base do casamento é o respeito, minha *figlia*. Eu sei que algumas esposas aceitam que seus maridos durmam com outras mulheres, *come se fossero animali* no cio. Mas, diferentemente dos animais, nós temos consciência, pensamos e podemos escolher que caminho seguir. Se um dia *tuo marito* a trair ou maltratar, que é o mesmo que uma traição, saiba que você não é obrigada a continuar com ele”.

— Mas eu sou obrigada, mamma — murmurou ela em voz alta, conforme se afastava. — A verdade é que o barão nunca me respeitou e tampouco me deixou escolha... Tenho certeza de que continuará não deixando.

Ainda respirando com dificuldade, olhou para os lados pensando no que deveria fazer. Para seguir até a estufa, teria de passar na frente da sala outra vez.

Lembrou-se das palavras e dos conselhos de Isabel naquela mesma manhã: “Assim que o senhor barão voltar de viagem, deixem de se encontrar, mantenha a sua postura o mais neutra possível e lembre-se: a senhora não arrisca somente a si mesma, mas a ele também.”

Bufando baixinho, ela resolveu voltar para o quarto. Logo o barão subiria. Além do mais, quando Pedro chegava de viagem, Ricardo ficava mais

presente nas redondezas da mansão, e a ronda de capangas também aumentava.

Pedro ficara neurótico quanto à segurança quando ouvira a história de colonos que se rebelaram contra um fazendeiro conhecido dele. O homem foi assassinado friamente.

Ela não podia se expor nem colocar Vincenzo em risco desse jeito.

Amanhã o avisaria.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Canoto

Vincenzo acordou com o calor do sol no rosto. Abriu os olhos devagar e se levantou em um pulo, atordoado ao se dar conta de onde estava.

Caspita!

Havia dormido na estufa, esperando por Angelina.

Na noite anterior, levava consigo o lenço dela. Achou que Angelina ficaria feliz em reaver a peça.

Achou também que ela gostaria de saber que ele sonhava com ela havia mais de um ano, desde a viagem da Itália para o Brasil.

Mas ela não aparecera.

Tampouco mandara um recado por Isabel. Segundo Angelina, a governanta sabia que eles vinham se encontrando e era uma amiga de confiança, então...

Seu coração acelerou.

Dio! Será que acontecera alguma coisa?

Movido por essa incerteza, Vincenzo voltou correndo para a mansão. Nem passou em casa, como de costume, para trocar de roupa.

Era cedo, não passava das seis, e ele percebeu que a senhora Eugênia havia acabado de entrar na cozinha.

— Bom dia, Vincenzo — disse ela, amarrando o avental na cintura.

— *Buongiorno* — ele retrucou, olhando para os lados, sem saber o que estava procurando.

Respostas. Ele precisava saber de Angelina.

Dona Eugênia deixou cair algumas panelas, maldizendo a falta de cuidado e estrondo do barulho do metal em choque com a pedra.

— O senhor Guimarães voltou mais cedo de viagem, e, quando ele está em casa... você sabe, as coisas ficam mais tensas.

Vincenzo travou o maxilar ao entender o que acontecera.

Ela não fora vê-lo porque o marido estava de volta. Pegou o avental com um movimento mais brusco do que planejava e o amarrou na cintura. Sem que permitisse, imagens de Angelina se deitando com o barão invadiram sua mente.

— *Sì, signora* — forçou-se a responder para dona Eugênia, que o analisava, parecendo curiosa.

Uma hora depois, ele já havia quase se queimado, derrubado uma jarra com água no chão e quebrado uma tigela.

Estava fora de si.

Complemente atordoado de ciúme, preocupação e com vontade de bater em alguém.

No senhor barão.

Ou...

Nele mesmo.

Estúpido, *stronzo*!

Possuído de ciúme de uma mulher casada.

Ele não tinha esse direito.

Mas queria ter, e era isso que o irritava de verdade.

No meio do dia, Angelina lhe enviou um bilhete às escondidas.

— Leia fora daqui! — Isabel lhe entregou o papel com cara de poucos amigos.

Não devia aprovar o que sua senhora vinha fazendo.

Naquele momento ele também tinha dúvidas.

Afinal, que diabos eles estavam fazendo?

Não eram amantes, mas também não eram apenas amigos. Ele não tinha o direito de ter ciúme e nem mesmo razão, já que o barão era um marido horrível, mas se sentia possuído de ódio por isso.

Não tinha o direito a nada, e aquilo era...

Desconcertante.

Tentou ser discreto e guardou o bilhete no bolso do avental, saindo da cozinha em seguida.

Uma vez sentado no degrau da escada junto à porta, desdobrou a nota com o pulso acelerado e leu:

Vincenzo,

Perdoe-me, eu não pude ir... Pedro chegou tarde da noite, surpreendendo a todos. Quando é assim, é muito arriscado nos vermos. Espero que não tenha esperado muito tempo sozinho.

Con amore,

Lina

Vincenzo amassou o papel, levantou-se e o colocou no bolso da calça. Com as narinas infladas pela força que puxava o ar, teve certeza de que tinha perdido totalmente a cabeça.

Como pôde se deixar envolver desse jeito em uma situação sem saída?

Voltou para a cozinha resolvido a jantar na colônia com o irmão naquela noite.

Ele precisava conversar com alguém de confiança. Precisava falar com o irmão.

— Um brinde ao seu novo emprego — Matteo ergueu o copo de barro no ar.

Vincenzo bateu de leve, concluindo o brinde.

Eles celebravam com os restos do jantar servido na casa grande. A senhora Eugênia ficara sabendo que ele jantaria com o irmão e ofereceu a marmita. Ela era uma mulher boa e gostava de cuidar daqueles que trabalhavam com ela.

Mas, apesar do clima festivo e de ele realmente estar feliz em rever o irmão, não se sentia no clima de comemorar nada.

— Senti sua falta... Você precisa ir me visitar mais depois de seu turno de trabalho.

— Se eu for, comerei mais assim? — indagou Matteo, em tom divertido.

Vincenzo sorriu com a brincadeira.

— Sì, com certeza... A senhora Eugênia é muito generosa. Além disso — Vincenzo deu um gole na água antes de concluir —, lá se cozinha como se fossem comer dez pessoas no lugar de duas.

Duas pessoas: Angelina e o senhor Pedro Guimarães. Lembrou-se da expressão centrada dela mais cedo, do vestido sóbrio de veludo verde-escuro com gola rendada, do cabelo preso com esmero, como se ela fosse jantar com uma rainha. Ele a vira de relance tocando piano para o barão, uma peça que Vincenzo conhecia, pois já havia escutado nas igrejas.

Ela parecia outra pessoa.

Tão distante, séria, com ar tão aristocrático que, se Vincenzo a visse assim pela primeira vez, talvez nunca a tivesse olhado novamente. Estava linda, como uma pintura exposta em um museu — era verdade —, mas parecia desanimada, sem vida, sem brilho, apagada.

Lembrou-se das palavras da própria Angelina: “Quando ele está em casa, eu subo em um palco, visto uma máscara e represento o papel que ele espera. Sou quem ele quer que eu seja. É o único jeito de eu ter paz e de ter a liberdade de ser quem eu verdadeiramente sou quando ele não está presente”.

Então, mais cedo, ao passar pelo corredor com o intuito de se afastar da sala de música, ele ouviu algo que o deteve:

— Dona Isabel já lhe apresentou ao novo criado, o italiano da cozinha? — Era a voz do barão.

— Acho que sim. Não me recordo — ela respondeu, sucinta, enquanto outras notas deslizavam pelo ar.

— Ele me pareceu um bom funcionário, apesar de um pouco rústico demais.

— Desculpe, senhor. Eu realmente não reparei.

— É claro que não. — Ele deu risada. — Estranho seria se minha esposa, dona da casa, comesse a reparar nos criados da cozinha, não é, querida?

Vincenzo sentiu o sangue ferver.

Que tipo de vida dupla era aquela que Angelina levava? Como ela aguentava aquilo? Na verdade, Vincenzo acreditava que ela não tinha escolha; era obrigada a aguentar. O ar engrossou e ficou difícil de respirar.

— Se continuar assim, a comida vai virar uma polenta — a voz do irmão chamou sua atenção.

Ele olhou para o prato a sua frente. Vinha mexendo com a comida de um lado para o outro sem levar nada à boca.

— Estou... distraído — confirmou baixinho.

Matteo o analisou por um silencioso momento.

— Essa distração tem nome?

Ele concordou com a cabeça, enquanto finalmente mastigava um pedaço de assado.

— *Caspita*, Vince! Eu te avisei. Disse para você se manter distante dessa, dela... dessa obsessão.

— Eu sei, *cazzo*! Você acha que eu não lembro do que você falou? — inquiriu, apertando um pouco as mãos sobre o tampo da mesa.

— Espere aí! — Matteo exclamou, assustado. — Não vá me dizer que...

que... vocês estão se vendo?

— Sim. — Esfregou os olhos com veemência. Não tinha por que mentir para o irmão.

Os olhos do jovem se arregalaram. Vincenzo prosseguiu, agitado:

— Quando o barão viaja, ela se enfia na cozinha, ela é *una maledetta* cachorrinha, de quem eu já aprendi a gostar também. Mas, muito pior do que o fato de ela passar as tardes na cozinha junto comigo, batendo massas, enchendo o ambiente de vida e meu coração de esperança, é que entra dia e sai noite e nós conversamos, nos aproximamos, nos conhecemos e... *porca miseria*, há duas noites nós nos beijamos durante horas e meu mundo se desfez. Ela se infiltrou no meu sangue... Estou perdido.

— Vince! *Sei pazzo?* Se alguém descobre, você é um homem morto! — terminou em um sussurro.

— Eu sei... — Apoiou a testa nas mãos fechadas.

— Então... se afaste dela, *caspita!* — disse em voz baixa.

Vincenzo ergueu o olhar e encarou o irmão.

— *Sono innamorato*, Matteo. Estou completamente apaixonado.

— Ela é casa...

— Você acha que eu não sei disso? — afirmou, entredentes.

— Então volte a pensar!

Vincenzo riu com ironia.

— Sabe aqueles bêbados malfalados *dalla nostra città?*

— O que isso tem a ver? — Matteo soou irritado.

— Lembra que eles tremem, passam mal, se desesperam se não conseguem a bebida?

O irmão concordou com um movimento ríspido.

— É assim que eu me sinto... Só de pensar nela, meu coração parece que vai arrebentar e minha respiração fica sofrida, o sangue esquenta e então, quando estamos juntos, tudo isso se intensifica e parece que vou morrer se não a toco.

O rosto do irmão ficou lívido.

— Nós temos que ir embora daqui agora. Isso vai acabar em tragédia... *Sei cieco*. Você está cego, doente de paixão.

— *Sì*... É assim que me sinto... completamente apaixonado. Mas eu... nós não vamos embora, Matteo. Se eu fugir disso vou me odiar para sempre.

Matteo abriu a boca para responder quando uma voz feminina falou antes dele:

— Posso saber quem é a *afortunata*?

Vincenzo cruzou os braços sobre o peito, o susto transbordando de seus olhos.

— *Nessuno*. Ninguém.

Mia, que acabara de entrar na pequena sala, apenas ergueu as sobrancelhas em um gesto irônico.

— Você não deveria estar no quarto dormindo? — Matteo emendou.

— Acordei e... perdi o sono... Se eu soubesse que você viria, Vincenzo, não teria me recolhido.

— Eu já estou de saída. Como andam os preparativos *per il matrimonio*?

Ela sorriu antes de responder:

— Quase tudo pronto, finalmente.

Ele se levantou.

— Fico feliz em saber.

— Você vai aparecer para a festa?

— Com certeza, Mia! *Grazie* pelo convite. — Afirmando isso, ele colocou a boina que havia tirado para jantar, foi até a porta e, antes de sair, disse para o irmão:

— Vá jantar comigo amanhã.

— *Va bene* — concordou Matteo, com um aceno de cabeça. — *Buona notte*.

— Boa noite, Mia.

Ela o fitou com ar curioso.

— Não vai mesmo me dizer quem é a jovem?

Ele fingiu não entender direito e saiu sem olhar para trás.

Somente quando estava no meio do caminho de volta para casa, um pensamento incômodo e assustador cruzou sua mente:

E se Mia ouviu alguma coisa a mais?

Vincenzo tinha certeza de que não haviam falado nome algum e que tudo o que podia soar comprometedor fora dito em voz baixa. Mesmo assim, Mia era esperta e curiosa demais. Poderia começar a tirar conclusões.

— É só o que falta, *Dio*!

Talvez, se tivesse ouvido algo, ela não ficasse calada.

Ele inspirou devagar, aliviado.

Mas a enganosa sensação de alívio durou poucos segundos.

Aquilo tudo que vinham vivendo era uma grande loucura, improvável, impossível de acabar bem. Quem eles queriam enganar? Ele sentia estar

apaixonado por ela com apenas vinte dias de convivência mais próxima. O que aconteceria se seguissem com aquela história?

Vincenzo teria que ser mais cuidadoso e jamais voltar a falar sobre isso na colônia, nem mesmo com seu irmão. E — apertou a base do nariz, sentindo um nó na garganta — o irmão tinha razão: provavelmente aquilo acabaria em tragédia. Deveria tentar se manter mais distante, arrumar um jeito de tirá-la da cabeça e do coração. Isso que vinha sentindo por ela não colocava apenas a ele em risco, mas também a Matteo e... à própria Angelina. No fim, ela estava certa em se afastar, mudar, se proteger.

Sentiu-se sufocado com a recente conclusão: teria de tentar esquecê-la.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Chiarelli

Na manhã seguinte, Angelina andava por um dos amplos corredores da casa sede com destino à sala de música. Queria na verdade ir até a cozinha e falar pessoalmente com Vincenzo. Explicar o motivo de sua ausência. Contar que o barão a traía com duas jovens da colônia.

Talvez todos soubessem.

Talvez ela fosse a única alienada daquela fazenda. Decidida a conversar com Vincenzo, ou chamá-lo com a desculpa de que precisava de algo para poderem ter um momento a sós, Angelina resolveu se certificar de onde estava Pedro. Por isso passou discreta na frente do escritório, que ficava sempre com a porta fechada quando ele estava lá dentro.

Ao se aproximar, ouviu a voz da senhora Isabel seguida por uma resposta do barão. Para sua surpresa, a porta estava entreaberta. Conseguiu observar pela fresta a governanta sentada à escrivaninha, relaxada e natural. Aquilo pareceu tão estranho que Angelina segurou a respiração e congelou, analisando a cena.

— Acho que o senhor não deveria fazer isso — Isabel disse. — Angelina é mais tranquila que Cecília, mas ainda sente muita falta de casa.

— E o italiano da cozinha? Ele é de confiança?

— Ele é um... — Parou e lançou um olhar para a porta, como se sentisse a presença da patroa, e a encontrou. Surpresa, a governanta arregalou um pouco os olhos.

Nervosa e confusa, Angelina caminhou rápido a fim de se distanciar. Ouviu passos atrás de si.

— Minha senhora — era Isabel. — Espere! — pediu baixinho.

Angelina parou, virando-se para ela. As duas se encararam por um tempo

em silêncio.

— O que a senhora ouviu eu ia mesmo lhe falar e...

— A senhora sempre conversa com ele assim?

— Assim como?

Ela mordeu os dentes para controlar o tom de voz.

— Pareciam velhos amigos e falavam de mim e de Vincenzo e...

As sobrelhas destacadas e grisalhas se curvaram até quase baterem no teto.

— O que a senhora está sugerindo? — murmurou. — Eu estava apenas tentando apagar rumores que chegaram aos ouvidos do senhor barão.

A boca de Angelina secou, e ela esfregou os dedos nas saias do vestido.

— Que rumores?

— De que a senhora passa mais tempo na cozinha quando ele está viajando do que no próprio quarto. Pedro queria mandar Vincenzo de volta à colônia, por ser um estranho dentro de casa.

Angelina cobriu os lábios com a mão.

— E agora?

— Eu disse para ele que eram apenas fofocas de criados mal-intencionados. Disse que a senhora ia vez ou outra à cozinha, mas mal ficava por lá. Afirmei que o senhor Vincenzo é um bom homem e que o barão não tinha nada com que se preocupar.

Angelina suspirou conformada. Entendeu que julgara mal a governanta, que só tentava ajudá-la.

— Me desculpe. Eu pensei mal da senhora sem nem saber do que se tratava a conversa e...

— Está tudo bem — Isabel respondeu, cochichando —, mas é por isso que eu digo que todo cuidado é pouco. Agora que ele está de volta à fazenda, então... nem pense em... — Abaixou ainda mais o tom de voz. — Seja o mais discreta possível. Evite até mesmo olhar para o senhor Vincenzo.

Ela concordou com a cabeça.

— Está certo.

Isabel fitou a porta do escritório alguns metros adiante.

— Preciso voltar e terminar a conversa.

Ela concordou outra vez.

— Me desculpe, senhora Isabel. E obrigada.

A governanta sorriu com cumplicidade, virou as costas e saiu.

Angelina não poderia ir até Vincenzo. Infelizmente seria mais sensato e

seguro esperar o barão estar fora da fazenda para voltar a procurá-lo.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Prada

Ela não sabia direito para quem olhar. Então, escolheu a segurança dos pratos trocados pela quarta vez da noite e da toalha de guipir francês que Francisca a orientara a usar sobre a mesa naquela ocasião.

Se o barão normalmente a mandava ficar quieta e só falar quando fosse solicitada, nessa noite exigira que ela respondesse mais do que adequadamente aos presentes e não o envergonhasse. Caso contrário haveria consequências.

Consequências...

Jantaremos com o presidente do Brasil, Rodrigues Alves, explicara Pedro, em tom autoritário. Ele, sua esposa, a primeira-dama, dona Guilhermina Borges, os cinco principais produtores de café do estado e suas esposas. Comporte-se adequadamente.

A ordem foi dada dois dias depois da volta do barão para a fazenda — dois dias depois de Angelina o flagrar com as colonas — e, pelos dez dias seguintes, Ela não fizera nada a não ser trabalhar para que o jantar fosse um sucesso.

Nem mesmo tempo de sentir saudades de Vincenzo ela tivera. Isso era uma mentira, pensava nele o dia inteiro e estava, sim, morrendo de saudade. O que tornava a obrigação e o peso daquele jantar ainda mais sufocantes.

Graças a Deus, Francisca, sentada a seu lado, ajudara em cada detalhe, da escolha do cardápio gravado em placas de prata de lei, disposto à frente de cada um dos lugares, aos guardanapos com o pesado bordado, das louças de Limoges com o brasão personalizado do barão, às taças de cristal com as bordas folheadas em ouro. E agora a ajudava novamente durante o jantar, quando algumas das mulheres lhe dirigiam perguntas que ela não sabia

direito como responder. Como a que acabara de ser feita pouco antes, por Betânia da Cunha:

— Então — a mulher repetiu a pergunta —, você acha certo a vacinação forçada das pessoas no Rio de Janeiro?

Ela não sabia coisa alguma sobre vacinação, ainda mais sobre uma forçada. Francisca a salvou respondendo por ela:

— Angelina e eu falamos sobre isso outro dia e concordamos que o governo, assim como o ministro da Saúde, o senhor Osvaldo Cruz, devem saber como cuidar da população, não é verdade?

— Sim, afinal a saúde de um povo deve ser tratada como prioridade — respondeu ela, suspirando aliviada.

Quando o assunto era moda, últimas tendências, cores mais adequadas para cada ocasião, Angelina conseguia se sair bem. O segredo consistia em sorrir e concordar com as críticas e elogios. Cometer uma gafe falando sobre vestidos e sombrinhas era uma coisa, mas discutir medidas de governo, com o presidente da República e sua esposa sentados à mesa, era outra completamente diferente.

A voz do barão chamou sua atenção.

— Senhor presidente, o que estamos sugerindo é a compra da produção excedente do café com um preço fixo; é o maior investimento do governo em propagandas no exterior. O senhor é paulista, sabe da riqueza, da importância e do desenvolvimento que o produtor de café trouxe para o estado e para o país como um todo.

— Nunca neguei isso, senhor Guimarães — respondeu o presidente após dar um gole no vinho —, mas certamente não podemos arcar com o prejuízo de um único setor, esquecendo ou, talvez, prejudicando os demais.

— A proposta não é abusiva, senhor presidente — tomou a palavra o senhor Peçanha. — Podemos pensar em um imposto sobre cada saca de café importado para cobrir eventuais empréstimos... Se o setor cafeeiro entrar em crise, o país inteiro pagará o ônus da mesma maneira.

— Eu realmente terei que pensar melhor sobre o assunto, senhores.

Francisca se aproximou, explicando:

— Eles estão preocupados com uma possível crise no café, devido à baixa de preço mundial do produto e às safras cada vez maiores por aqui... Estão propondo que o governo assuma a responsabilidade sobre a produção excedente para evitar um desastre no setor.

— Entendi — murmurou Angelina, discretamente.

As sobremesas foram retiradas.

— Senhores — o barão apoiou as mãos sobre a mesa —, vamos tomar um conhaque no meu escritório. As senhoras podem conhecer a sala de música. Tenho certeza de que minha adorável esposa se alegrará em tocar algo para entretê-las.

Todos se levantaram e Angelina seguiu para a sala de música. Alegando-se ou não, ela sabia que teria de tocar do mesmo jeito. E ser efetivamente a adorável esposa, como Pedro a definira.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Gagliordoni

Naquela manhã, duas semanas após ter decidido se manter mais distante de Angelina, Vincenzo soube que o senhor Guimarães saía da fazenda antes de o sol nascer. Ao menos isso foi o que dona Eugênia contou a ele assim que entrou na cozinha.

— Mas ele volta para o jantar — completou a cozinheira, pegando alguns pés de couve que seriam usados para fazer uma sopa.

— É a preferida da minha senhora... Depois farei o doce de abóbora que ela adora.

Angelina.

A frase curta e aparentemente sem nenhum significado fora o suficiente para suas entranhas se contraírem.

Maldição!

Verdade fosse dita, mesmo se ele não tivesse decidido se afastar, seria obrigado, já que nos últimos dias os dois praticamente não se cruzaram e, quando se cruzaram, ela o ignorou.

Separou dois quilos de farinha de trigo e abriu o pote de fermento com mais força do que era preciso, derramando um pouco sobre a bancada. Lembrou-se — sem ter controle nenhum sobre os rumos do pensamento — do dia em que trabalhou até de madrugada na cozinha, complementando o serviço dos garçons em um jantar para uns figurões do governo, uma semana antes. Pelo que soubera, até mesmo o presidente da República estava presente à mesa naquela noite. Foi na tarde desse jantar, antes de os convidados chegarem, que Angelina e Vincenzo se cruzaram sozinhos no corredor. Ele ia para a cozinha e ela, provavelmente, para a sala de música, para a sala de bordado ou para qualquer canto daquela casa enorme. O pulso acelerou tanto

que Vincenzo acreditou que teria de se segurar para não cair.

— Angelina — chegou a murmurar sem nenhum pudor.

O fato era: ela estava olhando para o chão e assim permaneceu ao se cruzarem. Angelina nem levantou os olhos para cumprimentá-lo.

Misturou um pouco de farinha com água.

Já não aguentava mais pensar nela o tempo inteiro. Sonhar com ela, desejá-la mais a cada dia. Tinha de esquecer o quanto aprendera a gostar de sua companhia, o quanto aprendera a desgostar de não conseguir esquecê-la, o quanto a ideia de nunca mais sentir nada por ela ou não a vê-la mais o apavorava em uma intensidade ainda maior do que a decisão de desistir dela.

Tenho de tirá-la da cabeça, do sangue, do corpo. Isso é o certo.

Porém...

Falhava.

Falhava todas as manhãs quando seu primeiro pensamento eram os olhos azuis, e todas as noites quando suas últimas lembranças eram o sorriso, os lábios, a maneira como ela contava as histórias, como o envolvia com as palavras faladas e escritas. Como o envolvia de todas as maneiras.

Não era apenas o desejo de ter uma mulher impossível que o consumia havia um ano, e sim a sensação de que ela parecia ter sido feita para ele. Era perfeita para ele. Angelina era uma mulher incrível, e as lembranças das horas que haviam passado juntos o perseguiriam até mesmo quando ele não tivesse mais memória para nada. Ele estava perdido.

E o mais absurdo era que, mesmo com essa certeza, ainda acreditava que tirá-la da cabeça era a atitude mais ponderada e correta.

Tinha certeza disso ou... precisava se convencer a ter.

Ali, com a mão em dois quilos de farinha e fermento, preparando a massa para assar alguns pães, só conseguia pedir mentalmente para ela não voltar a aparecer tão cedo, e assim quem sabe...

— *Buongiorno*, senhores. — Uma onda gelada cobriu seu estômago.

Caspito!

Era ela.

Como se tivesse sido evocada por seus pensamentos.

— O que está fazendo, senhor Martinelli?

Como se não tivesse virado outra pessoa durante duas semanas inteiras.

Ele não a deixaria bagunçar ainda mais suas emoções.

Chega!

— Bom dia, minha senhora — Eugênia soou bem-humorada. — Estou

fazendo a sopa que me pediu.

— *Grazie*.

Ele sovou a massa com força.

— *Buongiorno*. Estou fazendo pão — tentou imprimir um tom impessoal. Não a olhou.

— Alguém está deixando a barba crescer, Guine, está vendo? Não é só você que tem pelos no rosto.

Surpreso com o comentário mais íntimo, ergueu o olhar. Ela estava abaixada fazendo cócegas na barriga do cachorro. Usava um vestido de algodão branco, preso embaixo dos seios, o cabelo meio solto amarrado com uma fita também branca de cetim. Ele quis tirar aquela fita e afundar os dedos nas ondas do cabelo sedoso.

Ela se levantou em seguida, sorrindo, e Vincenzo teve a sensação de que um raio, dez raios abriam o teto e caíam sobre sua cabeça, todos juntos. Completamente desconcertado com o poder das reações de seu corpo, somente por causa de um olhar, da imagem de dedos, fitas e um sorriso. Ele balançou a cabeça com força, tentando dissipar a corrente elétrica, e voltou a prestar atenção à massa.

— Alguém está de mau humor por aqui, Guine — confirmou ela, em tom divertido.

Mas a verdade é que Vincenzo não estava achando nada daquilo divertido ou engraçado. Ele queria parar de se sentir assim, tão malditamente afetado.

— O senhor levaria Guine para dar uma volta lá fora?

— Estou trabalhando, *signora* — retrucou, sem tirar os olhos da massa.

Ela ficou em silêncio por um tempo. Vincenzo tinha certeza de que era encarado. A mesma corrente elétrica que passou por ele pouco antes atravessou o corpo dele mais uma vez.

Por que é assim tão forte?

Vencido, derrotado, exausto, fechou os olhos, andou até ela e, sem conseguir se deter, enlaçou-a pela cintura.

— Você está me pondo louco — confessou e a beijou com uma fome possessiva, descontrolada.

— O senhor está bem? — a voz dela o despertou do devaneio.

Voltou a sovar a massa.

— *Sì*.

— Bem, Guine, acho que eu mesma a levarei agora. Está muito quente e você deve estar louca para dar um mergulho no lago, não é mesmo?

Ele quis dizer que iria com ela, que a deitaria na margem do lago e a beijaria até os dois esquecerem seus nomes.

Mas é claro que não falou nada. Em vez disso, jogou mais um punhado de farinha sobre a mesa e calou as batidas de seu coração com os socos dados sobre a massa.

— Vou sair também. Tenho que checar a lista de alimentos que acabaram de ser entregues — anunciou dona Eugênia. — Senhor Martinelli, por favor, olhe a sopa no fogo. Devo retornar daqui a uma hora.

Ele limpou as mãos no avental.

Quando as coisas tinham ficado assim tão difíceis?

Quando todo o controle que ele acreditava exercer sobre suas emoções se tornou mais fino e instável do que a farinha levantada no ar a cada soco deixado sobre a massa?

Dio, era para eles serem somente amigos. Não tinha sido esse o combinado no começo?

Ele devia esquecê-la. Era isso que havia decidido!



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Fioravanti

Assim que a senhora Eugênia saiu da cozinha, Angelina, que fingia passear com Guine, retornou.

Che diavolo. Que porcaria estava acontecendo?

Meu Deus!

Ela estava morta de saudade e na primeira oportunidade que teve, assim que Pedro saiu de casa, correu até ele.

Se Vincenzo soubesse como todos os dias, a cada minuto, ela vinha travando uma batalha interna e cansativa entre sua razão e seu coração, não a trataria daquela forma fria e imparcial, como se ela não passasse de um saco de batatas que alguém carregou até a cozinha.

Estava com a carta para sua família no bolso do vestido, queria entregar a ele, mas, depois da maneira como ele agira havia pouco, já não sabia de nada.

Nem se ainda haveria conversas, leituras, risadas, motivos.

Piscou lentamente, espantando a confusão dos próprios pensamentos.

Ele não tinha razão para estar bravo, tinha?

Talvez estivesse apenas disfarçando na frente da senhora Eugênia.

Subiu os últimos degraus saltando de dois em dois, deixando para trás o sol quente como tufo de gordura frita. Cruzou a área da lavanderia e o cheiro de roupa molhada e sabão trouxe lembranças de algum lugar da infância. Entrou de volta na cozinha. O calor da sopa temperada apagou o aroma floral, e a memória olfativa se dissipou no ar com o vapor da panela.

Ele estava de costas, as mãos sobre o balcão de mármore. Quando se aproximou, ela o notou enrijecer, alargando os ombros. Era como se sentisse sua presença mesmo sem vê-la.

As mãos morenas sujas de placas de farinha tinham algumas veias saltadas.

Vincenzo segurava o balcão com força.

Angelina parou com a barriga colada no mármore, colocando as próprias mãos sobre a pedra fria ao lado das dele. Devagar, deslizou a gema do indicador sobre a farinha, sentindo a textura macia e poeirenta se deslocar conforme escrevia no mármore:

Me sei mancato. Senti saudade.

Os olhos azuis correram lentos sobre as letras, e ele a fitou em seguida, com ar de sofrimento, a boca presa em uma linha, o cenho enrugado formando dois vincos fundos entre as sobrancelhas negras. Tinha uma mancha de farinha na barba por fazer, em cima da bochecha esquerda. Impulsiva, ela ergueu a mão para limpar, mas foi detida por ele antes de alcançar o ponto esbranquiçado.

— *Cosa stai facendo?*

Magoada e retraída com a frieza no tom de voz e com a brusquidão dos movimentos, desvencilhou-se dos dedos que seguravam seu punho e se afastou um pouco.

— Por que você está agindo assim?

Ele limpou as mãos no avental antes de responder:

— Estou fazendo a coisa certa.

Coisa certa?

— E o que é a coisa certa? — ela perguntou, sentindo a garganta queimar.

— A senhora deseja alguma coisa *qui na cucina?*

O que ela queria? O que realmente Angelina queria? Ela não saberia responder. Estava angustiada e com um nó na garganta grande demais para pensar com clareza. Mesmo assim, tentou:

— *Rivoglio il mio amico.* Quero o meu amigo de volta.

Vincenzo voltou para a massa, como se estivesse sozinho.

— Nós não podemos ser amigos, nem nada mais — disse com firmeza. — Sinto muito.

O quê?

Ela não podia ter entendido direito ou... é claro, concluiu rapidamente. Vincenzo às vezes fazia brincadeiras meio sem graça e depois se dobrava de rir da cara dela. Era isso, ele só podia estar brincando. Angelina demonstraria alguma irritação depois de constatada a gozação. Afinal, após quinze dias de distância, aquela era uma brincadeira um pouco imatura. Deixaria claro que não gostava desse tipo de bobagem.

— É mesmo? — ela imprimiu um tom de seriedade aristocrática, o mesmo

que usava quando respondia ao barão. — E me diga, *signore*, o que o fez mudar de ideia sobre a nossa tão estimada amizade?

Ele socou a massa em silêncio.

Ela o cutucou com o cotovelo.

— Estou tão curiosa. Será que foi a *farina* na sua barba que eu tentei limpar, ou o fato de eu ter conversado com a Guine enquanto você sovava essa massa cheia de farinha... Bem, de todo jeito, a culpa sempre será dessa farinha tão branca, fina e ridícula. Você me trocou por ela, não é? — terminou, tentando sorrir.

Vincenzo se virou para ela, mas não havia nenhum traço de humor em sua expressão.

Angelina parou de sorrir, nervosa pela tensão que se instalou entre os dois.

— Você estava brincando, não estava?

Ele deixou escapar um suspiro, esfregando a base do nariz de maneira tensa. Uma marca de pó permaneceu entre as sobrancelhas.

— *Non*, não estou brincando... Isso não pode continuar. Não podemos mais Angelina. Além disso, nos conhecemos há pouco tempo. Logo você nem se lembrará mais de mim.

Ela se sentiu uma estúpida pela velocidade com a qual seus olhos se encheram de lágrimas. Tentando disfarçar, mirou o balcão.

— Eu revelei para você meus segredos mais íntimos, sim... Foram poucos dias, você tem razão, mas você me conheceu melhor do que muitas pessoas que passaram quinze anos ao meu lado. Foram as melhores semanas da minha vida.

Ele continuou a sovar a massa e, sem se controlar, soltou uma respiração falha.

— Olhe para mim — ela pediu baixinho. — Não minta para mim. Eu sei o que nós vivemos e experimentamos nesses dias. Nunca me senti tão viva, tão feliz, tão livre, nunca me senti tão bem ao lado de outra pessoa, e de certa forma sei que você também se sentiu assim. Ninguém mente dessa maneira, finge dessa maneira. Por que você faria isso?

Ele apoiou as mãos no balcão.

— Você tem razão. Nunca vou me esquecer, e sempre serei grato por tudo, Angelina. Você foi a melhor parte de todas as minhas noites, de todos os meus dias, desde que cheguei ao Brasil. Mas amigos ou amantes de verdade não precisam esconder o que sentem nem se sentem culpados, pressionados, ameaçados ou sufocados por isso. Os momentos bons não compensam os

sentimentos ruins.

E aquela frase foi a pá de cal em cima de tudo o que haviam trocado em vinte séculos, porque era assim que ela se sentia com ele, como se o conhecesse de um lugar onde o tempo não existisse, como se sempre houvessem sido amigos e tivessem apenas se reencontrado naquele momento.

Ela olhou para a farinha jogada sobre o balcão e para o rosto impassível de Vincenzo, que voltara a sovar aquela massa estúpida, fazendo seu sangue ferver.

Quis amassar o rosto dele junto àquele bolo disforme que as mãos grandes trabalhavam. Queria, na verdade, as mãos dele sobre ela, pressionando-a com força. Fitou as marcas dos dedos que deslizavam com habilidade sobre a massa moldável, lembrando da sensação de ter a pele marcada pelos lábios, braços e dedos dele.

Seu rosto ferveu ainda mais. Sem pensar, agarrou um punhado de farinha na mão e ergueu o braço no ar, lançando uma nuvem de pó fino direto na cara dele.

Com o rosto parcialmente branco e os olhos azuis acesos e arregalados em contraste com a farinha, ele se virou para encará-la, segurando o punho da mão que o acertara.

— O que é isso? — perguntou entredentes.

Ela se libertou com um puxão brusco.

— Só estou deixando mais evidente a sua máscara, seu mentiroso.

— *Bugiardo*? Mentiroso? — retrucou, exaltado.

— Você disse... Jurou que jamais partiria meu coração.

E se apressou em caminhar no sentido da porta, mas antes de sair o ouviu chamar com a voz estrangulada.

— Angelina, volte aqui!

Com lágrimas nos olhos, ela não conseguiu olhar para trás e saiu, deixando a cozinha e as lágrimas, enfim, ganharem seu rosto.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Castelli

Em pleno jantar com o barão, Francisca e o marido dela, Angelina só conseguia pensar em Vincenzo e na discussão que tiveram pela manhã. Era mais difícil manter os pensamentos distantes, porque o culpado por ela odiar tanto um quilo de farinha mais cedo, estava ali, bem próximo.

Colocou mais uma colherada de torta na boca, sem nem mesmo sentir se o chocolate era aquele mais amargo, como ela gostava.

— Fiquei sabendo que o conde Patres, além da luz elétrica em sua fazenda, instalou recentemente um aparelho chamado *telefone* — constatou o senhor Monteiro de Barros, cruzando os dedos longos e cheios de sardas sobre a mesa.

Angelina enfim tinha a sua atenção fisgada para a conversa. O assunto lhe chamara a atenção.

— Eu ouvi falar dessa invenção — comentou Pedro. — Aparentemente um aparelho pequeno capaz de fazer você falar e escutar a voz de pessoas em outros lugares.

— Que maravilha! — Angelina disparou, sem pensar em nada além de sua família. — Será que é possível falar com outros países? Com a Itália também?

Pedro se recostou na cadeira com a expressão fechada.

— Você não foi chamada à conversa, minha senhora.

Alguns segundos de um silêncio desconfortável pairaram no ar.

— Meu senhor — murmurou Angelina, sem conseguir se controlar —, a curiosidade é uma virtude humana, e não algo que deva ser repreendido com tanto entusiasmo.

— A curiosidade feminina já causou mais desgraças do que as guerras —

ele retrucou rudemente e se virou de lado antes de dizer: — Enfim, senhor Monteiro, voltando ao que interessa, estou bem satisfeito com a iluminação de todas as minhas fazendas com o gás... Parece que o conde anda tendo alguns problemas com o fornecimento da energia elétrica. Esperarei alguns anos a mais a fim de ver se isso realmente funciona.

— A energia elétrica é o futuro — retrucou o senhor Monteiro, brandamente. — E sobre o telefone, minha senhora, pelo que ouvi, ele é um invento magnífico. Quem sabe um dia poderá ligar dois países? — terminou, mirando Angelina.

Ela assentiu, agradecendo e engolindo a raiva. Antes tivesse permanecido ausente da conversa.

Pedro bufou.

— Veremos.

— Estou preocupado com a baixa no preço do café — continuou Monteiro, forçando a mudança de assunto. — Se prosseguirmos assim, teremos de convencer o presidente a realmente comprar o excedente da produção.

Pedro deu um gole na água e depois falou:

— Este ano plantamos mais trinta mil mudas. Quando elas crescerem, teremos quase quatrocentas mil em produção. Nós produzimos mais e o consumo não tem acompanhado o crescimento... O governo terá de intervir.

Ela nunca respondia ao barão impulsivamente. Provavelmente o motivo de ter feito isso hoje tivesse sido um par de olhos azul-escuros abrasadores e um rosto perfeito que ficara coberto de farinha mais cedo. E que agora desfilavam com uma bandeja na sala de jantar.

A conversa entre os homens prosseguiu por pouco tempo, até o barão se levantar, seguido pelo senhor Monteiro.

— Com licença — disse o barão —, vamos fumar nosso charuto e parar de falar de negócios na frente das senhoras.

Quando estavam sozinhas à mesa, Francisca, até então em um incomum silêncio, a analisou de um jeito inquisitivo.

— Senhoras, posso ser útil em mais alguma coisa? — Vincenzo perguntou, as mãos atrás das costas em uma postura solene.

Angelina o fitou de verdade pela primeira vez na noite. Ele usava um fraque preto e uma elegante camisa e gravata brancas.

Seu pulso acelerou.

Ela nunca o vira assim, em traje de gala. Lembrou-se de uma das conversas que tiveram na estufa, semanas antes.

— Hoje uma costureira veio tirar minhas medidas para um fraque — contou ele, animado. — Parece que dona Isabel quer que eu ajude a servir durante os jantares.

— O barão tem essa mania de imitar não somente a arquitetura e a decoração das casas da aristocracia europeia, mas também o funcionamento. Na mansão dele em São Paulo, que é ainda mais luxuosa, temos até mesmo um mordomo em serviço.

— Você conhece a casa?

— Fui apenas três vezes. Ele não gosta que eu o acompanhe nas suas viagens.

— Angelina, meu bem... — a senhora Francisca a chamou.

Ela piscou lentamente, voltando a atenção para a sala de jantar.

Vincenzo ainda a encarava... Entrava nela com os olhos.

— O jovem está esperando a sua resposta — a amiga recordou.

— Ah, sim, me desculpe. Eu... quer dizer, nós... — Santo Deus, ela não lembrava o que ele havia perguntado.

Francisca a socorreu:

— Nós não precisamos de mais nada. O senhor pode se retirar, obrigada.

Ele assentiu, pedindo licença, e saiu.

O coração de Angelina queria sair junto com ele.

— Jesus Cristo, Angelina! O que aconteceu nesta sala?

Ela colou a ponta dos dedos em cima da mesa, sentindo o bordado da toalha.

— Desculpe... Eu não entendi.

— Minha querida, vocês têm que ser mais discretos.

Ela arregalou os olhos, surpresa.

Senhor!

O que ela tinha percebido? Tentou sorrir, disfarçando.

— Está se referindo ao barão comentar durante o jantar quantos pés de café ele tem?

— Não, meu bem — Francisca disse, condescendente. — Estou me referindo a esse jovem italiano atraente como o diabo que não tirou os olhos de você um só minuto enquanto servia a mesa. Estou me referindo a você perder a fala quando o encarou e à atração correndo entre vocês dois, o tempo inteiro.

— O quê? — Umedeceu os lábios, agitada. — Não... Eu, ele...

— Nós somos amigas, Angelina, e, apesar de a maioria das pessoas

quererem acabar com a vida umas das outras através da fofoca e da calúnia, por inveja ou maldade, estou muito velha e cansada para me aventurar a fazer uma coisa ou outra, que dirá as duas juntas. — Ela dobrou o guardanapo de linho, colocando-o sobre a mesa. — Desde que eu te conheço, vejo como Pedro falha em te respeitar e em te fazer feliz. Já quis eu mesma dar uma surra no barão... Hoje mesmo, tive que me segurar para não dar umas bordoadas nele.

— Eu agradeço, mas a senhora me defender complicaria ainda mais as coisas.

A amiga ergueu as sobrancelhas com ar inquisitivo.

— Avise isso para o jovem italiano. Percebi que ele quase estrangulou seu marido com os olhos quando o barão teve aquele comportamento deplorável... Ah, vamos. Não faça essa cara de surpresa. Você já deve ter percebido que tem um admirador meio apaixonado dentro de sua casa.

Angelina prendeu a respiração, nervosa.

— Ele não... Eu não estou apaixonada.

Francisca sorriu com ar cúmplice.

— Não disse que você estava... Mas não se preocupe. Seu segredo está seguro comigo.

Angelina dobrou o próprio guardanapo em dois. Sem graça, colocou-o sobre a mesa, pensando em uma maneira de disfarçar, mudar por completo o rumo da conversa.

— Não te contei! Por fim Pedro acatou a ideia do seu marido. Devemos fazer a distribuição de donativos assim que ele voltar da próxima viagem.

— Bem, isso não diz muita coisa sobre o que falávamos, mas fico feliz em ser útil de alguma maneira.

Angelina não teve coragem ou vontade de falar mais sobre o assunto.

Um pouco mais tarde, despediu-se do casal de vizinhos com um sorriso interno estampado no coração.

Por mais louco e burro que fosse ficar feliz com aquilo, saber que Vincenzo olhara para ela durante a noite e sentira raiva de Pedro quando... O que estava pensando? Ainda se sentia brava com ele. Afinal, tinha sido um estúpido mais cedo.

Mesmo assim, subiu para o quarto sorrindo como somente uma tola apaixonada faria.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Maretta

Vincenzo saiu da sala de jantar e tomou um banho, tentando se acalmar. Não funcionou. Então, ele leu um livro. Na verdade leu algumas páginas emboladas com os pensamentos acelerados. Mal conseguiu compreender um capítulo inteiro. Desistiu da leitura e tentou dormir. O travesseiro estava duro demais. O lençol parecia áspero como uma lixa, e tudo vinha fora de ordem. Virou de lado, buscou outras posições, buscou o sono. Fracassou mais uma vez.

A prova disso era que não estava em sua cama descansando como deveria. Em vez disso, encontrava-se parado em frente à casa grande, um pouco ofegante e vendo a enorme construção jogar uma sombra negra sobre a grama bem aparada. Aproximou-se do terraço onde seu coração estava guardado, onde sua vida seria decidida.

Desde que Angelina saísse da cozinha mais cedo, tudo o que Vincenzo queria era uma oportunidade de falar com ela, de se explicar, pedir desculpas por tê-la machucado, por... inferno, pedir desculpas por ter sido tão covarde e egoísta, imaturo e imbecil. Porque ele não queria distância. Ao contrário, ele queria... queria...

Dio mio, naquela noite Angelina parecia uma *principessa*. Nunca a tinha visto com um vestido de gala. Impressionou-se também com seu controle durante o jantar, não o encarando uma só vez, e se frustrou com seu próprio descontrole: ele não tinha conseguido tirar os olhos de cima dela.

Por fim, quase enfrentou o barão quando ele foi um animal com Angelina, tratando-a pior do que tratava os próprios criados. E, quando percebeu que ela segurava o choro, magoada com a humilhação, precisou contar até cem — e foi pouco — para não levantar o barão pela gravata e pregá-lo como um

quadro em cima da lareira.

Deus o ajudasse se ele o visse maltratando Angelina alguma outra vez. Tinha certeza de que não conseguiria mais se conter.

Porém, a força que movia suas pernas em direção ao que poderia se transformar em um desastre era a falta. Um aperto enorme no peito que fazia respirar se tornar mais difícil a cada instante. Quinze dias longe dela se transformaram em um verdadeiro suplício de medo, saudade, frustração, descontrol e vontade.

Ele inalou o que conseguiu do ar fresco da noite e olhou para os lados, certificando-se de que não havia ninguém. Impulsionou o corpo, alcançando a trepadeira que ladeava a varanda. Calculou mentalmente. Teria que subir uns oito metros.

Testou a firmeza das plantas que lhe serviriam de corda. Os galhos grossos e flexíveis pareciam resistentes. Matteo já escalara até a varanda dessa forma com agilidade; ele conseguiria também.

— *Dio me proteja* — pediu antes de começar a subida.

Não segurou um sorriso fora de contexto ao perceber a ironia ou coincidência daquela cena: subir uma varanda pendurado em uma trepadeira, correndo o risco de ser visto e morto, como somente Romeu teria coragem ou falta de bom senso para fazer.

Minutos depois alcançava o guarda-corpo da varanda. Colocou os pés para dentro, sentindo-se um pouco mais seguro. Notou que o quarto dela estava escuro e aparentemente silencioso.

Devagar e com a pulsação acelerada, encostou o ouvido na porta de vidro. Nenhum som lá dentro.

Com a respiração ainda sofrida pelo esforço, pelo medo e pela expectativa, fechou a mão com força até os nós dos dedos ficarem brancos, a fim de ganhar determinação para prosseguir com a loucura que estava fazendo.

Deu três batidas de leve no vidro. Rezando, implorando para que tudo desse certo.

Esperou um tempo.

O piado de uma coruja, seguido por um bater de asas em algum lugar ali perto, o assustou, fazendo-o engolir em seco.

Ele golpeou outra vez um pouco mais forte.

— *Angelina, per favore* — murmurou contra o vidro. — *Per favore* — repetiu baixinho, tentando controlar a respiração e o coração.

O som de uma trava sendo aberta o fez encher o pulmão com o ar cheio de

orvalho e alívio.

Ela abriu as portas duplas devagar e seus olhos se encontraram; os dela, arregalados, surpresos, descrentes.

— Vincenzo — comprovou, parecendo nervosa. — Você... *sei pazzo*? Você está louco?

O rapaz não conseguiu se segurar. Avançou na direção dela e a envolveu nos braços.

— Estou insano, *pazzo*, atormentado por você — confessou junto a sua orelha.

Angelina respirava rápido, e o tecido fino de sua camisa não barrava o calor do corpo e o contato dos seios macios contra o peito dele.

— Vá embora, Vincenzo... Nós não...

Desesperado, ele colocou os dedos sobre os lábios cheios dela, deslizando-os até as gemas estarem úmidas. Sentiu-a arfar contra eles.

— Não, não fale isso *amore mio*. — Beijou sua testa com os lábios incertos. — Me perdoe por ter sido um estúpido hoje mais cedo, mandando você se afastar.

— Vincenzo... não. — Ela tentou se soltar.

Ele a segurou com mais firmeza.

— Tudo o que eu quero é ter você nos meus braços... assim.

Ela deu um suspiro fraco.

— *Mi hai fatto male*. Me magoou.

Ele beijou outra vez sua testa.

— Fiquei com medo. Achei que era o certo a fazer para o nosso bem. Estou confuso, meio perdido. Então fui egoísta, tive raiva por você se tornar distante, ciúme e muita saudade.

Ela apoiou a mão em seu peito, empurrando-o de leve.

— Mas talvez você estivesse certo. Talvez se afastar seja mesmo a melhor coisa a fazer.

Ele engoliu em seco, apertando-a um pouco mais junto a si, sem querer soltar.

— *Non*, não fale assim. Eu... você... não podemos fingir que nada está acontecendo. Não podemos... desistir. Eu estava errado. Muito errado.

Os dedos dela se fecharam segurando sua camisa.

— Não é o momento de falarmos sobre isso. — Ela apertou o tecido com mais força, como se não quisesse deixá-lo, as ações divergindo das palavras. — É muito arriscado, você... você não deveria ter vindo.

Vincenzo envolveu sua nuca e se inclinou sobre os lábios macios, sem querer pensar ou falar nada.

— *Shhh...* Não diga mais nada. *Biaciami.*

Angelina fechou os olhos e se soltou.

Cedeu. Seu coração acelerou ainda mais.

Os dois ficaram imóveis por alguns segundos, apenas os lábios se tocando enquanto uma onda gigantesca de sensações e desejo varria o sangue de Angelina. Ela movia de maneira tímida a boca sobre a dele.

— Angelina, senti tanta saudade — ele soprou após se distanciar um pouco, em um misto de devoção e desespero.

E de maneira afoita os lábios se encontraram em um beijo faminto, entregue e apaixonado. Um beijo que movia o céu e alimentava as estrelas, enchendo o mundo de ventania, tempestade, brisa, chuva, sol e suavidade. Como se todas as estações pudessem existir e se misturar em seus lábios. Depois a beijou no nariz, no queixo e nas faces, e inclinou a cabeça dela para trás, beijando-a com mais vontade que da primeira vez. Um gemido de resposta fez seu corpo tremer de desejo. Apertou de leve o rosto delicado entre os dedos na ânsia de conseguir um encaixe mais perfeito, mais profundo, a fim de conseguir mais.

Com as mãos em seu peito, ela o empurrou, afastando-se um pouco e deixando escapar algo mais parecido com uma queixa do que um som de prazer.

Vincenzo piscou, lentamente atordoado, e a olhou de verdade pela primeira vez naquela noite. Vinha tão fora de si que nem conseguira fazer isso logo que ela aparecera na varanda.

A luz da lua quase cheia deixava-a parcialmente iluminada. Ela vestia uma camisola de linho com os braços e o colo à mostra, o cabelo preso em uma trança frouxa e, se ela não estivesse com uma marca enorme e roxa sobre um dos olhos, seria a visão perfeita de uma deusa romana ou uma pintura romântica.

Sentiu o ar fugir dos pulmões e um bolo se formar em sua garganta conforme via outras marcas, vergões avermelhados na lateral do pescoço e descendo pelo ombro.

Ela olhou para baixo parecendo entender o que ele via. Parecendo envergonhada.

— O que é isso, Angelina? — perguntou, sem reconhecer a própria voz. Foi tomado por uma força animal, um ódio visceral, conforme imaginava o

que tinha acontecido.

— Eu... eu caí quando subia para o quarto, depois do jantar — ela contou baixinho, ainda sem encará-lo.

Ele segurou o queixo dela devagar entre o polegar e o indicador, levando-a a encará-lo.

— Foi ele, não foi? Aquele filho de uma puta.

— Não.

E então o ódio triplicou quando viu que ela chorava.

— Você está mentindo para poupar esse desgraçado? Olhe de novo para mim, Angelina — pediu, sentindo todo o autocontrole se desfazer como nuvens levadas pelo vendaval. — Olhe em meus olhos e jure que está falando a verdade.

Ela negou com a cabeça.

Todos os músculos de seu corpo tensionaram e repuxaram, exigindo vingança. Que Deus o ajudasse. Ele mataria um homem.

Respirando com mais dificuldade do que se houvesse corrido por toda a fazenda, voltou a perguntar:

— Ele fez isso outras vezes?

— Essa foi a segunda vez — ela confirmou por fim, em um muxoxo. — Da primeira foi pior, muito pior. Agora ele me deu um tapa, não doeu tanto e...

— Não doeu tanto?

Ela negou outra vez.

— Eu vou matá-lo — Vincenzo afirmou entredentes, avançando para o interior do quarto.

— *Per l'amore di Dio, non!* — Angelina o agarrou pela camisa, controlando o tom de voz e tentando bloquear seu caminho.

Ele desviou e prosseguiu, cego, transtornado pelo maior ódio que já sentira.

— Vincenzo, pare! — implorou na frente da porta. — Ele vai te matar.

— Eu não me importo.

Angelina cobriu o rosto com as mãos trêmulas. Parecia apavorada. Ver o medo, a maneira como ela reagia, a forma como estava acuada, o fez parar, atônito. Ela parecia um bichinho ferido.

— Ele vai me matar.

— *Non!* Eu vou estrangulá-lo antes.

— Os capangas dele estarão sobre você em menos de dois minutos.

— Eu não vou levar um minuto.

— Ele dorme com um revólver sob o travesseiro. Vai matar nós dois. — Ela soluçou. — Por favor, não! *Non!*

Vincenzo esfregou o rosto com força, tentando respirar devagar. Com os olhos inquietos, mirou a porta do quarto e depois a da varanda. Todo o seu corpo pulsava de tensão. Analisou novamente as duas portas, e a vontade de matar aquele desgraçado foi temporariamente substituída por uma visão. Uma ideia. Uma saída daquele inferno. Sem pensar em mais nada, enlaçou as mãos nas dela e a puxou em direção à varanda.

— Vamos fugir, Angelina. Agora! Vamos embora daqui. Me deixe cuidar de você.

Ela relutou, impondo resistência.

— Não, Vincenzo. Você está louco... Seremos pegos.

— *Non*, nós vamos pelo mato, alguns dias de caminhada, chegamos em outra fazenda. — Voltou a puxá-la devagar. — Nós daremos um jeito. Eu vou dar um jeito.

Ela tentou andar na direção oposta à que ele a conduzia.

— Você não conhece Pedro. Ele não descansará até nos encontrar. Ele vai virar essa mata do avesso, olhar atrás de cada árvore, embaixo de cada pedra. Nós acabaremos mortos. Ele matará você, e fará isso na minha frente, devagar, com toda a crueldade de que esse homem é capaz, somente para me punir. Tenho certeza — afirmou com a voz quebrada. — Se isso acontecer, Vincenzo, e se ele não acabar comigo, eu morrerei de tristeza.

Ele se virou para ela, o corpo todo trêmulo, beijando-a de leve, ainda decidido a ir embora, a fugir com ela, a acabar com tudo aquilo.

— Então eu vou matá-lo.

Ela voltou a se enganchar em sua camisa como um gatinho com medo de cair.

— *Non!*

— Me escute, *amore mio*, você ouviu sobre os colonos que assassinaram um barão?

Ela concordou com a cabeça, tão nervosa que estava entorpecida.

— Eles fizeram isso porque o tal fazendeiro estuprou uma colona. — Fitou-a com os olhos ardendo, ainda transtornado. — Tenho certeza de que, se eles souberem como tem sido tratada... Você é uma de nós, Angelina. Eles ficarão do nosso lado.

Angelina andou de um lado ao outro do quarto com as mãos na cabeça.

Não sentia o chão, não sentia os braços, não sentia dor, nem nada.

— Escute o que está me falando... Eu morro de ódio das maldades de Pedro, mas jamais seria capaz de matá-lo. Matar um homem? Meu Deus. — Os olhos dela o fitavam, vidrados. — Se tivermos a sorte de sair daqui com vida, como poderemos construir algo de bom depois disso?

— *Non lo so*. Não sei — confirmou, abatido.

— Eu sei que você não é um assassino.

— Não duvide — grunhiu ele. — Tenho raiva de sobra para acabar com esse homem sem hesitar.

— Você será preso, *per l'amore di Dio*!

— Talvez valha a pena.

— Ou deportado e condenado na Itália.

— Continua valendo a pena — disse, avançando para a porta.

— Jamais ficaremos juntos. — Segurou-o com força pela manga da camisa. — Pense em mim, em nós. Pare e pense um pouco.

Eles pararam de frente um para o outro, ofegantes, como se a razão escorresse por todos os poros de seus corpos.

— Você acha que eu nunca quis sumir deste inferno?

Ele curvou o pescoço para cima, com os olhos inflamados de ódio. Jamais estivera tão fora de si.

— Me deixe fazer esse bastardo pagar... *Per favore*.

Ela concordou, movida pela vontade de fazê-lo voltar a pensar.

— Não agora, não desse jeito, não virado pela emoção que te põe cego e que nos levará a uma desgraça muito pior do que tem sido a minha vida de casada.

Vincenzo fechou os olhos, torturado, e bufou como um touro prestes a entrar na arena.

— Meu Deus! Nunca senti tanto ódio em minha vida. Veja — estendeu as mãos para a frente —, meu corpo inteiro está tremendo.

Os dedos dela apertaram de leve as têmporas de Vincenzo.

— Acalme-se, por favor... Por mim... *Calmati*!

Ele a abraçou com cuidado, controlando o ódio que fervia em seu sangue.

— Eu preciso de você — ela murmurou no ouvido dele, tentando trazê-lo de volta.

— E *io* de você — replicou ele, com a voz abafada junto ao cabelo loiro.

Ela emoldurou o rosto dele com as mãos e olhou para ele com intensidade, para o lado dele que não estava tomado de ódio.

— Nós vamos pensar em um jeito de fugir juntos, o mais rápido possível. Agora... preste atenção — ela soou enfática. — Você deve sair daqui, voltar para o seu quarto antes que alguém o veja.

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Não me peça para te deixar assim depois de ter sido machucada por esse *figlio de una putana*.

Ela negou com a boca presa, tensa.

Vincenzo desviou os olhos, desolado.

— Eu não vou, Angelina. Quero cuidar de você. Não me peça mais nada esta noite. Vou ficar aqui custe o que custar.

— Você está me deixando mais nervosa, e não cuidando de mim.

— Vou embora antes do amanhecer. Ninguém me verá, eu prometo.

O coração dela relaxou e se apertou em um misto de amor e apreensão. Mirou inquieta o chão, a porta da varanda, a porta do quarto e o rosto lindo dele antes de enfim concordar:

— *Va bene*. — Engoliu o medo, o choro e as dúvidas, deixando-se confortar pela certeza de que era somente dele que precisava. — Fique só mais um pouco.

— Vou te colocar na cama. — Pegou-a nos braços com cuidado e caminhou com ela até a beirada do dossel.

Angelina sentiu o corpo afundar no colchão. Ele se deitou com ela e a aconchegou sobre o colo, apoiando o lado não atingido de seu rosto no peito.

— Está doendo? — perguntou, com a voz embargada, após alguns minutos de silêncio.

— *No*. Só um pouquinho — mentiu. O rosto pulsava como se tivesse sido atingido por um pedaço de madeira.

— Nunca me senti tão impotente na vida — confessou ele, deixando escapar um soluço.

— Não chore, *amore mio* — Angelina sussurrou.

Vincenzo cobriu o rosto com as mãos grandes, o corpo tremendo algumas vezes.

— Me perdoe — pediu, com a voz abafada pelos dedos.

— Perdoar pelo quê?

— Por não ter estado aqui e impedido que isso acontecesse.

Ela descobriu devagar o rosto do homem que mudara toda a sua vida.

— Você não tem que me pedir perdão.

— Deus fará justiça. Esse monstro vai pagar pelo que faz.

Ela umedeceu os lábios, disfarçando uma pontada de dor.

— Às vezes sinto que eu sou culpada. Que deveria reagir, lutar, mas... — A voz falhou. — Não sei como... Não sei mais o que é certo e errado.

— O que é certo é que nós vamos fugir — ele a interrompeu, segurando suas mãos com firmeza. — Prometo, vou levar você embora. Nós vamos pensar em um jeito. Eu vou pensar em algo. Nunca mais nada de mal vai lhe acontecer... *Lo giuro*. Eu juro.

Com cuidado, ele girou o corpo, fazendo-a deitar com as costas na cama, e segurou seu rosto delicadamente entre as mãos, beijando-a de leve.

Angelina passou os dedos entre os cachos escuros enquanto pensava em silêncio. Os sons da noite se interpunham com suas respirações mais calmas e as carícias que trocavam.

— O barão vai para São Paulo daqui a cinco dias e ficará uns dois dias por lá. Na volta, haverá a distribuição de donativos na colônia. Em seguida, ele deve partir para uma viagem longa. — Ela deslizou os dedos pequenos entre os fios mais compridos. — Poderemos ficar juntos e pensar em um jeito de reconstruirmos nossa vida longe daqui.

— É tudo o que eu mais quero no mundo — ele murmurou, beijando-a mais uma vez com suavidade.

Ela se mexeu para se acomodar melhor e prendeu o ar quando a língua dele contornou seus lábios.

— Eu te machuquei? — perguntou, parecendo apreensivo.

— *Non*. Isso foi bom. Não pare.

Seguiu beijando-a no colo, na curva do pescoço e na boca novamente. Os lábios dele eram tão tenros e suaves que ela se sentia acariciada por um pincel.

Ele voltou a se deitar, aconchegando-a entre os braços.

Com a ponta dos dedos, Angelina mexeu no cordão que amarrava a camisa dele no pescoço, antes de falar:

— A dona Maria Francisca, esposa do fazendeiro que jantou hoje aqui, percebeu que tem algo acontecendo entre nós.

— Como?

— Pela maneira como você me olhava, como eu te olhei... Não sei, ela é assim mesmo. Observa e lê as pessoas.

Vincenzo se recriminou baixinho:

— Que estúpido, idiota. Eu não posso ser tão descuidado.

— Acho que eu também demonstrei algo.

Ele lançou um olhar perdido para cima.

— Eu quis matá-lo desde a hora do jantar. Nunca desejei tanto mal a um homem. E agora? A esposa de um fazendeiro desconfia de você, de nós.

— Não fique assim. Podemos confiar nela... Francisca se tornou uma boa amiga. Além disso, talvez ela aceite nos ajudar a sair daqui sem deixar pistas... A única coisa — parou para respirar quando uma pontada de dor mais aguda embaixo do olho a incomodou —, a única coisa é que, até conseguirmos uma maneira de sairmos daqui a salvo, temos que tomar cuidado. Se o barão desconfiar, se ele cogitar... *Dio!* Não sei do que seria capaz.

Ele ficou um tempo introspectivo, deslizando os dedos entre os cachos do cabelo dela em um ritmo suave.

— Talvez seja melhor eu pedir para voltar para os cafezais.

— *Non* — ela negou, enfática. — Por quê?

— Angelina — ele começou, em um tom de voz brando —, você me impediu de matar esse desgraçado hoje para tentarmos fazer a coisa de um jeito inteligente e menos arriscado, de um jeito que dê certo para podermos ter um futuro juntos.

Um futuro... E juntos.

Essa frase soou como nuvens cheias de sol em um dia de primavera e a fez esquecer momentaneamente a dor, a raiva, a culpa.

Após um momento de silêncio pensativo, ela concordou com a cabeça.

— Sair da casa da fazenda é o primeiro passo para que quando, enfim, fugirmos daqui — prosseguiu ele, mais decidido —, não fique nenhuma ponta solta. Não podemos nos arriscar a...

— Você está certo... Eu entendi... Acho... Você tem razão.

Os dedos longos passaram por seu cabelo novamente.

— Posso alegar que sinto muita falta do meu irmão e da colônia... Assim, quando fugirmos de repente, talvez eles demorem mais a ligar uma coisa a outra. Talvez nunca liguem.

Apesar de saber que provavelmente se veriam menos se ele voltasse para os cafezais, aquela realmente podia ser uma maneira de as pessoas da fazenda nunca os relacionarem.

— Pode ser uma boa ideia.

Ele expirou de maneira audível.

— Vou falar com o administrador amanhã cedo.

— Sim — ela soou mais conformada. — É mesmo a melhor coisa a fazer.

— Nos veremos durante as noites na estufa — Vincenzo tentou parecer otimista.

Ela suspirou tremulamente.

— Vou sentir sua falta na cozinha.

Ele deixou um beijo carinhoso em sua testa.

— Eu também — deu outro beijo —, muita — mais um beijo.

— *Va bene* — ela concordou por fim. — É mesmo o melhor caminho.

— Logo tudo isso não passará de uma lembrança triste e distante.

Ela voltou a concordar em silêncio enquanto suspirava novamente.

— Agora durma, *amore mio*. Juro que antes do amanhecer eu desço pela janela.

Ela aquiesceu, aconchegando-se junto dele.

— Tome cuidado ao sair.

— Não se preocupe. Ainda é o rouxinol que canta lá fora e não a cotovia.

Angelina bocejou, sentindo um entorpecimento quente trazido pelo conforto de seu corpo junto ao dele.

— Durma — ele voltou a pedir, com ternura. — Antes de a cotovia acordar, eu vou embora.

— Romeu e Julieta.

Vincenzo deixou Angelina dormindo e saiu do quarto pela varanda antes de o sol nascer. Entrou em sua casa e se arrumou para o trabalho. De certa maneira, ver Angelina machucada, perder a cabeça e por muito pouco não matar o barão fora o impulso que faltava para decidir que eles tinham de sair daquela fazenda o mais rápido possível.

Caminhava entre as salas da casa sede com destino à sala de jantar íntima a fim de arrumar as louças para o café da manhã.

Enterrou os dedos no bolso largo do avental e sentiu o toque aveludado das pétalas do raminho de flores que havia colhido no jardim, pouco antes. Eram flores na cor lilás, pequenas e delicadas. Ele as colocaria embaixo do guardanapo onde, sabia, Angelina se sentava todas as manhãs e...

Um soluço alto chamou sua atenção para o altar em um dos cantos do amplo corredor.

Encontrou a senhora Isabel com as mãos no rosto, na frente da santa barroca. Ela chorava tanto que seus ombros tremiam.

Vincenzo prendeu o ar. Se não tivesse acabado de deixar Angelina dormindo tranquilamente, estaria em pânico. Aproximou-se devagar a fim de

perguntar se a senhora precisava de ajuda e a ouviu murmurar:

— Meus bebês, por que vocês se foram? — Soluços. — Por que não voltam para mim?

Enrugou a testa sem entender o estranho comentário, beirando o histerismo, e tocou no ombro da mulher devagar.

Isabel se sobressaltou, virando de uma vez em sua direção.

— Perdão, não queria assustá-la.

Ela enxugou as lágrimas das faces e arrumou os fios de cabelo que caíam do coque em uma bagunça desordenada. Como se tivesse acabado de se levantar da cama. Os olhos estavam embaçados e a expressão transtornada.

— O senhor já está de pé? — indagou com rispidez.

— Acordei mais cedo... A senhora está bem? Precisa de ajuda?

— Não, obrigada. Tive uma noite difícil e lembrei-me de algo triste que aconteceu no meu passado. Mas já está tudo bem, obrigada.

— Se precisar de algo — apontou o queixo em direção à cozinha —, estarei bem ali.

— Vou apenas terminar minhas orações e me arrumar para o dia de trabalho.

Ele girou o corpo para sair e Isabel o deteve:

— Senhor Vincenzo, não volte a circular nas áreas íntimas da casa antes das seis da manhã. É muito cedo e o senhor barão pode não gostar de ser incomodado.

Vincenzo aquiesceu, deixando o corredor com a certeza de que dona Isabel, sempre tão séria e impassível, não gostara de ter sido vista daquele jeito vulnerável e perturbada.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Maretto

Angelina parou com os dedos sobre as teclas, sem saber o que fazer. Dona Francisca Monteiro acabara de entrar na sala de piano sem ser anunciada.

— Eu fui até a cidade e resolvi lhe fazer uma visita... Desculpe entrar assim, mas a porta estava aberta e... — Ela se deteve com a boca meio aberta e os olhos arregalados.

— Não se preocupe, está tudo bem — Angelina replicou, rápida, olhando para baixo.

A seda do vestido farfalhou conforme Francisca deu a volta na mesa de centro para pegar uma cadeira. Arrastando-a um pouco, sentou-se ao lado de Angelina, junto ao banquinho do piano.

— O que aconteceu? — indagou, com a voz baixa.

— Eu, eu... caí da escada e bati o rosto no aparador e...

— Angelina — Francisca a chamou suavemente, segurando com carinho sua mão —, você não precisa inventar desculpas. Saí daqui após o jantar há dois dias e você não estava com essa marca. Além do mais — suspirou, com ar complacente —, eu conheço esse tipo de queda.

— Ah, conhece?

— Eu vi a primeira senhora Guimarães uma vez, com uma marca similar. Com o coração disparado, ela tocou no roxo sobre o olho.

— A senhora a conheceu?

— Muito pouco. Não havia bem como termos nos conhecido. Naquela época eu ficava menos na fazenda... — Ela se deteve abruptamente. — Angelina, por que ele fez isso?

Sem graça, ela mirou o próprio colo.

— Porque eu respondi a ele durante o jantar. A senhora assistiu à cena.

Francisca se levantou de uma vez, o barulho áspero da madeira contra o tapete enchendo a sala de música. Como se não tivesse perdido momentaneamente a compostura, andou até a janela e parou de costas, olhando para fora.

— Foi a primeira vez que isso aconteceu?

Angelina torceu os dedos nas saias do vestido, fazendo a seda macia enrugar, antes de confessar.

— *Non*. A primeira vez foi muito pior.

A amiga respirou repetidas vezes.

— Aquele bastardo, filho dos infernos, maldito!

Nunca vira dona Francisca praguejar daquela maneira.

— Pobrezinha — continuou, voltando a se sentar ao lado dela. — Acredite, o que estiver ao meu alcance, o que eu puder fazer para ajudá-la... estou aqui, Angelina.

— Obrigada. Está tudo bem, e... já nem dói tanto — murmurou, tentando suavizar as coisas.

O olhar que recebeu de volta a fez ter vontade de abraçar Francisca.

— Não, não está tudo bem. Esse tipo de homem... Eles não param, não importa quão perfeita você seja, quão educada, gentil e obediente... Eles nunca param... Não acredite que essa será a última vez... Ele vai fazer isso até... até o fim — Limpou com um esfregão vertiginoso o canto do olho úmido.

Aflita com a reação da amiga e sem saber o que responder, Angelina fez um gesto de negação rápido com a cabeça.

Francisca respirou fundo antes de continuar, agora mais calma.

— Perdi minha irmã menor para um homem assim. Meu Deus... Todos avisaram. — Fechou os olhos condoídos. — Todos sabiam que ele era cruel e difícil, mas meu pai estava cego com a união vantajosa.

— Sinto muito — Angelina disse, sentindo o nó na garganta aumentar.

— Ela era tudo para mim, a única pessoa que eu tinha no mundo antes de me casar e ter filhos.

— Sinto muitíssimo — repetiu, consternada.

Francisca voltou a envolver suas mãos.

— Você não tem culpa de nada, Angelina... Você sabe disso, não sabe?

Ela concordou com um movimento discreto de cabeça.

— Acho... acho que sim.

— Estou contando isso agora para que acredite em mim. Eu sei o inferno

que você passa nesta casa. Não estou falando da boca para fora... Se um dia precisar escapar desta vida, farei o que estiver ao meu alcance para ajudá-la. Você não precisa passar por isso calada, ou sozinha. Na verdade, mulher nenhuma é obrigada a aturar em silêncio situações como essa.

Emocionada com o apoio gratuito e genuíno, Angelina a abraçou e finalmente chorou. Desde que chegara à fazenda, ninguém lhe oferecera ajuda para escapar daquela vida. Nem o padre. Uma vez confessara a ele que estava infeliz e que o barão a maltratava. Ele a aconselhara a obedecer ao marido e ser uma boa esposa, que tudo ficaria bem. Nem mesmo Isabel, que fora desde o primeiro dia seu porto seguro naquela casa, jamais falara dessa maneira. Ao contrário, a governanta dizia que ela devia se submeter e não se revoltar, não se arriscar, se conformar e ser feliz como fosse possível. Aquelas palavras trouxeram muito mais do que apoio e acolhimento; aquelas palavras a encheram de esperança.

Talvez ela conseguisse voltar a ser verdadeiramente livre um dia.

Talvez a fuga com Vincenzo realmente viesse a acontecer.

Um futuro juntos. “*Lo prometo*, nunca mais nada de ruim vai lhe acontecer.”

As juras feitas por ele dias antes voltaram a sua memória e aqueceram mais uma vez seu coração.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Regolli

Vincenzo a convidara para jantar em seu quarto.

Dio!

Alegou fazer questão de cozinhar um de seus pratos favoritos para ela, antes de voltar a trabalhar nos cafezais.

Havia dias que Angelina não conseguia pensar em nada além daquele convite.

Suas mãos tremiam um pouco enquanto ondas geladas insistiam em correr por seu estômago, conforme se aproximava da casa dele.

Do quarto dele.

Já passava da meia-noite e a alameda estava vazia, como sempre ficava a essa hora. Vestida com a capa preta e com o capuz sobre o rosto, ela apressou os passos enquanto cruzava o pátio.

Bateu de leve duas vezes. Ele abriu a porta antes que ela conseguisse dar a terceira batida.

— Olá — disse, baixinho, ao se aproximar.

Vincenzo estendeu a mão em sua direção.

— *Benevenuta!*

Angelina entrelaçou os dedos nos dele, deixando-se conduzir para dentro.

Eles entraram em silêncio no cômodo pequeno. Ela o observou fechar a porta e acender algumas velas colocadas sobre uma mesa de centro com quatro cadeiras.

Seus lábios se curvaram involuntariamente para cima ao se dar conta do cuidado que ele tivera.

Dois pratos dispostos sobre uma toalha xadrez, duas taças, talheres e um ramo de flores recém-colhidas. A casa tinha cheiro de madeira encerada e

sabão de barbear, raios de sol e roupas no varal. Era uma mistura do aroma conhecido dele com um toque de limpeza organizada.

Com o pulso acelerado, observou-o puxar a cadeira para ela se sentar.

— A senhora Eugênia acha que vou jantar com uma moça da colônia.

Angelina ergueu as sobrancelhas, surpresa.

— É mesmo?

— Eu não disse nada, ela concluiu sozinha...

“Por isso vai voltar para os cafezais e me abandonar aqui. Você se apaixonou.”

— Tentei negar, disse que receberia o meu irmão, mas aquela senhora teimosa, quando cisma com uma ideia...

“Nem perca o seu tempo negando. Eu tenho visto o seu jeito. Sei que está atrás de algum rabo de saia.”

— E o que você disse? — Angelina indagou.

— Perguntei o que ela queria dizer com “o seu jeito”? — Ele sorriu e reproduziu as palavras dela: “Anda sorrindo para o ar como um doido”. — Ergueu a colher no ar, imitando a mulher, depois concluiu: “Enfim, não era sem hora. Um rapaz bonito como você sozinho...”

— Ela flertou com você? — Angelina brincou.

— *Non*, falou como minha mamma falaria... E, verdade seja dita, ela tem razão sobre o motivo de eu estar voltando para a colônia.

Apesar do pulso ainda mais acelerado diante da declaração de Vincenzo, Angelina colocou as mãos na cintura e estreitou o olhar com ar de forçada indignação.

— Você se apaixonou por uma colona?

Apoiando o cotovelo na mesa, ele descansou o queixo sobre a mão fechada, com olhar sedutor.

— Me apaixonei pela mulher mais perfeita que existe em todo o mundo.

— Que sortuda! — Ela piscou lentamente, retribuindo o flerte. Tentando disfarçar o turbilhão de sensações que invadiram seu corpo.

Vincenzo se levantou de uma vez, deu a volta na mesa, segurou-a pelos cotovelos e a puxou para junto de seu corpo. A boca pressionou a dela em um beijo apaixonado.

— *Non*, minha querida — disse, enrouquecido. — Aqui o sortudo sou eu — afirmou e a soltou.

Com as pernas bambas e a respiração ainda mais instável, Angelina o seguiu, voltando a se sentar.

— E o que vamos jantar, senhor Martinelli? — perguntou, driblando o coração acelerado.

— Eu fiz a massa e o molho... — ele contou, servindo-a. — Desculpe, não sei se está quente. Já faz um tempinho que tirei do fogo e... você sabe, não podemos esquentar agora. O barulho poderia acordar alguém.

— Hummm, espagete! — comprovou, cheirando o prato a sua frente. — Deve estar perfeito.

Ele se serviu também e dobrou o corpo para pegar, embaixo da mesa, uma garrafa.

— Vinho? — Angelina estava surpresa.

Os lábios grossos se curvaram em um sorriso torto, revelando dentes brancos e perfeitos. Dois vincos apareceram no canto dos olhos azuis. Quando Vincenzo sorria, fazia isso com o rosto inteiro. Mesmo que fosse um riso assim, meio torto, pela metade.

— A senhora Eugênia fez questão de me dar uma garrafa da adega. Eu ia recusar, mas... eu queria... eu quero que esta noite seja especial para você. Para nós.

Já ela queria tanto dividir todas as suas noites com ele. Queria morar naquela casa simples e lutar ao lado dele por sonhos e ideais.

Enrolou com cuidado o macarrão no garfo e percebeu o movimento da garganta de Vincenzo ao engolir e seus olhos agitados.

— Você está nervoso? — perguntou, entre intrigada e divertida.

— Nunca foi tão importante *per me* que alguém gostasse da minha comida.

— Mas eu já comi pratos feitos por você.

— Você provou molhos e pratos que eu ajudei a preparar, mas nunca um inteiramente feito por mim, e esse é um dos meus preferidos.

Angelina terminou de ajeitar a massa no garfo, compreendendo o valor daquele gesto de amor traduzido em um prato de comida.

— Espagete à bolonhesa é um dos meus preferidos também.

— Foi a primeira receita que eu aprendi a fazer com a minha nonna. É um prato muito especial *per me*.

Sem esperar mais, levou o garfo até a boca e...

Aconteceu...

Mágica.

Quando terminou de mastigar e engolir, os olhos dela estavam cheios de lágrimas e os dele, enormes, azuis, ansiosos.

— Gostou?

Ela baixou as pálpebras antes de responder.

— Isso tem gosto de infância, de casa, de sorrisos junto com a família. — Suspirou. — Tem sabor de carinho, de abraço, de saudade, de acolhida. Tem a voz da minha mãe e os sons da Itália. — Abriu os olhos, maravilhada. — Como? Como você consegue isso?

Vincenzo sorriu mais uma vez com todo o rosto.

Ela deu mais uma garfada.

— Nunca comi nada tão bom — murmurou depois de engolir.

— Eu sempre gostei de cozinhar. Aprendi com a nonna e a mamma... Primeiro só olhando, depois participando. Quando fiz doze anos, comecei a ajudar meu pai com a lavoura, e cozinhar passou a ser minha distração, minha diversão, a maneira de esquecer dos problemas. Minha fuga.

Ela negou com a cabeça.

— Seus sonhos.

Vincenzo encheu os dois copos de vinho e ergueu o dele no ar.

— Um brinde a você, que devolveu o sentido à minha vida... Devolveu os meus sonhos e se torna, minuto a minuto, o mais bonito deles.

Ela curvou os lábios para cima, com o pulso acelerado. Aceitou o brinde, levando o copo até a boca.

Tempos depois, eles já haviam terminado a refeição e bebido a garrafa de vinho quase inteira.

Naquele momento, falavam divertidamente sobre amenidades, sentados na cama dele.

Ela olhou ao redor com mais atenção: o quarto era organizado. Simples, mas confortável.

— Maior medo? — ele perguntou.

— A morte.

— Nossa! — Colocou as mãos sobre os joelhos. — Esse é um medo bem assustador mesmo.

— E você?

— Não conseguir realizar o que me propus quando vim para cá.

Ela mexeu na colcha de lã que forrava a cama.

— Tenho medo de cobras também.

— Elas podem te levar ao seu maior medo, não é?

Ela achou graça.

— *Verità*.

— O que você mais gosta de comer? — ele perguntou após colocar o

restinho de vinho em seus copos.

— Essa massa? — arriscou, descontraída.

— É sério, Angelina.

— Estou falando sério.

— Humm — ele elevou as sobrancelhas —, vou acreditar.

Ela lhe lançou um olhar desafiador.

— O melhor presente que você já ganhou?

— Os seus manuscritos.

— Você só está falando isso por causa da minha resposta anterior.

Ele levou as mãos ao coração.

— Assim você me ofende.

— Bom... O meu melhor presente — desconversou — foram duas máscaras de carnaval antigas que minha mamma me deu quando eu tinha oito anos. Durante nossa viagem a Veneza.

— Duas máscaras?

Ela confirmou com a cabeça.

— Além de ser uma das únicas lembranças que restaram de casa, da minha família... Não é um par de máscaras qualquer.

— Ah, não?

— O vendedor nos contou que essas máscaras pertenceram ao casal mais apaixonado da história.

— Qual?

— Romeu e Julieta. Além disso, as máscaras possuem um poder mágico.

— É mesmo? — retrucou ele, parecendo interessado.

— O vendedor contou que, como Romeu e Julieta morreram por amor, o casal que as usar depois deles jamais terá um final infeliz. Por fim, elas fazem as pessoas se apaixonarem verdadeiramente.

Vincenzo suspirou devagar. Seu peito começou a tremer. Ela se aproximou dele, confusa.

— Vincenzo, é só uma história. Você está chorando... — Parou, surpresa, ao perceber que ele gargalhava.

Franziu o cenho, inconformada.

— Seu *pagliaccio*... — Cutucou-o com a ponta dos dedos. — E eu me preocupei, achei que estivesse chorando.

— *Perdonami*. A história é bonita, mas você a contava tão séria, como se acreditasse e... ai.

Ela deu um tapinha em seu peito.

— Eu sou uma contadora de histórias, Vince, e essa é uma história importante para mim. Enquanto isso, você... — Gesticulou em sua direção. — Riu dela como... como um leitão bêbado.

E ele gargalhou outra vez.

— Desculpe... Rir como leitão bêbado — repetiu, debochado. — Eu nunca tinha ouvido isso.

Ela colocou as mãos na cintura e entrecerrou os olhos.

— Juro que achei linda a história. É só que...

— Você gosta de rir, não é?

— Sì, claro.

Angelina mirou as próprias unhas, fingindo estar distraída.

— Sabe, tem uma outra coisa que eu sou especialista em fazer... Treinei durante anos com *mia sorella*. Minha irmã.

— O quê?

Ela o empurrou pelo peito de repente. Pego pela surpresa, Vincenzo tombou na cama. Rápida como uma amazona experiente, montou em cima dele, enlaçando-o com as pernas nos quadris, e começou a fazer cócegas.

Sem perceber como aquele contato era íntimo, prosseguiu atacando com os dedos o torso dele e o pescoço, as costelas e as axilas.

O ar ficou cheio de gargalhadas e ofegos até que...

Ele parou de rir, respirando de maneira acelerada pelos lábios entreabertos.

Angelina continuou seu ataque, praticamente deitada em cima dele, esforçando-se para fazê-lo rir. Mas tudo o que obtinha de volta era o cheiro, os olhos, a respiração acelerada, o corpo musculoso e firme envolto por uma aura predatória masculina e instintiva. Entendeu um pouco tarde o que acontecia e o resultado evidente do contato entre eles comprimindo seu ventre. Um pouco surpresa, tentou sair.

— *Non!* — ele grunhiu, segurando-a pelos braços. — Pelo amor de Deus, não!

As mãos grandes laçaram sua cintura e, em um movimento certo, ele a virou de costas na cama, deitando-se em cima dela e segurando seu rosto entre mãos.

Ela adorava quando ele segurava seu rosto dessa maneira. Rendida, fechou os olhos.

— *Guardami, per favore*. Olhe para mim, por favor.

Ela se esforçou para abrir as pálpebras, que pareciam pesar toneladas. O ar quente da boca de Vincenzo acariciava seus lábios, fazendo-a ter vontade de

pegar o espaço entre eles com a boca.

Deus, ela o queria tanto. Tanto. Mas também... tinha medo. Medo de não sentir nada além de dor, medo de não conseguir lhe agradar, medo das lembranças que a atormentavam.

— *Amore mio* — Vincenzo chamou-a com urgência —, eu quero e preciso tanto fazer você minha. Tanto. *Capisce?*

Ela concordou com a cabeça.

— Não — ele continuou, com a voz baixa, a ponta dos dedos desenhando o rosto dela. — Isso é errado. Eu não quero fazer você minha, porque na verdade sou eu que entregarei uma parte do meu corpo para você junto com todo o meu coração e a minha alma.

Com dedicada atenção, os lábios dele pousaram em sua testa e deslizaram mais uma vez em sua face. Ondas de arrepio percorreram a pele de Angelina. O coração da jovem batia rápido como o de um passarinho, e ela respirava de maneira tão sofrida... tinha certeza de que desmaiaria.

Vincenzo a encarou, entregando-se primeiro com a alma e depois com a promessa de preencher todos os vazios que seus toques despertavam e evidenciavam nela.

— Eu vou fazer tudo pelo seu prazer, entendeu?

Ela concordou, sem fôlego, desesperada.

— Mas quero que me diga se, em qualquer momento, for demais para você, se eu passar dos seus limites, me diga que eu paro. Hoje a noite é somente sua.

A garganta dela secou. Precisou engolir antes de responder:

— Eu quero que seja a nossa noite.

Os lábios de Vincenzo cobriram os dela, macios, mornos, movendo-se de um lado a outro. Então, a língua dele se juntou aos lábios, desenhando o contorno, buscando espaço e explorando. Todo e qualquer pensamento de Angelina se desfez.

Ela cedeu, gemendo, conforme a língua deslizava para o interior de sua boca. Vincenzo parecia querer engolir todas as palavras que já haviam sido ditas com aquele beijo, mergulhando a língua cada vez mais fundo. Arquejou, fora de si. Todos os seus músculos se entregaram. Entorpecida e ao mesmo tempo desperta, ela o imitou, beijando-o com paixão.

Com as mãos instáveis, desesperada por tantas sensações, Angelina enfiou os dedos por dentro da camisa dele. Os lábios de Vincenzo desceram pelo pescoço de Angelina e, sem que ela se desse conta, ele desnudou seu colo

expondo os seios macios, que arrepiaram pelo ar mais frio da noite.

Estava mesmo acontecendo.

Era certo.

Era errado.

Era tudo o que ela mais queria na vida.

Senti-lo mais perto. Mais um pouco. Mais dele em suas mãos, em seu corpo. Então os lábios dele se fecharam em um mamilo, sugando-o com suavidade, e um gemido rouco de satisfação escapou do peito masculino.

— Eu... nunca senti isso... Acho — ela engoliu de maneira lenta, como se tivesse bebido mel, a garganta pegando fogo —, acho que vou morrer.

— *Non*. Morreremos juntos e renascemos juntos também, *mio cuore*. — Ele soprou sobre seus lábios e voltou a devorá-los com paixão.

Vincenzo sentia por ela a mesma necessidade que Angelina sentia por ele, e comprovar aquilo era absolutamente maravilhoso e enlouquecedor.

Ela gemeu outra vez.

— *Amore mio* — clamou ele baixinho —, eu quero amar você, como você deveria ser amada sempre. *Voglio dedicarmi interamente al tuo corpo*, cada centímetro seu. — Beijou-a na ponta do nariz. — Estou completamente apaixonado por você.

Ela consentiu com a cabeça, com a alma e o coração.

Vincenzo se livrou da camisa antes de dizer:

— Vou tirar seu vestido.

Devagar, ele a livrou de vez da peça, abrindo botão a botão, deixando alguns beijos nos locais onde a pele se desnudava.

— Sua camisa — afirmou, mirando seus olhos.

Mais uma peça foi removida.

— Agora suas meias, e depois os calções — ele prosseguiu, sempre a beijando, sempre alternando as palavras e os movimentos com carícias.

— E agora *ti bacerò tutto*. Vou beijar você inteira.

Angelina respirava cada vez mais rápido. Seu coração dava sinais de que poderia explodir.

— Sim. — E lá estava uma palavra linda, não podia ser errada. Nada que a colocasse mais perto dele podia ser errado.

— *Mia principesa* — ele disse, antes de afastar seus joelhos, acariciando o meio de suas pernas. As mãos, um pouco ásperas por causa do trabalho nos cafezais, deslizaram até seu sexo. Ela retesou com o contato diferente de tudo o que já experimentara. Os dedos a tocaram, primeiro devagar, pedindo

permissão, explorando-a, passando por todas as dobras e curvas, envolvendo-a com a própria umidade, e depois desenhando movimentos circulares. Ele pressionou um ponto que pulsava, onde ela sentia mais precisar dele, um ponto que ela nem sabia existir em seu corpo, e muito menos que poderia lhe dar tanto prazer.

Ela nunca fora apresentada a essas sensações. Na verdade, tinha vergonha de se explorar quando estava sozinha.

Sem deixar de olhar para ela, Vincenzo beijou seus joelhos, um depois do outro, então o interior de suas coxas, descendo até alcançar a virilha, e em seguida seu sexo novamente. Os músculos das coxas vibraram e se contraíram involuntariamente. Ela fechou as pernas.

— Vincenzo! — sibilou, com a voz tomada de prazer, emoção, confusão.

Mas ele não a ouviu. Ao contrário, abriu-a ainda mais com os dedos e a acolheu entre os lábios, sugando e soltando com uma precisão impressionante. Repetiu o gesto tantas vezes que ela sentiu uma vertigem. Angelina ergueu o pescoço tentando...

O que mesmo ela queria fazer? Não soube.

Ao ver aquela cabeça escura entre suas pernas, junto ao mundo de sensações que ele despertava em seu corpo, ela esqueceu de tudo. A língua passou a ser usada com a mesma precisão dos lábios, espalhando toques suaves rápidos e lentos até ela erguer os quadris em busca de mais. Vincenzo aumentou a velocidade dos movimentos com que a tomava, e ela foi invadida por uma onda desconhecida de necessidade. Ânsia e prazer brigando um com o outro, como cavalos em uma corrida, um querendo se sobrepor ao outro. Até que tudo escureceu, e uma enorme explosão de sentidos varreu o ventre de Angelina, disparando choques deliciosos por sua espinha, por todo o seu corpo e explodindo em seu coração. O prazer venceu e a arrebatou, fazendo-a arfar:

— Vincenzo!

Ele encontrou sua boca, silenciando-a com mais um beijo longo e exigente. Angelina estava desfeita, todo o corpo entregue e entorpecido. Seus músculos tinham derretido feito água que se esvai junto ao fogo.

Como é possível sentir tanto?

Como é possível algo ser tão bom?

Ele afastou um pouco os lábios dos dela antes de falar:

— Eu quero te amar de verdade. Quero *molto* ser seu agora. *Lo accetti?*

— Sempre — Angelina replicou, com os olhos tomados de emoção.

Ela sentiu a virilidade quente dele na entrada de seu corpo, que se contraiu em expectativa. Lânguida como estava, logo cedeu, a ponta macia e rígida circundou sua abertura. E devagar, centímetro a centímetro, a abriu e penetrou. Não houve dor, incômodo ou dúvidas. Não houve humilhação, vergonha ou medo. Quando ele a beijou apaixonadamente e foi até o fim, ela se tornou maleável como um travesseiro e totalmente consciente do lugar onde estavam unidos, do membro pulsando em seu interior, das contrações involuntárias de seu sexo.

Passou a ponta dos dedos nas costas largas, encontrando uma massa de músculos que se enrijeciam ainda mais sob seu toque. Notou as veias dilatadas do pescoço, a testa molhada, o abdome firme retesado e a expressão de dor e prazer no rosto cinzelado. Tudo aquilo era reflexo do esforço que Vincenzo fazia para se manter imóvel dentro dela.

— Você está bem, *amore mio*? Quer que eu continue?

— *Sì... Sì!*

Com a respiração descompassada, ele começou a se mexer, alternando beijos e murmúrios de prazer.

Angelina passou as mãos pelos quadris dele, sentindo-o tremer. Completamente rendida à poderosa sensação de tê-lo dentro dela e à crescente paixão, subiu com as mãos pela lateral do corpo até o maxilar quadrado, entrelaçando os dedos, em seguida, entre os cabelos despenteados na base da nuca de Vincenzo. Fitou a testa molhada de suor, os olhos pesando de desejo, os cílios grossos que sombreavam ainda mais o olhar rasgado em dois traços azuis. Ele ainda tremia pelo esforço de se mover com cuidadosa lentidão.

Ela queria mais.

Mais.

Envolvendo as pernas nos quadris firmes, puxou-o, erguendo os próprios quadris da cama. Aquele convite fez a última gota de resistência de Vincenzo evaporar. Os movimentos aceleraram, tornando-se mais fortes e firmes. A cada investida, ele deixava escapar um silvo dos lábios entreabertos junto com um grunhido rouco. Era um furacão em um mar revolto e despertava outra vez seu corpo com a mesma volúpia de uma tempestade.

Um prazer visceral que se estendia por todas as suas terminações nervosas a cegou. Um prazer que vinha, como Vincenzo mesmo dissera, de uma parte dele dentro dela. As sensações intensas foram capazes de misturá-los por completo. Angelina transbordou gratidão, chorando ao entender que era

amada verdadeiramente pela primeira vez na vida.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Andrella

Ela dormia.

O calor do corpo e a maneira perfeita como ela se moldava em seus braços o entorpecia de prazer, amor, alegria e paz.

Como ele a deixaria ir embora?

Como conseguiria se afastar?

O dia estava quase amanhecendo, e Vincenzo não tinha pregado os olhos.

Queria viver cada segundo ao lado dela, não perder nada.

O problema era que não mandava nos pensamentos, e nas duas últimas horas só tinha conseguido pensar em dar um jeito de não precisar se separar mais de Angelina. De não precisar encontrá-la às escondidas. De não precisar ter medo do que sentia.

Nunca mais.

Ela se moveu, aninhando-se em seu peito, e sua respiração descompassou.

Ele a desejava outra vez.

Lembrou-se das duas vezes que tinham se amado. Em cada uma delas Angelina o desmontara, o surpreendera e o enfeitiçara. Nada nunca tinha sido tão verdadeiro, intenso, pleno... indescritível.

Estava apaixonado, entregue, arrebatado ou quantos termos mais existissem para definir que ela ocupava seu corpo, sua mente, sua alma em todas as horas do dia, em todas as direções e...

— Vincenzo? — ela o chamou, com a voz rouca.

— *Sì, amore mio. Sono qui* — respondeu, dando um beijo demorado em sua testa e sentindo-a enrugar sob os lábios.

Angelina levantou em um pulo, surpreendendo-o.

— *Dio mio*, quanto tempo eu dormi?

— Algumas horas.

— Eu não podia ter dormido tanto. — Tateou o colchão, possivelmente atrás das roupas. — E se alguém, *Dio mio!* Se alguém descobre?

Vincenzo se sentou, sentindo o aperto do peito subir até a garganta.

— Ainda é noite. — Ele mostrou a janela.

Angelina parou de se vestir às pressas e olhou na direção apontada.

— Já está amanhecendo — confirmou, passando o vestido pela cabeça.

— *Non.* Ainda é o rouxinol que canta.

— E se Afonso, e se alguém nos vê? — ela repetiu, nervosa, sentando-se na beira da cama a fim de se calçar.

Vincenzo agarrou a calça e a camisa, também se arrumando rápido.

— Ninguém vai ver — ele respondeu com a voz mais fraca do que gostaria.

Na verdade, detestava a maneira como ela agia, como se... *Madonna mia*, como se eles fossem culpados de algum crime e precisassem fugir. Qual era a diferença das noites passadas juntos na estufa? Certo, a área do pátio onde sua casa ficava era bem mais visível que a saída da trilha. Mesmo assim ela agia como se os dois estivessem errados. Vincenzo travou o maxilar ao lembrar que, sim, eles estavam mesmo errados. Adulterio era considerado crime em muitas culturas. E, apesar de seu coração e sua alma estarem completamente comprometidos com o que haviam acabado de viver, Angelina ainda era comprometida com outro homem.

O bolo em sua garganta aumentou. Um homem poderoso e cruel.

Ele segurou o ombro pequeno. O toque a fez se sobressaltar.

Ela se assustou com o toque.

— Eu te amo — ele sussurrou baixinho, querendo manter a magia que os envolvia pelo máximo de tempo possível. Querendo voltar para aquele lugar onde eles se amaram com tanta verdade e entrega, ficar ali. Nunca mais sair.

Ela passou os braços sobre seus ombros e o beijou de leve antes de sussurrar:

— Eu te amo.

Ele a puxou pela nuca para um beijo mais longo.

— Não quero que você vá embora parecendo estar arrependida.

As mãos macias seguraram o rosto dele carinhosamente.

— Eu vivi os momentos mais lindos da minha vida. Como poderia estar arrependida?

Colou a testa na dela, respirando aliviado.

— Eu também vivi os melhores momentos e...

— Mas nós precisamos ter cuidado, ainda mais cuidado, até acharmos uma saída para deixarmos tudo isso para trás.

— *Lo so*. Eu sei.

— Afinal, não é por isso que você está voltando para a colônia, para os cafezais?

Pousou os lábios na testa dela.

— *Sì*, você tem razão... É só que — beijou-a outra vez — é tão difícil.

Ela deu um suspiro trêmulo.

— Fique mais um pouco — pediu ele. — E eu juro que saio daqui e mato todas as cotovias com uma espingarda.

Um sorriso fraco curvou os lábios cheios e rosados da jovem.

— Você vai ter muito trabalho, já que as cotovias não existem no Brasil.

Ele gargalhou com a boca ainda sobre a testa dela.

— Bem... Se isso fizer você ficar algumas horas a mais, estou disposto a enfrentar a viagem.

Foi a vez de ela achar graça. Em seguida, deixou os lábios nos dele sem parar de fitá-lo.

— Pedro volta de São Paulo amanhã e depois da festa de donativos na colônia viajará por dois meses. — Beijou-o novamente. — Dois meses somente nossos.

— Estou pensando em uma coisa mais a longo prazo — ele disse, deslizando os lábios pelo rosto delicado. — Fugir daqui e ter você todos os dias pelo resto da minha vida.

— Eu gosto dessa ideia. — Ela entrelaçou os dedos nos dele. — Bem mais do que dois meses. A vida inteira seria uma festa, todos os dias.

Vincenzo fez um silêncio pensativo e então as sobrancelhas escuras arquearam com um brilho novo no olhar.

— Passei a noite tentando ter uma ideia, e agora há pouco, quando você falou em festa, acabei de ter uma.

Ela ergueu a cabeça que vinha encostada em seu peito, a fim de encará-lo.

— Ideia?

— Sim, *amore mio*, para escaparmos daqui de um jeito seguro.

— Como?

— Sente-se aqui, só mais um pouco. — Apontou a beira da cama com os olhos.

Eles voltaram a se acomodar sobre o colchão.

— Todo ano — começou ele com o pulso acelerado — acontece a festa de aniversário da fazenda, certo?

Era uma festa enorme na casa-grande, com centenas de convidados. Simultaneamente, a colônia realizava uma festa só para os funcionários da fazenda. Era a comemoração deles.

Angelina arregalou os olhos, parecendo compreender a que ele se referia.

— Sì, será daqui a cinco meses... Uma noite de festa, todos da fazenda participam.

— Mas o principal são as dezenas de carruagens entrando e saindo daqui. Até mesmo os guardas bebem e ficam mais relaxados nesse dia. Sei disso porque... Bem, isso não vem ao caso. — Vincenzo se lembrou de ter ajudado um dos capangas, que caía de bêbado, a voltar para casa no fim dessa mesma festa, meses antes. — O caso é: talvez essa seja a melhor oportunidade que tenhamos.

— Sì! — ela comemorou, apertando um pouco os dedos entre os seus. — *Dio mio*, como eu não pensei nisso antes?

Ele também sorriu com renovado entusiasmo.

— Vamos fazer dar certo.

— Você não entendeu — ela vibrou, apertando mais as mãos dele. — É ainda mais perfeito do que você imagina... O barão me disse que este ano haverá um baile de máscaras, em homenagem aos carnavais de Veneza.

Ele tocou no rosto dela com carinho.

— Você está pensando nas suas máscaras?

— *Non*, estou pensando que o destino joga a nosso favor... É mais fácil eu sair daqui mascarada e não ser descoberta.

Ele a beijou novamente. Estava viciado nela, não conseguia se manter longe por muito tempo.

— Já temos a data. Agora só precisamos traçar uma estratégia perfeita.

Conversaram por cerca de meia hora mais, até o sol lançar as primeiras veias de cor no horizonte. Angelina confirmou que falaria com a amiga fazendeira e tentaria conseguir sua ajuda.

— Se ela não ajudar, não irá atrapalhar.

— Tem certeza?

— Sim.

Ele franziu o cenho, pensativo.

— Quanto menos gente souber, melhor.

— Ela será uma aliada importante, eu sinto em meu coração.

— Então, *parlale*. Fale com ela.

Angelina lançou um olhar tenso para a janela, levantando-se por fim.

— Eu realmente tenho de ir.

Ele a puxou contra si para um último beijo.

— Eu sei.

— Nos vemos na entrega de donativos na colônia.

Destravou a fechadura.

— Morrerei de saudades durante estes dias.

— Eu também.

Ele bateu a porta recém-aberta, fechando-a novamente. Espalmou as mãos uma de cada lado do rosto dela, detendo-a no meio dos braços.

— O que foi? — perguntou ela, surpresa.

— Isso.

E beijou-a ardentemente, até estar sem fôlego e com o corpo inteiro rijo de desejo outra vez.

— Quero que você se lembre deste beijo todas as horas do dia, assim como eu lembrarei.

Mãos macias o empurraram de leve.

— Eu lembrarei por todos os minutos.

Ele colou a testa na dela, sem fôlego e desesperado por mais.

Sem se conter, beijou-a novamente.

— Eu te amo — ele afirmou por fim, dando um passo para trás e deixando-a ir.

— Até mais, *amore mio* — despediu-se ela, com a voz arrastada e um sorriso fraco nos lábios inchados.

— Eu te amo — ele repetiu, abrindo a porta novamente.

Antes de ela se afastar, Vincenzo olhou para cima, murmurando, com ar contrariado.

— *Dannate allodole*. Malditas cotovias.

Ouviu o som da risada de Angelina na alameda e voltou a fechar a porta, com a pulsação descompassada. Encostando-se ao batente, de olhos fechados, constatou para si mesmo, com a voz baixa:

— *Sono irrimediabilmente innamorato*.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Brunetti

Durante o dia da entrega de donativos na colônia, o cheiro que as uvas exalavam ao serem pisadas lembrava um tempo em que a única preocupação de Angelina era não perder a hora do jantar.

Sabia que os seus conterrâneos plantavam uvas e faziam seu próprio vinho na colônia. Mas nunca, desde que chegara ao Brasil, algo a tinha transportado tanto para casa. Nunca desde aquela tarde na festa da colônia. Por mais de uma vez ela engolira o choro, levada pelas lembranças.

As casas da colônia eram pintadas de céu, um azul caiado como as cores vivas nas ruas estreitas da Itália. Os degraus nas portas convidavam a uma preguiçosa sesta no fim do dia, com vista para as estrelas. Naquela tarde, porém, não havia espaço para preguiça. Era um dia de celebração. Todos sorriam, dividindo simpatia e calor humano, pisavam em uvas, cantavam e recebiam donativos para suas famílias com entusiasmada gratidão. Entre os itens entregues — cobertores de lã, utensílios para cozinha, lençóis novos, roupas e brinquedos —, nenhum artigo de luxo ou perfumaria, mas era o bastante para alegrar verdadeiramente aquelas pessoas.

Durante todo o dia, Angelina tinha tentado evitar olhar para Vincenzo. Mesmo assim, vez ou outra se pegara a encará-lo, como se uma força invisível os ligasse. Na última vez, sorrira discreta ao reparar que Matteo o fazia rir de algo. Vincenzo a flagrara sorrindo e retribuía o gesto, acendendo mil vaga-lumes no seu estômago. Disfarçando, ela mexeu em um arranjo sobre a mesa.

Depois dessa troca rápida de olhares, não se permitira mais buscá-lo, por mais vontade que tivesse. Pedro não saía do seu lado um só minuto. Como o barão não falava fluentemente italiano, recorria a ela toda vez que não

compreendia algo.

Quem olhasse para seu austero marido, vestido com um paletó branco de linho, tentando retribuir a gratidão dos colonos com uma tímida simpatia, juraria, naquele momento, que o barão era um homem generoso, tocado pela alegria de compartilhar e melhorar a vida dos outros.

Só que vez ou outra ele bufava baixinho, maldizendo a hora em que tivera a ideia de ir pessoalmente entregar as coisas aos colonos. Somente Angelina escutava.

Mesmo com a presença do barão pairando sobre si como uma sombra escura, ela estava feliz. Ali, conversando em sua língua-mãe, em meio a risadas, na alegria espontânea, nas lembranças aquecidas pelo som da música típica, Angelina conseguia aproveitar cada minuto e resgatar lembranças que a enchiam de saudade.

— Senhor barão — chamou um dos colonos, que acabara de receber seus presentes. Era um dos últimos da enorme fila. — O senhor ficará para dançar um pouco, não é verdade?

— Não, eu tenho...

Afonso se aproximou, interrompendo-o, e soprou algo no ouvido de Pedro.

— Senhor Ferraro, pensando bem — retrucou o barão após Afonso se afastar —, acho que poderei ficar. Não sei dançar, mas assistirei um pouco, com prazer.

Intrigada, Angelina olhou do italiano para seu marido.

— Tarantela — completou o homem, sorrindo com simpatia. — Não é preciso conhecer os passos, *signore* barão. Qualquer um pode dançar.

— Vamos, minha querida.

Minha querida?

Angelina olhou para os lados, tentando entender a que se devia aquele tratamento carinhoso e pouco usual. Não havia percebido nada fora do normal. Sorriu concordando, e sentiu a mão firme envolver sua cintura e conduzi-la para o exterior, onde as pessoas dançavam, cantavam, batiam palmas e bebiam.

Pararam perto do círculo onde a dança acontecia com uma alegria contagiante.

— Esse último homem que falou conosco — cochichou o barão — é um dos líderes aqui da colônia. Nós não queremos dar motivos a ele para acreditar que não estamos nos divertindo. Portanto, sorria e bata palmas. Finja gostar desse circo.

Ela revirou os olhos, afinal não precisaria fingir estar se divertindo, e começou a bater palmas no ritmo das demais pessoas da roda. Agora sim entendia o que tinha acontecido.

Momentos depois, na pausa entre as músicas, Pedro pediu a palavra, erguendo a mão:

— Senhoras e senhores, aproveitem a festa. Eu partirei depois de amanhã para uma viagem muito longa — disse, enlaçando-a pela cintura — e quero passar as últimas horas antes de partir junto a minha adorada esposa.

Todos olharam para eles. As bochechas dela arderam de vergonha conforme o barão a estreitava um pouco mais entre os braços.

— Acredito que os senhores entenderão os meus motivos para deixar esta festa tão animada ainda no começo... Serão muitos dias longe de casa.

Um coro de vivas, brindes ao senhor e à senhora Guimarães, desejos de boa viagem, agradecimentos e palmas a deixaram ainda mais corada. Pedro, sem avisar, puxou-a, dando um beijo em seus lábios.

Ele nunca fizera isso publicamente em todo o tempo de casados. Na verdade, fazia muito tempo que nem mesmo a tocava. Angelina contava nos dedos das mãos as vezes em que ele a beijara, mesmo na intimidade do quarto.

— Vamos embora! — disse ele, puxando-a pela mão.

Antes de se virar e segui-lo, Angelina jogou um olhar rápido para as pessoas animadas que ainda os saudavam. Encontrou um par de olhos azul-escuros entrecerrados e cheios de... dor? Raiva?

Seu estômago gelou.

Vincenzo tinha presenciado a cena.

Mas ele não tinha motivos para ficar com raiva... Ou tinha?

— O que você está esperando? — Pedro perguntou, puxando-a com um pouco mais de firmeza.

Acuada e sem ter como reagir, ela seguiu o barão para dentro de casa.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Andrelli

Pedro saíra cedo naquela manhã.

Três dias depois da festa na colônia, Angelina não conseguia tirar da cabeça a expressão no rosto de Vincenzo naquele fim de tarde.

No momento, caminhando ao lado de Isabel, ela não era capaz de pensar em nada a não ser chegar logo até a casa dele na colônia.

— A senhora perdeu de vez o juízo — a governanta ralhou pela décima vez.

— Ele está doente.

— Não quero saber se ele está à beira da morte. Se alguém a vir, a senhora é que estará gelada sobre uma cama quando o barão se inteirar do que acontece.

Angelina apressou os passos. Não aguentava mais ouvir Isabel reclamar. Quando entrara na cozinha, um pouco mais cedo, dona Eugênia tinha contado que o irmão de Vincenzo havia ido até lá assim que amanhecera, pedir por algumas ervas para um chá. Ele alegou que Vincenzo não passava muito bem desde o dia da celebração. Angelina não pensou duas vezes: pediu a Isabel para acompanhá-la o mais rápido possível até a colônia. E ali estavam elas, andando apressadas, quase chegando à área das casas.

— Deixe ao menos eu entrar para ver como ele está. Não se exponha dessa maneira — a governanta não dava trégua.

Angelina se virou de frente para ela.

— Dona Isabel, a senhora tem sido como uma mãe para mim, mas não adianta protestar, gritar, espernear, porque eu vou entrar.

— Mas...

— Se quer me ajudar, fique aqui vigiando a porta. Caso alguém se

aproxime, dê um jeito de me avisar.

— Santo Deus misericordioso.

— Eu não vou demorar.

Angelina ouviu a mulher bufar antes de entrar, encostando a porta atrás de si.

Com a garganta seca pela ansiedade, avançou alguns passos, as tábuas largas e rústicas rangendo sob seus pés conforme caminhava.

Ouviu uma tosse seca vindo de uma das portas à direita. Virou na direção do som e conseguiu enxergar, pela porta entreaberta, a quina de uma cama.

Era lá. Vincenzo estava ali, tinha certeza.

Espalmou a mão na madeira, colocando uma pressão leve a fim de abrir.

— Vincenzo? — arriscou baixinho.

Algumas tosse a mais foram a resposta.

Ela entrou.

— Vince?! — repetiu, aproximando-se da cama com a pulsação acelerada.

Ele abriu os olhos e a encarou, as bochechas tingidas de vermelho contrastando com a pele dourada e os olhos absurdamente azuis. Instintivamente, levou a mão até a testa dele, removendo alguns cachos do cabelo preto grudados pelo suor. Aparentemente ele estava sem febre.

— Acho que a febre acabou de baixar, por isso você está transpirando assim.

Vincenzo exalou o ar de maneira falha, olhando-a com o cenho franzido.

Os dedos finos desceram por toda a linha da testa até o osso acima das bochechas. Ele virou o rosto, fitando o teto.

— Você tomou o chá que seu irmão foi buscar hoje pela manhã com a senhora Eugênia?

Ele a ignorou.

Escorregando as costas das mãos pela face, sentiu o contraste da pele macia de sua mão contra a barba curta no rosto de Vincenzo.

— Como está se sentindo?

As pálpebras dele baixaram com a respiração, que se tornava instável.

— O que você quer, Angelina?

Ela arregalou os olhos, surpresa com a pergunta.

— Eu estava preocupada.

Com a mão firme, ele agarrou seu punho, livrando-se do contato.

Ela andou para trás ao vê-lo se sentar de uma vez.

— Você quer alguma coisa?

— Só queria te ver — ela respondeu, desnorteada.

— Sabe o que eu fiz durante esses dois dias, desde que você saiu da festa na colônia de braço dado com seu marido, depois de beijá-lo?

— *Non* — ela sussurrou.

— Não parei de imaginar, por um só segundo, quantas vezes você estaria se entregando para aquele *figlio di una putana*!

— Eu não...

— Se ele cumpriu o que anunciou e foi se deitar com você? Se ele a tocou de um jeito diferente?

— Que tipo de dúvidas são essas? — ela disparou com a voz fraca.

— Odiei cada uma dessas dúvidas, e me odiei depois por não conseguir deixar de pensar nelas.

Ela imaginara, nesses dias afastada, que Vincenzo não tinha gostado de ver Pedro a beijando depois de deixar claro que ficariam juntos até ele viajar. Mas a reação do seu amante fora errada. Como ele podia agir dessa maneira depois de tudo o que haviam compartilhado, de tudo o que ele sabia e de tudo o que haviam vivido juntos?

— Foi um erro eu ter vindo aqui... Perdoe-me.

Ela se virou e caminhou em direção à porta, segurando a angústia na garganta. Deteve-se somente para dizer:

— Ele não me procurou nos últimos dois dias, mas, se tivesse procurado, provavelmente eu não me entregaria sem resistir. Mesmo que ele me forçasse a fazer alguma coisa, meu coração só teria uma certeza: seria a você quem eu estaria traindo e não a ele... Eu achei que você já soubesse disso.

Ela deu um passo em direção à porta sendo enlaçada pela cintura.

— *Cazzo!* — Vincenzo murmurou e a puxou contra si.

— Eu enlouqueci de raiva e ciúmes. Queria invadir aquela casa e arrancar você de lá à força. — Beijou o topo de sua cabeça. — Queria te pegar no colo e carregar você até o fim do mundo se fosse preciso. Quando ele te beijou, Matteo teve que me segurar. Eu perdi de vez a cabeça. Então, você foi embora com ele e... eu não consegui controlar mais a raiva por não poder fazer nada. Por ter que assistir àquele desgraçado te tocar sem poder fazer nada para impedir.

Ela não queria mais brigar. Estava cansada de se desentender com ele, por mais difíceis que fossem as coisas. Tinham tão pouco tempo juntos.

— Isso tudo é tão difícil *per me* quanto para você.

— Eu sei.

— Então pare de nos torturar por eu ter que voltar para casa e fingir que sou a esposa perfeita. Se você continuar a agir dessa maneira, aí sim, *tutto finirà*.

Ele inspirou o ar com dificuldade ao responder:

— Tem razão, Angelina. — As mãos ásperas deslizaram por seus braços. — Mas ver você *con altro uomo* e fingir que não sinto nada — ele cavou o cabelo dela com o nariz, chegando com a boca à sua orelha —, sabendo o quanto esse homem lhe faz mal, ver você agindo como se fosse uma esposa feliz e obediente, *è quasi ... è quasi insopportabile*. Perdoe-me por não ter tido a maturidade de conseguir fazer isso. Perdoe-me porque eu não sei se um dia vou conseguir ser imparcial dessa maneira.

Ela estava tão preocupada e com tanta saudade! Queria apenas ficar mais perto, sentir que tudo estava bem. Virou-se de frente para ele, fechando os olhos antes de afirmar baixinho:

— É por pouco tempo, Vincenzo. Esta farsa está acabando.

Ele soltou uma exalação lenta e ruidosa.

— Eu não vejo a hora de ir embora daqui com você, de nunca mais ter que passar por isso.

Vincenzo a tomou em um beijo insano, longo, apaixonado, cheio de entrega e posse. Cheio do gosto da promessa de que um dia não precisariam mais se separar.

E ela o retribuiu com a mesma vontade.

Batidas firmes na porta os separaram.

— É dona Isabel. Eu preciso ir — afirmou, contrariada.

Ele concordou com a cabeça, inalando com dificuldade.

— Sì, infelizmente, eu sei que você tem razão.

— Vou dar um jeito de vir hoje à noite. Quero ver como você está.

Ele envolveu sua nuca com as mãos.

— É muito arriscado. Eu vou até a estufa e nos encontramos lá.

— Você está doente, deve descansar e...

Vincenzo pousou as costas dos dedos sobre a bochecha macia, fazendo pressão com a outra mão, e aproximou o rosto até as testas estarem coladas.

— Nem mais um dia longe de você... Eu te encontro na estufa.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia De Marchi

Sua cabeça pulsava.

Talvez outras partes do corpo também.

Ele sentia uma mistura de frio e calor.

Mesmo assim, caminhou por quase vinte minutos até a estufa. Caminharia por vinte horas se fosse preciso.

Quando chegou lá, ela já o aguardava.

Iluminada pela claridade de três lamparinas a gás, deitada em uma pilha de almofadas sobre o tapete, o cabelo longo solto em cachos até a altura dos seios. Angelina usava apenas uma camisola. Ele viu o penhoar e a capa de noite descartados ao lado dela. Ao ouvi-lo se aproximar, a jovem ergueu os olhos dos manuscritos que lia atentamente — como se estivesse inteiramente vestida, sentada em uma biblioteca.

Sua boca secou e seus joelhos fraquejaram. Vincenzo esqueceu que não passava muito bem pouco tempo antes — na verdade, estava um pouco pior naquele momento, já que respirar tinha ficado ainda mais difícil.

Os lábios dela se curvaram para cima. Ele engoliu um bolo na garganta.

Passando a mão na cabeça e sem conseguir raciocinar, ele se livrou de uma vez da camisa e avançou para cima dela, faminto, cego, louco de desejo.

Ela o recebeu de braços abertos, entreabrindo os lábios e respondendo ao beijo com paixão.

— Chega — sibilou ela. — Você deve descansar... Eu trouxe alguns textos para lermos.

— Angelina — começou, com a voz rouca —, estou pensando em muitas coisas, mas ler é a última delas.

Ela deixou escapar uma risadinha nervosa.

— *Non*. Deite e descanse.

Sem pensar duas vezes, ele girou o corpo, enlaçando-a pela cintura, até ela estar deitada sobre ele.

— Pronto, estou deitado.

Franzindo o cenho, ela colocou uma mão em sua testa, medindo a temperatura.

— Você está com febre.

Ele ergueu o quadril, pressionando a ereção no ventre plano dela.

— Ardendo, queimando por você.

Os lábios espremidos nos dela desenharam uma risada.

— Eu quero cuidar de você — ela protestou, sentando sobre ele. As pernas abertas fizeram a camisola subir enrolada até seus quadris.

— Cuide de mim, Angelina — pediu ele, abrindo os braços. — Ou...

Escorregou as mãos das nádegas redondas até o limite da camisola enrolada.

— Deixe-me cuidar de você.

Ela protestou um pouco mais, até os dedos longos dele subirem pela parte interna de suas coxas e a tocarem no meio das pernas, descobrindo quão pronta ela estava. Qualquer protesto morreu nesse momento. Angelina abriu os lábios e o beijou com doçura e entrega, gemendo quando ele a recebeu, enroscando os dedos em seu cabelo comprido, exigindo que o beijo se aprofundasse.

Ela voltou a se sentar, dessa vez provocativa, movimentando as ancas e comprimindo seu membro.

— Me ame assim — ele sussurrou, desfazendo a fita que prendia sua camisola. Embevecido, assistiu à peça deslizar pelos ombros estreitos e brancos como claras em neve, revelando os seios fartos e os mamilos rosados.

— Como? — retrucou ela.

— Você por cima.

Ela o encarou, parecendo surpresa. Tonto de desejo, ele acolheu os seios com as mãos, erguendo-os até o polegar e o indicador pressionarem os mamilos rijos e sensíveis. Em resposta, ela arqueou o pescoço, gemendo.

Com movimentos atropelados, os dedos pequenos passearam pelos músculos de sua barriga contraída até o cordão de sua calça. Na intenção de livrá-lo da peça, ela passou a mover os dedos, pressionando sua virilidade e arrancando um choque de prazer visceral e um gemido rouco de sua garganta.

Ele a ajudou, mexendo-se embaixo dela e tirando a calça.

— Agora, deixe-me guiá-la.

Angelina concordou com os olhos acesos e a respiração instável.

— Erga um pouco os quadris.

Quando ela obedeceu, Vincenzo posicionou o membro na entrada do corpo dela e continuou a orientá-la, com a voz aveludada:

— Me receba. Se abaixe. Me deixe te penetrar.

Ela baixou o corpo lentamente, envolvendo-o em seu calor úmido e apertado, até estar inteiro dentro dela. Arfou sem aguentar a pressão exercida pelas pernas unidas junto ao corpo contraído. Vincenzo ergueu as costas do chão, beijando-a com uma loucura possessiva.

Eles gemeram juntos.

Com um conhecimento instintivo, seguindo os impulsos do corpo e da vontade febril de senti-lo, Angelina ondulou os quadris e Vincenzo arfou mais alto. Movendo os próprios quadris de encontro a ela, segurou a cintura fina com pressão, guiando-a a encontrar seu ritmo.

— Fale que você é minha — murmurou junto ao ouvido dela. — *Sarai per sempre mio*.

— Eu sou sua — ela confirmou, com os lábios passeando em seu pescoço, remexendo-se de maneira frenética.

— *Sono tuo*. Eu sou seu.

— Vincenzo... Eu quero — ela arquejou — mais.

Ele emoldurou o rosto delicado entre as mãos, sentindo o contraste da pele sedosa contra seus dedos mais ásperos e calejados, e a beijou antes de voltar a se recostar nas almofadas. Deixou-a assumir o controle por completo.

— *Non!* — ela protestou baixinho, tentando alcançá-lo, à beira do clímax.

— Calma, *amore mio* — ele pediu, levando o polegar até a boca e umedecendo-o inteiro para, em seguida, alcançar a saliência inchada do sexo dela. Passou a massagear ali com movimentos circulares, sentindo-a pulsar. Sem deixar de guiá-la com a outra mão, apertou a cintura estreita, ajudando-a, conduzindo-a, até Angelina jogar o pescoço para trás com um grito lânguido de prazer.

O êxtase alcançado fez os músculos internos dela contraírem, apertando ainda mais sua ereção. Desesperado pelo próprio alívio, ele girou os dois corpos, ficando por cima, e voltou a penetrá-la com estocadas profundas e fortes, até todos os seus nervos serem invadidos pelo clímax. Explodiu seu gozo em jorros violentos e a beijou, abafando uma frase contra os lábios

entreabertos:
— Eu te amo.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Mattiazi

Com uma fraqueza deliciosa, Angelina ergueu o rosto do peito masculino para olhar Vincenzo.

Ele estava de olhos fechados, a respiração finalmente voltando ao ritmo normal, o cabelo meio longo e a testa ainda molhados de suor. Os lábios dele eram lindos, um pouco mais cheios embaixo, e, naquele momento, estavam mais avermelhados pelos beijos trocados. Ela se lembrou de que, ao chegar ao clímax, mordeu o lábio inferior dele com força. Ainda sentia os músculos meio trêmulos. Nunca experimentara um prazer tão atordoante. Pousou os lábios na testa dele, antes de constatar:

— Sua febre baixou.

— Sinto que, depois de uma noite de sono, estarei novo.

Ela deixou um beijo em suas pálpebras e em seus lábios, voltando a aninhar a cabeça no peito quente.

— Que bom — disse baixinho —, porque, se você piorasse, eu me culparia.

— Acho que estava doente de saudade.

— Pensei que você fosse dizer de ciúme.

O peito dele tremeu com uma risada baixa.

— Também senti ciúme... muito. Sei que fui um *stronzo*, um idiota que não sabe se controlar.

— Eu também penso besteiras, também tenho ciúmes... Você acha que não vi, na festa da colônia, a maneira como algumas jovens te olhavam?

— Você não tem motivo nenhum para ter ciúme de qualquer jovem. Eu sou inteiro seu, Angelina, há muito tempo.

— Apesar das aparências — sussurrou, olhando para a aliança de casada

—, sou inteira sua também, por mais errado que isso possa parecer aos olhos dos outros.

Ele acariciou a base da coluna dela antes de confessar, em voz baixa:

— Lutei tanto contra o que sentia, acreditei estar indo contra todos os meus valores e princípios. Não conseguia encontrar sentido em desejar uma mulher casada.

Angelina lembrou das inúmeras vezes que se questionou sobre o que vinha sentindo.

— Achei que Deus nos puniria. Cheguei a ir à capela todos os dias ao amanhecer e pedir para Deus tirar do meu coração a culpa e principalmente você, só que... a cada dia que passava, você entrava ainda mais nele.

Ele tocou sua fronte e a lateral de seu rosto com as costas dos dedos.

— Também questionei Deus algumas vezes. Cheguei a achar que ele estava me dando uma lição porque eu deixei a Itália tendo meu pai como inimigo, jurando que nunca o perdoaria pelo que ele fez com minha mãe. Até que entendi que o que vivemos não tem absolutamente nada a ver com o que meu pai fez com *la mia famiglia*.

Eles dividiram um longo momento de silêncio, antes de Angelina perguntar:

— E se eu tivesse tido filhos com o barão. Você acha que seríamos culpados?

— Acho que Deus nunca condenaria o que sinto por você.

Pensativa, ela deixou os dedos escorregarem pelas linhas da barriga de Vincenzo, tocando de leve alguns pelos esparsos e escuros.

— Eu já cheguei a pensar que, se tivesse uma família completa, jamais me permitiria. Deus não permitiria, eu acho, então... Ah, não sei... E, se o barão fosse um bom homem e me tratasse com dignidade e não me fizesse tão mal, eu acho... acho que mesmo assim não conseguiria evitar me apaixonar por você. — Ela ergueu o rosto antes de indagar: — E se fosse dessa maneira, Vince, quão errados nós estaríamos?

— Você se sente esposa dele?

Ela negou com a cabeça.

— Já se sentiu alguma vez?

Negou novamente, suspirando.

Ele prosseguiu com suavidade:

— O que faz você ser uma esposa, mãe ou amiga verdadeira são aparências, papéis assinados ou fotografias?

— *Non.*

— É você fazer juras na frente de testemunhas ou é a escolha do seu coração?

Angelina deteve um soluço na garganta.

— É a escolha do meu coração.

— É apenas o amor que constrói vínculos, fazendo qualquer relação ser verdadeira.

Angelina espalmou lentamente a mão em cima do umbigo dele, sentindo os músculos contraírem.

— *Sì*, você tem razão. O amor é a base para todos os outros bons sentimentos existirem.

Passando o braço por suas costas, ele girou o corpo, inclinando-se sobre ela.

— É a coisa mais forte e bela que um homem pode experimentar.

Ela tocou na barba curta com a ponta dos dedos.

— Eu só quero amar você — murmurou contra os lábios dele —, mas isso também traz dor. Como é possível?

— *Amore mio*, muitas vezes, para chegarmos na recompensa temos que percorrer caminhos árduos e difíceis. Com o amor não é diferente. Alcançá-lo pode ser, em alguns momentos, doloroso e desafiador. Então precisamos ter coragem.

Pedindo permissão com o olhar, ele deixou o desejo por ela pressionar a entrada do corpo curvilíneo e convidativo.

— Me ame — ela concordou, com os olhos dentro dos dele.

Ele a penetrou devagar, os músculos poderosos dos braços retesando enquanto o ventre contraía de prazer.

Ela arqueou as costas e uma onda de prazer varreu seu corpo. Precisando sentir mais dele, Angelina agarrou as nádegas firmes de Vincenzo, exigindo que ele fosse ainda mais fundo.

— *Tu vuoi tutto di me, vero?* Você quer tudo de mim? — ele indagou, com a voz muito rouca, preenchendo-a até o limite.

Ela gemeu, concordando.

— *Sono tutto suo. Tutto.* Cada batida do meu coração existe para amar você, Angelina. — E a beijou apaixonadamente.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Fiore

— Eu tenho uma surpresa para você — Angelina afirmou, andando até Vincenzo com as mãos atrás das costas.

Dentes muito brancos contrastavam com a pele bronzeada, destacando os olhos azuis.

— O que é?

— Sente-se! — Ela apontou para a mesa colocada em um dos cantos da estufa.

Ele lhe lançou um olhar desconfiado.

— Achei que viríamos aqui pegar temperos para o molho.

— Há outra coisa antes... Ande, sente-se.

Enquanto ele caminhava até a mesa, Angelina olhou ao redor.

Fazia um mês que se encontravam todos os dias, desde a última viagem de Pedro, e aquela estufa de vidro, coberta por vasos e abrigando uma horta que ela mesma montara, aquela estufa no meio da mata densa que se estendia em boa parte do terreno da fazenda, tornara-se o seu verdadeiro lar.

Angelina fitou Guine dormindo em cima do tapete gasto, enrolada como um novelo marrom junto às almofadas coloridas. No canto do tapete, duas mantas dobradas faziam aquele arranjos se parecerem com uma cama. Vincenzo e ela se amavam ali todas as noites e descansavam até as cotovias, que não existiam no Brasil, começarem a cantar. Ela se lembrou de momentos em que o sangue corra mais rápido em suas veias e ele a colocara de bruços, com almofadas na barriga, e a amara naquela posição.

Para sua surpresa, apesar de naquela posição estar completamente dominada por ele, não se sentiu subjugada. Vincenzo era um amante dedicado e apaixonado, sempre se mostrava mais interessado em lhe dar

prazer do que alcançar o seu próprio.

Suspirou, recordando das duas vezes em que atingira o clímax na noite anterior. Uma mais forte e maravilhosa que a outra. Suspirou novamente ao entender que dia a dia eles criavam uma cumplicidade além das palavras. Suas almas se conheciam além de seus corpos.

— Se você continuar olhando para o tapete dessa maneira — a voz dele chamou sua atenção —, eu vou até aí e minha surpresa e o molho ficarão para amanhã.

— *Non*. — Ela achou graça e voltou a se aproximar dele. — Aqui está! — Estendeu o papel que escondia nas costas, ansiosa.

Era uma bobagem, uma lembrança tola, apenas um pequeno gesto para agradecer-lhe tudo o que Vincenzo fizera por ela.

Ele pegou o papel entre os dedos com o cenho franzido. Conforme tomava percepção do significado, seus olhos se arregalavam, surpresos.

— Isso é...

— Apenas uma brincadeira.

As pupilas dele se deslocavam rápidas sobre a folha.

— Por isso tantas perguntas sobre como eu imagino que meu restaurante será um dia?

— *Sì, ignore* — respondeu ela, com uma seriedade caricata.

— É o melhor presente que já recebi na vida — Vincenzo confessou, a voz tomada de emoção.

— Você está exagerando.

Colocando o papel ao lado das frutas e dos queijos que eles sempre deixavam sobre a mesa na estufa, ele se levantou, enlaçando-a pela cintura.

— É o gesto mais bonito que alguém já fez por mim. Você colocou meu sonho no papel.

Emocionada, ela segurou com carinho o rosto dele entre as mãos.

— Obrigada por mandar a carta para a minha família... *Grazie mille* por enviar alguns textos meus para o seu amigo no jornal de São Paulo.

— Mas as respostas ainda nem chegaram...

— Eu não estou te agradecendo pelas respostas, e sim pelo seu amor. Por encher minha vida de alegria e esperança.

Vincenzo mirou o cardápio outra vez.

— Até mesmo um nome você criou.

— É claro que é somente uma sugestão.

— Não poderia ser mais perfeito — confirmou, voltando a beijá-la.

Em cima da mesa, uma folha de papel rabiscada esboçava, com esmerado capricho, o cardápio original e completo de um restaurante que, se um dia existisse, seria para Angelina o melhor de toda a região: *Famiglia Martinelli*.

Embaixo dos nomes dos pratos, descritos com detalhes, uma frase simples se exibia, cheia de significado: *Acredite nos seus sonhos. Eu acredito em você.*

Com amor,

Angelina



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Cristofano

— O que a senhora e dona Francisca conversaram tanto hoje pela manhã? — Isabel perguntou enquanto faziam o passeio habitual pelos cafezais.

— Nada de mais. Falamos sobre melhorias nas colônias e sobre a última viagem dela para São Paulo — mentiu.

Angelina ainda não queria que Isabel soubesse o assunto daquela conversa. Uma conversa que certamente mudaria o rumo de sua vida.

Estava tão feliz que mal conseguia se conter.

Não via a hora de contar tudo para Vincenzo naquela noite.

— Ah, sei — a governanta murmurou, com ar incrédulo. — Nas duas vezes que entrei na sala de música, as senhoras pareciam cochichar e estavam tão concentradas que julguei se tratar de um assunto bastante sério.

E Isabel tinha razão: era o assunto mais importante de todos. Isso porque uma semana antes Angelina contara para Francisca que havia se apaixonado e que nunca estivera tão feliz na vida. Tinha pedido, implorado por ajuda para conseguir deixar o barão, para escapar daquela vida.

Dona Francisca a abraçara sem julgá-la, nem mesmo com os olhos, e beijara sua testa, dizendo em seguida:

— Vou fazer por você o que eu gostaria que alguém tivesse feito pela minha irmã. Você merece uma chance de ser feliz, Angelina.

— Obrigada... Muito obrigada — agradeceu sinceramente.

— Agora que você me disse qual ocasião acredita ser melhor para saírem da fazenda, deixe-me pensar com calma em como posso te ajudar. Assim que tiver um plano, venho lhe contar.

A amiga demorara uma semana para voltar à fazenda. Angelina estava a ponto de enlouquecer, acreditando que dona Francisca talvez tivesse pensado

melhor e desistido de ajudá-los a escapar.

Então, naquela mesma manhã, Francisca a visitara, contando tudo o que pensara. Na opinião de Angelina, era o plano perfeito. Nunca tivera tanta certeza de que eles realmente conseguiriam se livrar do barão, de que seria possível recomeçar em outro lugar, distantes de tudo, em outro país, assim como sugerira na conversa a dona Francisca Monteiro.

Angelina retornou a atenção para a trilha entre os cafezais e, em seguida, para Isabel, que ainda a encarava com o cenho franzido, cheia de desconfiança. Não queria envolver uma terceira pessoa em seu plano. A própria Francisca tinha aconselhado: quanto menos gente souber, mais chance as coisas têm de dar certo.

Detestava omitir as coisas daquela senhora, que era como uma mãe, mas se convenceu de que a governanta não saber de nada, por ora, era útil até mesmo para a proteção de Isabel.

No momento certo contaria tudo.

— Francisca me contou algumas coisas sobre o seu passado — justificou-se, voltando a apressar os passos antes de prosseguir. — Talvez tenha sido nesse momento que a senhora entrou na sala de música.

— Sim, talvez — respondeu Isabel, sucinta, e continuou caminhando.

Angelina a seguiu e as duas dividiram mais um momento de silêncio. A jovem estava tão perdida em seus pensamentos, na conversa que teria com Vincenzo naquela noite e nos sonhos com o futuro, que demorou para ouvir o barulho do café sendo mexido no terreno de secagem.

— Boa tarde, *signores* — Isabel cumprimentou os colonos.

Angelina olhou para a frente, reparando na silhueta de três homens quase despidos pelo excesso de calor, e já ia desviar o olhar quando percebeu um movimento à direita.

Vincenzo.

Seu pulso acelerado denunciava a presença dele antes mesmo de a visão comprová-la.

Deus amado!

Dio!

Ele segurava uma enxada entre os dedos e estava inteiro coberto de suor e gotas de luz do sol. Os vales, as linhas e as curvas de músculos definidos e acesos pelo calor.

Os lábios meio cheios se curvaram em um sorriso discreto.

Sem pensar, Angelina o retribuiu.

— Vamos, minha senhora — a voz de Isabel a fez piscar lentamente —, vai chover. Além disso, esses homens não deveriam trabalhar expostos dessa maneira.

— Está muito calor — ela se justificou por eles, erguendo um pouco as saias e ensaiando um passo, mas se deteve antes e, sem conseguir evitar, encarou o amante novamente.

— Senhor Martinelli, o senhor trabalhou na casa-grande recentemente, não trabalhou?

— *Sì, signora.*

Devia estar mesmo louca de paixão. Somente isso justificaria o que estava prestes a fazer.

— Estou precisando de ajuda para mover alguns móveis e encontrar peças que talvez o senhor tenha visto enquanto estava por lá.

— Eu posso pedir a ajuda de Afonso, senhora — Isabel se adiantou, apreensiva.

Ela a ignorou.

— Será que o senhor poderia nos acompanhar até a casa-grande e eu lhe mostro de que preciso?

Vincenzo se virou, pegando a camisa de algodão do chão, e respondeu depois de passá-la pela cabeça:

— Será um prazer, minha senhora.

— Obrigada! — Estava completamente louca.

— Enzo! — Vincenzo chamou um dos homens que trabalhavam no local. — Se o senhor Afonso perguntar por mim, diga que fui atender a um pedido da senhora Guimarães e que volto assim que possível.

— *Va bene!* — retrucou o homem, voltando a se concentrar na enxada.

Ele a seguiu em silêncio até o interior da casa, alguns passos atrás dela e da senhora Isabel. Angelina usava um vestido de seda azul com os punhos e a gola cobertos por uma fina renda na cor bege, milimetricamente fechado por uma enorme fileira de botões nas costas. Ele queria abrir um por um com os dedos e com a boca. Especialmente com a boca. Despi-la lentamente, primeiro o vestido, então as ligas, as meias íntimas e finas e, por último, o calção. Ela ficaria somente com espartilho e com certeza ele a beijaria incessantemente, devagar, sem pressa, a tarde inteira e também rápido, com urgência, até ela implorar para que não parasse nunca mais.

Expirou, insatisfeito com o próprio desejo frustrado. Só poderia tocá-la à

noite, na estufa, como se só pudesse matar sua sede protegido do sol, feito uma criatura noturna. Como um vampiro.

Que loucura!

Ele realmente passou a esperar pela noite como se os raios da lua fossem as veias de seu corpo, como se os sons da noite bombeassem seu sangue, devolvendo-lhe a vida.

Um pouco atordoado com o que sentia, nem se deu conta de que haviam acabado de entrar na sala de música. Assistiu a Angelina se virar para a governanta, dizendo sem hesitar:

— Senhora Isabel, por favor, vá resolver aquele assunto que a senhora Eugênia apresentou hoje pela manhã.

— Mas... mas, senhora... — A governanta olhou de um para outro.

— Não me questione. É uma ordem, senhora Isabel.

A governanta cruzou os braços atrás das costas, com ar indignado, e fuzilou o rapaz com o olhar como se ele fosse um criminoso, um louco e um monstro. Virou-se em seguida e saiu.

O coração de Vincenzo acelerou.

Angelina encostou a porta. Assim que o estalar da chave girando na fechadura se fez audível, ele estava em cima dela, ela estava em cima dele. Os dois se beijaram com um desejo insano. Como se não se vissem havia anos.

Como se precisassem disso para continuar respirando.

Ele precisava.

— Estamos loucos — Vincenzo declarou, com a respiração instável.

Os lábios cheios desenharam um sorriso beijado, iluminando o rosto perfeito.

— Eu precisava te contar.

Ele a beijou novamente.

— Eu preciso de você.

— Me escute — ela pediu com as mãos espalmadas em seu peito, impondo distância.

— *Non*. — Ele a beijou com ainda mais vontade.

— Vincenzo — ela o chamou com a voz fraca.

— Fale, *amore mio* — ele disse, passeando os lábios no maxilar e na curva do pescoço delicado.

— A senhora Francisca vai mesmo nos ajudar, e ela... — Mordiscou de leve a lateral tensionada do pescoço. — Ela teve uma ideia brilhante para

colocarmos nosso plano em prática.

Ele se afastou somente o suficiente para olhá-la com ar surpreso.

— É sério?

— Sim... é sério. Vamos conversar melhor hoje à noite, na estufa.

Vincenzo enlaçou-a pela cintura, tomando seus lábios. Subiu as mãos até a base da nuca e abriu três botões das costas do vestido.

— Como eu queria fazer isso.

— Vince, pare! — ela o chamou, mais enfática. — Leve seu irmão com você. Ele precisa ouvir o que vamos falar... Ele sabe de nós, não sabe?

Ele realmente não queria mais perder nenhum segundo sem...

— Sì... Ele sabe tudo e, sì, eu o levo hoje à noite — confirmou, erguendo-a do chão pelas nádegas, as saias de seda se embolando até os quadris.

— Nós não podemos.

Ele a sentou em uma das poltronas e ajoelhou entre suas pernas, separando-as.

— Deixe-me fazer isso, *per favore*.

— Você está louco! — ela acusou, em um muxoxo, jogando a cabeça para trás conforme os dedos longos soltaram as ligas e desfizeram os laços que prendiam sua calçola.

— Absolutamente, completamente louco — dizendo isso, ele baixou a cabeça entre as coxas macias e a beijou lentamente, sugou e, usando a língua, acabou com qualquer resistência. Então os dedos se juntaram à língua e a fizeram enlouquecer.

— Não pare! — Ela afundou as mãos na massa de cabelo preto, segurando-o.

Ele aumentou a velocidade com que a provocava, até Angelina conter um gemido longo de prazer. Até ela lhe dar mais uma vez o seu êxtase, as estrelas, o céu e o paraíso.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Annucaro

— A senhora perdeu de vez o juízo? — Isabel ralhou assim que ela entrou no quarto.

Angelina, ainda entorpecida pelo encontro amoroso inesperado, não respondeu nada.

— E se alguém os visse? Tem ideia do que aconteceria?

Ela se sentou no banco da penteadeira, levando os dedos aos lábios.

— Ninguém viu nada.

A governanta se aproximou, colocando a mão sobre seu ombro.

— A senhora tem que parar com isso, minha menina.

Angelina suspirou, encarando Isabel através do espelho com ar pensativo, antes de responder:

— Prometo não o ver mais aqui dentro.

Os dedos longos fizeram uma pressão maior sobre seu ombro.

— Deve parar de vê-lo definitivamente.

Angelina mirou Isabel pelo reflexo do espelho com mais atenção, querendo encontrar uma expressão zombeteira ou acolhedora, mas o que encontrou fez seu coração acelerar. A governanta a encarava com a boca presa em uma linha e os olhos transbordando desprezo... Preocupação? Não soube dizer.

— Eu não posso — arriscou, com a voz firme. — Estou apaixonada por ele.

— Paixão? — Isabel deu uma risada fria. — Uma paixão proibida e que pode acabar em tragédia.

— *Non* — Angelina se defendeu, levantando-se de uma vez. — Nós nos amamos.

Isabel apertou a base do nariz, parecendo nervosa.

— Senhora Angelina, eu a tenho como uma filha. Não posso admitir que coloque a sua vida, a sua segurança, em risco.

Isabel estava preocupada, era apenas isso. A jovem aproximou-se dela e segurou suas mãos com carinho:

— Eu tomarei mais cuidado, não me colocarei mais em risco, mas, por favor, preciso do seu apoio.

Isabel, com ar pensativo, beijou a testa dela.

— Isso vai ter mesmo que acabar um dia, então melhor que acabe de uma vez... Quanto mais tempo passar, mais difícil será.

Angelina voltou a se afastar antes de dizer:

— Nós vamos ficar juntos. Nós vamos fugir.

Isabel arregalou os olhos até as sobrancelhas escuras desenharem vincos na testa.

— Deus Santo! Eu devia saber que isso iria acontecer... Devia tê-la proibido de ver esse rapaz no começo.

— Proibido?

A governanta sacudiu as mãos no ar, nervosa.

— O que a senhora acha que acontecerá se vocês tentarem fugir e o senhor Pedro os pegar?

Angelina olhou para baixo.

— Ele nos matará.

— Isso é pouco.

Ela queria contar que tinha o plano perfeito, que Pedro não os alcançaria nunca, que eles seriam ajudados por uma mulher poderosa e influente. Mas, diante da resistência da governanta e tendo em vista o pedido de Francisca, confirmou que seria melhor se calar.

Um silêncio tenso se estendeu entre as duas.

— A senhora já pensou que pode estar grávida? — Isabel perguntou.

— Já, já pensei nisso.

A governanta começou a limpar as escovas e os pentes da penteadeira com movimentos tensos.

— Se isso acontecer, não se preocupe, eu cuidarei de tudo... Mas a senhora precisará deitar-se com seu marido assim que ele voltar para casa, daqui a uma semana.

Nunca mais me deitarei com ele.

— Eu continuarei vendo Vincenzo durante essa última semana e prometo que não vou mais me expor. Tomarei cuidado.

— Prometa também que tirará da cabeça essa ideia louca de fuga.

Como uma criança, em uma tentativa tola de tirar o peso da mentira, Angelina cruzou os dedos atrás das costas ao dizer:

— Prometo... Por ora.

— Muito bem — Isabel se aproximou dela, arrumando uma mecha do cabelo grisalho atrás da orelha. — Eu vou ver o que dona Eugênia quer comigo, afinal.

Sorriu com toda a naturalidade que conseguiu. Odiava mentir para as pessoas que amava, e amava Isabel. Sentou-se na cama, inquieta, sem entender muito bem aquela oposição da amiga à ideia da fuga.

Ela sempre cuidou de mim e se preocupa com meu bem-estar. Isabel só quer o melhor para mim, tratou de se convencer.

Mais tranquila, desceu atrás de Guine para o banho semanal da cachorra.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Franco

— Vocês devem pedir demissão assim que o barão voltar para a fazenda. — Angelina se recostou em uma das almofadas, analisando a expressão de Vincenzo e Matteo. Os três conversavam na estufa fazia algum tempo.

— Pedir demissão? — Matteo olhou para o irmão, surpreso.

Angelina removeu da bolsa um saquinho de veludo preto.

— Dona Francisca chamou minha atenção hoje pela manhã. Se nós três sairmos da fazenda na mesma noite, além de ser mais difícil conseguirmos escapar sem sermos notados, o barão não demorará a juntar os fatos. Quando ele entender que eu sumi com um dos colonos, tenho certeza de que não nos deixará em paz até nos encontrar.

Matteo franziu o cenho.

— E por que ele não irá procurá-la se acreditar que fugiu sozinha?

— Ele ainda irá me procurar com toda a certeza, mas estará atrás de uma mulher sozinha. Provavelmente, com o tempo, deve ir até a Itália e nós...

— Fugiremos para a Argentina — completou Vincenzo, colocando a mão sobre a dela.

— A única coisa que vocês precisam saber é que, no momento em que se demitirem, nunca mais poderão colocar os pés nesta ou em qualquer outra propriedade do barão. Ele considera o pedido de demissão quase uma traição. Vocês vão ser malvistas e malfalados por ele. Para sempre.

— Isso não será problema, porque eu não quero nunca mais ter que colocar os pés em qualquer centímetro de terra que pertença a ele, a não ser na noite em que eu vier buscar você para fugirmos.

— Eu não sei... — Matteo esfregou a testa, preocupado. — Ganhar um inimigo tão poderoso como o barão me parece uma péssima ideia.

— E por isso nós vamos embora e nunca mais voltaremos para esta maldita fazenda — retrucou Vincenzo.

Querendo dar uma boa notícia, Angelina colocou o saquinho na mão de Matteo:

— Em compensação, dona Francisca está sendo um verdadeiro anjo em nossas vidas... Olhe, Matteo.

O jovem abriu o saquinho, analisando seu conteúdo, e arregalou os olhos, surpreso.

— São joias de verdade?

— Ela nos deu de presente. Disse que era para recomeçarmos longe daqui.

Vincenzo pegou o saquinho da mão de Matteo. Ao ver os colares de pérola, pulseiras de ouro e brincos de enormes brilhantes, balançou a cabeça, incrédulo.

— Assim que ganhar dinheiro, eu juro que pagarei a ela por essas joias.

— Eu disse o mesmo — Angelina respondeu, observando as peças. — Francisca se mostrou ofendida e afirmou que era o nosso presente de casamento.

— Vocês vão se casar? — Matteo perguntou, confuso. — Mas ela não é... Isso não seria bigami...

— Não fale isso, Matteo! — Vincenzo retrucou, carrancudo. — Angelina será minha esposa.

Matteo abriu as duas mãos no ar com expressão entre confusa e conformada.

— *Va bene*, quem sou eu para questionar. Vocês já têm tudo decidido e, além disso, finalmente seremos livres desta vida. Poderemos ir atrás do que viemos fazer aqui.

Angelina entrelaçou os dedos nos de Vincenzo.

— Vocês devem se alojar em São Paulo até o dia do baile de máscaras. Deixem a fazenda o mais rápido possível — disse, enfaticamente. — Talvez seja melhor comunicar o administrador sobre a demissão amanhã ou depois.

Os olhos de Vincenzo se abriram, enormes.

— *Dio mio*, Angelina. Então serão dois meses... Dois meses longe... *Non*, é muito tempo.

— São apenas dois meses — ela rebateu com suavidade. — Além do mais, quanto mais tempo passar da saída de vocês até a minha fuga, mais difícil será para alguém nos ligar.

— *Non!* — Vincenzo negou, com o cenho franzido.

— Ela tem razão, Vince — Matteo argumentou.

— *Non*, Angelina. Como eu... como poderei ficar dois meses longe, sem saber se você está bem? Não!

— Vincenzo, uma vez você me disse que o caminho para seguir o amor pode ser difícil e que é preciso ter coragem.

Matteo sufocou uma risada. Angelina o encarou, surpresa.

— Que lindo, Vince. Que mais você disse a ela?

Vincenzo lançou um olhar ameaçador para o irmão.

— Volte para a colônia... O assunto é sério. — E se virou para ela. — Nós não vamos nos separar por dois meses.

O irmão mais jovem espalmou as mãos no ar, em um gesto de inocência.

— O seu maior defeito, Vincenzo, é ser uma mula de tão teimoso. Cabeça-dura... Ah... E se quer saber mais um, Angelina, dificilmente ele perdoa alguém que erra ou admite que errou.

— Eu já tinha percebido isso — Angelina começou, e Vincenzo ergueu as sobrancelhas, inquisitivo. — Vocês devem, sim, sair da fazenda o mais rápido possível. Vince, é para sua, para nossa segurança.

Ele passou as mãos no cabelo, agitado. E andou de um lado a outro da estufa, seguido pelo olhar atento de Angelina e do irmão.

— *Va bene*, eu entendi! Não concordo, mas farei como você achar melhor.

— Obrigada — Angelina disse, voltando a segurar suas mãos. — Vamos repetir passo a passo o que conversamos.

Vincenzo bufou, vencido, antes de falar:

— Eu e Matteo pediremos demissão amanhã para o senhor Afonso. Provavelmente vamos embora da fazenda daqui a uma semana ou duas no máximo. Então, vamos para São Paulo, venderemos as joias e fugiremos para a Argentina.

— Ei — Angelina protestou. — Você não está esquecendo de nada?

— Ah, sim, levaremos a Guiné e...

Ela deu um soquinho no peito firme dele, que estremeceu em sonora gargalhada, abraçando-a em seguida.

— Você acabou de brigar com seu irmão exigindo seriedade — ralhcou.

— Pois é, ele é insuportável — confirmou Matteo, bem-humorado.

— Estou apenas tentando nos fazer sorrir. Esses dois meses longe serão os dias mais difíceis da minha vida. Eu não estava preparado para isso. — Mirou os próprios pés. — Temos somente mais alguns dias juntos.

— Eu sei — ela confirmou baixinho.

— Retomando — prosseguiu Vincenzo, com a voz fraca, apertando-a um pouco mais nos braços —, guardarei as joias e ficaremos eu, Matteo e Guine trabalhando por dois meses na casa de dona Francisca em São Paulo... Então mandarei fazer um traje social para a festa.

— Na noite do baile — Angelina tomou o lugar dele, continuando a repassar o plano em voz alta —, porque o destino está do nosso lado, o senhor Monteiro estará viajando... Você virá junto com dona Francisca e com uma jovem de confiança que trabalha na fazenda dela... Dona Francisca já terá confirmado as presenças no baile: a dela e a de um casal de amigos da Itália.

Vincenzo deu um beijo suave na sua testa.

— A jovem subirá até o seu quarto. Você vai alegar estar indisposta no meio da noite, então ela trocará de roupa com você e se vestirá com uma farda de cavaliário... Nós iremos embora juntos do baile, deixaremos dona Francisca na casa dela em São Paulo e seguiremos para o porto de Santos, onde Matteo e Guine já estarão nos aguardando com as passagens para a Argentina e...

— E viveremos felizes para sempre.

Ele a beijou de leve outra vez.

— Me lembre de fazer uma estátua para dona Francisca na frente do nosso restaurante em Buenos Aires.

— Sì, com certeza — concordou Angelina, abrindo os lábios para receber um beijo mais longo.

— Olá — Matteo chamou a atenção do casal —, ainda estou aqui.

— Vá para casa! — Vincenzo ordenou, beijando-a outra vez.

— Espere! — Angelina pediu, erguendo o rosto. — Obrigada, Matteo. Gostei de você desde a primeira vez que nos falamos. Sempre quis ter um irmão.

— Estou feliz em revê-la também, Angelina.

Ela sorriu, hesitante, para o jovem.

— Cuide dele para mim nesses meses.

Matteo ergueu as sobrancelhas de maneira sugestiva.

— Ouviu, Vince? Eu é que vou cuidar de você!

Vincenzo fez uma expressão compassiva.

— Está certo. Eu vou fingir que sim para você ficar feliz.

Matteo se virou para Angelina.

— Também estou feliz por ter você na *nostra famiglia*.

— Matteo — Vincenzo o chamou, antes que deixasse a estufa.

— Sim?

— Não podemos falar nada sobre isso na casa da colônia. Temos que tomar todo o cuidado. E também depois que chegarmos em São Paulo com as joias... Não podemos esquecer que já fomos roubados lá, no dia em que chegamos da Itália.

Angelina olhou para os dois, incrédula, lembrando-se do dia em que chegara no Brasil e do roubo que presenciara.

— Vocês não vão acreditar — comprovou surpresa —, mas acho que vi vocês no porto, e só agora me dei conta. Será? — terminou entre confusa e surpresa.

Os lábios de Matteo se curvaram um pouco para cima.

— É claro que deve ter visto. Nós viemos no mesmo navio.

A boca de Angelina parou entreaberta.

— Você não contou para ela, Vince?

Vincenzo se levantou, parando entre ela e o irmão.

— Eu a vi na varanda do navio *una notte*.

O coração de Angelina disparou, parecendo ocupar o dobro do espaço dentro peito.

— *Verità?*

Matteo cutucou uma pedra solta na terra com a ponta do pé antes de prosseguir, descontraído:

— Verdade. E ele sonhou com você durante todos os dias da viagem.

— Cale a boca, Matteo! — Vincenzo ralhou, emoldurando o rosto dela entre as mãos, como se pudesse isolar os dois das brincadeiras do irmão antes de continuar. — Sonhei com você durante todos os dias da viagem.

— Eu que o diga — Matteo murmurou, com escárnio, sendo fuzilado pelos olhos do irmão mais velho.

Mas Angelina não via ou ouvia mais nada, porque em algum canto do coração ela também acreditava já o conhecer de antes.

— Sempre foi você — ela disse baixinho.

Ele beijou sua testa, seus olhos, seu queixo.

— Eu quero te dar uma coisa. Acho que você vai gostar. Também quero que nossa última noite aqui seja especial.

— Também quero — ela murmurou, sentindo os lábios mornos e sedosos acariciarem sua face.

— *Buona notte*, então. Eu vou antes que seja obrigado a assistir a algo

mais — Matteo anunciou, saindo da estufa em seguida.

Mas não houve resposta. Angelina e Vincenzo estavam muito ocupados um com o outro para perceber qualquer outra coisa que não fosse a ligação que se criava toda vez que se tocavam.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Olliari

Poucos dias depois...

Angelina entrou na estufa com os olhos cobertos pelas mãos de Vincenzo.

Ele respirava depressa, com o peito colado às costas dele.

— Como eu e Matteo vamos embora amanhã, trabalhei menos hoje. Passei parte da manhã e a tarde inteira preparando a estufa para esta noite. Espero que goste — disse em seu ouvido, liberando seus olhos em seguida.

Ela piscou lentamente, percebendo a arrumação que ele tinha feito. Além das quatro lamparinas que sempre iluminavam o lugar, tinha espalhado mais de uma dezena de velas entre... Deus, uns vinte arranjos de flores.

— Que lindo! — exclamou, emocionada. — Como você conseguiu?

— Passei o dia colhendo flores junto ao rio aqui pela mata. Precisei me livrar de dois insetos bastante indóceis para fazer isso, mas depois de umas... três horas, deu para montar esses arranjos.

Ela se virou, jogando os braços sobre os ombros dele.

— *Io ti amo.*

— *È la nostra ultima notte qui.*

Ela colocou os dedos em cima dos lábios dele.

— Nossa última noite aqui, e teremos a vida inteira pela frente, depois.

— *Due mesi* vão parecer uma eternidade.

— Vamos fazer esta noite durar *una eternità*.

Ele envolveu a cintura fina, aproximando-a.

— Vou amar você a noite inteira. Cada pedaço do seu corpo, Angelina.

Ela soltou o ar em uma rajada pela boca. Vincenzo capturou seu lábio inferior entre os dentes e o sugou devagar. Angelina sentiu as pernas amolecerem.

— Mas antes — continuou ele — quero te dar umas coisas.

Ela o encarou, surpresa.

— Venha, sente-se aqui! — Ele apontou para as almofadas em cima do tapete.

Angelina se sentou, observando, curiosa, ele agarrar uma caixa e se juntar a ela em seguida.

— É para você.

Vincenzo assistiu, com o coração martelando o peito, a ela abrir a caixa. Os olhos azuis ficaram ainda mais brilhantes e claros enquanto os dedos da jovem passeavam sobre a peça de tecido.

— É o meu... Meu Deus, é o meu lenço... O lenço que minha nonna bordou... *Ma como è mai?* Como é possível?

— Na noite em que eu te vi pela primeira vez, lá no navio, você o perdeu. Com algum custo eu consegui recuperá-lo. Tinha esperança de devolvê-lo em seguida, mas você sumiu. Procurei-a naquela varanda durante todos os dias da viagem.

Ela o abraçou com força, o corpo tremendo pela emoção.

— Ele é muito especial para mim. Ela me deu quando fiz quinze anos. — Fungou. — *Grazie mille*. Obrigada, *amore mio*.

— Ele se tornou muito especial *per me* também. — Afastou-se um pouco, fitando-a com intensidade. — Eu o guardava como uma prova de que você realmente existia. Então... — Tirou de dentro da caixa um saquinho de couro e continuou: — Então, um tempo depois de começar a trabalhar aqui, eu a vi caminhando entre os cafezais, e... *Dio mio*, Angelina, por mais que parecesse errado, eu nunca tirei você da cabeça, nem do *cuore*.

— Eu te amo — ela sussurrou, recebendo um beijo breve.

Vincenzo pegou o saquinho de veludo e o abriu, deixando cair uma aliança na palma da mão.

— Foi da minha nonna. Ela me deu para que eu a entregasse à mulher a quem amasse. *Mia moglie*.

Ele segurou, com os dedos um pouco trêmulos, a mão direita dela.

— Eu te amo, Angelina. Sei que nos encontramos de um jeito que parece errado, também sei que o que escolhemos fazer pode ser considerado um pecado diante dos olhos de algumas pessoas, mas eu sempre soube que esta aliança seria sua, desde o dia em que te vi pela primeira vez. — Deslizou a aliança pelo dedo até a base da mão delicada. — Que ela te proteja e te

guarde nesses dias em que ficaremos longe e que te lembre que o meu amor por você é maior do que tudo.

Angelina deu um suspiro trêmulo.

— Eu queria ter uma aliança para te dar também.

Ele a beijou lentamente, sem pressa, nos lábios, pescoço, colo e rosto. Sentiu-a contrair e se desmanchar embaixo dele.

Com dedos ágeis, Vincenzo desenrolou as meias dela devagar até descobrir toda a pele macia das pernas. Prosseguiu adorando-a, pelos pés, panturrilhas e coxas, até alcançar a região sensível da virilha.

Angelina começou a exigir mais com movimentos atropelados dos quadris e a puxá-lo para que ele a tocasse mais intimamente.

— Vince, por favor — pediu, com a voz fraca.

Ele se ergueu, tirando o colete, a camisa e calça, e parou de joelhos, olhando para ela, hipnotizado. Ela estava nua, delineada pela luz dourada do fogo, entre o aroma das flores. Era uma pintura, uma deusa. Vincenzo sentiu vontade de chorar. Um misto de dor, amor e prazer.

— *Dio*, Angelina, eu te amo tanto.

Inclinando-se sobre ela, beijou-a com uma paixão calma, completa, transcendente e, ao mesmo tempo, profunda, misturada, forte e abrasiva. Uma onda quente retesou seu ventre e os músculos tremeram por antecipação.

— Vincenzo — ela soprou de olhos fechados —, me ame.

— *Sì*, sempre. — Ele a beijou outra vez, preenchendo-a devagar, ouvindo-a gemer seu nome. Nenhum som do paraíso era mais perfeito do que aquele.

Continuou a penetrá-la lentamente. Cada centímetro avançado era um pedaço de seu corpo que se misturava ao dela.

— Eu vou te amar devagar — disse, bêbado com o prazer delicioso que corria as suas veias. — Quero estar dentro de você a noite inteira, de todas as maneiras que você permitir e se entregar.

A resposta dela foi um beijo sem espera e apaixonado.

Eles se pertenceram a noite inteira. Vincenzo aconchegou-a um pouco mais entre os braços. Acabara de acordar e Angelina ainda dormia, a cabeça descansando em seu peito. Estava consciente de tudo ao redor, o aroma das velas queimando até o final, das flores, da mata, o perfume dela, de avelã com um toque de limão, junto ao aroma de pele e do prazer que haviam dividido. Sentia o tapete fofo sob as costas e a respiração quente e ritmada de Angelina tocando os pelos esparsos em volta de seu mamilo. O teto de vidro

revelava a cortina do céu noturno sendo tingida de lilás. Uma nova manhã se aproximava e, com ela, a hora de se separarem.

Não era por muito tempo, apenas dois meses de distância para nunca mais terem que ficar longe. Dois meses sem notícias, dois meses sem sorrisos ou noites na estufa. Apenas dois meses para ganharem a vida juntos.

Um recomeço.

Em outro lugar.

Os lábios dela tocaram a curva de seu pescoço. Ela estava acordada.

— Não vamos fazer disso uma despedida.

Ela era surpreendente. Angelina escondia uma vitalidade de espírito que poucas pessoas que ele conhecera eram capazes de demonstrar. A coragem dela era exibida na capacidade de buscar a felicidade na beleza no mundo. Mesmo tendo sido oprimida durante um ano, vivendo praticamente presa naquela propriedade, ela não desistira de ver o lado bom das coisas. Não desistira da vida. Era a mulher mais forte e resiliente que Vincenzo conhecera, e usava essa coragem sem armas, sem gritos, sem violência. Angelina vivia sua força através do amor pela vida.

— *Non*, não vamos — ele respondeu, após ajeitar a manta sobre eles.

Ela se sentou, olhando para os lados.

— Ali está. — Esticou o braço, pegando uma bolsa de couro.

— Vamos fazer desta noite uma promessa — prosseguiu, abrindo a aba e retirando um par de máscaras do interior.

Vincenzo percebeu se tratar das máscaras que usariam na noite da festa.

— Essas são as famosas máscaras?

— *Sì*.

Ele pegou a peça que ela lhe estendia. Era azul-escura, a borda debruada com um bordado largo.

— Romeu Montecchio — leu no interior da máscara.

— E a minha... — Ela lhe mostrou o par em dourado. — Julieta Capuleto.

Terminou vestindo-a sobre o rosto, arrumando os cachos dourados que caíam e cobriam os seios nus.

Angelina era uma miragem. Ele poderia passar a vida a admirando e nunca se cansaria.

— É uma visão. Tão bela... — Beijou-a nos lábios. — *Così bella* — repetiu.

Ela removeu a máscara, deslizando os dedos no bordado lateral.

— Prometa para mim que tudo vai dar certo.

Ele a beijou novamente, puxando-a para cima dele antes de dizer:

— Prometo.

— Prometa *per me* que, se algo sair diferente do que imaginamos, você não se arriscará, fará de tudo para ser feliz, porque eu... Se tudo der errado, terá valido a pena. Amar você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida — ela pediu baixinho.

— *Non parlare così*. Não fale assim, meu amor. Tudo vai dar certo.

— Eu também acredito nisso, mas...

— *Shhh...* eu te amo — ele a tranquilizou, beijando-a com ternura.

Do lado de fora, os sons e as cores do céu e da mata mudavam, dando lugar à manhã. Eles compartilharam um momento quietos antes de ela perguntar:

— Sabe o que eu penso às vezes?

— O quê, *amore mio*?

— Que, se eu pudesse reescrever a nossa história, ela seria muito diferente.

Ele a beijou na testa algumas vezes mais, em silêncio. Também pensava nisso.

— E como seria a história dos seus sonhos?

— Eu me chamaria Julieta — ela afirmou, circundando o peito plano dele com a ponta dos dedos.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— É mesmo? Então eu seria o seu Romeu?

— Com certeza — ela respondeu, exagerando na seriedade da voz.

— Mas aquela história é muito trágica, *amore mio* — ele afirmou, enrouquecido de desejo, porque Angelina continuava a acariciá-lo, porque ele sempre reagia assim a ela. — E eu gosto dos nossos nomes.

— Só que, para vivermos outras vidas, teríamos de ter nomes diferentes.

Ele respirou lentamente.

— Você está certa.

— Porém, seríamos as mesmas pessoas, assim como a frase do romance, lembra? “A rosa continuaria tendo o mesmo perfume se não se chamasse rosa.”

— Ainda assim, o final desse romance é triste demais.

— Mas não o meu final. — Ela plantou um beijo em seu coração antes de contar, com os olhos brilhando. — O nosso final seria completamente diferente. Seria algo mais parecido com os sonhos de Julieta.

Ele não pôde deixar de sorrir. Como amava ouvi-la criar histórias de forma

tão apaixonada e espontânea. Como amava tudo e cada detalhe nela.

— E como seriam os sonhos de Julieta?

— Os nossos sobrenomes não seriam Montecchio e Capuleto...

— Ah, não?

— Não. Essa é a nossa história... Final feliz, lembra?

Ele riu baixinho.

— Sim, claro que eu lembro. Na verdade, faço questão disso... E me conte, minha Julieta: como seriam os nossos sobrenomes?

— Valentini, em homenagem a San Valentino, a cidade onde minha mamma nasceu.

Ele a envolveu com mais firmeza.

— Perfeito.

— Então feche os olhos. Deixe-me contar a nossa história.

Ele obedeceu e sentiu o pulso acelerando, como se as palavras que Angelina fosse dizer tivessem o poder de mudar a vida deles.

— Era uma vez — ela começou suavemente — em um reino muito distante, um jovem dono de um belo restaurante e uma jovem escritora. Eles se conheceram em uma longa viagem num navio que cruzou os sete mares e...

Naquele início de manhã, Romeu e Julieta, ou Vincenzo e Angelina, se amaram com as palavras que deram vida a seu merecido final feliz e saíram da estufa com os corações cheios de amor e esperança. Saíram sem dizer “adeus”, prometendo que se amariam mais a cada dia e a cada hora que passassem longe e à espera um do outro.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Croci

Seu coração disparava e suas mãos ficavam um pouco trêmulas só de pensar que faltavam apenas dois dias.

Menos de quarenta e oito horas.

Faltavam apenas duas noites para o baile de máscaras.

Nunca um dia fora tão esperado.

Ela nunca estivera tão ansiosa. Quem comprovava isso era Isabel, Eugênia e Francisca. A amiga era a única que entendia o porquê de Angelina vir esquecendo as falas pela metade, derrubando e quebrando coisas com uma frequência peculiar e perdendo objetos de uso pessoal. Somente nos últimos dias, duas sombrinhas, três livros e um leque sumiram misteriosamente.

A verdade era que Angelina só tinha cabeça para uma coisa: contar quantos dias faltavam para o baile de máscaras. Conforme a data se aproximava, mais nervosa, eufórica e ansiosa Angelina ficava.

Quando era criança, costumava ficar ansiosa pelo Natal.

Mas nada se comparava à ansiedade que a envolvera durante os sessenta dias passados.

Lembrou-se de que a mãe colocava duas meias cheias de balas e doces presas no aparador da janela. Naquela época o dinheiro ainda não havia se tornado uma falta. Elas também ganhavam presentes.

Angelina fechou os olhos tentando se transportar para o momento em que recebeu sua primeira boneca, uma que pedira por dois anos para o Papai Noel. E ela chegou em uma caixa creme enfeitada com um laço de fita vermelha. Tentou recordar a cor do vestido e dos cachos do cabelo. Como amou aquela boneca de porcelana e pano e o sorriso da mãe ao ver sua própria alegria.

Tentou trazer a imagem daquele brinquedo e as sensações daquela época em que não havia preocupações, quando os maiores medos moravam dentro do armário.

Quando a saudade era o tempo de uma tarde de brincadeiras vencida na hora de voltar para o jantar.

Saudade!

Em breve, meu amor.

Fazia dois meses que seu período estava atrasado, e, apesar de ela não ter os ciclos regulares, Angelina reconhecia os famosos sinais. Ao menos se agarrava a eles com uma ânsia crescente: enjoo, seios doloridos, sono em excesso. Cada novo dia de atraso confirmado era um motivo de comemorada alegria e... aumentada expectativa.

Se ela estivesse grávida, tinha certeza de que Vincenzo era o pai.

Aquele bebê, o seu sonhado filho, era fruto de seu amor com Vincenzo.

Em breve eles seriam uma família. Muito em breve.

Passou a mão no ventre, suspirando outra vez.

O barulho das cortinas sendo abertas chamou sua atenção para o quarto.

— Bom dia, minha menina — Isabel disse com um sorriso enorme, ao vê-la já fora da cama.

— Bom dia, senhora Isabel — ela respondeu, passando a escova no cabelo.

— Suponho, pelo branco dos lençóis e da sua camisola, que ainda...

— Não, meu período ainda não veio.

A governanta abriu ainda mais o sorriso, comemorando.

— Nove semanas de atraso... É bom demais para ser verdade!

Passou a escova mais algumas vezes no cabelo antes de dizer:

— Pode não ser nada. Ano passado meu período atrasou seis semanas... e o médico falou que não era uma gravidez.

Isabel dobrou a colcha aos pés da cama.

— Sim, eu me lembro. Mas dessa vez seu corpo está mudado, seu rosto, seu sorriso... Oxalá, meu Deus, a senhora esteja grávida. — Jogou as mãos para cima, comemorando. — Tudo o que eu sempre quis minha Nossa Senhora atendeu. Uma criança nesta casa.

Angelina fechou os olhos e viu o rosto de Vincenzo.

— Pode ser... Não vou negar que me sinto mesmo diferente.

— Como a senhora me contou, o barão a procurou apenas uma vez, dias depois que voltou de viagem.

Ela concordou com a cabeça, sentindo um bolo se formar na garganta com

as lembranças daquela noite horrível, alguns dias depois de Pedro ter retornado da longa viagem que fizera. Naquele momento, seu período estava atrasado poucos dias.

Mirou a cama onde ela descansava quando Pedro entrara no quarto. Estranhamente, era uma noite cheia de estrelas no céu. O barão estava bêbado, como sempre estava quando a procurava. Mas, diferentemente das outras vezes, naquela noite Angelina tentou de tudo para fazê-lo desistir. Primeiro alegou estar passando muito mal, e, quando viu que não funcionaria, tentou distraí-lo com perguntas e assuntos que normalmente o aborreciam.

E isso só piorou a situação. O barão percebeu que ela tentava dissuadi-lo de levar o ato adiante e ficou cego, surdo e mudo.

Sem dar mais uma palavra, ele ergueu sua camisola, imobilizando-a com o corpo.

Sem ouvir o choro, os protestos e negativas da esposa, ele avançou.

Sem ver o quanto ela o desprezava e o quanto ela tentou lutar para tirá-lo de si, até mesmo batendo nele, Pedro terminou o que tinha ido fazer naquele quarto, recuperando a voz antes de sair do aposento:

— Eu odeio me deitar com você — grunhiu com a voz arrastada, embolada —, porque você é fria como um cadáver, dura como uma pedra e seca como um galho velho. Portanto, minha querida, não me dê mais desgosto do que o necessário. Quando eu vier procurá-la, apenas abra as pernas e fique quieta. Apesar de achar que seria preciso um milagre para torná-la fértil, eu ainda tenho esperança de ter um herdeiro.

Angelina se lavou durante horas no dia seguinte, sentindo-se mais suja do que jamais se sentira na vida, e chorou uma semana inteira, machucada, invadida. Quis machucar Pedro e o fez, centenas de vezes em sua mente. Encontrou conforto lembrando de como era bom estar nos braços de Vincenzo e buscou a cura para aquelas lembranças ruins na certeza de que em breve os dois estariam juntos pelo resto da vida.

— Vamos precisar alegar que o bebê nasceu um mês antes da data. — A voz de Isabel chamou sua atenção outra vez para o quarto. — Mas isso não será problema... Tenho certeza de que, quando o barão se inteirar, ele será o homem mais feliz que já se viu e nem se dará conta de que o bebê é maior do que o esperado. Quem sabe se torne uma pessoa melhor? Quem sabe a faça feliz, minha criança?

Angelina se levantou de uma vez, as bochechas vermelhas de raiva, voltando a se sentar em seguida.

Ela ainda não havia revelado nada sobre sua fuga para a governanta. Revoltada, querendo negar cada uma daquelas ideias e, com a certeza de que já passara da hora de a mulher saber de tudo, resolveu desabafar:

— O senhor Guimarães não vai saber de nada. Nunca.

Isabel suspirou, com um sorriso contido.

— Mas isso é impossível... Se o barão ainda não sabe, não demorará muito a descobrir, mesmo antes de sua barriga aparecer.

As mãos dela se molharam de suor sob o tampo de mármore da penteadeira.

— Como?

— Todos já falam que a senhora não tem suas regras há um tempo.

— Meu Deus!

— Oras, até parece que senhora chegou ontem aqui... As arrumadeiras falam com as lavadeiras, que contam para a cozinheira. E com certeza não acaba por aí. Talvez até mesmo na colônia já se comente algo.

O coração de Angelina disparou.

— Ele não pode saber... Não pode nem mesmo desconfiar.

Isabel se aproximou, segurando seus ombros com ar compassivo.

— Senhora Angelina, eu sei que esse filho não é dele... Tenho certeza porque, em cinco anos no casamento anterior do senhor Pedro, a sua finada esposa nunca engravidou. Sei disso também porque, das amantes que ele teve em todos esses anos aqui na fazenda, nenhuma delas nunca chegou a desconfiar que estava grávida. Então, eu acredito que o problema para conceber esteja com ele e não com a senhora.

Espantada, a jovem fitou a governanta.

— A senhora nunca me disse isso.

Isabel agarrou a escova e começou a penteá-la, como fazia todas as manhãs.

— Do que iria adiantar a senhora saber? O barão é orgulhoso, prepotente, vaidoso e horrível demais para admitir que o problema era com ele para si mesmo. Se a senhora lhe sugerisse que o problema era com ele, não gosto nem de pensar, o homem ficaria furioso... Então, fique tranquila: o senhor Pedro jamais desconfiará. Homem nenhum cogita que o problema pode estar com ele.

Angelina tapou a boca, indignada.

— Eu não estou preocupada se ele vai desconfiar disso ou não. Simplesmente ele não pode sequer cogitar que existe a remota possibilidade

de eu estar grávida, entendeu?

Isabel franziu o cenho.

— Mas... Mas por quê? Como?

— Porque ele nunca vai ver essa criança. Eu vou fugir, dona Isabel, com o homem que eu amo, com o pai do meu filho. Eu vou fugir para outro país, longe daqui, longe de todo este inferno.

Angelina sentiu os dedos ágeis da governanta trançando seu cabelo.

— É claro que a senhora nunca fará isso.

— Já está tudo combinado... Vincenzo virá me buscar na noite do baile de máscaras.

Isabel empalideceu, fitando-a com olhos enormes através do reflexo.

— Minha menina, preste atenção. Eu sei que a vida aqui tem sido difícil, mas se a senhora... Jesus! O barão jamais a deixará escapar. Ele revirá o mundo atrás de vocês, e só vai sossegar quando trazê-la de volta, e então... — a voz dela falhou — ele vai matar vocês dois.

Angelina engoliu em seco. Sabia que Isabel tentaria convencê-la a desistir da fuga. Conhecia o jeito superprotetor dela. Sabia que ela falaria coisas que a encheriam de medo e dúvidas. E se virou de frente para Isabel antes de falar:

— Eu não quero que a senhora se preocupe. Tudo vai dar certo. Nós temos a ajuda de uma pessoa rica e influente... Tudo vai dar certo, dona Isabel, e em poucos dias estaremos em outro país, usando novos nomes. Ele jamais nos encontrará, entendeu? O barão não estará procurando um casal. Ele não tem por que ligar minha fuga à partida de Vincenzo... Acredite em mim. — Ela segurou as mãos da governanta, tentando passar confiança. — O plano é perfeito.

Isabel se sentou na beirada da cama com a expressão abatida.

— Nessa fase frágil da gestação, a senhora não devia expor a criança, a uma viagem tão longa e desgastante... Pense no seu filho!

Angelina sentiu o estômago contrair de nervoso.

— E o que a senhora sugere que eu faça? Que eu deixe a barriga aparecer e o barão acreditar que terá um herdeiro e somente depois fuja? Aí sim ele nunca me deixará em paz. Aí sim ele irá atrás de mim até o inferno se for preciso. Se ele desconfiar de que esse filho não é dele, com toda a certeza do mundo acabará comigo.

— Não — Isabel murmurou. — Eu acho que a senhora deveria...

— Não me peça para desistir do amor da minha vida. Não me peça para

ficar aqui e fingir que esse filho é de Pedro. Não me peça, dona Isabel, para abrir mão da felicidade e para não lutar por ela. Não me peça mais por isso. Não me aconselhe dessa forma.

Isabel esfregou os olhos, parecendo cansada.

— Minha senhora se arriscará tanto. Eu temo pela senhora. Por vocês.

Angelina apertou as saias da camisola entre os dedos, de maneira tensa.

— Há um ano a senhora me convenceu a não me opor e desempenhar o papel que Pedro esperava que eu desempenhasse. Há todo esse tempo eu finjo me conformar com migalhas de liberdade e com uma felicidade de mentira.

— Tudo o que fiz foi pelo seu bem — ela retrucou, amuada.

— Não estou dizendo o contrário. Talvez na época essa tenha sido a melhor saída. Mas, depois que eu conheci a felicidade de ser verdadeiramente amada, eu jamais... jamais poderia me conformar com esta vida novamente e jamais seria capaz de viver sem ele, entende?

Ela concordou em silêncio.

— Não me proteja da minha felicidade.

Isabel deu um suspiro trêmulo.

— Isso quer dizer que não nos veremos mais... E que eu não vou ver o meu fi... O seu filho crescer.

Angelina se levantou, a saia da camisola farfalhando com o movimento, e se aproximou da governanta, abraçando-a com carinho.

— Deixe que eu me estabeleça no novo país e daremos um jeito de a senhora ir me encontrar. Eu nunca esquecerei tudo o que fez por mim.

Isabel se ergueu da cama, ajeitando o cabelo preso e o avental, antes de dizer, com a voz embargada:

— O que importa mesmo é a sua segurança e a do bebê. Rezarei todos os dias por vocês.

— Obrigada, dona Isabel.

A governanta pegou um vestido matinal de dentro do armário.

— Vamos, deixe-me ajudá-la a se vestir.

— Obrigada mesmo — Angelina repetiu, após o vestido passar por sua cabeça.

— Eu te amo, minha menina. Não se esqueça disso, por favor.

Ela voltou a abraçar a governanta, sentindo cheiro de sabão de coco e alfazema.

— Eu também te amo, dona Isabel... Jamais vou me esquecer da senhora.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Nicoletti

Pronto para o baile de máscaras, Pedro girava o copo de conhaque entre os dedos, vendo o líquido âmbar se dividir nas facetas de cristal.

Em pouco tempo os convidados chegariam. Apesar de não se divertir muito em festas, o barão sabia da importância de, ao menos uma vez por ano, celebrar um baile com o requinte, a sofisticação e o luxo dos salões europeus.

Uma grande festa para mais de uma centena de convidados demonstrava poder — e riqueza. Sobretudo, era uma oportunidade para encontrar figuras importantes que, em outra ocasião, dificilmente se reuniriam.

A casa estava movimentada. Os mais de dez quartos da mansão estavam ocupados havia uma semana por parentes distantes e conhecidos.

Ele ouviu ao fundo uma porta bater com muito mais força do que era necessário para ser fechada — essa desordem era, sem dúvida, a pior coisa de se dar uma festa.

Deu mais um gole no conhaque e parou com o copo no ar ao escutar duas batidas na porta do escritório.

— Entre — respondeu, depois de terminar de tomar a bebida.

Era dona Isabel, a governanta.

— Com sua licença, senhor. A minha senhora pediu para avisar que já está pronta, apenas o aguardando para ir ao salão.

— Obrigado. Eu já vou encontrá-la e...

— Desculpe, senhor — Isabel pediu prontamente. — Preciso falar com o senhor. É um assunto urgente e de seu interesse.

— Pode falar, senhora Isabel — ele respondeu, cruzando os dedos longos no tampo da mesa.

A governanta encostou a porta até ouvir a trava, antes de prosseguir:

— A sua senhora está com o período atrasado já faz quase quatro semanas. O pulso de Pedro acelerou. Ansioso, ele se levantou de uma vez.

— Você está falando sério?

— Sim, senhor — Isabel comemorou, sorrindo. — Eu não falei para não perder as esperanças e voltar a estar com ela intimamente?

Ele deu a volta na escrivaninha e beijou as bochechas rosadas, em um gesto de gratidão.

— Sim, e você estava certa! Mas, espere... — Ele franziu o cenho. — Por que ela mesma não me contou?

A governanta olhou para baixo antes de dizer:

— Ela não tem certeza, não queria lhe dar falsas esperanças. Mas eu conheço os sinais, senhor barão — terminou, cheia de hesitação.

— Sendo assim — os lábios dele desenharam uma curva discreta para cima —, vou beber mais uma dose para comemorar e... — Parou, abrindo a tampa da garrafa de cristal. — Chame-a aqui. Eu quero cumprimentá-la e...

— Senhor barão... — Isabel suspirou, com ar tenso. — É sobre isso que eu queria lhe falar também. O senhor... Bem, o senhor lembra que existe a chance de ela já ter perdido outra gestação, não é mesmo?

O barão aquiesceu, sério, um vinco enorme se formando entre as sobrancelhas. A governanta prosseguiu, mais afobada:

— Não devemos nos arriscar. Ela não deve fazer esforço algum, então — engoliu em seco, passando os dedos embaixo dos olhos — é mais prudente que a minha senhora não vá ao baile. Que ela se mantenha, ao menos nestes primeiros meses, mais quieta, de preferência na cama.

— Sim, dona Isabel. — Pedro colocou a garrafa sobre a mesa com um movimento brusco. — Como sempre, a senhora tem razão... Avisarei Angelina.

Isabel respirou profundamente antes de dizer, com a voz cautelosa:

— Senhor, não fale que fui eu quem lhe contei. Ela quer muito ir a esse baile e pode ser que se aborreça comigo.

Ele abriu a gaveta e pegou um charuto.

— Pode deixar, senhora Isabel... Vá indo ficar com ela. Eu já subo para conversarmos.

— Sim, senhor — ela concordou, abrindo a porta.

— E, senhora Isabel — ele a deteve antes que saísse —, estou muito feliz. Mais uma vez, a senhora é excepcional.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Ronchi

Angelina estava nervosa. Sentia todos os músculos tensos.

Por que Pedro demorava tanto a ir buscá-la?

— Eu vou descer sem ele — disse pela quinta vez.

— Ele afirmou que logo viria buscá-la — Isabel contrapôs, em tom brando.

— Duas horas atrás! E... e os convidados estão chegando... E ele pode já estar no salão, procurando por mim.

— Acalme-se — Isabel repetiu, sem se abalar. — Logo o barão...

A porta do quarto se abriu.

Pedro estava inteiro trajado de preto. A gravata e o colete prata eram as únicas peças claras do figurino e criavam um contraste gritante. Os olhos do barão desceram de cima a baixo pelo vestido de Angelina.

— Estou pronta — ela afirmou, ansiosa.

— Me responda uma coisa, minha senhora, e por favor seja bastante precisa.

O coração de Angelina gelou.

— Pois não?

— A senhora desconfia de que pode estar esperando um filho meu?

A boca da jovem parou aberta, os olhos arderam e o ar ficou grosso, difícil de respirar.

— Sim ou não? — ele perguntou, mais enfático.

Os lábios dela tremeram.

— É cedo para dizer.

Pedro voltou a encará-la com mais atenção.

— Sim ou não?

Ela começou a negar, em pânico.

— Ela está atrasada há quase quatro semanas — Isabel respondeu, com a voz fraca, em seu lugar.

E o mundo se abriu debaixo de seus pés. *Por que dona Isabel fez isso?*

— Eu já sabia — Pedro rebateu, com as sobrancelhas erguidas. — Só queria entender quando a senhora pretendia me contar.

— Eu queria ter certeza antes de lhe dar falsas esperanças — Angelina disse, automaticamente, as pernas amolecendo, o sangue se esvaindo do rosto.

Ainda horrorizada, fitou Isabel que pedia calma em silêncio.

— Bem, então está decidido — Pedro decretou, indo em direção à porta. — A senhora não irá ao baile hoje.

— Não, por favor — ela suplicou, desesperada, agarrando-o pela manga do paletó. — Eu tenho de ir. Eu-eu preciso ir.

Pedro voltou-se para ela com os olhos arregalados.

— Tem de ir ao baile? Mas por que diabos você tem de ir?

— Porque... — Ela umedeceu os lábios incertos. — Porque eu... Os convidados me esperam e....

Pedro deu um sorriso cheio de soberba.

— Uma mulher nas suas condições não pode ir a festas. Aliás, você não deve nem sair muito da cama ou do seu quarto.

— Não — ela sussurrou, com a voz embargada.

— É o meu filho que você está gerando, Angelina, e sou quem decide como melhor cuidar dele — Pedro afirmou.

— Eu não me esforço. Posso... Ficarei sentada a noite inteira.

Ele a mediu vagorosamente uma vez mais.

— A senhora fica no quarto esta noite.

Isabel passou as mãos na saia do vestido antes de interceder por ela.

— Se a minha senhora tomar cuidado, senhor barão, e não se esforçar demais, acho que não tem problema ela participar um pouquinho do baile.

— Por favor, eu...

— Vou avisar a todos que você está indisposta — Pedro decidiu.

— Por favor, meu senhor, eu lhe imploro — ela gritou.

Ele franziu o cenho com ar ameaçador.

— Já chega!

— Mas... — Angelina tentou.

Isabel segurou na sua mão.

— Eu posso ir e cuidar dela. Tenho certeza de que...

— Nem mais uma palavra — ele bramiu, enérgico, e gesticulou em seguida para dois capangas que estavam no batente da porta entrarem.

Angelina os conhecia. Eram Ricardo e Fernando, responsáveis pela guarda da fazenda.

— Minha esposa não irá a festa alguma — ordenou, inflexível —, e também não deixará o interior do quarto sem que eu seja imediatamente avisado. Vocês ficarão aqui de plantão no corredor, essa noite.

Os homens olharam para Angelina, um pouco surpresos, e ela sentiu um arrepio na espinha.

Pedro se virou para ela, passando as costas dos dedos em seu rosto.

— É para o seu bem, minha cara, e do bebê.

— Não — ela murmurou baixinho.

— Senhor barão — disse Isabel —, não há necessidade de tudo isso. Eu tenho certeza de que a senhora Angelina ficará bem no baile. Além do mais, ela já está vestida e...

Os olhos dele se injetaram de raiva.

— A senhora está me desafiando?

— Não — a mulher disparou.

Isabel apertou a mão de Angelina com força.

Pedro a encarou por um tempo em silêncio e deu alguns passos em sua direção, parando a escassos centímetros de seu rosto.

— Se estiver grávida, vai me dar a maior alegria da minha vida. — Cochichou em seu ouvido. — Você já perdeu um bebê. Não vou arriscar outro.

Ficou tonta quando ele se afastou e teve de se segurar em Isabel.

Ouviu a porta sendo fechada e trancada por fora. Seus joelhos fraquejaram, e ela, sem resistir, sentou-se no chão, sentindo tanto pânico que nem mesmo chorar conseguia.

— Eu sinto muito — Isabel afirmou, consternada. — Pobre menina... Tentei convencê-lo.

Ela esfregou os olhos com força antes de perguntar:

— Por que confirmou que eu suspeitava da gravidez?

— A senhora não percebeu? — Isabel se defendeu, decidida. — Ele já desconfiava. Seria pior negar.

Angelina se sentiu tonta e teve de lutar pelo ar.

— Acabou — gemeu, com a voz embargada, os dedos cobrindo a boca. —

Eu jamais conseguirei sair daqui, e Vincenzo... *Dio mio*, Vincenzo!

Tentou se erguer em um pulo, mas sua visão escureceu. Apoiou-se na beirada da penteadeira, sentindo as mãos de Isabel em suas costas para lhe dar apoio.

— Respire devagar — a governanta pediu. — Acalme-se.

— Eu tenho de avisá-lo. — Voltou a se mover, afobada. — Eu preciso chegar até ele e avisá-lo de que tudo deu errado. Meu Deus! Ele precisa ir embora daqui o mais rápido possível.

Correu até a janela do quarto, abrindo-a de maneira abrupta.

— Eu vou descer e falar para ele que... vou implorar para que saia daqui em segurança.

Isabel a sacudiu de leve pelos ombros.

— Está louca? São oito metros até o chão. Se a senhora cair... — Sacudiu-a de novo. — Pense no bebê que está carregando. Além disso, os guardas... Alguém pode vê-la junto a ele. Aí, sim, senhora Angelina, será o fim de tudo.

Sem conseguir se manter em pé, vendo todo o seu mundo desmoronar em minutos, ela desmontou novamente, abraçando os joelhos.

Meu Deus, o que deveria fazer?

E se Vincenzo viesse atrás dela hoje ou em outro dia?

Ele seria morto. Talvez ela também.

— O que eu faço?

A governanta começou a andar de um lado a outro do quarto.

— Primeiro se acalme.

Como? Angelina mal conseguia respirar.

— Eu preciso falar com ele... explicar. Ele não pode ficar. Ele tem de ir embora. Não pode voltar, ao menos até as coisas mudarem. Se é que algum dia vão mudar.

A governanta bateu em cima dos lábios tensos com o indicador antes de dizer:

— Eu terei de achá-lo na festa... Ele... pode pôr tudo a perder.

— Tudo já está perdido.

Isabel se sentou no chão junto a ela.

— Não, nem tudo está perdido. Nós teremos alguns meses para pensar em algo, até o bebê chegar.

— E Vincenzo?! — ela gritou, desconsolada.

— Cale a boca! — As mãos de Isabel taparam seus lábios. — A senhora quer que alguém a escute?

Angelina negou com a cabeça, sentindo o coração ser rasgado.

Isabel colocou a mão sobre a dela e disse:

— Eu tenho a chave do quarto e posso sair daqui sem levantar suspeitas dos guardas, então encontrarei o senhor Vincenzo e o convencerei a ir embora... Não! Espere. Eu não vou conseguir convencê-lo de nada. É a senhora quem deve convencê-lo.

Dizendo isso, Isabel se levantou, abriu o fundo falso da penteadeira onde os papéis e as canetas eram guardados, pegou uma folha e um tinteiro e levou-os até Angelina.

— Use esta folha e escreva para o seu italiano. Ele conhece a sua letra. Convença-o a ir embora o mais rápido possível desta festa.

— *Non*. — Angelina estava desolada.

— É o único jeito, senhora Angelina. Depois pensaremos em alguma outra coisa.

— *Dio mio*. — As lágrimas acumuladas venceram a barreira dos olhos. — Como tudo pode mudar desse jeito? — Ela pegou a caneta e o papel. — Como eu conseguirei escrever pedindo para ele ir embora, através de uma carta? O que eu posso dizer para convencê-lo?

— Escreva rápido, por favor! — Isabel esfregou o rosto, nervosa.

Angelina entendeu que não teria outra saída. Não naquele momento. Precisaria escrever e teria de ter certeza de que Isabel o encontraria no meio dos convidados. Vincenzo tinha de sair da fazenda o mais rápido possível e desistir do plano de fuga, desistir dela naquela noite, desistir deles.

— Ele estará usando uma máscara azul-escura — ela murmurou. — Ao lado de uma mulher que talvez você reconheça com facilidade.

— Quem?

— Dona Francisca Monteiro.

Os olhos da governanta saltaram no rosto.

— Foi ela, então, que se propôs a ajudá-lo?

— *Sì* — Angelina confirmou, com a voz falha.

— Está bem. Acho que não terei dificuldade em encontrá-los. Agora se apresse e escreva de uma vez.

Sem sentir os lábios ou o rosto, os dedos ou a mão, Angelina começou a redigir usando o chão como mesa. Sentia o coração ser manchado pela tinta, como se ele fosse o papel e as palavras, puro veneno. Respirou fundo e escreveu com a certeza de que essa era a única maneira de salvá-los, de salvá-lo. Naquele momento, só isso importava.



Angelina chorou até conseguir dormir. E então, depois de adormecer, acordou diversas vezes sobressaltada. Era o que acabara de acontecer naquele exato momento. Abriu os olhos com o coração na garganta.

Lembrou das palavras de Isabel assim que a governanta retornou para o quarto após entregar seu bilhete.

— *E o que ele disse? — ela tinha perguntado, sem conseguir respirar.*

— *Ele abriu o papel e o leu. Demorou um momento antes de responder, como se estivesse relendo. Virou-se para a mulher mascarada ao seu lado, que eu sei que era a senhora Francisca, e disse em voz alta: ela desistiu... Não virá mais.*

— *Como assim? — perguntou dona Francisca. — Tem de haver algum engano.*

— *É a letra dela, e dentro do envelope ela enviou um objeto que não deixa dúvidas: ela sabe o que está fazendo.*

— *Então — prosseguiu Isabel —, ele se virou para mim, agradecendo, pediu licença para a senhora Francisca e para outra jovem que os acompanhava e deixou o salão logo em seguida.*

— *Ele jamais vai me perdoar — Angelina sussurrou.*

Isabel a abraçou, confortando-a.

— *A senhora fez a coisa certa.*

Angelina sentiu um gosto ardido na boca. Engoliu, voltando a atenção para o presente. A manhã começava a romper a noite. A noite mais escura de sua vida.

Poucos meses antes, achava que nada de extraordinário aconteceria em seus dias. Havia desistido de tanta coisa, se culpado por cada vez que Pedro a destratava. Havia se anulado, se contentado com fragmentos de liberdade. Aprendera a ser feliz de um jeito torto e se sentia no dever de respeitar um homem cruel, um monstro, somente porque fora prometida a ele diante de um altar.

Sentia-se fraca e não conseguia enxergar saída para aquela situação. Sentia que mesmo o desejo de escapar de tudo aquilo era errado. E, então, Vincenzo aparecera e tudo mudara. Ele tinha trazido a luz de volta para seu coração. Ela deslizou os dedos pelo ventre, devagar.

A vida.

Sim, era isso. A vida que crescia dentro dela. Um pedaço dele. O amor

deles transformado em um novo ser. Ela viveria com a certeza de que Vincenzo estaria bem em algum lugar, reconstruindo sua própria vida e indo atrás de seus sonhos. Na primeira oportunidade que tivesse, porém, sem colocar em risco o seu filho, iria atrás dele e...

Uma série de batidas no vidro da janela fez seu pulso acelerar e sua boca secar de expectativa. Não podia ser.

Ele já fizera isso uma vez, subindo àquela altura pela trepadeira e se arriscando... Jesus!

Seria ele? Não, ele não podia. Não devia.

Em um misto de desespero e ansiedade, pulou da cama e correu para abrir a janela da varanda.

O sangue corria muito rápido, e seus ouvidos zumbiram.

Vincenzo estava sentado com as costas apoiadas no guarda-corpo.

A luz rosa do céu revelava o fraque azul-marinho, lançando reflexos também pelo rosto perfeito e nas ondas do cabelo negro.

Ele ainda usava a máscara que ganhara dois meses antes. Na última vez em que se viram, na última vez em que se amaram.

Vamos fazer desta noite uma promessa.

Por alguns segundos, ao vê-lo, seu coração tomou todo o corpo. Ela sorriu e se viu correndo até ele e se jogando em seus braços. Ouviu-se pedindo para ele levá-la embora de lá para um castelo distante, onde os dois viveriam felizes para sempre. Porque sabia, com toda a certeza de seu coração, que Vincenzo a faria feliz para sempre.

Uma ave batendo asas perto dali a fez piscar lentamente e voltar para a realidade.

Ele não era um príncipe que viera resgatá-la da torre. Na vida real, os príncipes nem sempre salvam as princesas. Algumas vezes a princesa deve ser forte o bastante para salvar a si mesma e a seu príncipe. Suspirou, passando a mão no ventre plano.

Vincenzo olhava para o chão entre as pernas, para a carta que ela lhe enviara pouco antes, com a aliança que ele lhe dera na última noite em que se amaram.

Temendo ser vista por alguém, por algum dos guardas que Pedro instruíra a fazerem ronda na área da mansão, abaixou-se junto a ele e tocou de leve em seu joelho. Somente então ele a fitou, com os olhos sombreados por detrás da máscara.

Algumas vezes o príncipe salva a princesa, mas eles não terminam juntos.

Porque aquele homem lindo e apaixonado, forte e gentil, que naquele momento parecia ferido e vulnerável, a salvou. Sim, ele a salvou. Mesmo que nunca a resgatasse da torre, ele a salvou.

Angelina tremia tanto que mal conseguia ficar agachada. Então se sentou no chão, vencida pelo nervoso. Somente ali, sentindo o calor que emanava do corpo dele, se deu conta.

Por que Vincenzo estava ali, tornando tudo infinitamente mais difícil e arriscado?

Ela quis gritar, berrar, sacudi-lo. Por que ele aparecera lá, tornando insuportável mandá-lo embora outra vez? E o pior: como ele sairia de lá agora? Como ela conseguiria ter forças para mandá-lo embora?

Antes que ela conseguisse dizer qualquer coisa, Vincenzo falou:

— Eu precisava te ver... Ver que está bem, saudável e viva, ver que é capaz de andar e não está machucada. Eu precisava, acima de tudo, ouvir de sua boca o que você me escreveu.

Ela encheu o peito de ar, tentando encontrar coragem.

— Vincenzo... Você... Você não devia estar aqui.

— *Tre maledette frasi.* — Ele tirou a máscara de maneira brusca, deixando-a cair no chão. — Três malditas frases, Angelina, foi tudo o que você conseguiu escrever para dizer que havia desistido de nós.

Seu coração disparou ainda mais. Instintivamente, ela colocou os dedos sobre os lábios dele.

— Fale baixo, pelo amor de Deus.

E tentou tirar a mão, mas ele a deteve, beijando-a nos dedos repetidas vezes.

— Por quê? Por quê? *Perché, Dio mio!* — ele perguntou, sem soltá-la.

Mil flechas cortaram o céu com os primeiros raios da manhã, e todas elas entraram em seu coração. Sem conseguir se conter, Angelina segurou o rosto dele entre as mãos, encostando a testa na de Vincenzo, e soluçou.

Os lábios exigentes, duros, possessivos, cheios de desejo, culpa e desespero, tomaram os dela em um beijo que ficava entre o amor, a raiva, a dor e a alegria. Um beijo de despedida, ela sabia. Um beijo que a fez chorar por dentro até tudo acabar, escurecer, se desfazer.

— Senti tanto a sua falta — ele disse, e voltou a beijá-la nos lábios, no pescoço, no queixo e nos lábios outra vez.

— Você não devia estar aqui — ela murmurou, afastando-se. — Como vai sair sem ser visto?

Vincenzo parecia ter ficado surdo, porque não respondeu; ao contrário, insistiu, obcecado:

— *Mia vita*, vamos embora. Nós fugiremos pela mata. — Ele agarrou suas mãos, puxando-as um pouco.

Angelina inspirou o ar devagar e passou a mão no ventre, buscando forças na certeza da vida que ela tinha de proteger a todo custo. Precisava fazê-lo entender. Precisava tentar manter a razão.

— E dona Francisca, onde está?

— Quando ela leu seu bilhete, foi embora dizendo que sentia muito, mas não poderia mais nos ajudar. — Ele tocou em seu rosto. — Acho que ela acreditou que você tinha mesmo desistido do nosso plano, do nosso amor, daquela maneira tão fria, mas eu sabia que não era verdade, *amore mio*. — E beijou-a de leve. — Vamos, eu vou cuidar de você. Nós vamos conseguir sair daqui e...

— Vincenzo — ela o chamou baixinho —, nós não conseguiremos e seremos mortos. *Nòi due*.

Se ela revelasse que provavelmente estava grávida dele, será que Vincenzo entenderia que não poderiam mais se arriscar como antes? Se contasse toda a verdade, ele a deixaria sem data para retornar, sem nenhuma expectativa de quando poderiam ficar juntos outra vez?

— Eu prefiro tentar, Angelina, prefiro tentar e morrer a ir embora desta fazenda sem você.

Não. Ali, com as emoções dos dois à flor da pele, não era hora de contar a verdade. Talvez ele tornasse as coisas ainda mais difíceis e não admitisse sair da propriedade sem ela. Ela não poderia falar. Não naquele momento.

— A tragédia de Romeu e Julieta só é bela na literatura, *amore mio*.

— Eu sabia que você jamais desistiria de nós, e que alguma coisa tinha acontecido. — Ele se afastou, com os olhos arregalados, parecendo cair em si. — Espere! Mas o que aconteceu, afinal?

Passos sobre a terra batida no andar de baixo acompanharam as batidas do coração dela. Se falasse a verdade, seria arrastada daquela varanda sem olhar para trás. Apesar de querer isso com cada célula de seu corpo, sabia também que em poucas horas Pedro descobriria o sumiço e iria atrás deles com a força de mil exércitos. O barão os encontraria, e não haveria mais lembrança de misericórdia no mundo. Ela reuniu a maior força e coragem que tinha em seu interior e disse:

— Vincenzo, você me ama?

Ele sorriu com lágrimas nos olhos.

— Mais do que *tutto nel mondo*.

Ela engoliu o nó enorme na garganta a fim de prosseguir:

— Então você vai dar um jeito de sair desta fazenda em segurança e sozinho. Você vai me deixar aqui hoje, e vai me prometer que viverá sua vida sem esquecer o quanto me fez feliz... Até o dia em que seja possível eu lhe contar *tutto*.

— *Non*. O que você está dizendo? — ele indagou, perdendo a cor do rosto.

— Que eu não sei quando ou como vou conseguir sair daqui para te encontrar, mas prometo que vou tentar. E agora você precisa ir embora rápido.

Ele a encarou, horrorizado.

Ela foi mais enfática.

— Agora, Vincenzo! Enquanto os últimos convidados deixam a fazenda, aproveite para sair junto deles. Continue usando a sua identidade falsa e vá embora.

— *Non*, não sem você. Nunca sem você, Angelina. — Ele passava os dedos entre os cabelos, transtornado.

— Não grite — ela pediu, com a voz quebrada. — Eu não serei a sua sentença de morte. Vá embora, *per favore* e...

— E? — Ele franziu o cenho, incrédulo, inclinando-se para trás, como se ela o tivesse esbofeteado.

Eu te amo.

Alguns passos no andar de baixo foram ouvidos novamente, seguidos por vozes distantes.

Angelina fechou os olhos. Cada minuto que passavam naquela varanda era um passo que davam em direção a uma desgraça. Vincenzo falava alto e sem se importar com nada. Angelina tinha mais do que a própria vida para guardar e, talvez, a perder. Acima de tudo, tinha uma certeza: não poderia seguir com aquela conversa sabendo que o amor da sua vida parecia disposto a morrer tentando fazê-la ir embora com ele.

— Nós não podemos, Vincenzo... Eu não queria ter de lhe falar essas coisas, mas você aqui, arriscando-se, arriscando nossas vidas desse jeito... Não me deixa escolha.

— Por quê?

Os lábios dele tremiam. Ela lutava tanto contra as lágrimas que sentia todos os músculos da face repuxarem para trás. Teria de machucá-lo e fazê-lo

odiá-la com suas palavras. Palavras que uma vez tinham unido os dois seriam usadas para distanciá-los.

— Por quê? — ele voltou a perguntar.

Bateram na porta do quarto.

Não havia mais tempo para nada.

— Senhora Guimarães — a voz de Isabel rompeu a barreira da porta —, preciso entrar para ver se tudo está bem... Os guardas ouviram vozes e foram me chamar, logo entraremos.

— Foi errado, Vincenzo. — Nunca se sentiu tão pequena, tão sufocada. — Eu não deveria ter traído o meu marido. — Enterrou-se um pouco mais. — Percebi o erro que cometi nos meses que passamos longe... Pedro voltou e... ele está mudado, mais gentil e amável. Eu não poderia mais deixá-lo.

Os olhos dele se arregalaram e o rosto perdeu a cor.

— Mentira.

Sim, era mentira. Lâminas duplas que protegiam uma vida ao custo de acabar com o amor que sentiam.

Ouviu mais algumas batidas à porta.

— Senhora Guimarães?! — Era Isabel outra vez. — Eu vou entrar, logo os guardas entrarão também.

— Foi um pecado o que fizemos — ela afirmou, sentindo o maior desespero de sua vida. Ele tinha que sair logo dali. — Nós vivemos um crime diante dos olhos de Deus...

— *Crimine?* — ele indagou, pálido.

Ela concordou em silêncio.

— Além do mais — prosseguiu, condoída —, que vida você poderia me oferecer? Eu fugi da Itália para nunca mais passar necessidade, e veja! Sou dona desta casa, ganho joias e vestidos o tempo todo, tenho o mundo aos meus pés... Entendi que seria uma loucura abrir mão de toda essa riqueza, de tudo isso, por um sonho.

Ele deu um suspiro trêmulo.

— Eu não acredito. Você está mentindo. Você não é assim.

A porta abriu e fechou em seguida.

— Não seja cego, Vincenzo — ela foi ainda mais dura. — Se fosse mentira, por que eu não teria ido com você mais cedo? Quando tínhamos o plano perfeito, quando dificilmente seríamos descobertos?

Ele a fitou em um silêncio atônito, horrorizado, como se enfim enxergasse a verdade e agora sentisse nojo dela. Piscou, derramando lágrimas, e a manhã

se calou, mudou, voltou a escurecer. Palavras que destruíam seu mundo e o salvavam ao mesmo tempo. Era a única forma de ele continuar vivo nesse dia e depois dele. Ela viveria também, por eles, pelo filho que teriam.

— Oh, meu Deus! O que você está fazendo aqui? — Isabel perguntou, com a voz quebrada, o rosto lívido, tapando a boca em seguida.

— Vá embora agora, Vincenzo — Angelina exigiu, desconsolada.

Isabel olhou para a porta do quarto recém-fechada.

— Os guardas vão entrar aqui, eles ouviram ruídos, estão desconfiados. E o senhor barão só está se despedindo dos últimos convidados e logo mais entrará aqui.

— Vá embora, pelo amor de Deus! — A jovem agarrou a camisa dele, erguendo-o.

Vincenzo soluçou.

— Que estúpido eu fui. — Fechou os olhos. — Que imbecil deplorável estou sendo agora mesmo aqui, em sua varanda... Enquanto você tem de correr para receber seu marido e eu tenho de fugir para não estragar a sua vida.

Ela o empurrou em direção ao guarda-corpo, sentindo as lágrimas descerem abundantes pelas faces.

— Vá embora e não olhe para trás, vá!

— Foi tudo uma mentira, um pecado para você... Tudo o que esse homem te oferece é dinheiro e joias?

— Você não tem nada... nada a me oferecer — ela murmurou, com a voz embargada.

— Uma vez você me disse que o barão a havia comprado, e agora eu tenho certeza disso. Ele fez a coisa certa. — Ele pegou a aliança entre os dedos e a colocou bruscamente na mão de Angelina, fechando-a com força. — A aliança ficará aqui com você, uma lembrança de que será impossível eu entregá-la a outra mulher. Suas mentiras arrancaram meu coração para sempre.

Montou no parapeito da janela e se pendurou na trepadeira, descendo rápido.

Angelina, desesperada, se debruçou no guarda-corpo.

— Saia daqui em segurança. Isso é tudo o que me importa.

Vincenzo olhou para cima e para ela pela última vez.

— Eu vou ficar rico e voltar para comprá-la.

Angelina teve certeza de que conseguira afastá-lo. Ele a ofendeu de uma

maneira que sabia que a machucaria profundamente.

Foi ela quem pedira isso.

— Eu te amo — disse somente com os lábios, tendo certeza de que ele não a ouvia.

Vincenzo alcançou o chão e começou a andar pelo meio da alameda.

— *Per l'amore di Dio*, tome cuidado — pediu, em tom de voz contido.

— Eu não me importo — ele bramiu. — *Non importa nient'altro*.

Isabel abriu a porta da varanda e a empurrou para dentro do quarto, fechando-a rapidamente. Pegou o penhoar e jogou-o sobre ela.

— Vista-se rápido! — comandou, baixinho.

Ela passou os dois braços pela peça e a porta do quarto se abriu poucos segundos depois, dando passagem aos dois capangas.

Eles a fitaram, desconfiados, e então a senhora Isabel, analisando o quarto em seguida:

— Tudo está em ordem, minha senhora?

— Sim — ela respondeu, quase sem voz.

— Achei que tinha ouvido vozes. Ficamos preocupados.

Ela negou com a cabeça.

— Com esse fim de festa, essa algazarra de bêbados e carruagens que ainda estão lá embaixo, é claro que vocês ouviram vozes.

Um dos homens olhou, parecendo desconfiado, para a porta da varanda.

— Se a senhora diz que está tudo em ordem... — Tocou na aba do chapéu.
— Se precisar, estamos aqui na porta.

Assim que os homens saíram, Angelina se deitou na cama e desmontou de tanto chorar. Só teve forças para olhar para Isabel, implorando:

— Desça. Vá atrás dele e se certifique de que saiu em segurança daqui. Os guardas de Pedro não lidam bem com ex-funcionários perambulando pela fazenda.

— Está certa! — Isabel retrucou, nervosa. — Eu... eu vou ajudá-lo a sair.

Angelina cobriu-se, sentindo muito mais frio do que a brisa da manhã trazia. Só tinha uma certeza: tentaria encontrá-lo quando fosse possível. Um dia ele saberia de toda a verdade.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Giacomo

QUINZE DIAS DEPOIS...

Vincenzo carregava uma caixa de madeira pesada, cheia de latas e conservas, pelas ruas do centro de São Paulo.

Era seu primeiro dia em um emprego novo, ele ainda não havia se acostumado a todo aquele barulho, a tanta gente andando rápido pelas ruas, a confusão dos carros misturados aos bondes elétricos, carruagens e cavalos. Mais de um ano no campo o fez esquecer da bagunça de uma cidade grande.

Era a última entrega do dia. Em breve poderia voltar para casa e...

Parou, sentindo o estômago encolher.

Parecia ela. Parecia Angelina de costas, o cabelo meio solto como ela gostava de usar, a risada derramada dos dias em que podia ser ela mesma.

Engraçado de um jeito trágico ver que um raio de sol brincava em cima daquela figura delicada de vestido verde.

Sem conseguir fazer mais nada, Vincenzo apoiou a caixa no chão e foi até lá.

Aquela rua era o centro comercial, cultural, ponto de encontro e passeio da alta sociedade paulistana: as melhores lojas e restaurantes atendiam ali.

Ele ergueu a mão e tocou no ombro estreito.

A jovem se virou com olhos curiosos.

— *Scusa*, senhorita. Achei que fosse outra pessoa.

Não conseguiu ouvir o que ela respondeu, antes de voltar a caminhar. Sua mente angustiada começava a protestar. O que ele pensava fazer indo atrás de uma jovem parecida com Angelina?

Se fosse ela, os dois poderiam conversar fora da fazenda, longe de tudo o

que dera errado.

Se fosse mesmo Angelina, talvez tivesse ido atrás dele, arrependida do que fizera.

Se fosse a jovem a quem amava, como somente o próprio amor irracional, inconsequente e entregue seria capaz de explicar, eles poderiam ficar juntos.

Estúpido!

Estúpido!

Estúpido!

Mil vezes todos os nomes que podiam definir a estupidez de um homem.

Ele havia ido até a jovem cheio de esperança.

Que ridículo.

Fazia dois dias que havia parado de se lamentar bêbado, fechado no quarto, com pena de si mesmo, enquanto Matteo procurava emprego e tentava tirá-lo da cama. Havia apenas um dia trabalhava entregando mercadorias nos restaurantes e casas da cidade, e já estava tendo alucinações sobre Angelina.

Deixou a caixa sobre os degraus da porta de serviço do hotel e tocou a campainha.

Tinha de esquecer essa doença. Será que um dia conseguiria voltar a ser feliz?

Será que ao menos conseguiria não se sentir tão infeliz?

A porta foi aberta e Vincenzo se abaixou para pegar a caixa, colocando-a em seguida no aparador próximo.

Era o hotel mais luxuoso da cidade e quem o atendeu foi um francês com jeito arrogante.

— *Bon jour* — o homem disse, sem olhar para ele. — Deixe isso aí e espere lá fora. Eu vou conferir e volto para lhe dizer se está tudo certo com a entrega.

Vincenzo analisou o ambiente em um relance. Era uma cozinha grande, equipada com utensílios caros, cheia de gente vestida em uniformes impecáveis. Como nos restaurantes caros da Europa.

Antes de deixar o lugar, deu um aceno com a cabeça e foi ignorado.

Será que um dia vou ter vontade de ir atrás dos meus sonhos outra vez?



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Lazzaro

A caneta deslizava sobre o papel, preenchendo-o com esperança. Para Angelina, desde que se lembrara de existir uma maneira de entrar em contato com Vincenzo, as palavras passaram a ter esse significado.

Fazia quinze dias desde o baile de máscaras, e ela confirmou o que já sabia: estava grávida. O médico a visitara três dias antes, atestando a gestação.

Palavras mágicas, capazes de mudar o mundo.

Uma vida.

Uma história.

Teria um filho de Vincenzo.

Se fosse menino, se chamaria Vincenzo. Se fosse menina, seria Chiara.

Ela sonhava com os nomes e com o rostinho dele, do seu bebê.

Sorriu, apoiando a caneta sobre a penteadeira, e passou a mão no ventre ainda plano.

Como podia um milagre que ainda nem aparecia ser tão amado e mudar completamente o sentido de tudo?

Suspirou para o reflexo no espelho.

Isabel insistia que no dia do nascimento teriam de jurar que o bebê era prematuro, mesmo que ele fosse grande para ter nascido fora de termo.

Ela não se preocupava mais com isso.

Escreveria para Francisca e pediria para a amiga visitá-la. E o principal: ela contaria tudo para Vincenzo.

Após alguma insistência, a governanta aceitou enviar suas cartas para ele.

— Tanta tristeza não deve fazer bem para o bebê — dissera Isabel, na tarde anterior. — Eu envio as cartas, senhora Angelina, mas se anime. Fique mais

tranquila e se cuide.

A porta do quarto se abriu e Isabel, como se invocada pelos seus pensamentos, entrou.

— Eu já separei o endereço do jornal onde o amigo de Vincenzo trabalha... Tenho certeza de que, se ele estiver em São Paulo, provavelmente vai procurá-lo. Mesmo que não esteja mais por lá, Victor pode me ajudar a encontrá-lo.

Isabel a analisou com uma ruga entre as sobrancelhas marcantes.

— Está bem. Me dê as cartas. Vou enviá-las para você. Minha única preocupação é que isso se transforme em uma frustração, e mais uma tristeza... A senhora sabe que existe chance de ele nunca...

— Receber essas cartas... Sim, eu sei. Mas eu preciso tentar, senhora Isabel. Além do mais, o jornalista respondeu à carta de Vincenzo sobre um conto que enviamos para ele. Ele disse que gostou da minha escrita. Na época, só paramos de trocar cartas porque faltava pouco para Vincenzo deixar a fazenda... Então, Victor sabe quem eu sou e sabe também que sou amiga de Vincenzo. Tenho certeza de que ele poderá nos ajudar.

Isabel se sentou na beira da cama.

— As cartas estão fechadas?

— Aquela que explicará tudo para o jornalista já está fechada. — Ela pegou dois envelopes, entregando-os para a governanta. — Esta outra é uma mensagem para dona Francisca me visitar e... estou terminando de escrever a última, que é a de Vincenzo. Espere só alguns minutos. Já lhe entrego todas.

Angelina voltou sua atenção para o papel a fim de reler a carta recém-escrita.

Itatiba, 20 de outubro de 1904

Amore mio, minha vida,

Eu menti.

Errei, agi sem pensar e nunca me arrependi tanto.

Não consigo encontrar um jeito de me sentir melhor senão escrevendo.

Fiz o que fiz porque precisava que você estivesse vivo, precisava que você saísse da fazenda sem olhar para trás e que não voltasse a me procurar de maneira impulsiva e se colocando em risco. Deixei de falar a verdade porque o queria em segurança e não encontrei outro modo

senão fazendo você me odiar.

Eu errei.

Como queria ter contado tudo.

Mas temi.

Por mim, por você e principalmente pela vida dentro di me.

Nostro figlio.

Na noite do baile, o barão desconfiou que eu estava grávida. A verdade é que, poucos dias depois de você deixar a fazenda, ele me procurou. Ele me forçou. Mais uma violência horrível.

Mas o filho não é dele. Sei disso com todo o meu coração e com o meu corpo, que já dava os sinais há tempo suficiente para eu ter essa certeza.

Queria tanto estar em seus braços, te olhar e ver sua reação quando você soubesse.

Para que você entenda e possa me perdoar, na noite do baile, o barão não deixou que eu saísse do quarto. Eu insisti, mas ele me trancou, colocou guardas na porta dizendo que era para o meu bem, para o bem do nosso bebê. Meu e seu.

E foi por isso que eu não fugi com você.

Se tentássemos escapar pela mata, como você pediu, como meu coração queria, o barão nunca pararia de nos procurar. Tenho certeza de que nos encontraria ainda dentro da fazenda. E seria o fim de tudo. Eu só queria que você saísse vivo daqui, por isso cometi o maior erro da minha vida. Ou o maior acerto, nunca saberei.

Por favor, me perdoe por mentir e por feri-lo. Entenda, eu estava desesperada, sem saber como agir. Não pensava direito.

Eu te amo.



Desde a noite do baile, Angelina não tinha mais saído de casa. O barão insistia que ela ficasse o máximo possível quieta, sem andar nem fazer qualquer esforço. Mesmo tocar piano parecia perigoso aos olhos de Pedro.

Fazia três dias que as cartas haviam sido enviadas.

Francisca não a visitara.

Talvez não a visitasse mais.

Angelina começava a acreditar que seria impossível conseguir fugir

enquanto estivesse grávida.

Será que depois que o bebê nascesse as coisas ficariam mais fáceis? Ela só tinha uma certeza: jamais colocaria a vida do filho em risco.

Engoliu um gosto ácido e apertou o estômago, que parecia queimar. Era assim todo início de tarde.

O barão estava viajando, e quem insistia ferrenhamente para ela permanecer quieta no quarto era Isabel, mesmo sabendo que o médico não a proibira de andar pela casa. Angelina já tinha tocado a sineta três vezes para chamá-la, mas a governanta não a atendia. Talvez não estivesse escutando.

Enjoada, engoliu mais uma vez a ânsia.

Levantou-se, decidida a ir buscar algo para comer na cozinha. É claro que aproveitaria para ficar um pouco por lá e conversar com dona Eugênia. Só queria um pouco de companhia.

Descendo as escadas, lembrou-se das orientações do médico:

— *Não ande a cavalo nem em carruagens nestes primeiros meses. Tome um pouco de sol pela manhã, descanse e se alimente bem.*

Cruzou a porta da cozinha, sentindo o cheiro do feijão cozinhando. Sua boca se encheu de água. Estava faminta. Suspirou, apoiando as mãos sobre a bancada de mármore onde Vincenzo sempre trabalhava, antes de dizer em voz alta:

— Bom dia, dona Eugênia... Nossa, estou faminta!

— Bom dia, minha senhora. — A cozinheira enxugou as mãos no avental, virando-se para ela. — Vamos resolver isso agora mesmo. O que gostaria de comer?

— Hummm... Não sei. Um pouco de feijão, talvez.

— Posso preparar rapidamente aquele doce de goiaba que a senhora ama. O que acha?

Sentiu a boca salivar mais uma vez.

— Sim, por favor. Quero muito.

Dona Eugênia pegou duas goiabas da cesta e lavou-as na bacia com água, comentando em seguida:

— Tenho saudades da Guine chocolate.

Vincenzo havia levado a cachorrinha quando partira da fazenda. *Sinto saudade de Vincenzo.*

— Eu também.

— Aquele italiano também faz falta. Nós estávamos começando a ficar amigos.

O coração de Angelina disparou. *Ele me faz falta a cada respiração.*

— Ele parecia uma boa pessoa.

— Um pouco teimoso — Eugênia afirmou, descascando as goiabas.

— Não mais do que a senhora — Angelina disse e deu risada.

Eugênia colocou as frutas no fundo da panela de cobre.

— Posso fazer um caldo de feijão se a senhora... Mas... O que aconteceu?

Angelina tinha certeza de que dona Eugênia se referia à expressão de pavor que provavelmente invadira seu rosto.

— Eu não tenho certeza, mas acho... Sinto que um líquido morno está escorrendo entre as minhas pernas.

Eugênia arregalou os olhos e puxou uma cadeira, aproximando-a de suas costas.

— Sente-se, vamos. Sente-se aqui!

Angelina obedeceu, com as pernas bambas, notando a testa se molhar de suor e a boca secar.

— Algo não está bem — sussurrou, aflita.

— Acalme-se. Vou chamar alguém. — A cozinheira se deteve, perdendo toda a cor do rosto.

— O que foi? — Angelina olhou para baixo, angustiada, e viu uma mancha vermelho-sangue nas saias do vestido.

— Dona Isabel — Eugênia gritou, esbaforida.

Angelina mal conseguia respirar. A última coisa que percebeu foi Isabel entrar correndo na cozinha e se ajoelhar a sua frente.

— Chame o médico, agora!

— Meu bebê — Angelina clamou, desesperada, levando as mãos ao ventre. — Me ajude, pelo amor de Deus.

Então tudo escureceu e ela desmaiou.

Abriu os olhos momentos depois e tocou nos lençóis de linho com a ponta dos dedos. Estava em sua cama. Devagar, os sons do ambiente se tornaram mais presentes. Um homem estava junto dela; barba grisalha, óculos apoiado na ponta do nariz e uma ruga tensa entre as sobrancelhas. Não era um homem qualquer: era o médico. Uma pontada de dor a fez se curvar, levando as mãos à barriga por instinto.

— Me ajude! — gritou, apesar de dona Isabel e o médico estarem próximos.

— Toalhas quentes — ele pediu, enfático. — Fique calma.

— Meu bebê... — Soluçou, vendo tudo girar. — Estou perdendo o meu

bebê.

— Respire! — Isabel a orientou, com os olhos vidrados e o cabelo bagunçado.

Tudo estava uma bagunça.

Mas ela só conseguia chorar, enquanto o sangue manchava seu vestido, os lençóis e sua alma.

— Vincenzo! — Agarrou as mãos de Isabel, fora de si. — Chame Vincenzo.

— Ele não está aqui, minha menina.

— Não! — Cobriu os lábios, sufocando o pranto. — Vincenzo! Chame-o, por favor.

Sua vista escureceu e ela viu um sorriso iluminando um par de olhos azul-escuros.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Panichi

Vinte e cinco dias. Esse foi o tempo que ela levou para conseguir voltar a escrever. Foi o tempo de que precisou para ter certeza de que não havia morrido junto com tudo o que perdera nos últimos tempos. Poucos minutos antes, havia acabado de colocar os pés para fora da cama — a primeira vez em mais de vinte dias. Olhou o sol através da janela e seus olhos se contraíram. Nem pensou no que estava fazendo; apenas se levantou e, sem se preocupar com Pedro, que poderia entrar no quarto, sentou-se à penteadeira, pegou uma folha e a caneta e escreveu sobre sua perda. Escreveu para Vincenzo:

Eu chamei por você, Vincenzo, e voltei a chamar, mas não adiantou. Ele se foi. Não sei por que isso aconteceu. A única coisa que sei é que queria você ao meu lado, então voltei a te chamar, tantas e tantas vezes.

Naquele dia o barão estava viajando, e quando chegou tudo já tinha acabado: a esperança, o motivo de eu não ter te seguido, a bênção.

O médico disse que até o quarto mês isso pode acontecer.

Meu coração estava agarrado ao do meu bebê, como se por um fio.

Fiquei tão desolada que não consegui comer nada por dias. A verdade é... Ainda estou arrasada.

O médico veio me ver outra vez uma semana atrás. Disse que eu precisava reagir, porque tinha perdido muito sangue, estava fraca. Ele falou que eu sou jovem e saudável e poderia ter outros filhos. Disse que a minha era provavelmente uma gravidez problemática, ou então eu gerei um embrião malformado.

Ele afirmou, também, que foi melhor assim e que em poucos meses eu

poderia tentar engravidar novamente.

Ele não entende nada. Ninguém entende.

O barão me culpa e fala que eu sou uma fracassada.

Dona Isabel enlouqueceu. Ela chora dia e noite, e algumas vezes murmura que eu perdi o filho dela. Não sei mais o que pensar.

Estou sozinha.

Queria acreditar que um pedaço do seu coração ainda bate dentro de mim.

Quero tanto você aqui comigo. Preciso de você, da sua força, do seu amor, da sua coragem, dos seus braços. Eu rezo pelo nosso bebê, peço que ele esteja junto aos anjos no céu e que brinque com as nuvens. Peço todas as noites que ele suba até as estrelas na escuridão e que me perdoe porque eu não fui capaz... Não consegui segurá-lo até o fim.

Por favor, se você estiver recebendo estas cartas, mande uma resposta. Me mantenha perto na lembrança. Para mim, tudo o que dividimos, o meu amor por você, é a única certeza de que não errei. Quero tanto acreditar que nossa história terá um final feliz. Preciso tanto acreditar nisso.

PARTE III
Os SONHOS



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Maestrelo

Ele a tinha visto.

Fazia poucos meses desde o baile de máscaras.

Ela andava na Avenida Paulista de braço dado com o barão e, apesar de parecer um pouco abatida, Angelina sorria. Um sorriso calmo, natural, um riso que ela jurou que seria somente dele. Vincenzo não queria mais aquele sorriso — mentira! Talvez, ao fechar os olhos, sempre a visse sorrir. Talvez aquele sorriso o perseguisse para sempre, lembrando-o de como ele fora ingênuo e louco.

Então Angelina e o barão entraram em uma mansão suntuosa, magnífica, uma das mais imponentes da rua.

A casa deles na cidade.

Depois que eles sumiram, Vincenzo demorou alguns minutos para conseguir se mexer.

Olhou contra o reflexo de uma das janelas de cristal a sua frente e se viu pela primeira vez em semanas: roupas meio sujas, cabelo sem trato ou corte, mais magro, barba por fazer e sapatos esburacados. Ainda trabalhava entregando alimentos, caixas de temperos e carnes nas mansões e restaurantes da cidade.

E, naquele momento, sentiu raiva.

A maior que já experimentara.

Primeiro raiva de si, depois dela, então das mentiras em que se permitira acreditar. O barão, o mundo, a falta de oportunidade para quem nasceu sem nada, até mesmo a pobreza na Itália ganhou sua cota de raiva naquela manhã. Afinal, tinha sido por causa da miséria em seu país que ele a conhecera. Olhando para uma imagem quase irreconhecível de si mesmo, através de uma

janela de cristal, Vincenzo resolveu que as coisas mudariam dali em diante.

Ele não se permitiria mais sofrer.

Reparou na profundidade das olheiras que sombreavam seus olhos e resolveu que não esperaria mais para começar a mudar as coisas.

Voltou para casa apenas para pegar o saco de joias de dona Francisca Monteiro. Devolveria tudo, afinal aquilo era a última prova do plano frustrado de fuga — das mentiras que foram contadas, da maior desilusão de sua vida.

Talvez o novo patrão soubesse onde era a casa dela. Provavelmente no livro de registro das entregas da cidade deveria existir alguma feita para a senhora Francisca Monteiro.

No fim daquele mesmo dia, ele estava em pé na luxuosa sala íntima da casa da família Monteiro de Barros em São Paulo. Sabia que devolver as joias não significava uma mudança real em sua vida, mas era o primeiro passo em direção a ela. Devolvê-las era a certeza consumada de que tudo não passara de uma ilusão, de um erro atroz, da maior mentira em que já acreditara.

— Boa tarde, senhor Martinelli. Uma surpresa ver o senhor por aqui. — Francisca entrou na sala e cumprimentou-o com olhar enternecido, talvez pelo estado de suas roupas.

Ele não se orgulhava de viver ainda pior do que na fazenda ou na Itália, muito pior, na verdade. Morava com Matteo em um quarto de pensão na Mooca, bairro de casas simples de imigrantes italianos. Os dois não tinham dinheiro para quase nada.

— Boa tarde, senhora. Vim lhe devolver suas joias — ele explicou, sem preâmbulos.

A mulher o encarou, surpresa.

— Achei que você tivesse ido embora do país, que tivesse vendido as joias.

— *Non*, senhora. Elas não foram dadas a mim. Eu sei que a senhora as deu pensando na sua amiga.

Então Francisca o fitou, compadecida. Se não fosse uma dona tão bondosa, Vincenzo teria ficado com raiva dela também.

Ele odiava despertar piedade nos outros.

Francisca suspirou antes de dizer:

— Ontem fez três meses que estivemos naquele baile... Não é uma coincidência o senhor estar aqui, é?

Como se Vincenzo pudesse esquecer o aniversário de sua morte.

Permaneceu em silêncio, sem saber o que dizer. Dona Francisca prosseguiu:

— Eu fui visitá-la há um tempo... Mas Angelina não me recebeu. Deve ter ficado envergonhada... Bem, eu ficaria, no lugar dela.

Vincenzo sentiu o maxilar travar. Não tinha ido até lá para falar de Angelina. Não queria mais saber dela.

— Fique com as joias, senhor Martinelli. O senhor parece um homem decente... E, de qualquer forma, eu já não contava mais com a devolução. Elas não me farão falta.

O rapaz colocou o saco com as joias em cima da mesinha lateral, ao lado de uma poltrona com braços dourados, ao alcance das mãos de dona Francisca.

— *Non, signora*. Eu lhe agradeço muito, mas isso não é certo. Não posso aceitar.

Ela cruzou as mãos na frente do corpo e o encarou em um silêncio pensativo por algum tempo.

— Uma vez Angelina me disse que vocês queriam abrir um restaurante juntos... Parece que o senhor é um excelente cozinheiro. Ou chefe, como se fala na França.

Ele mirou os sapatos gastos, disfarçando o nó na garganta que aquele assunto inevitavelmente trazia.

— Sim, senhora.

— Deixe-me ajudá-lo, senhor Martinelli.

Pensando que ela falava sobre sua situação com Angelina, ele abriu os ombros e respondeu, com o maior orgulho que conseguiu:

— Não quero mais nada com ela, senhora Monteiro — concluiu, com a voz falhando.

Francisca pegou o saquinho com as joias, passando o dedo pelo cordão que o fechava.

— Não falo de Angelina, senhor Martinelli. Na verdade... Sou muito amiga do senhor João Nóbrega de Almeida, proprietário da famosa confeitaria Castellões, na Rua São Bento. O senhor conhece?

Sentindo uma onda morna no peito que não soube identificar, ele pigarreou antes de responder:

— Conheço, sim senhora.

— Gostaria de trabalhar lá?

— Sim, senhora. *Io* adoraria — quase não conseguiu responder. O pulso acelerou.

— Vou conversar com ele. Tenho certeza de que ficará feliz em contar com o senhor em sua cozinha.

Se aquilo realmente fosse verdade, poderia significar uma grande mudança em sua vida e na vida de Matteo. Vincenzo teve vontade de sorrir e talvez abraçá-la, mas não conseguiu. Não poderia, na verdade.

— A senhora é uma boa pessoa. Não sei como poderei lhe agradecer.

Ela cruzou as mãos sobre o saquinho de couro com um sorriso discreto nos lábios.

— Às vezes, tudo de que precisamos na vida é alguém que nos dê uma oportunidade ou um empurrãozinho.

— Senhora — atordoado por um milhão de emoções e pensamentos, limpou outra vez a garganta, antes de falar: —, eu agradeço *molto*, de verdade.

— Podemos nos encontrar na confeitaria dele amanhã no meio da tarde. Chegarei mais cedo para ir adiantando o assunto.

— *Grazie a mille*, senhora.

Ela se virou, indo em direção à porta.

— Bem... Agora o senhor vai me desculpar, mas estou com alguns convidados na sala ao lado. Terei realmente de voltar para lá.

Ele tirou a boina, levando-a ao peito em um gesto de gratidão.

— É claro, senhora. Obrigado mais uma vez.

— Até amanhã, senhor Martinelli.

— Até.

Saiu da casa de dona Francisca convencido de que ainda havia bondade em algumas pessoas e de que a vida talvez pudesse voltar a sorrir devagar, aos poucos, de um jeito diferente. Lembrou também da imagem de Angelina sorrindo de braços dados com o barão em frente à casa dela, vivendo a vida que ela e Vincenzo tinham sonhado, e seu maxilar travou. Outra vez movido pela raiva, jurou para si mesmo:

— Vou alcançar tudo o que sonhei. Vou trazer minha mamma e meus irmãos menores para morar no Brasil. Vou ser um homem rico e vou vencer. Vou provar para o mundo... para... Angelina. — O nome surgiu em sua mente. — Vou provar para o mundo que eu sou capaz de vencer.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Cieccone

Angelina parou a caneta sobre o papel ao ouvir Isabel entrar no quarto.

— Pare de escrever essas cartas, pelo amor de Deus. A senhora está obcecada.

Fazia três meses que perdera o bebê.

Provavelmente estava mesmo obcecada.

As cartas eram mais do que uma tentativa de manter contato com Vincenzo. Eram uma maneira de continuar acreditando que tudo ficaria bem.

— Eu não vou mais enviá-las — a governanta repetia isso todos os dias.

Angelina já não aguentava mais tentar convencê-la do contrário. Então, naquele início de tarde quente e úmido levantou-se sem argumentar e se sentou na beira da cama.

— Faça como achar melhor.

Isabel a encarou por um tempo, pensativa, antes de dizer:

— Ele provavelmente nunca a amou.

— Não fale isso.

— Se realmente sentisse algo tão forte como a senhora diz, não teria acreditado na sua mentira tão facilmente naquela noite.

Angelina engoliu a vontade de chorar.

— Eu fui muito cruel com ele. Disse coisas horríveis. O meu intuito era que ele acreditasse.

— Por que ele não respondeu a nenhuma carta, senhora Angelina?

A jovem arrumou um fio solto do cabelo entre os dedos trêmulos.

— Talvez ele não tenha recebido.

— Talvez ele não queira mais se arriscar, minha menina, e eu não o culparia por isso.

Então ela sentiu raiva de Isabel, mesmo sabendo que a governanta provavelmente estava preocupada e queria o seu bem.

— A senhora pode não enviar... Quanto a mim, vou continuar escrevendo.

— Por quê?

Ela riu sem achar graça, apertando as têmporas.

— Por quê? Talvez porque essa seja a única coisa boa que me restou, talvez porque Pedro, quando está na fazenda, me culpe dia e noite por ter perdido o bebê e me puna por isso... A última vez que lhe respondi, Pedro disse que me surraria até eu perder a consciência se eu repetisse o ato de rebeldia. E eu o enfrentei como há tempos não fazia. Ele partiu para cima de mim. A senhora sabe. Foi a senhora quem impediu que ele me batesse.

— É claro que eu sei. Se não estivesse lá, se Afonso não o segurasse, provavelmente ele a mataria.

— Eu não me importo — ela respondeu, com lábios trêmulos. — Ele pode me matar, mas eu não vou mais ficar quieta, dona Isabel. Não vou mais ser a esposa perfeita, chega! — terminou quase gritando.

A governanta empalideceu.

— Que falta de respeito é essa agora? Vai brigar comigo? Com a única pessoa que a acolheu e apoiou?

Ela travou os dentes antes de responder:

— A senhora... A única pessoa que me resta nessa casa também não me entende mais.

— Está sendo injusta.

Angelina encolheu os ombros.

— Pode ser.

— É graças a mim que a senhora e o seu italiano ainda estão vivos.

Ela franziu o cenho sem entender. Isabel se adiantou:

— Além de lhe dar cobertura todas as noites em que a senhora se encontrava com o senhor Vincenzo, poucas semanas antes de o italiano pedir demissão, Ricardo a viu indo para a estufa e veio falar comigo. Tive de suborná-lo para que ele se mantivesse calado.

Ricardo tinha flagrado Angelina? Isabel o subornara pelo silêncio e nunca lhe contara nada sobre isso? Por quê?

— Por que não me disse nada?

— Não queria assustá-la.

— E como a senhora o subor...

— Em um dos jantares na fazenda, deixei de guardar no cofre um dos seus

colares de pérolas.

Angelina não se abalou com a ideia de Ricardo saber da verdade, tampouco diante da hipótese de o barão descobrir que faltava um colar em sua coleção. Ela não tinha mais nada a perder. Só queria deixar tudo aquilo para trás.

— Se a senhora não se importou em pegar uma joia para subornar Ricardo, poderia pegar uma e me ajudar a fugir deste lugar *maledetto*.

Isabel fechou as duas mãos em punhos ao lado do corpo.

— Já lhe disse que nunca a colocaria em risco dessa maneira.

— Então vá embora junto comigo. Por que a senhora faz tanta questão de ficar neste inferno? E pior — ralhou ela —, de querer me manter *qui*?

Os lábios finos e enrugados da mulher tremeram.

— Tanta ingratidão, senhora Angelina, eu não vou suportar. Tudo o que faço é pelo seu bem.

A jovem deixou os dedos correrem sobre a colcha da cama, sentindo a costura apertada do matelassê, e se perguntou se estava realmente sendo ingrata. A resposta que ouviu de sua consciência foi "não".

— Eu vou continuar buscando uma maneira de escapar daqui, desta vida. Preciso acreditar que o que vivi com Vincenzo foi de verdade. Só não tente tirar isso de mim.

A governanta arrumou as escovas sobre a penteadeira de forma meio brusca.

— Talvez tenha sido sua obsessão por esse italiano, por esse homem, que provavelmente queria apenas usar o seu corpo, a causa de toda a sua tristeza. Talvez a senhora saiba que o que eu falo é a verdade e foi justamente isso que a desequilibrou, fazendo-a perder o bebê.

Com uma afirmação que beirou a crueldade, uma frase que insinuava que ela podia ser culpada por ter perdido seu filho, Isabel deixou o quarto, batendo a porta, sem olhar para trás.

Angelina engoliu a raiva e a vontade de chorar, entendendo que tinha duas escolhas: acreditar no que a governanta dissera sobre Vincenzo e nas próprias culpas e afundar na tristeza ou não se render diante da maldade. Decidida a ir atrás daquilo que a salvara quando ela perdera a mãe e continuaria a salvá-la para sempre, levantou-se, foi até a penteadeira e abriu o fundo falso da gaveta.

Tirou mais algumas folhas de papel, que eram as paredes de sua casa, os músculos que envolviam seu coração, e voltou a segurar a caneta como uma

espada, capaz de cortar a raiz onde a ausência do amor se instala. Começou a desenhar palavra por palavra uma nova história que nascia. E não era apenas a história de sua vida começando a ser contada naquele pedaço em branco, cheio de possibilidades e de esperança: Angelina sabia que as histórias contadas com o coração possuem as chaves de todos os mundos e portas internas. As histórias, as poesias, as cartas de amor e os sonhos sempre seriam a certeza de que nenhuma fase triste, por mais sombria que pudesse parecer, apagaria a luz do recomeço.

Respirou fundo e começou a curar as lembranças com vírgulas, palavras e pontos. O final de sua história seria feliz, e seria com toda a certeza redigido por ela:

A história de amor de Angelina e Vincenzo.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Frasson

NOVE MESES DEPOIS ...

Aquelas palavras, as malditas palavras que dissera para Angelina ainda o perseguiram.

E era verdade.

Havia quase um ano seu coração tinha sido arrancado do corpo.

É claro que o músculo continuava a bater dentro do peito, e continuava também, como ele podia comprovar, a cumprir as funções vitais, já que acordava, trabalhava, comia e dormia.

Mas quem o conhecera antes e depois de aquela mulher entrar em sua vida notava, sem nenhuma dificuldade, que o sorriso largo e sincero de Vincenzo, sempre espontâneo e natural, tinha abandonado sua expressão.

O irmão se queixava, alegando que ele se tornara carrancudo e distante, quase cínico. Dizia que Vincenzo não conseguia mais se divertir de verdade. Nem mesmo diante da proximidade de realizar o sonho de sua vida ele se mostrava verdadeiramente entusiasmado.

Quem o conhecera depois que tudo aconteceu jurava que Vincenzo nunca tinha sido um homem dado a paixões. Era um rapaz pragmático, obstinado, reservado, quase frio.

Vincenzo sabia que, depois de Angelina, não sobrara muito espaço em seu coração para amar nada. Ainda sonhava ter o restaurante italiano, mas, como um gato esquálido, aprendera que todas as paixões devem trazer, além do fogo que as impulsiona, uma boa medida de ponderação, controle e razão.

Mentira!

Esse era o discurso que ele ensaiara todos os dias durante um ano.

E continuava assim: ouvir o coração era uma característica de homens fracos e iludidos. O amor romântico, como Vincenzo o classificava, vivia apenas na imaginação de poetas bêbados ou de jovens impulsivos e desmiolados. Nunca poderia resultar em nada de bom.

Mentira!

No fundo, Vincenzo sabia quão enganoso era aquele discurso de sua razão. Mas também sabia como ele tinha sido importante para salvá-lo um ano antes. E talvez ainda o mantivesse vivo.

Entendeu, com o passar dos meses, que alguns homens se realizam usando de combustível a paixão; outros, a ganância ou o medo. Vincenzo aprendera que a raiva e o orgulho ferido também eram um potente incentivo para realizar sonhos.

A prova disso eram os papéis sobre sua cama.

Depois de juntar cada tostão ganho durante meses de trabalho, primeiro na Castellões, depois fazendo turno dobrado entre a confeitaria e o café Brandão, ele conseguiu dar entrada no imóvel onde instalaria seu restaurante.

Era um lugar pequeno, mas bem localizado. Seria um começo.

O patrão, um homem justo e bem relacionado, apresentara-o a um banqueiro, e com ele Vincenzo arranhou dinheiro suficiente para reformar a casa, comprar móveis e montar uma cozinha.

Enfiou os braços na camisa branca que ele mesmo engomara mais cedo e abotoou a calça social. Tinha marcado de se encontrar com o banqueiro no café Brandão para assinar o contrato do empréstimo naquela mesma tarde.

Mirou o cabideiro, procurando a gravata cinza. Tinha certeza de que a havia deixado ali. Talvez estivesse na sala.

Abriu a porta do quarto, cruzando o corredor estreito. A madeira do assoalho um pouco gasta rangeu sobre seus pés. Cruzou com Guine, que dormia em cima do tapete redondo, e se curvou um pouco na direção do animal, fazendo carinho na orelha comprida.

— Matteo, você viu minha grava...

Deteve-se.

O som dos carros e dos cavalos, sempre presentes na rua movimentada onde moravam, parou.

O barulho constante do relógio de parede marcando os segundos emudeceu.

O tempo não passava mais. E o ar... Que ar? Havia sumido enquanto o mundo desaparecia ao redor.

Matteo não estava sozinho, e começou a explicar a presença a seu lado:

— Tocaram a campainha da porta, eu abri e... e... — A voz do irmão saiu estranha, arrastada, fora de tom. Ou era a ausência de ar na sala que provocava aquilo tudo?

Vincenzo sacudiu de leve a cabeça e ouviu Matteo prosseguir, atrapalhado:

— Eu disse para ela ir embora. Falei que você, nós, nunca mais queremos vê-la, mas...

— Desculpe, eu insisti para entrar — ela completou por ele. — Queria apenas... deixar isto e talvez, falar um pouco... — Angelina depositou um maço de folhas sobre a mesa próxima.

Em um silêncio atônito, Vincenzo olhou para ela, sem acreditar no que via, e se sentiu meio fraco. A presença dessa mulher ainda era capaz de mover as estrelas do céu e pendurá-las nas paredes e no teto de onde quer que entrasse.

Estava mais bela do que se recordava.

Às vezes Vincenzo fechava os olhos e, sem conseguir se controlar, lembrava, com detalhes, do rosto, da cor dos olhos, da curva dos lábios. Lembrava do calor de tê-la contra ele, dos sons que ela fazia quando a amava, do gosto que tinha cada um de seus beijos. Recordava, com tanta perfeição, como se Angelina estivesse à sua frente, a um passo de ser tocada. Então, ele abria os olhos e ela desaparecia. Sumia.

Como se nunca tivesse existido.

Atordoado, piscou lentamente, tentando fazê-la desaparecer, ir embora e o deixar em paz. Mas Angelina continuava ali, em pé, ao lado de seu irmão, usando um vestido marfim e rosa, o cabelo preso de forma elegante. Luvas de renda fina como uma segunda pele cobriam as mãos delicadas.

Ela lançou um olhar às folhas recém-colocadas sobre a mesa.

— Eu precisava deixar isso daqui e... sinto *molto*. Não queria incomodar.

— O que é isso? — perguntou ele, com a voz embolada, sem conseguir pensar em nada coerente.

— É uma história. Quero publicá-la um dia e achei que seria certo mostrar para você antes.

Uma história. Achei que seria certo deixar aqui. Ela ao menos o cumprimentara? Que diferença isso fazia? As palavras dela se misturaram e o mundo se desprende de seus pés.

— Matteo, nos deixe a sós.

— *Non*, eu não vou sair daqui — o jovem respondeu, enfático. — Fui eu quem recolhi os seus pedaços da última vez em que você viu essa mulher.

— Agora! — ralhou entredentes.

O irmão olhou de um para outro, agitado, mas acabou por obedecer, saindo da casa em seguida.

Após mandá-lo embora de sua vida como se ele fosse... nada. Sem olhar para trás, sem dar uma notícia, sem nunca procurá-lo, ela se materializava em sua casa, um ano depois. Porque... Porque escrevera uma história? Tinha enlouquecido? Ou queria enlouquecê-lo outra vez? Nem mesmo perdão Angelina pedira.

Ele não queria que ela pedisse perdão.

Mentira!

Ele a queria implorando seu perdão de joelhos, mortalmente arrependida do mal que lhe causara. Em vez disso, ela o fitava sem hesitar, sem enrubescer, sem demonstrar emoção alguma, e Vincenzo, que já estava completamente abalado, se perdeu.

— *Perché solo ora?* Por que somente agora? — Apontou para ela com as mãos trêmulas.

Os lábios da jovem tremeram um pouco antes de responder:

— Eu fiquei viúva há algum tempo e desde então... achava que você estivesse em Buenos Aires, como havíamos combinado. Cheguei a ir até lá, acredita? — Ela engoliu em seco, dando um sorriso incerto. — Pensei que nunca mais te veria, então, somente há poucos dias resolvi ir atrás de dona Francisca. Ela está morando em São Paulo ultimamente, você deve saber.

Angelina ofegou, parecendo nervosa. Vincenzo não conseguia enxergar nada além de sua própria perturbação.

— Depois que eu contei tudo a ela sobre a noite do baile, Francisca me deu seu endereço e disse também onde trabalhava... Eu queria tanto vê-lo.

— Cale a boca! — ele gritou, sem nem mesmo processar o que ela dissera.

Ela perdeu a cor das bochechas. Deu um passo para trás, parecendo atingida.

Atingida?

Ele, sim, fora atingido.

Vincenzo esfregou os olhos com força.

— Por que você está aqui?

— Eu... achei que nós...

— Nós? — Ele se aproximou, encurralando-a contra a parede. — *Nós?*

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

Vincenzo não teve certeza se eram as lágrimas dos olhos dele.

— Eu queria explicar e... talvez...

Prensou-a mais contra a parede, até a camisa desabotoada ceder pelo movimento e ele sentir os seios macios tocarem seu peito nu. Ela umedeceu os lábios e arfou, primeiro arregalando os olhos e depois os fechando.

Vincenzo se perdeu pela segunda vez no dia.

— Talvez o quê, Angelina? Tentar acabar comigo de vez?

Ela negou, e os fios do cabelo loiro tocaram a base de seu queixo. Sem resistir, Vincenzo afundou o nariz no topo da cabeça loira, absorvendo o perfume, o calor e a vida. Seu sangue voltou a esquentar, ferver, circular, pela primeira vez em um ano.

Foi a vez de ele fechar os olhos. Que erro. A presença dela se intensificou, fazendo sua respiração se alterar. Os lábios macios tocaram a linha do maxilar dele.

Vincenzo não se afastou. Que erro.

Ela o buscou até alcançar sua boca e o beijou.

Que erro.

A garganta secou e seu corpo se encheu de vontade, de loucura. Os músculos se contraíram e todas as terminações nervosas despertaram, exigindo mais.

Ele mergulhou na sensação de tê-la nos braços e tomou os lábios sedosos em um beijo faminto, beirando o desespero. Ela retribuiu.

Que erro.

Seu coração bateu de verdade pela primeira vez depois de tanto tempo. Recordou como era estar vivo. Ele lembrava que era a coisa mais absurda, intensa e mágica que já havia experimentado. Nunca esquecera. Não! Era muito melhor do que ele se lembrava.

As mãos instáveis se aferraram na cintura estreita, exigindo que ela se aproximasse mais, desse mais, aprofundasse mais o beijo. E ela cedeu, arrancando um gemido guardado no peito havia uma eternidade.

Que erro.

Devagar, ela se afastou, ofegante, as faces coradas, os lábios mais vivos pelo beijo que trocaram.

O maior erro de sua vida.

Era essa expressão dela que preenchia o vazio de suas noites e suas horas sombrias, era essa expressão dela que o levava à humilhação de buscar alívio com as mãos mesmo se odiando por isso depois e a odiando ainda mais.

E aquela lembrança — ele soube — o perseguiria para sempre.

Que maldito e monumental erro.

— Nós precisamos conversar — ela disse baixinho.

Vincenzo se afastou, soltando o ar de maneira falha pela boca.

Ela nem mesmo pediu perdão.

E foi só então que ele caiu em si.

Peça perdão, Angelina, por ter me lembrado de como é bom. De como eu preciso. Peça perdão por ter tirado isso de mim.

— Nós já conversamos — ele respondeu, alterado.

Ela prendeu a respiração, parecendo assustada, antes de falar:

— Queria tanto que você entendesse. Tudo teve uma explicação.

Odiando-se por ainda desejar tanto, precisar tanto, ele juntou o que restava de seu orgulho antes de responder:

— Você deixou tudo muito claro da última vez que nos vimos.

Com o cenho franzido e os lábios presos, ela desenhou uma negação com a cabeça.

— Tudo o que eu falei naquele dia era mentira.

Mentira!

Seu coração parou de bater com vida e se encheu de raiva, indignação, tormento, ao lembrar daquela noite maldita.

— *Menzogna?* Mentira?

— O pior erro da minha vida.

— Eu arrisquei a minha vida. Eu morreria por você naquela época. E você me diz agora que *mentiu*?

— Eu só queria te salvar.

Nesse momento Vincenzo gargalhou e se assustou com o som horrível da própria risada.

— Parabéns! Você salvou. Agora pegue as suas folhas e vá embora. Não volte mais, Angelina. Nunca mais me procure.

Ela passou os dedos enluvados no canto dos olhos.

— Você tem ideia da coragem que precisei para vir até aqui depois de tanto tempo? *Per favore*, apenas me deixe falar.

Provavelmente ela não estava lá por arrependimento. Provavelmente tinha algum interesse naquela visita. Não estava lá por ele, nem pelos dois. Nunca houvera dois de verdade naquela história. Porém, a vontade que ele teve de ouvir, de entender, de perdoar, de tê-la mais uma vez, foi o que fez tudo derreter dentro e fora de si. Como ele viveria depois daquela visita?

— Eu imagino o tipo de coragem de que você precisou — ele vociferou.

— Você tem dois minutos. Estou atrasado.

Angelina o encarou, perdida.

— Eu queria trazer a história e... conversar. Eu precisava que você entendesse. — Ela mirou o relógio de parede. — Precisava que você entendesse por que eu agi daquela maneira na noite do baile e... está tudo escrito. Se você pudesse ler e...

— Já entendi. Você achou que era certo eu ler essa história *maledetta* antes de publicá-la. Deixe-me poupá-la, ou melhor, poupar-me de ouvir ou ler qualquer outra palavra sua. Eu não quero explicação alguma, não acredito em nada do que você fale ou escreva, não tenho mais o menor interesse em nada que venha de você... Publique sua história. Não me importa.

— Mas... — ela arfou.

Ele a segurou pelos ombros, levando-a em direção à saída da casa.

— *Scendere qui* e nunca mais volte.

Vincenzo abriu a porta da rua.

Ela ficou parada, com lágrimas cobrindo os olhos.

— Você é surda? Ande! — ordenou, conduzindo-a para fora.

— Eu sei que você está magoado, sei o quanto eu te feri, mas, por favor, leia — sussurrou, olhando para o manuscrito.

Angelina só queria que ele lesse. Talvez precisasse de uma autorização para publicar alguma coisa mais íntima, talvez... Ele já não sabia mais de nada.

Tirou um maço de notas do bolso de trás da calça antes de dizer, contendo o choro:

— Logo a minha noiva chegará aqui... Esse dinheiro é para pagar você pelo beijo.

E ergueu as sobrancelhas, aguardando a reação dela.

Angelina levou a mão até o coração, como se sentisse dor.

— Ora, não faça essa cara. Não é disso que você realmente gosta? — continuou impune, colocando as notas sobre a mesa. — Então pegue este *soldi maledetto* e suma daqui. Eu não quero ter de explicar para minha noiva a presença de uma mulher do seu tipo dentro desta casa!

E a expressão que tomou o rosto dela, no lugar de trazer qualquer satisfação para ele, como intentava ao dizer e fazer algo tão cruel e baixo, arrancou mais um pedaço de seu coração. Ele quis urrar.

Entrou no quarto, batendo a porta com força, como se pudesse se isolar da devastação trazida por Angelina e alimentada por ele.

Terminou de se vestir, sem conseguir ver nada ao redor. Estava atrasado para o encontro com o banqueiro. Teria de ir correndo até o café.

Antes de sair, olhou a mesa onde repousava o manuscrito. O resto do perfume dela no ar, as notas de dinheiro e a aliança.

A aliança que tinha pertencido a sua nonna.

Junto ao anel, outra peça pequena de ouro.

Dio mio! Era a medalha de santa Lúcia.

A medalha que ela lhe emprestara um dia depois da noite do temporal, quando se conheceram. Sentiu o maxilar travar por causa do nó que voltou a apertar sua garganta.

Sem conseguir se deter, correu os olhos pela primeira página, onde a caprichada caligrafia de Angelina se exibia:

*A história de amor de Angelina e Vincenzo
(Título provisório)*

Lembrou da noite do baile, quando lhe devolveu a aliança. Fez isso acreditando que a peça simbolizava o próprio coração, que fora arrancado do seu peito.

Infelizmente, ter aquele anel de volta não lhe devolvia o coração.

Ter aquela medalha, por sua vez, seria uma lembrança de tudo o que eram juntos e tudo o que eles não foram.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Luizi

Vincenzo demorou quase um mês para decidir ler.

Pensou em queimar, jogar fora, guardou no fundo de um armário e deixou lá por vários dias.

Na verdade, sentado em sua cama com o bloco pesado de folhas sobre as pernas, ainda não tinha certeza se deveria fazer isso ou não.

Para quê?

Para exorcizar o passado de uma vez por todas e seguir adiante — ele se convenciu um pouco a cada dia.

Naquele momento, decidira que, se não lesse, aquelas folhas seriam para sempre um ponto de interrogação, uma âncora em seu coração. Percorreu, então, a primeira página, tentando se convencer de que não se importaria com nada. Ele era forte o bastante para não se importar.

Comece pelas cartas. Elas estão dispostas na ordem certa para que você entenda tudo o que não foi dito e explicado.

Carta n. 1

Itatiba, 20 de outubro de 1904

Amore mio. Minha vida.

Eu menti...

...

...

— *Dio mio!* O barão, aquele desgraçado! Aquele monstro! Ele a forçou. Levantou e caminhou até estar de frente para a parede do quarto, sentindo

o corpo inteiro tremer. Fechou a mão em punho e viu o rosto do barão, a risada imunda daquele *maledetto*, a voz, a maneira podre como ele a tratava. Deu um soco na parede. O que se ouviu a seguir foi o impacto seco dos seus ossos estalando. Uma dor enorme se estendeu dos dedos até o ombro.

O ar — Vincenzo lutou para inspirar devagar, e tudo o que conseguiu foi arfar de maneira ruidosa.

Ela estava grávida? Transtornado, foi até a janela estreita do quarto. Mas então... Como é possível? Esfregou vigorosamente o rosto com a mão que não doía e murmurou por cima dela:

— Por que você não me contou, Angelina?

Se ela tivesse contado naquela noite, Vincenzo não teria ido embora sem ela. Jamais a teria deixado lá, jamais teria permitido que ficasse sozinha e... Respirou fundo ao entender o que a levava a omitir a verdade. Virou-se de costas para a parede, deixando o corpo escorregar até estar sentado no chão.

“Eu errei. Menti para protegê-lo.”

Seus olhos se arregalaram.

Eles tinham um filho?

Por que Angelina não dissera nada naquela sala um mês antes, quando o procurara? Quando... quando ele agira como um estúpido com ela.

A não ser que...

Com o coração ainda mais acelerado e as mãos um pouco instáveis, ele folheou a carta seguinte.

Carta n. 2

Aquela cozinha, sem você, fica tão vazia e...

...

...

Engoliu em seco, meio tonto, ao virar a página para a carta seguinte.

Carta n. 3

Os cafezais estão floridos. Lembrei de você me dizendo que uma vez me viu passar entre as flores brancas e que a maneira como elas se estendiam atrás de mim parecia um véu, uma mantilha rendada de pétalas...

Prosseguiu, virando página após página, carta após carta. Conforme entendia tudo o que acontecera um ano antes, seu coração era tingido como um papel molhado pelo nanquim, como se as nuvens pesadas de todas as emoções contidas naquelas linhas caíssem em uma tempestade impiedosa, nublando não apenas seus olhos, mas tudo ao redor.

Carta n. 11

Amore mio...

...

Cartas enviadas... Rezando para que você as receba...

Saber que você poderá conhecer a verdade é um alívio.

— Nunca recebi carta nenhuma, Angelina — Vincenzo murmurou, desmontado.

Levantou-se e foi até a sala. A casa estava em silêncio. Matteo já dormia. A cidade também estava quieta. No dia seguinte eles levantariam cedo para trabalhar.

Mas não conseguiria parar enquanto não terminasse de ler. Porém, para isso, ele precisava de...

Abriu a garrafa de conhaque e serviu a si mesmo uma dose grande. Virou-a de uma vez, engolindo o resto da mágoa presa na garganta.

Voltou para o quarto e para as cartas.

Voltou para a tempestade formada por palavras que espremiavam seu coração na mesma medida em que a verdade clareava tudo.

Carta n. 12

Passei vinte dias sem escrever para você. Não sei como e onde encontrar forças para continuar escrevendo, acreditando...

Leu, soluçou e leu...

Levou a mão até a boca fechada em punho ao se dar conta do que Angelina tinha passado, do que havia acontecido.

Peço todas as noites que nosso bebê suba até as estrelas na escuridão, e que ele me perdoe porque eu não fui capaz, não consegui segurá-lo até o fim...

Vincenzo saiu da cama onde lia, sentindo o estômago embrulhar e um gosto ruim invadir sua boca. Correu até o lavatório e dobrou o corpo junto ao balde sem conseguir conter a ânsia.

Tossiu, soluçando. E chorou sentado no chão, com a cabeça entre as pernas.

— *Dio mio* — arfou. — Por quê?

Não soube quanto tempo se passou até ele se obrigar a parar de chorar. Nem mesmo ouviu a tempestade real que se armava do lado de fora.

Tempos depois, andando sob o som de uma enorme trovoadas que reverberara em todo o seu corpo, tentou se recompor, passando as mãos no cabelo e no rosto.

Abaladíssimo, voltou para o quarto e pegou a carta seguinte.

Prosseguiu lendo carta após carta, sem nem se dar conta da água caindo como pedras de gelo na rua, ou do vento uivando incessante através das frestas da janela. Continuou lendo sem ouvir nada além do próprio coração voltando devagar a se encher de... esperança.

Carta n. 58

Dona Isabel insiste que eu pare de lhe escrever. Ela diz que a ausência de respostas me faz mal, diz que se preocupa comigo e com minha felicidade. Ela acha que eu devo tentar dar mais uma chance à vida.

Talvez ela não saiba que, te escrevendo, eu mantenho acesa a única chama que me ajuda a continuar.

Então, ontem, aconteceu algo... Não sei nem o que pensar: ela chamou um colono, Luca Fiorentine, para ajudar a mexer em uns móveis em meu quarto. O tempo inteiro em que o jovem trabalhava, ela se manteve na varanda. Quando Luca saiu, Isabel insinuou que eu poderia entregar meus manuscritos para ele e que, se eu quisesse, ela tentaria dar um jeito de trazê-lo durante a noite para me visitar.

Ofendida e humilhada, argumentei:

— Que tipo de mulher a senhora acha que sou?

Ela pegou em minhas mãos com cuidado, dizendo:

— O que a senhora mais quer não é ter um filho? Seja esperta, minha menina. Se depender do seu marido, isso nunca vai acontecer.

Então, eu disse que jamais faria algo parecido. Senti que ela me enxergava como uma égua reprodutora. Dona Isabel voltou a afirmar

que minha obsessão por você será o meu fim e que eu devo seguir adiante.

Mas eu acredito no nosso amor, Vincenzo. Acredito que ainda seremos muito felizes juntos. Nunca desistirei de você.

Vincenzo dobrou a carta e caminhou, inquieto, de um lado para o outro do quarto pequeno. Serviu a si mesmo mais uma dose de conhaque e virou o conteúdo em um gole grande, torcendo um pouco a boca pelo gosto ardido da bebida.

Pousou o copo em cima da mesa, onde as cartas lidas se empilhavam.

— Por que eu não te ouvi, Angelina? Por que eu acreditei tão facilmente em tudo o que você disse? Por que eu desisti tão rápido? — terminou gritando.

— Vincenzo, vá dormir! — resmungou Matteo do outro quarto. — Você me acordou, *caspita!*

Sem se preocupar com o barulho que fazia ou com o sono de Matteo, ele voltou para a cama e continuou a leitura, dividido entre a dor, o amor e o arrependimento.

Carta n. 59

Lembro da Guine sempre. Você a tem alimentado nos horários certos? Não esqueça que um pedacinho de pão sempre a deixa muito alegre.

Tenho saudade de tudo o que vivemos.

Eu te amo.

...

Vincenzo leu por muito tempo. Uma hora? Duas, três? Ele nem sabia mais quantas tinham se passado.

Sorriu, chorou, recordou e a amou mil vezes mais, em cada uma das cartas. Arrependeu-se, torturou-se, culpou-se e continuou a ler. E, devagar, começou a sentir no fundo do coração uma pontinha de calor se formando e ganhando espaço. A cada palavra lida, lembrava como era sentir. Muito além da tristeza, dos desencontros, da paixão ou das perdas contadas nas cartas, elas teciam, linha a linha, a certeza de que os dois poderiam ter uma nova chance juntos. Sem que ele se desse conta, seu coração voltava a bater normalmente depois de um ano inteiro.

Carta n. 125

Era a última carta.

Itatiba, julho de 1905

Vincenzo inspirou com dificuldade. A data era de três meses antes. Com os dedos trêmulos, ele agarrou a borda do papel e começou a ler:

Agora é noite, e um rouxinol canta na minha janela. Ele me lembrou há pouco de que, mesmo tendo passado tanto tempo, mesmo tendo havido tantas cartas nunca lidas ou respondidas, mesmo com tudo o que pareceu dar errado em minha vida e em nossa história, o mundo continuará a entregar coisas belas e pequenos milagres todos os dias. Agora mesmo o rouxinol acaba de me contar que são as nossas escolhas que nos constroem e não as circunstâncias que nos cercam. Ele me lembrou também de que tudo na vida passa: as fases boas e as ruins, as festas e as perdas, as soluções e os problemas.

Pronto, ele voou. Foi cantar em outra janela e avisar outra pessoa de que a única coisa no mundo que nunca passará ou acabará é o amor. Sim, ele é o sentimento mais poderoso que existe, como você mesmo me disse uma vez.

Eu continuo pensando em você sempre, mesmo sem alimentar esperanças de um dia nos casarmos e termos uma família. Talvez você já esteja até mesmo casado, talvez a vida tenha lhe trazido outra pessoa. Não vou mentir: pensar nisso dói, mas, acima de tudo, ainda prefiro acreditar que você está feliz e que reconstruiu sua vida.

Às vezes vejo em minha imaginação um restaurante cheio de pessoas barulhentas e entusiasmadas sendo servidas pelo melhor cozinheiro do mundo. Afinal, como sempre falamos um para o outro, nunca é tarde para recomeçar e ir atrás de realizar sonhos. Nunca é tarde para termos coragem de ser quem realmente somos.

Há pouco mais de duas semanas, um ciclo triste, o mais sombrio que já vivi, encerrou-se em minha vida. Ele terminou à custa da morte de um homem cruel e de um aprendizado enorme sobre como podemos errar em nome do amor.

Você deve se lembrar de dona Isabel, a governanta que jurou me amar como uma mãe ama sua filha. Ela mantinha tudo sob controle, e

de uns tempos para cá reafirmava todos os dias que o barão iria pagar pelo sofrimento que causou a mim e todos ao seu redor.

Hoje eu me pergunto quantas vezes tentamos controlar as situações, as pessoas, a vida dos outros para suprir nossas carências.

Vincenzo parou de ler, segurando o papel com as mãos ainda mais trêmulas, parecendo pressentir que algo muito difícil seria revelado.

— O que aquela mulher fez?

Umedeceu os lábios secos e retomou a leitura:

O barão morreu depois de ficar doente durante quase um mês. Passava dias melhores em que parecia não ter nada e outros em que não conseguia sair da cama.

Com o fim dele, todos na casa foram constantemente interrogados durante dias. A polícia suspeitava de envenenamento.

Chegaram a insinuar mais de uma vez que eu seria a principal beneficiada com a morte do barão, por ser a única herdeira.

Então, depois de quase vinte dias de investigação, dona Isabel entrou no meu quarto bem cedo, em uma manhã ensolarada.

— Foi em nome do amor que sinto pela senhora. Eu fiz isso em nome do amor.

— O quê? — perguntei, assustada, sem entender.

— Não queria que fosse assim. Era para ter sido diferente. Finalmente poderíamos ficar somente nós duas, sem aquele monstro a controlando, a machucando.

Meu coração falhou.

— O que aconteceu?! A senhora está me assustando.

— Tentei de tudo para protegê-la, para que aquele desgraçado não a matasse de tristeza, como fez com minha outra menina, a primeira esposa dele, Cecília... Mas aquela besta parou de me ouvir. Tentei convencê-lo a tratá-la de outra forma, a não ser tão cruel. — Ofegou, levando as mãos trêmulas ao rosto antes de dizer: — Só que ele não me ouvia mais. Pedi tanto que parasse de torturá-la, porque a senhora já tinha sofrido o bastante. Mas o barão não me deixou escolha.

Meu estômago gelou de nervoso.

— O que aconteceu, senhora Isabel?

— Prefiro que saiba por mim toda a verdade a vê-la descobrir depois

sozinha. Por isso, pedi alguns minutos a sós com a senhora. Sairei deste quarto acompanhada pela polícia, que está lá embaixo. Eles descobriram. Acharam o homem que me vendeu o veneno... Então, não me restou escolha: eu confessei tudo — ela terminou com a voz mais fraca.

Meu coração também gelou quando entendi o que dona Isabel acabava de me confessar.

— Não... A senhora não teria coragem. A senhora não é uma... uma...

— Assassina?! — Ela ergueu um pouco os ombros. — Chame como quiser. Tenho a consciência tranquila.

Naquele momento, meu corpo inteiro tremeu. Ela matou o barão e não parecia nem um pouco arrependida ou apreensiva por isso.

— Dio mio, senhora Isabel!

A governanta se sentou com a coluna erguida, a expressão torcida, os olhos reluzindo lágrimas.

— Anos atrás, eu perdi duas gestações. Eram filhos do meu finado marido, dois meninos lindos.

Com a respiração acelerada, a testa suando frio e sem conseguir falar, continuei ouvindo.

— Eles eram tudo o que eu sempre quis... Na época, o pai do barão me fazia trabalhar pesado com a limpeza da casa. Tudo foi culpa daquela família maldita! Eu sempre quis vingança. Cheguei a fazer mil planos, a criar mil coisas diferentes... Mas então veio Cecília e tudo mudou. — Ela exalou com força. — Só que ele também a tirou de mim, e eu o odiei mil vezes mais. Tempos depois, quando a senhora chegou, eu sabia que não poderia perdê-la. A senhora se tornou minha única esperança.

— Eu? — perguntei, levando as mãos ao coração, horrorizada.

— Eu sabia que, para tudo não sair errado, como da primeira vez, a senhora deveria ser a esposa perfeita, deveria aguentar qualquer coisa vinda daquele desalmado, não se impor e saber conduzir as coisas dessa forma. Era a única maneira de ele nos deixar em paz.

Dona Isabel voltou a se levantar, passando as mãos pelas saias de linho do vestido escuro.

— Eu não entendo... — E realmente não entendia mais nada.

— Mas aquela besta em forma de homem não conseguiu engravidar a senhora... E tudo ruiu. E então depois a senhora perdeu o nosso bebê.

— Nosso?

— Ele já era como um filho para mim também... Assim como a senhora. O seu filho, senhora Angelina, era tudo o que nós precisávamos para sermos felizes. Tudo o que eu fiz foi pensando na nossa família. Na senhora e no bebê.

Mordi o lábio inferior com força ao enfim me dar conta da loucura que aquela mulher que eu considerava uma amiga, uma segunda mãe, tinha feito.

Ela me manipulou, me aconselhou a ficar quieta e engolir tudo, a não me opor a nada que o barão fizesse. Ela queria que eu fosse a esposa perfeita, e eu, estúpida, obedeci. Dona Isabel me manipulou porque queria que eu engravidasse. Ela queria ter o filho que nunca teve me usando? Dio mio! Minhas pernas amoleceram e eu precisei me sentar.

Fechei os olhos, sentindo as lágrimas escorrerem pela face.

— Eu não acredito.

A governanta apertou a base do nariz, parecendo nervosa, antes de continuar:

— Eu só queria a nossa felicidade. Nós precisávamos de um bebê nesta casa, para sermos felizes de verdade. — Ela se aproximou, segurando minhas mãos, e eu removi as minhas debaixo, enjoada.

— Por que o meu bebê? Por que não o de outra pessoa?

— Como assim? — Ela riu de maneira fria. — Temos uma ligação de alma, minha filha, eu sei. Sinto o que a senhora sente. Quando está triste ou quando o senhor Pedro a maltrata, dói em mim. Dói de verdade. Eu sei antes de acontecer que algo está errado com a senhora, sinto quando pode ficar em perigo... Sinto e... e preciso protegê-la. Essa é minha missão.

E foi nesse momento que entendi. A mulher parada a minha frente, com os olhos vidrados e as faces cobertas de lágrimas, era louca.

Engoli em seco, pensando no que eu poderia responder. Não consegui pensar em nada coerente.

— Meu Deus!

— Então apareceu aquele italiano, e no começo juro que achei que fosse uma bênção, afinal o barão não conseguia engravidá-la. O senhor Vincenzo poderia nos dar um bebê de presente. — Dona Isabel mirou o chão, com ar perdido. — Eu tinha certeza de que Deus o tinha colocado em seu caminho. Até que ele quis levá-la embora daqui, para longe. Até

que ele quis arriscar sua vida.

— Ele não arriscaria minha vida — retruquei, incrédula.

— A senhora estava cega. Ele queria nos separar, levá-la embora daqui, levar o nosso filho para longe de mim. Então eu fiz o que devia para nos proteger.

— Do que está falando?!

Isabel lançou um olhar vago por cima da penteadeira.

— Uma coisa que nunca lhe contei é que o barão sempre me escutou, como se eu fosse uma irmã mais velha... Eu não precisava lhe contar isso, porque só queria a confiança dele. Isso era tudo o que me interessava. — Ela umedeceu os lábios, agitada. — Tentei de tudo para que a senhora fosse feliz, para que as coisas dessem certo na sua vida: conversava com o barão, aconselhava-o. Enquanto ele me ouvia, tudo ia bem, mas, depois da perda da sua gestação, parece que ele também me culpou e não me ouvia mais... Aquele maldito!

Desgraçada! — Vincenzo murmurou, amassando a primeira folha da carta até os nós dos dedos ficarem brancos. Com as mãos e a testa suando frio, o rapaz leu a segunda e última página da carta:

Foi como se o meu coração tivesse desabado e se quebrado em um milhão de pedaços mais uma vez. Quem era aquela mulher e o que mais ela havia feito para conseguir o que queria? Ou acreditava precisar?

— O que mais a senhora fez... ou aconselhou o barão a fazer?

— Só o aconselhei a protegê-la, a cuidar da senhora.

Eu estava horrorizada, enjoada e tonta, pois a verdade se revelava à minha frente. Naquele momento eu entendi tudo. Como fui ingênua. Tola.

— Na noite do baile... — comecei, com a voz trêmula de horror — foi a senhora! A senhora foi avisar o barão que eu estava pronta, e então ele apareceu um tempo depois perguntando se eu estava grávida, acabando com a minha vida. — Encarei-a, enojada. — Foi a senhora, não foi?

— Tudo o que eu queria era o seu bem, tanto que matei um homem pela senhora, para que enfim tivesse paz.

Solucei.

— Nunca lhe pedi para fazer isso... Nunca lhe pediria para matar

alguém. Nunca pedi nada disso.

— Eu sei. A senhora é bondosa demais para pensar numa coisa dessas.

Por mais que o barão tivesse sido um monstro de frieza, um homem horrível e o pior marido que uma mulher pudesse ter, em momento nenhum senti tanta raiva dele como sentia daquela mulher. Ali, entendi que as pessoas que podem te fazer mais mal não são aquelas que deixam claro como são cruéis, e sim aquelas que você acredita serem suas amigas, aquelas que dizem amar você e agem passando por cima de tudo, nutridas por seus próprios medos, sentimentos e interesses egoístas.

O que mais ela havia feito? O quanto mais havia causado de desgraça em toda aquela situação?

— As cartas para minha família que não chegavam... A senhora despachou alguma?

Ela encolheu os ombros.

— Continuar em contato com sua família a distanciava de sua nova vida, de sua nova família. Nisso o barão tinha razão.

— A ausência de visitas, a proibição de escrever? — gritei, com os lábios trêmulos.

— A senhora está sendo ingrata.

— E, se a polícia não descobrisse — prossegui afobada —, se eles continuassem me acusando, a senhora deixaria que eu pagasse por esse crime dizendo em seu coração que estava apenas me protegendo, que eu ficaria mais segura atrás das grades?

— Não — ela respondeu, empalidecendo. — Quando eles encontraram as evidências, eu confessei tudo.

Não acreditei.

— Se eles nunca descobrissem nada, a senhora me contaria a verdade? Quais eram seus outros planos para minha vida?

— Eu matei um homem por sua causa. Tudo o que fiz foi por amá-la como uma filha — ela bramiu, alterada.

— Mentira! — gritei. — Tudo o que a senhora fez foi por si mesma, foi pensando em si mesma, naquilo que queria para sua vida, nas suas carências, nas suas vontades. Nas suas loucuras. Cada ato seu foi uma tentativa de esconder de si mesma as suas misérias. A senhora nunca pensou em mim.

Ela ofegou, agitando os braços.

— Sempre pensei na senhora.

— Você me traiu e me machucou muito mais do que algum dia o barão já foi capaz. Nunca confiei nele ou senti qualquer tipo de afeto pela sua pessoa. E no fim.. talvez... — Arregalou os olhos. — Ele foi tão influenciado pela senhora quanto eu. Meu Deus. É claro que isso não diminui os erros dele, mas... — Meu estômago embrulhou. — E as surras? A senhora também pedia por isso?

— Nunca pedi para ele passar dos limites daquele jeito — ela bramiu, alterada. — Apenas mostrei como era importante que ele impusesse os limites certos.

— Dio santo, a senhora é louca!

Então Isabel se lançou sobre mim, chamando-me de ingrata, traidora, mentirosa.

Ouvindo a confusão e os gritos, o policial, que aguardava ao lado da porta, entrou no meu quarto em segundos e a levou embora. Ela foi presa.

E não a vi mais.

Dias depois, dona Eugênia encontrou todas as cartas que eu havia escrito para você guardadas em uma gaveta de fundo falso no quarto de dona Isabel. Ela encontrou também a correspondência para minha família e dezenas de cartas deles para mim. A prova de que ela fez muito mais do que assassinar um homem. Eu ainda me pergunto até onde tudo o que vivi nesta fazenda foi por influência dela. O que mais ela fez?

Que tipo de obsessão era aquela? Será que ela agia de caso pensado? Será que, no fundo, ela queria que eu engravidasse para depois me matar e ficar com parte da fortuna? Será que fugiria com meu bebê se ele tivesse nascido?

Nunca saberei, e talvez seja melhor assim. Talvez existam partes de algumas histórias que sejam tão horríveis que é melhor deixá-las quietas, repousando nas sombras às quais elas pertencem. Tenho de acreditar que sempre existirá a escolha de encontrar a luz, não importa quão escuro seja o lugar, as escolhas dos outros ou a situação.

Vincenzo apertou as têmporas, sentindo a cabeça pulsar um pouco com a mão que latejava. A senhora Isabel, aparentemente tão bondosa e inofensiva,

talvez tenha sido a culpada por tudo o que deu errado na noite do baile, na vida de Angelina, na história dos dois.

Enquanto você lia as cartas anteriores, talvez tenha se perguntado como é que elas ainda estavam comigo.

A resposta é que elas nunca saíram da fazenda. Sendo assim, como poderiam chegar até você?

Esta última carta também não será enviada. Ainda espero encontrá-lo e lhe contar tudo pessoalmente. Assim que puder sair da fazenda, quando as questões com relação ao testamento estiverem resolvidas, vou procurá-lo. Não vou desistir de encontrar você mesmo que eu tenha de sair do país.

Quero muito revê-lo e explicar em detalhes, olhando em seus olhos, tudo o que está escrito nestas cartas.

Vincenzo, amore mio, você se lembra uma vez quando conversamos na cozinha e dissemos algo como “quando se transforma uma experiência difícil em uma história, ela é curada”?

Acabei transformando toda essa história e também a nossa história, que é a parte mais bela de tudo o que vivi, em um romance. No fim, era o ato de escrever que me fazia ter vontade de acordar nos dias mais difíceis. Se você aceitar conhecer essa versão contada por mim, vai perceber que o final foi criado, inventado, ainda não aconteceu. Nele, você é meu marido e nós temos uma vida feliz e uma grande família.

Porém, se eu não o encontrar mais, se você já estiver construindo sua vida com outra pessoa, e se não tivermos mais a chance que nos foi tirada de ficarmos juntos, quero que guarde no seu coração o meu amor e a certeza de que a felicidade sempre sorrirá para quem acredita em seus sonhos.

Eu te amo para sempre.

Angelina

Sem conseguir segurar a emoção, Vincenzo pegou o paletó pendurado atrás da porta e saiu. Apressado, nem lembrou de avisar Matteo. Iria atrás de dona Francisca. Talvez a baronesa soubesse onde encontrá-la. O sol logo mais nasceria, deveria estar se preparando para ir trabalhar, mas naquele momento nada importava a não ser ver Angelina. Tentar reconquistar a vida que lhes fora tirada um ano antes.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Ofredi

Enquanto caminhava para sua casa, a casa de sua família em Montecatini, Angelina pensava naquilo que ocupara sua mente durante a longa viagem de navio.

Desde que saíra da casa de Vincenzo, um mês antes, ela se permitia chorar um pouco por dia e um pouco menos a cada novo dia. Enfim, era o final daquela história, e, por mais que não fosse o que ela sonhara, Angelina o faria ser feliz de outro jeito.

Então embarcou para a Itália sem data para voltar ao Brasil. Deixou tudo acertado com os advogados para que eles cuidassem da venda das fazendas e da transferência do dinheiro para o banco em Florença.

Como transformar tristezas em recomeços?

Como fazer uma decepção, uma grande perda, transformar-se em aprendizado?

Talvez a vida não seja aquilo que acontece, e sim a maneira como vemos as coisas e escolhemos passar por elas. De repente era a isso que Jesus se referia quando disse que "o reino do céu está em vós". Não temos o poder de controlar ou mudar o que acontece, mas temos o poder de mudar a maneira como enxergamos o mundo e assim mudar tudo a nossa volta.

— De hoje em diante — jurou, parada na frente da casa em que cresceu —, não vou mais me contentar com migalhas de felicidade. Vou assumir a responsabilidade por minha vida, por minha felicidade. Ela não será entregue nas mãos dos outros.

Respirou fundo e tentou a maçaneta da porta. Estava fechada.

Tocou o sino, ansiosa.

Pelo horário, seu pai ainda devia estar na lavoura, mas a irmã

provavelmente estaria em casa.

Se não estivesse tão ocupada com os pensamentos, perceberia rapidamente que o aspecto com que a casa a recebera era bastante diferente daquele a que ela estava acostumada.

A soleira vinha coberta de folhas e galhos, o sino da entrada exibia uma camada fina de pó, enquanto o jardim lateral, sempre preservado com tanto carinho, parecia um pasto abandonado.

Não era somente a aparência da casa que se mostrava diferente: havia também a carência de algo muito mais substancial que o cuidado. Por algum motivo desconhecido, era como se a casa em que ela crescera e amara desde pequena estivesse sem vida.

Um frio percorreu sua espinha quando finalmente se deu conta de que havia algo errado.

A resposta viria sem que ela precisasse procurar:

— Senhorita? — uma mulher que caminhava na rua da frente a chamou, enfática.

Ela se virou para responder.

— *Buongiorno.*

— Se procura a jovem que morava nesta casa, ela se mudou há quase um ano. Mora na via Emanuelle Filberto, número 11, no centro.

Angelina levou a mão aos olhos para barrar o sol, na tentativa de reconhecer a senhora que lhe dava a informação. Parecendo ler seus pensamentos, a mulher explicou brandamente:

— Nós compramos a casa vizinha faz algum tempo.

— *Grazie.*

Angelina ficou apreensiva. Aquele era o endereço de sua tia Bianca, irmã de seu pai, por isso a carta enviada para a Itália por ela, através de Vincenzo, nunca tivera resposta. Mas por que eles haviam se mudado para lá?

A não ser que...

Dio! Não, por favor!

— Você... você disse “a jovem”? — indagou, com a voz falhando. — E o senhor... — não conseguiu terminar.

— O senhor Giuseppe Bartolozzi? — perguntou a mulher, com ar triste.

Angelina assentiu.

— Infelizmente ele ficou doente.

— *Non!* — Ela cobriu os lábios com os dedos trêmulos, sentindo o coração disparar.

— Por isso se mudou para a casa da irmã, se não me engano.

Sem pensar ou responder, o corpo tremeu.

— Doente como?

— Pelo que eu soube, algo que o fez perder a força do braço direito. Mas não se aflija: eu soube que ele está melhor agora.

— *Grazie*. — Angelina enxugou a palma das mãos nas saias do vestido. — Vou atrás deles.

Saiu em direção ao centro, sem lutar contra as lágrimas. Só queria ver a irmã e se certificar de que o pai estava bem.

Olhou para cima. O céu estava como ela, como seu coração: dividido entre os raios dourados do sol e as nuvens cinza e pesadas de uma tempestade.



— Meu Deus, Lina! — a irmã a abraçou, chorosa. — *Dio santo!* — Não acredito que você está aqui!

Angelina passou os dedos no cabelo longo de Giovanna, sentindo as lágrimas ganharem sua face.

— Eu senti tanta saudade.

— Eu também.

Ela se afastou, sem soltar as mãos da irmã.

— E o papa?

O sorriso nos lábios da irmã murchou. Ela apontou com a cabeça para uma porta recostada.

— Ele está descansando, mas ficará *molto* feliz em vê-la.

Angelina assentiu.

— O que aconteceu com ele, Nana?

A jovem franziu o nariz vermelho por causa do choro.

— Ele teve um distúrbio no cérebro há onze meses. Chama-se apoplexia. Perdeu os movimentos do braço esquerdo e só consegue andar com dificuldade, apoiado em uma bengala. A boca ficou um pouco torta... No começo ele estava muito confuso e mal conseguia falar... Hoje, no entanto, apesar de a memória estar falhando, ele está melhor. Você não leu as cartas?

Angelina negou.

— *Non*. Não recebo nenhuma notícia há muito tempo.

— Mas como?

Ela suspirou.

— Existe um porquê.

— Por isso você parou de escrever desde então?

Ela engoliu o nó na garganta e apertou os dedos da irmã com carinho.

— Eu não parei.

— Mas como é... quer dizer, o papa recebeu algumas cartas do senhor Guimarães, dizendo que estava *tutto bene* e que um dia vocês viriam nos visitar. Mas, com o passar dos meses sem nenhuma notícia, ele ficava cada vez mais preocupado. A verdade é que ele nunca parou de se culpar por ter deixado você ir embora. Estava decidido a ir atrás de você, mas ficou doente.

Angelina suspirou com dificuldade e fitou a porta do quarto onde o pai descansava:

— Nana, nós temos muito o que conversar, mas antes eu preciso ver o papa.

Giovanna a abraçou com força mais uma vez antes de dizer:

— Me perdoe, Lina. Fiquei triste com você durante muito tempo. Achei que tivesse nos esquecido.

— Nunca, Nana. Em nenhum dia da *mia vita*.

Ela ajoelhou junto à cama onde o pai dormia. Viu através da janela que chovia lá fora, apesar do sol.

— Papa — chamou baixinho e segurou a mão grande e áspera.

Ele estava mais magro e com a pele menos curtida pelo sol. Abriu os olhos verdes e a encarou, parecendo confuso.

— Olá, Giovanna.

— *Non*, papa, sou eu, Angelina.

— Angelina? — indagou, com o cenho franzido, e por alguns segundos ela achou que ele não a reconheceria, que o distúrbio no cérebro o tinha feito se esquecer dela também. Então os olhos claros se arregalaram.

— *Dio santo!* Angelina! — Ele tentou se erguer da cama, mas não conseguiu.

Ela o ajudou, apoiando as costas largas, e foi abraçada pelo pai, que repetia, a voz tomada pela emoção:

— É você, Angelina? *È verità?* Você está mesmo aqui?

— *Sì*, papa, estou aqui — ela respondeu, entre lágrimas.

— *Figlia mia*. Por favor, *perdonami*.

Ela se sentou na cama ao lado do pai e segurou suas mãos calejadas antes de dizer o que queria ter dito havia muito tempo:

— A escolha foi *mia*, papa. O senhor não tem que me pedir perdão.
Ele soluçou.

— Fui eu que escolhi — ela insistiu. — Demorei um tempo para entender isso e estava sendo uma covarde por não perceber antes, *capisce*?

— Minha filha! — Ele a abraçou novamente. — Onde você esteve esse tempo todo?

— É uma longa história e...

— Eu falei tanto para você não se casar com aquele homem. Por que você não me obedeceu?

Giovanna entrou no quarto e Angelina a fitou confusa, ante a declaração do pai.

A irmã assentiu, dizendo em silêncio: “É assim mesmo”.

Compadecida, Angelina suspirou e o abraçou falando apenas o que importava:

— *Io ti amo, papa. Perdonami.*

Giovanna os abraçou e os três choraram, divididos pela tristeza de terem se afastado por tanto tempo, pela doença do pai e pela alegria do reencontro. Assim como a chuva lá fora continuava a disputar espaço com o sol.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Bertagnoni

— Coloco as bolas ou enchemos a árvore com os doces? — Angelina perguntou, analisando o pinheiro fresco no centro da sala.

— Coloque tudo e vamos ver como fica — respondeu Giovanna, entusiasmada.

Era uma tradição de sua família montar a árvore apenas na noite do dia 24. O ritual fazia parte das comemorações.

E como ela amava aquelas noites de festa.

Era mágico passar o Natal na Itália junto com sua irmã, seu papa, seus tios e primos.

Olhou para os pequenos que brincavam com alguns enfeites e para as tias, que traziam travessas cheias de doces para a mesa. Então viu Bruno, o namorado de sua irmã, abraçando-a por trás, e sorriu ao reconhecer um brilho apaixonado no olhar da caçula.

No dia em que chegara, tinha contado tudo sobre seu passado para Giovanna. As duas choraram juntas durante algum tempo e também riram juntas, porque a vida no Brasil tinha sido uma mistura de momentos muito ruins com outros alegres e maravilhosos. Para o pai, fragilizado pela doença, ela não tivera coragem nem vontade de contar quão infeliz Pedro a tinha feito. Contara apenas que tinha aprendido a amar um jovem italiano, enquanto esteve no Brasil e que ele a fizera muito feliz.

— E onde ele está? — perguntou seu pai.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Ele não pôde vir. Na verdade ele não virá para a Itália e eu provavelmente não voltarei para o Brasil.

O pai não perguntara mais sobre o assunto, sinal de que, apesar de estar

bem e vivo, não tinha a mesma atividade mental de antes.

— *Ho un'idea* — disse Angelina, agarrando um caderno e algumas canetas, guardados em um aparador da sala. — Vamos todos escrever nossos sonhos e nossas intenções em pedaços de papel e encher a nossa árvore de sonhos.

— Que interessante! — exultou Giovanna.

— Adorei! — replicou sua tia mais velha, Bianca.

— Distribua os papéis e as canetas — pediu seu papa.

Tempos depois, todos já haviam escrito alguns desejos, e as risadas e conversas voltaram a estar presentes no ambiente.

Angelina amarrou o primeiro papelote, no qual escrevera:

Saúde e dias de paz.

E, por último:

Uma família, filhos e uma nova chance para o amor.

Foi inevitável não pensar em Vincenzo, na família que poderiam ter tido e em uma nova chance para o amor deles. Mas ele estava noivo, então a história deles era uma página virada.

— Vamos cear? — sugeriu Giovanna. — Bruno deve estar morto de fome, se bem o conheço.

— Giovanna! — o jovem retrucou, envergonhado.

— Todos estamos com...

O sino da porta da frente tocou.

— Quem será? Já passa das onze horas — observou papa, com as sobancelhas erguidas.

— Eu vou abrir — avisou Bianca, indo em direção à porta.

Alguns minutos depois, a tia voltou com a testa franzida, numa expressão indecifrável.

— Quem era? — Angelina indagou, curiosa.

— O homem que será o seu *marito* — respondeu, limpando as mãos no avental. — Ao menos foi o que ele disse.

O pulso dela disparou, deixando-a sem ar.

— Como... como assim? — tentou, com a voz estrangulada pela emoção.

— Ele disse que leu umas cartas e o seu novo romance e que você é a mulher da *vita* dele, mas que ele precisa pedir perdão por algo que lhe falou... ou fez.

— *Dio mio!*

Bianca lançou um olhar para o corredor.

— Ele estava roxo de frio, então servi uma dose de conhaque, aumentei o fogo da lareira e disse para ele esperar na sala íntima, que eu vinha ver se você poderia recebê-lo.

— Eu vou com você — o pai afirmou, buscando apoio e a bengala para se levantar.

Angelina, que também estava sentada à mesa, ergueu-se de uma vez.

— *Non* — negou, afastando o guardanapo. — Eu acho... eu tenho certeza, eu sei quem é.

Antes de sair da sala, ouviu sua irmã comentar de um jeito bem-humorado:

— Pela expressão dela, parece que um dos pedidos escritos no papel já foi realizado.

Angelina cruzou o corredor em poucos passos, sem sentir as pernas e com o coração ocupando o corpo inteiro. Entrou na saleta.

Não esperava mais vê-lo.

Nunca mais.

Sua mente não conseguia processar tudo que a presença dele ali, de surpresa, provocava no mundo. Vincenzo estava de costas, aquecendo as mãos no fogo da lareira. Virou-se quando a ouviu entrar.

E a fitou em silêncio por alguns segundos, como se não acreditasse que eles estavam frente a frente outra vez.

— *Buon Natale*, Angelina — desejou por fim, com um sorriso capaz de derreter todo o gelo da Itália.

Ela assentiu, com os olhos transbordando de emoção, sentindo-se incapaz de responder.

— Desculpe meu estado — adiantou ele. — Foi uma viagem exaustiva até aqui.

Somente então Angelina o observou direito, reparando nas roupas amassadas, na barba maior do que ele costumava deixar, nos olhos profundos e vermelhos sombreados por olheiras e no cabelo longo e desgrenhado. Parecia que ele tinha saído de um campo de batalha.

— Você está bem? — ela perguntou, tonta de emoção.

— *Sì*, agora estou. — Passou as mãos pela cabeça, tentando arrumar o cabelo. — O navio parou em Gênova. Parece que ninguém vende um cavalo decente na véspera de *Natale*... Quase estrangulei o meu umas vinte vezes durante o caminho, mas resisti, lembrando que teria de fazer o resto da viagem a pé se isso acontecesse, e provavelmente demoraria mais a chegar. Fui antes ao endereço que eu tinha. Então, quando não atenderam a porta,

chamei os vizinhos e eles me deram este endereço... *qui e...*

Ela abafou uma risada misturada com um soluço.

— Não chore, *amore mio* — ele pediu, aproximando-se. — Não chore mais... Eu vim lhe pedir perdão pelas coisas horríveis que disse naquela tarde na minha casa. Vim lhe pedir perdão por não ter ido atrás de você na fazenda quantas vezes fossem necessárias até trazê-la comigo. Perdão por não ter enxergado que suas palavras naquele dia na varanda tinham sido movidas pelo medo. *Perdonami, amore mio*, por não ter sido o homem que você merecia e por ter duvidado do *nostro amore*. — A voz dele soou embargada. — Sinto muito por não ter estado ao seu lado nos momentos difíceis que você enfrentou durante todo esse tempo.

Mais uma vez e sem conseguir controlar a emoção, ela cobriu a boca antes de dizer:

— Eu também sinto *molto*.

Vincenzo caminhou em sua direção, diminuindo a distância que os separava.

— *Perdonami* também — ele soou sem graça — por ter mentido para você... sobre eu ter uma noiva.

Ela prendeu a respiração, surpresa.

— Não tem?

Ele fez uma negação com a cabeça, fitando o chão.

— Nunca tive. Nunca houve ninguém além de você. Sinto muito. Eu estava tão ferido e, que estúpido, queria te ferir. Acabei me machucando ainda mais... Se você não conseguir me perdoar, tenho certeza de que nunca mais haverá outra pessoa em minha vida.

— *Non*, não chore — foi a vez de ela dizer isso. — Nós já sofremos tanto, foi um caminho longo e tão difícil até aqui. Por favor, não chore.

— Mas essas são lágrimas boas, são lágrimas de *amore*. — Ele segurou o rosto delicado entre as mãos. — Você será capaz de me dar uma nova chance para escrevermos juntos o final feliz da nossa história?

A jovem fungou, sorrindo.

— Isso é um "sim"? — insistiu ele. — Você me perdoa?

— *Sì, amore mio, sì!* — repetiu ela, com a voz embargada.

Vincenzo se aproximou devagar e tocou seus lábios, pedindo permissão para avançar. Ela arfou, e ele a beijou com todo amor e paixão, como se seus lábios pudessem salvar o mundo, tirar o peso das lembranças tristes e trazer a promessa da felicidade.

— *Grazie Dio!* — murmurou ele, abraçando-a com força. — Senão, eu teria de pensar em novas maneiras de conseguir o seu "sim", centenas de flores, nem sei... poesias... ou talvez conseguisse um cavalo melhor e uma armadura. Se fosse preciso, levaria você daqui para o quarto mais próximo, para te lembrar que meu corpo precisa do seu, meus braços precisam dos seus, meus olhos, meu coração e meu sorriso também.

Ela deu um suspiro trêmulo.

— Eu lhe perdoei quando você disse... *Buon Natale*.

Vincenzo sorriu com os lábios grudados na testa dela.

— Eu vou precisar ouvir isso algumas vezes mais, para que eu possa me perdoar.

— *Amore mio* — ela se afastou o suficiente para fitá-lo com intensidade —, eu lhe perdoei antes mesmo de saber que teríamos o final feliz que eu sonhei para nossa história.

— Eu prometo — disse ele, deslizando os lábios pela face macia. — Eu vou criar ao seu lado a história de amor mais linda já vista sobre a face da Terra.

— Eu te amo — ela replicou, sendo beijada com paixão novamente.

— Eu te amo — ele respondeu com as palavras, com os lábios, com cada respiração. — Eu te amo — repetiu, com a certeza de que seu coração havia reaprendido de vez a bater.



Registro de imigração no Brasil: Famiglia Perbelini

Era uma manhã de céu azul que seguia uma noite de neve, acumulada nos cantos como as flores nos cafezais.

Angelina sempre sonhara que no dia de seu casamento haveria lágrimas. E ali estava ela, com uma coroa de flores na cabeça e os olhos marejados. Em seus sonhos, as lágrimas eram de amor, assim como naquele momento.

Ela usava um vestido azul de renda, o mesmo que usava na primeira vez em que beijou Vincenzo, um buquê de lírios-do-vale nas mãos, junto ao terço que tinha sido de sua mamma. E, sim, muitas lágrimas de amor.

Cruzou a nave da igreja tão conhecida de braços dados com o pai. Ao contrário da firmeza dos passos na primeira vez que a levava até aquele mesmo altar, agora caminhava com dificuldade, apoiado em uma bengala. Havia algumas flores espalhadas no altar, velas acesas sobre a mesa. O padre a prometeu diante de Deus a um homem que ela amaria por toda a sua vida.

— Sì, eu aceito — disse, e Vincenzo sorriu para ela.

O mesmo sorriso que a hipnotizara na noite do temporal e nos cafezais. *Non*. Um sorriso muito mais bonito do que aqueles trocados diariamente durante mais de um ano. Agora Vincenzo era o seu... *amore*. Ele usava um terno de Bruno, o noivo de Giovanna, que ficara pequeno, mas havia sido ajustado às pressas pelas mãos habilidosas da tia de Angelina.

Ele dissera, no dia anterior, que tinha trazido para a viagem poucas trocas de roupa, e contara também que usara boa parte do dinheiro do empréstimo destinado a montar o seu restaurante para comprar a passagem até a Europa.

— *E se eu dissesse "não"?* — Angelina quis saber, meio em choque.

— *Eu teria de voltar para Nápoles a pé e arrumar um jeito de retornar para o Brasil* — ele replicou, bem-humorado.

Angelina entendeu a grandeza daquele gesto. Ele tinha adiado o próprio sonho para estar ali com ela, para ir atrás dela. Ela o beijou suavemente antes de brincar:

— Sorte sua que agora eu sou uma mulher rica. Vamos poder comprar roupas para você não congelar de frio.

Vincenzo achou graça com os lábios colados nos seus.

— Você é o meu maior sonho, Angelina.

— Sì, eu aceito — a voz rouca do rapaz a levou de volta até o altar.

Eles sorriram um para o outro. A alma dela dizendo "sim" mais uma vez, para o maior amor do mundo.



Registro de imigração no Brasil:
Famiglia Bartolozzi

Fazia três meses que tinham voltado da Itália.

Por lá, passaram dez dias na casa da família de Angelina e depois foram até Nápoles visitar a mamma e os irmãos de Vincenzo. Saíram da Itália prometendo que, quando chegassem ao Brasil, comprariam mais duas casas para todos morarem em São Paulo. Agora, finalmente, tudo estava pronto para recebê-los. Em breve mamma e os três irmãos de Vincenzo, bem como o papa e a irmã de Angelina, estariam lá com eles, trabalhando no restaurante recém-inaugurado da família.

Ele inspirou o ar, cheirando o molho de tomate, e conferiu o ponto da massa da lasanha. Logo o estabelecimento estaria aberto para o jantar.

— Onde eu coloco isto? — perguntou Matteo, com uma caixa de vinho recém-chegada entre as mãos.

— Vamos deixá-la na adega para que gele um pouco até o jantar.

— *Va bene* — respondeu o jovem, caminhando em direção à escada que levava ao andar de baixo.

— Dona Eugênia, a senhora pode olhar o doce de café, *per favore*?

— Já vou olhar — disse a mulher, baixando o fogo de uma das bocas do enorme fogão.

Eugênia fizera questão de continuar com eles, mesmo Angelina tendo mantido a fazenda Vale Azul. A esposa dissera que apesar daquele local trazer lembranças tristes, ele também era o lugar onde os dois haviam se conhecido e se apaixonado.

Vincenzo abaixou o fogo da boca onde a panela com molho apurava.

O restaurante Famiglia Martinelli estava aberto havia três semanas, e desde então o salão ficava cheio todos os dias. Angelina jurava que era apenas por

conta do talento dele na cozinha, mas Vincenzo sabia que o fato de a senhora Monteiro de Barros ser uma frequentadora assídua do local colocara o novo estabelecimento na rota das casas frequentadas pela alta sociedade paulistana.

— *Amore mio* — Angelina o chamou da porta da cozinha —, pode vir aqui um minuto? Venha ver o que acabei de fazer.

Ele limpou as mãos no avental e o tirou em seguida, colocando-o sobre o balcão de mármore da pia.

— *Sì*, claro — concordou, seguindo-a para um dos pontos mais bonitos da casa: era um pátio onde haviam preservado uma enorme figueira.

— O que acha? — Ela apontou com os olhos para a parede junto à árvore.

Vincenzo notou que Angelina colocara ali algumas fotografias da família e, em cima dos retratos, pintara com tinta dourada uma frase. O pote de tinta e o pincel recém-usado ainda estavam em cima de uma das mesas.

— *Sonhos de Romeu e Julieta*? — leu, curioso.

— É um local para as pessoas escreverem seus sonhos em papéis e grudá-los nesta parede. O casal mais famoso da história pode ajudar a realizá-los. Especialmente os sonhos *d'amore*.

— É uma ideia linda, mas como os papéis seriam fixados?

Ela mostrou um martelo e um pote cheio de preguinhos junto à tinta e ao pincel.

— Um dos sonhos já foi colocado.

Ele observou a parede e não encontrou nenhum papel.

— Onde?

Angelina mordeu o lábio, deixando os dentes soltarem-no devagar enquanto as faces coraram. Ela era tão linda.

Vincenzo sentiu o estômago gelar e os batimentos brigarem com o ar, querendo beijá-la. Como sempre queria quando estavam juntos e quando não estavam também. Sem se conter, enlaçou-a pela cintura, murmurando em seu ouvido:

— Vou te contar com o que eu sonho, dormindo ou acordado.

Ela não teve tempo de reagir. Os lábios macios foram capturados em um beijo lento e exigente.

Angelina deu uma risadinha ansiosa e o afastou, empurrando seu peito com a palma das mãos.

— Então — disse, resfolegando por causa do beijo —, você não achou o meu sonho na parede porque ele já se realizou, e essa é a segunda parte da minha ideia — terminou, fitando a figueira.

— Segunda parte?

Ela se aproximou de um dos galhos e tocou em um papel amarrado por uma fita cor-de-rosa.

— *Qui...* A ideia é que as pessoas que colocaram os sonhos na parede retornem ao restaurante quando eles se realizarem e os pendurem na figueira.

— É uma linda maneira de fazer os clientes voltarem à nossa casa — ele concluiu, divertido.

Ela deu um soquinho de leve no peito dele.

— Seu *stronzo*, estou falando sério.

— E eu estou brincando.

— Você gostou?

Ele a encarou, fascinado: Angelina tinha o cabelo solto e o sol do final de tarde a iluminava, criando uma nuvem dourada ao redor do rosto perfeito. Os olhos azuis pareciam ainda mais brilhantes do que o normal e...

— Está chorando, *amore mio*? Eu amei, amei de verdade a sua linda ideia. O que eu não amo vindo de você, meu anjo, luz da *mia vita*?

— *Sì*, estou chorando lágrimas de amor... Agora, leia o meu sonho já realizado.

Ele franziu o cenho, encarando-a. Parecia mais brilhante e... feliz e...

— Vamos, olhe, Vince — repetiu, mais enfática.

... Ansiosa.

Com o pulso um pouco acelerado, Vincenzo agarrou o pequeno quadrado de papel da árvore e leu: "Eu quero ter um filho com o amor da minha vida".

A boca de Vincenzo secou.

— Você disse... sonho já realizado?

— *Sì*.

Os joelhos dele amoleceram.

— Isso quer dizer que...

Ela levou as mãos ao ventre.

— *Sì, amore mio*. Você será papa.

Os lábios dele se curvaram para cima em um sorriso que começava no coração e abraçava o mundo.

— *Dio santo*, Angelina! Eu vou ser papa!

E a abraçou, beijando-a nas faces e nos lábios repetidas vezes. Girou-a no ar em seguida sem deixar de sorrir.

Guine, que estava perto deles, latiu, parecendo celebrar.

— Vamos fazer desta *notte* uma festa *qui* no restaurante.

— Sì — confirmou ela, baixinho.

Beijou-a nos lábios outra vez.

— Na verdade, *mia vita*, acordar ao seu lado é o maior motivo para celebrar todos os dias.

E eles se beijaram novamente, como se fosse a primeira vez.

Naquela noite, Vincenzo contou para todos os clientes que seria pai, e se ouviram parabéns e vivas entusiasmados. Naquela noite também, a parede de sonhos do restaurante Famiglia Martinelli começou a ser decorada com desejos cheios de amor e esperança. E Angelina e Vincenzo, depois que a casa fechou, dançaram juntos embaixo da figueira, ao som de uma canção italiana que alguém tocava em algum lugar próximo. A música provavelmente celebrava os sonhos do coração daqueles que, mesmo diante dos desafios e ciclos da vida, continuavam a acreditar no amor.

Epílogo

SÃO PAULO, 1955

O cheiro de molho de tomate mais uma vez preenche o ar do restaurante. É meio da tarde. O salão, sempre lotado durante o almoço e o jantar, neste momento está vazio. Com exceção de poucos garçons organizando as mesas, preparando tudo para mais uma noite, o enorme ambiente está quase silencioso.

Ela tem tanto orgulho deste lugar, cheio de histórias, batizado com o nome da família. Ela ama com todo o coração o restaurante com as mesas mais concorridas da cidade. *Famiglia Martinelli*. E olhe que São Paulo tem cantinas ótimas. Culpa, com certeza, das muitas famílias italianas que se instalaram na capital.

Chiara olha ao redor, orgulhosa. Cada canto deste salão registra um pedaço das lembranças de sua vida. Uma das mesas de apoio para o buffet de saladas com tampo de mármore, por exemplo, era o local preferido para se esconder dos dois irmãos maiores. A adega, no andar de baixo, abrigava o refúgio onde ela ouvia sua mãe contar histórias de piratas, sereias e cavernas encantadas. À direita, a mesa de seus pais. Ali eles jantam juntos todas as noites, e não foram poucas as vezes em que ela os viu dançando embaixo da figueira depois de o restaurante ser fechado. À esquerda, está a entrada da cozinha, seu santuário, local onde o pai lhe ensinou tudo o que ela mais ama fazer.

Apesar de ter assumido a chefia da cozinha, e de o pai passar menos tempo por ali do que costumava ficar, Chiara sabe que ele ainda é o chefe do estabelecimento, do restaurante e da família. E, se o pai é o chefe, sua mãe é a alma de tudo aquilo.

Suspirando, ela mira à frente uma das grandes atrações do restaurante: a parede coberta com todo tipo de foto, bilhete, história, desejo e intenção de centenas, milhares de pessoas que passam e passaram pelo lugar ao longo dos anos. Era, como sua mãe sempre dizia, uma parede mágica, capaz de ouvir e realizar sonhos.

Chiara sacode a cabeça, sorrindo — quer dizer, segundo o que sua mãe

conta e as pessoas acreditam, não é que as paredes atendam aos desejos: quem faz isso é o casal mais famoso de todos os tempos: Romeu e Julieta.

Fosse como fosse, era lindo ver tantos sonhos realizados.

A prova disso eram as centenas de papéis amarrados à figueira com fitinhas coloridas.

Chiara sorri novamente, porque, embaixo dos dizeres dourados “Sonhos de Romeu e Julieta”, alguns porta-retratos exibem fotos de momentos importantes de sua família. Ao lado, a foto de um casamento: o jovem moreno de olhos claros sorri para sua noiva, que retribui o olhar e também o sorriso sincero. Do outro lado, mais fotos da mesma bela mulher de cabelo dourado, a jovem com expressão maternal segurando um bebê em cada foto. Quem examina as fotografias com um pouco mais de atenção entende que essa jovem publicou mais de vinte livros em sua longa e bem-sucedida carreira. E nota, também, os prêmios recebidos pelo famoso restaurante, registros de eventos importantes e fotos de grandes personalidades que passaram por ali.

Ela cumprimenta com o olhar o irmão do seu pai, Matteo, que abraça Vincenzo em um dos retratos no dia do casamento do tio. Atrás deles estão sua nonna e seus dois outros tios, irmãos de seu pai. E os cinco netos de Angelina e Vincenzo. É uma enorme, feliz e barulhenta família ítalo-brasileira.

Chiara suspira quando o som do piano enche o salão do restaurante. É sua mamma, tocando Chopin. Seu papa está bem perto, admirando-a do batente da porta da cozinha, os olhos sempre cheios de amor, orgulho e sonhos.

Ela pisca lentamente ao escutar passos altos na escada que desce do sótão e se vira para ver suas sobrinhas, Gigi e Nina, correrem em direção ao avô.

— Queremos pizza, nonno. Aquela que só o senhor sabe fazer — pedem juntas, quase em coro.

Ainda sem conseguir deixar de sorrir, Chiara cumprimenta a mãe e sobe para o sótão a fim de conferir a bagunça feita pelas meninas.

Logo ao entrar, vê, sobre o tapete gasto, a caixa de madeira que guarda as máscaras de Romeu e Julieta e dois livros, um do lado do outro. O primeiro deles, o famoso drama de Shakespeare, uma edição rara de capa vermelha. O outro, o celebrado romance de sua mãe.

Dobrando os joelhos, ela se senta no chão, tocando de leve a capa dos romances, em um gesto inconsciente e devocional.

Que linda imagem a brincadeira das sobrinhas criou. Lá fora, o céu chora

lágrimas de amor. Ali dentro, o cheiro de café vindo do salão envolve baús e cortinas de veludo, espelhos e caixas cheias de recordações. Chiara lê, emocionada, o título do romance que conta a história de amor de seus pais:

Lágrimas de amor e café
de
Angelina Martinelli

Chiara deixa o sótão enxugando as lágrimas de amor no canto dos olhos. Conforme desce as escadas, volta a se lembrar da parede cheia de sonhos escritos em papéis recortados.

Será que são os mesmos sonhos de Romeu e Julieta?

Ela nunca saberia, mas, com toda a certeza do seu coração, sabe que são os lindos sonhos de Angelina e Vincenzo.

Agradecimentos

Atenção: Contém spoilers!

Recomenda-se ler somente depois de terminar o livro.

As primeiras linhas de qualquer agradecimento em um livro meu sempre serão para vocês, meus leitores. São vocês que se apaixonam, odeiam, amam, riem e choram com os meus personagens que fazem esse sonho ser real. Nunca terei palavras para agradecer o bastante. Sempre vou repetir a cada um de vocês: gratidão.

Record Editora, obrigada por abraçar mais uma história minha e deixá-la tão linda para os meus leitores. Obrigada por acreditarem em mim.

Guta, Alba, Mari e Grazi, o supertime da Increasy, minhas agentes que sonham alto comigo, que me dão, muitas vezes, força e incentivo para continuar; obrigada pela parceria, pela amizade, por tudo o que vocês me ajudam a conquistar.

Angela, Cacau, Cinthia, Dea, Dri, Dani, Graci, Kets, Laurinha, Lu, Ranni e Silvia. Uau! Que time de betas maravilhoso. Vocês são muito mais do que apoiadoras de cada livro, de cada sonho, vocês são minhas amigas. Um alento nos dias mais cinzentos, conversas cheias de amor a qualquer hora do dia e da noite, risadas e desabafos. São vocês que ajudaram a lapidar essa história.

Eu, Vincenzo e Angelina seremos para sempre gratos a todas as fadas madrinhas literárias, as que estão presentes no dia a dia e aquelas que se distanciaram, mas que, mesmo morando nas lembranças, enriqueceram essa história. Obrigada!

Minha amiga Bel, a Isabel do livro não tem nada a ver com você. Você é uma das pessoas mais lindas, amorosas e bondosas que eu conheço. Para mim você é apenas Bel que rima com mel, te amo.

Mãe, eu te amo, minha estrela.

Pai, obrigada por ler sempre e por amar sempre.

Meu marido, *amore mio*, meu melhor amigo, *luce della mia vita*, eu te amo cada dia mais. Obrigada por ser o maior incentivo e apoio que eu encontro em todas as horas. Obrigada por me deixar te amar, por me amar de volta, por

segurar na mão dos meus sonhos, por me ajudar a realizá-los. *Io ti amo molto.*

Filha, minha contadora de histórias, você é a minha maior e melhor criação. Te amo mais.

Deus, obrigada por me dar o dom de ouvir esses personagens maravilhosos. Obrigada pelo dom de amar as palavras e as histórias.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Da autora de *Não me esqueças*

Babi A. Sette

SENHORITA AURORA



VERUS
EDITORA

Senhorita Aurora

Sette, Babi A.

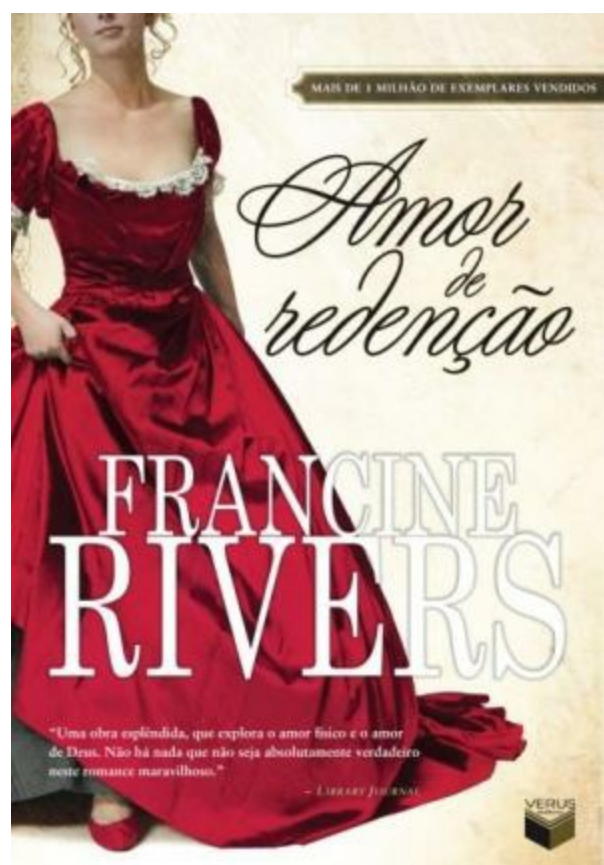
9788576866954

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história romântica e encantadora, com toques de humor e carregada de emoção, da mesma autora de Não me esqueças. Nicole é uma jovem bailarina e está prestes a realizar seu sonho: estrear no papel principal em uma peça na Companhia de Ballet de Londres. Tudo estaria perfeito se não fosse por um dos seus diretores, o temido Daniel Hunter, um maestro prodígio de temperamento difícil, que desperta em Nicole sentimentos contraditórios. Quando uma tempestade de neve isola os dois em uma mansão centenária, Nicole e Daniel serão obrigados a encarar não apenas os segredos que atormentam o maestro, mas também uma paixão proibida — e avassaladora — que nasce entre eles. Entre a tão sonhada carreira na dança, um amor intenso como ela nunca sentiu e a própria segurança, Nicole se verá diante de escolhas que parecem impossíveis. E caberá a ela resgatar Daniel de seu próprio passado. Senhorita Aurora é um romance poderoso, tocante e perturbador, que mostra que todos merecem uma segunda chance.

[Compre agora e leia](#)



MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS

Amor de redenção

FRANCINE
RIVERS

"Uma obra esplêndida, que explora o amor físico e o amor
de Deus. Não há nada que não seja absolutamente verdadeiro
neste romance maravilhoso."

— L'ESPRESSO



Amor de redenção

Rivers, Francine

9788576861126

413 páginas

[Compre agora e leia](#)

Califórnia, 1850. Uma época em que os homens vendiam a própria alma por um punhado de ouro e as mulheres vendiam o próprio corpo por um lugar para dormir. Angel aprendeu a não esperar dos homens nada além de traição. Vendida como prostituta ainda criança, a única maneira que ela encontra para sobreviver é mantendo o ódio bem vivo em seu coração. E o que ela mais odeia são os homens que a usaram, deixando-a com um imenso vazio interior. Até o dia em que ela conhece Michael Hosea. Um homem que busca o divino em todas as coisas, Michael obedece ao chamado de Deus para que se case com Angel e a ame incondicionalmente. Aos poucos, ele vai conquistando um lugar cada dia maior no coração de sua esposa, que começa a se abrir para ele. Mas, com a chegada inesperada desse amor, Angel é invadida por sentimentos arrebatadores de medo e de desprezo por si mesma. E então ela foge, de volta para a escuridão, para longe do amor perseverante de seu marido, morrendo de medo da verdade que ela já não pode negar: sua cura definitiva deve vir daquele que a ama mais até do que Michael... aquele que jamais vai abandoná-la. Amor de redenção é um clássico atemporal, uma história transformadora sobre o amor incondicional, redentor e absoluto que está ao alcance de todos nós.

[Compre agora e leia](#)



Entre a luz e a escuridão - Sob a luz da escuridão - vol. 2

Brandão, Ana Beatriz
9788576867913
252 páginas

[Compre agora e leia](#)

O aguardado segundo volume da série Sob a luz da escuridão. Da autora do best-seller O garoto do cachecol vermelho. Lollipop assume a liderança da Área 4 e comanda tudo com mãos de ferro. Depois que novas áreas são conquistadas, o clã está mais poderoso do que nunca. Com a ajuda de um novo aliado, Sam, Lolli e Jazz se preparam para interceptar um dos maiores contêineres enviados pelo Instituto. E, quando tudo sai do controle, um grupo de guerrilheiros precisa partir em uma missão suicida que os levará ao encontro do maior inimigo dos metacromos. Destemida, rebelde, divertida e incansável... Uma garota repassa essas palavras em sua mente como um mantra que a mantém equilibrada e a torna forte para obedecer às ordens que recebe de uma voz desconhecida. Programada para trabalhar arrecadando dinheiro para o Instituto LTG, ela é capaz de tudo para se manter viva. Até mesmo matar.

[Compre agora e leia](#)



Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A *garota* DO CALENDÁRIO

Audrey Carlan

JANEIRO

A garota do calendário: Janeiro

Carlan, Audrey

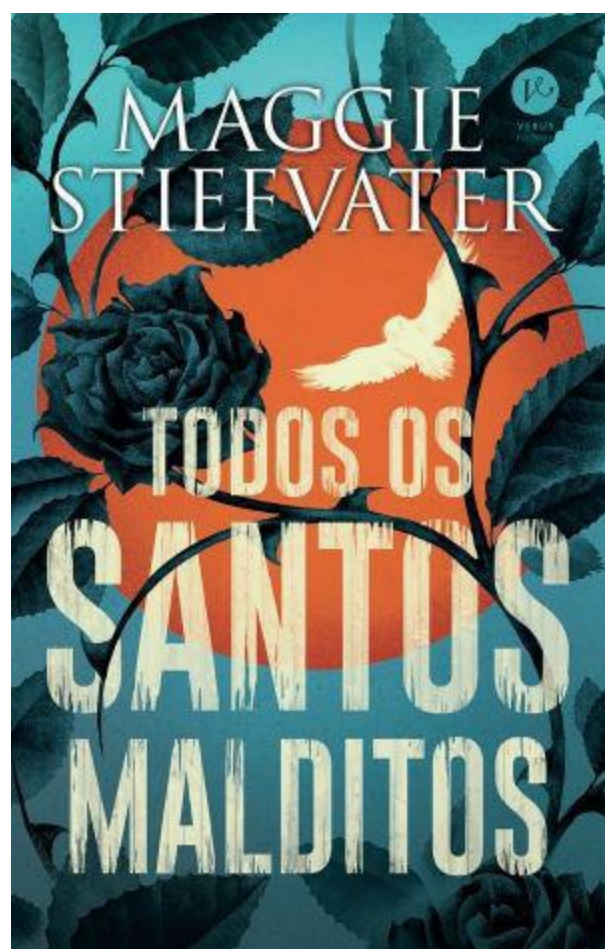
9788576865247

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Fenômeno editorial nos Estados Unidos com mais de 3 milhões de cópias vendidas. Mia Saunders precisa de dinheiro. Muito dinheiro. Ela tem um ano para pagar o agiota que está ameaçando a vida de seu pai por causa de uma dívida de jogo. Ela precisa de um milhão de dólares. A missão de Mia é simples: trabalhar como acompanhante de luxo na empresa de sua tia e pagar mensalmente a dívida. Um mês em uma nova cidade com um homem rico, com quem ela não precisa transar se não quiser? Dinheiro fácil. Parte do plano é manter seu coração selado e os olhos na recompensa. Ao menos era assim que deveria ser... Em janeiro, Mia vai conhecer Wes, um roteirista de Malibu que vai deixá-la em êxtase. Com seus olhos verdes e físico de surfista, Wes promete a ela noites de sexo inesquecível — desde que ela não se apaixone por ele.

[Compre agora e leia](#)



Todos os santos malditos

Stiefvater, Maggie

9788576867852

252 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eis algo que todo mundo quer: um milagre. Eis algo que todo mundo teme: o que é preciso para conseguir um... Qualquer pessoa que visite Bicho Raro, no Colorado, vai encontrar um cenário de santos sombrios, amor proibido, sonhos científicos, corujas loucas por milagres, afetos distantes, um ou dois órfãos e um céu cheio de estrelas vigilantes. No coração desse lugar está a família Soria, cujos membros têm a capacidade de realizar milagres. E no coração dessa família estão três primos que desejam mudar o futuro: Beatriz, a garota sem sentimentos, que quer apenas ser livre para examinar seus pensamentos; Daniel, o santo de Bicho Raro, que faz milagres para todo mundo, menos para si; e Joaquin, que passa suas noites no comando de uma estação de rádio usando o nome Diablo Diablo. Eles estão todos à procura de um milagre. Mas os milagres de Bicho Raro nunca são exatamente o que você espera. Com *Todos os santos malditos*, Maggie Stiefvater — chamada de "grande contadora de histórias" pelo USA Today e "incrivelmente criativa" pela Entertainment Weekly — nos traz a história extraordinária de uma família extraordinária, um conto magistral de amor, medo, escuridão e redenção.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Também de Babi A. Sette](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Parte I | As cartas](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[Parte II | As máscaras](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)

[65](#)

[66](#)

[Parte III | Os sonhos](#)

[67](#)

[68](#)

[69](#)

[70](#)

[71](#)

[72](#)

[73](#)

[74](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Colofão](#)